



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLÓGICAS – DCHT-XVI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AFRICANOS, POVOSINDÍGENAS E  
CULTURAS NEGRAS – PPGEAFIN

MARIANA LICURGO FERREIRA RIBEIRO

**BIAFRA:**  
AS REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS E LITERÁRIAS DA GUERRA CIVIL  
NIGERIANA (1967-1970)

Salvador, BA  
2020

MARIANA LICURGO FERREIRA RIBEIRO

**BIAFRA:**

AS REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS E LITERÁRIAS DA GUERRA CIVIL  
NIGERIANA (1967-1970)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Africanos.

**Orientador:** Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert

Salvador, BA.

2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura – UNEB – Campus I

Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB-5 / 918

Ribeiro, Mariana Licurgo Ferreira

Biafra: as representações jornalísticas e literária da guerra civil nigeriana (1967 – 1970) / Mariana Licurgo Ferreira Ribeiro. – Salvador, 2020.

176 f. : il.

Orientador: Karl Gerhard Seibert.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.

Departamento de Ciências Humanas Tecnologias. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras – PPGEAFIN, 2020.

Contém referências.

1. Nigéria – História – Guerra civil, 1967 - 1970. 2. Nigéria – Civilização - Historiografia. 3. Nigéria - História. 4. Nigéria – Na literatura. 5. Política e literatura - Nigéria. 6. Jornalismo. 7. Análise do discurso. I. Seibert, Karl Gerhard. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. III. Título.

CDD: 966.05

Defesa N° \_\_\_\_\_

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA CANDIDATURA AO GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS  
AFRICANOS, POVOS INDIGENAS E CULTURAS NEGRAS

DATA DA DEFESA: 12 de novembro de 2020

MESTRANDO(A): Mariana Licurgo Ferreira Ribeiro

ORIENTADOR: Karl Gerhard Seibert

BANCA EXAMINADORA: (nomes completos, CPF)

Karl Gerhard Seibert, CPF \_\_\_\_\_ - (Presidente)

Alyxandra Gomes Nunes (UNEB) CPF \_\_\_\_\_

Fábio Baqueiro Figueiredo (UNILAB) CPF \_\_\_\_\_

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:

Biafra: Representações jornalísticas e literárias da Guerra Civil Nigeriana (1967-1970)

LOCAL: Plataforma virtual - Google Meet

HORA DE INÍCIO: 14h

Em sessão pública, após exposição de cerca de vinte e três minutos, o(a) candidato(a) foi arguido(a) oralmente pelos membros da banca tendo como resultado da defesa de sua proposta de mestrado:

APROVADO na defesa pública de Dissertação.

REPROVADO na defesa pública de Dissertação.

Na forma regulamentar foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca, na ordem acima determinada, e pelo(a) candidato(a):

Presidente: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ *Fábio Baqueiro Figueiredo*  
\_\_\_\_\_ *Alyxandra Gomes Nunes*

Mestrando(a): \_\_\_\_\_ *Mariana*

Salvador, 16 de novembro de 2020.

A Paulo Raymundo Matos Ribeiro (*In memoriam*), meu pai, maior ídolo e principal incentivador. A ele, que acreditava que a Educação era o seu maior legado!

Às minhas avós Edna Licurgo (*In memoriam*), Florípedes Matos (*In memoriam*) e Maria de Lourdes (*In memoriam*), pela força e inspiração.

Às minhas crianças, Liz, Maria Júlia, Ravi, Thalita e Vicente, pela alegria e leveza.

A George Miranda de Souza, meu querido amigo, pela resiliência e por toda sua luta.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força vital, permissão, e por ter me trazido até aqui, ainda em meio às dificuldades. A Ele eu devo essa vitória.

A Paulo Raymundo, meu pai, que efetivamente contribuiu com a minha decisão de ingressar no mestrado e, até seu último dia de vida, participou ativamente dos meus dilemas, me ajudou a enfrentar problemas que aconteceram ao longo da caminhada e que, ainda após sua morte, me guia na tomada de posicionamentos. Quando eu penso "o que meu pai me diria neste momento?", encontro a resposta em mim e sigo. Certamente, ele seria a pessoa mais orgulhosa do título que, por meio da defesa deste trabalho, almejo conquistar. O título é para o senhor, meu pai!

À minha mãe, Ednéia Licurgo, por, mesmo sem entender muito sobre a dinâmica da vida acadêmica, me apoiar de todas as maneiras possíveis para que eu estivesse aqui. Obrigada!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert, pelo profissionalismo, cuidado e respeito com a minha caminhada, pelas orientações e comentários sempre lúcidos, que demonstram toda a sua sabedoria, pela paciência comigo e prontidão nas respostas, agradeço especialmente pela sua generosidade infinita.

Aos meus avaliadores, Profa. Dra. Alyxandra Gomes Nunes e Prof. Dr. Fábio Baqueiro, pela disponibilidade, conselhos, questionamentos e sugestões no processo de qualificação da pesquisa.

A Flávio Vinícius, meu namorado, cujo apoio foi imprescindível, especialmente nesta etapa final. Pelas suas inúmeras leituras e comentários valiosos; pelo seu ouvido sempre atento para me escutar e acolher; pela curiosidade em compreender melhor a temática da pesquisa; pela preocupação com a minha saúde mental e emocional; pelos cafés e cuscuz que me alimentaram em longo dos dias e das noites de escrita; e por entender a importância deste momento em minha vida.

À família Ribeiro, meus irmãos, tios, primos, sobrinhos que, a seu modo, contribuíram para que eu conseguisse chegar aqui. Mais notadamente, gostaria de citar Rafaela Ribeiro, minha

prima, pela acolhida quando realizei tirocínio na UNILAB, Campus dos Malês, em São Francisco do Conde. Além disso, o apoio de minhas tias, especialmente Luiza e Helena, que sempre se fizeram presentes de forma virtual nos eventos que eu participava. Meus primos, Igor e Lorena, pelas trocas acadêmicas e apoio incondicional e Kamila Ribeiro, pela prestatividade e carinho de sempre.

Aos meus amigos-irmãos, que estiveram comigo no momento mais difícil dessa caminhada, quando do falecimento de meu pai, especialmente Andreza, César, Nadson e Gabriele. Aos amigos de longa data, Leonardo Nunes e Lucas Andrade, que apoiaram o meu caminhar.

A Tohn Matos, pelo apoio inicial e, especialmente, pela construção de banco de dados para que eu catalogasse as edições de *O Globo*.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras na figura do coordenador Prof. Dr. Moiseis Sampaio, agradecimento que se estende aos demais membros da coordenação. E, especialmente, aos professores, sem os quais não teria sido possível chegar até aqui.

Aos colegas da primeira turma do PPGEAFIN, pelos problemas que enfrentamos juntos, pelos diálogos frutíferos nas aulas e eventos nos quais nos encontramos e pela coragem do pioneirismo, que é sempre uma tarefa difícil.

Aos amigos que conquistei nesse percurso, Elba Oliveira, Mukhtar Shehata, Denise Assis, Edneusa Pereira, Joaquim Mesquita, dentre outros, cuja relação ultrapassou as barreiras do espaço acadêmico.

A Bruna Tais, pela confiança, carinho e cuidado, pelo incentivo diário e pelas adversidades que enfrentamos juntas e só conseguimos vencer por estarmos apoiadas umas nas outras. Pela sua fé inabalável, sua generosidade para com o outro e sua maneira de sempre se fazer presente, ainda que estivesse do outro lado do Atlântico.

À equipe do Trocando Histórias in Rede (THIR), projeto do qual tenho muito orgulho de fazer parte e que foi um achado em meio à confusão da pandemia. Aos amigos, parceiros e cúmplices nessa empreitada, Manoel Lordelo, Daiane Felix e minha companheira de

sempre, Bruna Tais.

A Gladson Mascarenhas, meu psicólogo, por me ajudar a encontrar em mim a força necessária para prosseguir, por me ajudar a notar e valorizar meus avanços e a lidar com o luto pela perda de meu pai de uma forma a não me paralisar.

Aos meus professores da vida toda, mais notadamente Prof. Valdemir Laurentino, que, na sétima série, através de uma apresentação escolar sobre o Dia da Consciência Negra implantou uma sementinha africanista em mim quando ensinou à minha turma o Hino Nacional da África do Sul. E a Profa. Dra. Lidiane Pinheiro, minha ex-orientadora da graduação que me introduziu ao mundo da Análise do Discurso.

A limitação da memória e do espaço não me permitem expressar minha gratidão por todos aqueles e aquelas que, de alguma forma, influenciaram nessa caminhada. Mas saibam que, ainda que não citados, eu não chegaria aqui sem vocês ou, se chegasse, a caminhada teria sido muito mais difícil, triste e solitária. Obrigada!

*As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.*

*Chimamanda Ngozi Adichie*

RIBEIRO, Mariana Licurgo Ferreira. **Biafra**: as representações jornalísticas e literárias da Guerra Civil Nigeriana (1967-1970). 2020. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras - PPGEAFIN, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, 2020.

## RESUMO

Biafra, projeto de nação que se tornou guerra e por fim um símbolo de fome, violência e miséria. A Guerra Civil Nigeriana, ao longo de seus trinta meses, angariou a atenção do mundo para olhar e se penalizar por aquelas crianças famintas e esqueléticas, cujas fotos os jornais publicavam atendendo ao propósito da agência de relações públicas *Markpress* – a serviço do governo de Biafra - a fim de, por piedade, conseguir uma sobrevivência para Biafra. Este estudo se propõe a analisar quais representações acerca de Biafra foram forjadas pelos discursos jornalísticos e literários e quais mecanismos foram usados para isso. Para tanto, a pesquisa, dividida em quatro capítulos, traça um caminho que parte de uma revisão historiográfica sobre a Guerra de Biafra, a partir de autores que estiveram presentes em território biafrense durante os combates, como Jean Buhler (1969), Forsyth (1977) e Achebe (2012) e autores que realizaram estudos à posteriori como Falola e Heaton (2014), dentre outros. Partindo para a apresentação da Teoria da Análise do Discurso, através especialmente de Eni Orlandi (2005; 2009), assim como Hall (2016) a nível da compreensão da Teoria das Representação e Mudimbe (2013) e Goffman (2008) para a introdução às noções de estigma e etnocentrismo epistemológico. Ao final, faz-se a análise das fontes literárias *Meio Sol Amarelo* (ADICHE, 2008) e *Destination Biafra* (EMECHETA, 1983) no terceiro capítulo e, no quarto, a análise da cobertura de *O Globo* ao longo de toda a Guerra Civil Nigeriana. Observando que, mesmo passados 50 anos do fim dos conflitos, a disputa pela narrativa histórica é preponderante. Enquanto a imagem de Biafra, no Ocidente, através da cobertura jornalística contemporânea de *O Globo* reforçou lugares já demarcados acerca do que seriam os povos africanos, a partir de uma lógica etnocêntrica e paternalista. Por outro lado, os discursos forjados posteriormente pela literatura nigeriana de língua inglesa, nas figuras de Adichie (2008) e Emecheta (1983), ajudam a perceber o conflito pela lógica daqueles que, outrora, foram manchete pelas suas mazelas e não pelas suas histórias.

**Palavras-chave:** Biafra. Guerra Civil Nigeriana. Representação. Discurso. Historiografia.

RIBEIRO, Mariana Licurgo Ferreira. **Biafra**: the journalistic and literary representations of Nigerian Civil War (1967-1970). 2020. 176 f. Thesis (Master's degree in History) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras - PPGAEAFIN, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, 2020.

## ABSTRACT

Biafra was a nation's project that became war and a symbol of hunger, violence and misery. The Nigerian Civil War, over its thirty months, garnered global attention attracting the world's eyes for those starving and scrawny children, whose photos the newspapers published to accomplish *Markpress* Public Relations Agency purposes under Biafra government services. This study aims to analyze which representations about Biafra were forged by journalistic and literary discourses and what mechanisms were used for that. To accomplish it, the research is divided into four chapters, tracing a path starting from a historiographical review on the Biafra War, from authors who were present in Biafran territory during the fighting, such as Jean Buhler (1969), Forsyth (1977) and Achebe (2012) and authors who carried out posterior studies as Falola and Heaton (2014), among others. Starting with the presentation of the Discourse Analysis Theory, especially through Eni Orlandi (2005; 2009), as well as Hall (2016) in terms of understanding the Theory of Representation and Mudimbe (2013) and Goffman (2008) for the introduction to notions of stigma and epistemological ethnocentrism. At the end, the analysis of the literary sources *Meio Sol Amarelo* (ADICHE, 2008) and *Destination Biafra* (EMECHETA, 1983) is made in the third chapter and, in the fourth, the analysis of the contemporary news coverage of *O Globo* throughout the Nigerian Civil War. Observing that, even 50 years after the end of the conflicts, the dispute for the historical narrative is preponderant. While the image of Biafra, in the West, through the news coverage of *O Globo*, reinforced places already demarcated about what African peoples would be, based on an ethnocentric and paternalistic logic. On the other hand, the speeches forged later by English-speaking Nigerian literature, in the figures of Adichie (2008) and Emecheta (1983), help to understand the conflict through the logic of those who, in the past, made headlines for their problems and not for their stories.

**Keywords:** Biafra. Nigerian Civil War. Representation. Discourse. Historiography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Capa da Revista Life (12/07/1968).....	89
<b>Figura 2</b> - A Questão das Armas .....	131
<b>Figura 3</b> - A Fome Aparece nos Jornais .....	133
<b>Figura 4</b> - Crianças Esquálidas Viram Símbolo de Biafra .....	135
<b>Figura 5</b> - Execuções viram Manchete .....	142
<b>Figura 6</b> - O Genocídio de Biafra .....	146
<b>Figura 7</b> - Cerco a Biafra .....	152
<b>Figura 8</b> - Cobrança aos Líderes Mundiais .....	157
<b>Figura 9</b> - A Queda Iminente.....	158
<b>Figura 10</b> - A Fome em Plano <i>Plongée</i> .....	161

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

AD	Análise do Discurso
AP	<i>Associated Press</i>
BOAC	<i>British Overseas Airways Corporation</i>
EUA	Estados Unidos da América
FNDP	<i>First National Development Plan</i>
FP	<i>France Press</i>
IPOB	<i>Indigenous People of Biafra</i>
NCNC	<i>National Council of Nigeria and the Cameroons (Nigerian Citizens)</i>
NYM	<i>Nigerian Youth Movement</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
SAN	Segurança Alimentar Nutricional
SOAS	<i>School of Oriental and African Studies</i>
UPI	<i>United Press International</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. SABEIS O QUE É BIAFRA? DA CRIAÇÃO DA NIGÉRIA À GUERRA CIVIL.....</b>	<b>19</b>
2.1 DA CRIAÇÃO DA NIGÉRIA ATÉ A SUA INDEPENDÊNCIA.....	19
2.2 CONFLITOS INTERNOS NA NIGÉRIA E SURGIMENTO DA REPÚBLICA DE BIAFRA .....	32
2.3 INÍCIO DOS CONFLITOS E REPERCUSSÃO .....	40
<b>3. NARRATIVA HISTÓRICA, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO.....</b>	<b>47</b>
3.1 SOBRE O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO: .....	52
3.2 SOBRE O FAZER DO ANALISTA DO DISCURSO:.....	57
3.2.1. Apresentando o Dispositivo Analítico: .....	58
3.2.2. Dispositivo Analítico:.....	60
3.3. DISCURSO E ESTIGMA.....	63
<b>4. AS REPRESENTAÇÕES DE BIAFRA NO DISCURSO LITERÁRIO: MEIO SOL AMARELO (2008) E DESTINATION BIAFRA (1983).....</b>	<b>66</b>
4.1. A ESCRITA DE ADICHIE E O FANTASMA DE BIAFRA .....	66
4.1.1. <i>Meio Sol Amarelo</i> (2008).....	71
4.1.1.1. O mundo estava calado quando nós morremos .....	84
4.2 BUCHI EMECHETA .....	90
4.2.1 <i>Destination Biafra</i> (1983) .....	93
4.3 <i>MEIO SOL AMARELO</i> vs. <i>DESTINATION BIAFRA</i> .....	111
<b>5. REPRESENTAÇÃO DA GUERRA DE BIAFRA NA COBERTURA DA IMPRENSA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA D'O GLOBO.....</b>	<b>114</b>
5.1 JORNAL <i>O GLOBO</i> .....	115
5.1.2 A cobertura do jornal <i>O Globo</i> sobre a Guerra de Biafra .....	118
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>167</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>173</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Na última década, a Nigéria tem aparecido nos noticiários internacionais especialmente por conta das tensões internas provocadas pelo grupo terrorista *Boko Haram*. Essa organização fundamentalista islâmica, que atua especialmente na região Norte do país, tem como objetivo implementar a *sharia* (uma legislação baseada no Corão e nos ensinamentos do profeta Maomé) na Nigéria. Além disso, o grupo é contrário à escolarização e aos valores do mundo ocidental, essa ideia está presente inclusive na nomenclatura adotada por eles, "*Boko Haram*" significaria "a educação ocidental é pecado". Contudo, esse não é o primeiro conflito violento que a nação nigeriana enfrenta.

A ex-colônia britânica, ao longo de seus 60 anos de independência, vivenciou poucos períodos de estabilidade política. Desde os golpes de Estado que precederam a guerra civil uma série de governos militares ditatoriais se revezaram no comando do país. Sendo a nação mais populosa de África, com uma população que gira em torno de 200 milhões de habitantes, a Nigéria é um gigante no continente. O mais emblemático destes conflitos ocorreu pouco tempo depois da independência do país da Grã-Bretanha, em 1960.

A Guerra Civil Nigeriana (1967-1970), também conhecida como Guerra de Biafra, foi um marco trágico na história do país, que estava se construindo como nação, e também do continente, por ter sido um dos primeiros conflitos bélicos em África pós-colonial. Para muitos estudiosos, o conflito deu-se por conta dos resquícios do período colonial que acabara havia pouco tempo<sup>1</sup>. Outros acreditam que a causa principal teria sido uma rivalidade histórica entre os diferentes povos da região, sobretudo os hauçás/fulas, iorubá e os ibos<sup>2</sup>. Há ainda quem acredite que o conflito bélico teria sido motivado e patrocinado por empresas petrolíferas que tinham interesse em explorar o subsolo da Nigéria Oriental, que durante a secessão tornou-se a República de Biafra<sup>3</sup>. Por último, há aqueles que tratem a guerra como uma tentativa de genocídio dos ibos perpetrada pelo Estado Nigeriano<sup>4</sup>. Contudo, nenhuma dessas respostas, de forma isolada, abarca a complexidade desse evento histórico.

Entretanto, este trabalho não tem por objetivo apontar quais seriam as causas desse

---

<sup>1</sup> Ver Achebe (2012); Falola e Heaton (2014); Forsyth (1977); Ki-Zerbo (2002); Seibert (2018); dentre outros.

<sup>2</sup> Ver Dos Santos (1968).

<sup>3</sup> Ver Michel Sitbon (2000).

<sup>4</sup> Ver Ekwe-ekwe (2018).

confronto, mas, sobretudo, entender como a cobertura da mídia e a posterior utilização da Guerra de Biafra por escritores, como temas de suas obras literárias, ajudaram a construir representações sobre o conflito bélico. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar quais as representações criadas acerca da Guerra Civil Nigeriana, no discurso jornalístico ocidental, e em romances históricos da literatura nigeriana, e quais são os efeitos de sentido gerados por estas representações.

Para tanto, faz-se necessário responder à seguinte questão: De que forma as matérias veiculadas pelo jornal *O Globo* retrataram esse episódio histórico? E como a literatura nigeriana tem a contribuir para o entendimento sobre o conflito bélico em questão? Assim, buscando compreender melhor essa problemática, dividiu-se essa pesquisa em quatro capítulos, quais sejam: Sabeis o que é Biafra? Da criação da Nigéria à Guerra Civil; Narrativa Histórica, Discurso e Representação; As Representações de Biafra no Discurso Literário: Meio Sol Amarelo (2008) e *Destination Biafra* (1983); e Representação da Guerra de Biafra na cobertura da imprensa brasileira: Uma análise discursiva d'*O Globo*.

No primeiro capítulo da dissertação, intitulado “Sabeis o que é Biafra? Da construção da Nigéria à Guerra Civil”, realiza-se uma revisão bibliográfica do período com o objetivo de estabelecer os marcos históricos que estiveram na base da formação do Estado Nigeriano e que abriram caminho para o conflito bélico iniciado em 1967, a partir de autores como Achebe (2012); Buhler (1969); Dos Santos (1968); Forsyth (1977), entre outros. Este capítulo abarca desde a construção e o estabelecimento da Nigéria como um Estado colonial governado pela Grã-Bretanha, passando pela declaração de Independência em 1960, os conflitos que se sucederam a este fato – em especial os golpes de janeiro e junho de 1966 - e que, posteriormente, motivaram a secessão da República de Biafra em 1967 e consequentemente o maior conflito bélico da história da Nigéria, a Guerra Civil ou Guerra de Biafra.

Para isso, optou-se por dividir o capítulo em três tópicos, quais sejam: Da Criação da Nigéria até a sua Independência; Conflitos Internos na Nigéria e Surgimento da República de Biafra; e Início dos Conflitos e Repercussão. Este último tópico, além de tratar das repercussões imediatas do conflito bélico, também aborda resumidamente os impactos da guerra percebidos ainda hoje em território nigeriano.

O segundo capítulo apresenta o aporte teórico que embasa o desenvolvimento do dispositivo analítico, através do qual são examinados o jornal e as obras literárias que constituem o *corpus* desta dissertação. Intitulado “Narrativa Histórica, Discurso e Representação”, o capítulo em questão trata das principais noções acerca dos conceitos de

Discurso e Representação, assim como a relação dessas definições com o fazer historiográfico.

Segundo Eni Orlandi (2009), não há discurso sem historicidade, pois ele só se dá na relação entre a língua e a ideologia, o discurso é o “fazer-sentido”, assim, ele precisa de um contexto para existir. O conceito de representação, por sua vez, também está associado à linguagem, segundo Schöpke (2010), entretanto, a representação utiliza-se da linguagem para expressar o conteúdo representado. Assim, a representação e o discurso são conceitos intimamente ligados, visto que, enquanto um utiliza-se da linguagem, o outro é em si o próprio exercício da língua. A representação e o discurso se retroalimentam. Representa-se através do discurso e, a partir de determinados discursos, criam-se novas representações.

Para tanto, a metodologia utilizada na construção desse capítulo é a revisão bibliográfica de obras teóricas, especialmente ligadas às Teorias da Análise do Discurso da Escola Francesa de Análise e às Teorias de Representação. Para compreensão dos principais conceitos da Análise do Discurso de linha francesa usamos como autores principais Orlandi (2005; 2009); Malidier (2003); já para nos debruçarmos sobre representação, utilizamos Schöpke (2010), e tem-se o olhar voltado para as discussões empreendidas por Hall (2016), em constante diálogo com Foucault; Charaudeau (2016) é referencial de grande importância para compreensão do Discurso Midiático e sua relação com a Opinião Pública; Figaro, por sua vez, faz a ponte entre História e Comunicação e Luca (2008) é peça-chave para a compreensão de como fontes antes renegadas podem ajudar na construção da história.

Ao final do capítulo em questão, são apresentados os dispositivos analíticos que serão considerados posteriormente quando da análise das fontes, a saber: os romances históricos, *Meio Sol Amarelo* (2008) e *Destination Biafra* (1983); bem como o periódico brasileiro *O Globo*. A escolha das fontes supracitadas deu-se de forma a tentar abarcar tanto a perspectiva de nigerianos da região Oriental, que na época seriam biafrenses, como Buchi Emecheta (1944-2017) e Chimamanda Ngozi Adichie (1977- ) - mulheres de origem ibo representantes da segunda e da terceira gerações, respectivamente, da literatura nigeriana de língua inglesa, como também para compreender a visão de um periódico exógeno ao território onde os conflitos ocorriam à época, decidiu-se pela análise da cobertura jornalística feita por *O Globo* acerca do tema.

Emecheta acompanhara todo o processo da guerra em Londres, onde vivia na época, atuando em manifestações durante o conflito na capital da Grã-Bretanha, Adichie, por outro lado, nascera apenas sete anos após o término dos conflitos. A partir das aproximações e afastamentos dessas fontes, espera-se que a análise dos discursos apresentados por elas

possibilite um caminho de uma compreensão que à altura da complexidade deste episódio histórico.

O terceiro capítulo da dissertação, por sua vez, intitulado “As Representações de Biafra no Discurso Literário: *Meio Sol Amarelo* (2008) e *Destination Biafra* (1983)”, destina-se à análise dos romances históricos de Chimamanda Ngozi Adichie e Buchi Emecheta, respectivamente. Para tanto, apresenta-se no capítulo uma breve biografia das autoras, assim como as suas trajetórias literárias. Posteriormente, realiza-se uma análise de discurso dos livros em questão e, por fim, alguns pontos das obras são comparados de forma a tentar compreender suas similaridades e em quais pontos os discursos apresentados pelas autoras divergem.

O último capítulo, não menos importante, é um mergulho sobre a cobertura d’*O Globo* durante 31 meses: tendo início em 1º de junho de 1967 até a data limite de 31 de janeiro de 1970. Esse recorte temporal foi delimitado com o intuito de abarcar desde as primeiras notícias publicadas pelo diário que tratam sobre a declaração de independência da República de Biafra, ocorrida em 30 de maio de 1967, até a repercussão imediata do fim dos conflitos bélicos, que ocorreram oficialmente em 15 de janeiro de 1970. A fim de contextualizar o capítulo em questão, faz-se uma breve apresentação da história do periódico, com foco especial para o período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), com o intuito de observar o apoio editorial do periódico ao regime e de como este apoio é observado dentro da análise das matérias acerca da Guerra de Biafra.

Dessa forma, o intuito deste trabalho é empreender uma análise a partir dos discursos jornalísticos e literários a fim de compreender quais representações sobre este conflito foram criadas e difundidas ao longo dos anos e, investigar o que elas, juntas, dizem sobre a Guerra de Biafra. Além do dispositivo analítico do discurso, faz-se necessário debruçar-se sobre Mudimbe (2013), posto aqui em diálogo com Goffman (2008), a fim de compreender de que forma o “Ocidente”, tomado como “padrão”, promove e constrói um discurso sobre o “outro”, que dentro deste estudo atende por “África”, o que pode ser observado, especialmente, a partir da análise da fonte jornalística, e de como isso ajuda a criar determinadas representações sobre o continente e seus habitantes.

Assim, para o mundo, a lembrança de Biafra é um quadro longínquo na estante dos anos 1960, assim como os movimentos feministas, estudantis, a Guerra do Vietnam e a invasão da Tchecoslováquia. Apesar do processo de reconciliação que teve início logo após o fim da guerra civil, ainda hoje os desdobramentos desse conflito afetam a vida de muitos nigerianos.

O conflito bélico afetou profundamente a vida de famílias - especialmente as que tiveram seus filhos levados para outros países e nunca mais tiveram nenhuma notícia, além das que viram seus filhos morrerem em consequência da desnutrição - acirrou as diferenças regionais com a criação de grupos separatistas que lutam para a secessão de seus territórios, e deixou marcas tão intangíveis que estudo nenhum é capaz de abarcar.

O fato de o governo nigeriano evitar trazer à tona o assunto também não contribuiu para que ele deixe de existir. Ele está lá, o tempo todo, latente. Esse triste episódio da história mundial e, sobretudo, da história do continente africano e da Nigéria, precisa ser tratado com o cuidado e a seriedade que merece, para que não seja preciso haver uma segunda Biafra.

Em tempo, informa-se que todas as traduções apresentadas neste texto, a menos que sejam indicadas, são de inteira e exclusiva responsabilidade da autora desta pesquisa.

## 2. SABEIS O QUE É BIAFRA? DA CRIAÇÃO DA NIGÉRIA À GUERRA CIVIL

### 2.1 DA CRIAÇÃO DA NIGÉRIA ATÉ A SUA INDEPENDÊNCIA

Não é possível falar da Guerra de Biafra (1967-1970) sem abordar como se deu a criação da República de Biafra, e antes disso até, de como foram os anos que precederam os conflitos, especialmente o período pós-independência do Estado Nigeriano em 1960 em que se deu a tentativa de consolidação dessa antiga colônia britânica em uma “nação”.

Autores pró-Biafra como Eduardo dos Santos, português e Frederick Forsyth, jornalista britânico, questionam a ideia da Nigéria como uma “nação”, para ambos, este território não passava de uma criação ocidental, sem efetividade prática. Se para o autor português:

A Nigéria é, notoriamente, um artifício do Ocidente. Várias tribos, numerosos grupos, de costumes, de hábitos, de tradições, e línguas diferentes, a compõe. Jamais conheceu o sentimento de nação. (DOS SANTOS, 1968, p. 11)

Forsyth complementa esse pensamento afirmando que:

Na verdade, a Nigéria jamais foi unida ao longo de todos os anos do período pré-colonial; e durante os 60 anos de colonialismo e os 63 meses da Primeira República somente uma fina camada de verniz encobriu a desunião básica. [...] a Nigéria jamais passou de uma amálgama de povos reunidos no interesse e em benefício de uma potência europeia. (FORSYTH, 1977, p. 15)

Como explicitado acima por Dos Santos e Forsyth, o Estado Nigeriano, como o conhecemos hoje, é uma invenção colonial. Entretanto, essa não é uma característica exclusiva da Nigéria, pois, salvo exceções, todos os Estados modernos africanos são multiétnicos e formaram-se a partir do advento do Colonialismo e do estabelecimento das fronteiras territoriais dos países africanos, que se deu nesse processo.

As primeiras interações comerciais dos povos da costa ocidental da atual Nigéria com povos europeus começaram a ocorrer por volta de 1450, inicialmente com os portugueses, através do tráfico de escravos, depois expandindo-se para outras nacionalidades europeias. Logo, depois da abolição do tráfico de escravos transatlântico ampliaram-se as trocas comerciais com a inserção de novos bens, e, conseqüentemente, houve uma tentativa dos europeus de adentrar o continente para realizar as trocas diretamente com os produtores

desses produtos, sem intermédio dos comerciantes da costa africana. Assim, em meados do século XIX, vários comerciantes britânicos já haviam se estabelecido na costa nigeriana e iniciado um processo de penetração no continente (FORSYTH, 1977).

[...] O poder e a influência dos britânicos se tornaram tangíveis a partir de meados do século XIX e, no final do século, as circunstâncias levaram a uma articulação dos interesses britânicos que resultou na ocupação colonial dos territórios que se tornariam Nigéria. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 85)<sup>5</sup>

Segundo Falola e Heaton (2014), o processo de colonização empreendido pelos britânicos deu-se de forma diferente em cada uma das regiões da atual Nigéria. Enquanto a ocupação e o domínio da região de Lagos deram-se em 1861, apenas em 1903 a Grã-Bretanha tomou posse do território de Sokoto, no Norte. Prova disso é que em 1903, os britânicos criaram a Colônia e Protetorado de Lagos, o Protetorado do Sudeste da Nigéria e o Protetorado da Nigéria do Norte, onde “anteriormente existiam estados autônomos e independentes sob liderança indígena” (*Ibid.*, p. 86)<sup>6</sup>. Dessa forma, Adu Boahen (2010, p. 14) afirma que “a partir de Lagos, uma de suas colônias, os britânicos lançaram-se à conquista da Nigéria. Em 1893, a maior parte do território yoruba tinha sido proclamada protetorado.”

A princípio, a Grã-Bretanha não teria visto vantagem em possuir mais uma colônia, entretanto, alguns grupos de interesse buscavam mudar o posicionamento do governo inglês acerca dessa situação:

[...] Os principais atores que impulsionaram o maior envolvimento britânico foram os missionários cristãos, que queriam que as áreas fossem convertidas ao antiescravidão, ao comércio “legítimo” e, em última instância, às ideias de “civilização” cristã. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 86)<sup>7</sup>

De acordo com Falola e Heaton (2014), os missionários consideravam que o apoio e os recursos da Grã-Bretanha facilitariam e protegeriam a sua atuação naquela região. Outro grupo que demandava o estabelecimento do poderio britânico no território em questão eram

<sup>5</sup> [...] The power and influence of British became tangible from around the middle of the nineteenth century, and by the end of the century circumstances had led to a dovetailing of British interests that resulted in the colonial occupation of the territories that would become Nigeria. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 85)

<sup>6</sup> “previously had existed autonomous, independent states under indigenous leadership” (*Ibid.*, p. 86)

<sup>7</sup> [...] The primary actors pushing the greater British involvement were Christian missionaries, who wanted the areas converted to anti-slavery, to “legitimate” commerce, and, ultimately, to ideas of Christian “civilization”. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 86)

os comerciantes britânicos que queriam vantagens competitivas frente aos nativos da região costeira da Baía do Biafra. Os políticos britânicos também acreditavam que era necessária uma presença política mais forte da Grã-Bretanha na Nigéria, o que foi reiterado pelo advento da Conferência de Berlim (1884-1885), visto que foram “mais ou menos forçados a assumir o controle direto de toda a área para que não perdessem sua influência dominante em assuntos comerciais e de política para outras potências europeias” (*Ibid.*, p. 86)<sup>8</sup>.

Assim, com a resolução das potências europeias durante a Conferência de Berlim – na qual se exigia que para um país ser reconhecido como administrador de qualquer colônia africana era fundamental que a ocupação fosse efetiva, o governo britânico concedeu em 1886 uma “carta de administração” à Companhia Goldie para que ela se tornasse oficialmente gestora daquela região (FORSYTH, 1977).

Depois de uma série de conflitos para controlar o território e deter o avanço dos franceses, que à altura já haviam dominado o Daomé, Taubman Goldie (1846-1925), fundador da companhia que levava seu nome, apelou ao governo britânico, que enviou *Sir*. Frederick Lugard, na tentativa de estabelecer de vez o domínio britânico sobre o território que, mais tarde, sua esposa, *Lady* Lugard, batizou como Nigéria (FORSYTH, 1977).

Conforme Falola e Heaton (2014), a fusão dos protetorados existentes em um único país teve motivação econômica. A unificação da Nigéria, em 1914, por Lugard deveu-se ao fato de o Protetorado da Região Norte não conseguir manter-se sozinho à época, necessitando de recursos advindos do Protetorado do Sul e da Coroa Britânica para o seu próprio financiamento. Assim, a integração desses territórios antes autônomos permitiu com que os recursos fossem distribuídos de forma a equilibrar as contas da região Norte, além de ter permitido a criação de um aparato administrativo centralizado, que de 1914 a 1919 teve Lugard como o primeiro governador geral da Nigéria.

Para administrar a nova colônia britânica, Lugard implementou o método conhecido como “administração indireta”:

Encarregado de administrar o vasto território da Nigéria do norte depois da transferência dos poderes da Royal Niger Company para o Estado, com falta de pessoal e de fundos, Lugard compreendeu que estava fora de cogitação a ideia de controle direto; mas, se chegou a tal conclusão, foi também por estar pessoalmente convencido, desde a época em que servia em Uganda, de que o melhor método de administração colonial era a utilização das instituições autóctones existentes. (ADU BOAHEN, 2010, p. 360)

---

<sup>8</sup> “more or less forced to take direct control of the entire area lest they lose their dominant influence in matters of trade and politics to other European powers” (*Ibid.*, p. 86)

Assim, a administração indireta dependia em grande parte da população local e de sua organização política pré-existente, da qual a administração colonial se utilizava para exercer o controle sobre as esferas políticas, sociais, econômicas e jurídicas da vida das colônias.

Dos Santos (1968) afirma que em 1967 – ano de início da guerra civil, os principais povos da Nigéria, contando os hauçás/fulas como um único grupo, representariam a seguinte porcentagem da população total do país: os iorubás constituiriam 14% da população, os ibos seriam 16% e os hauçás/fulas seriam 28% do total de nigerianos.

Sobre os ibos e os ibíbios, outro grupo étnico que constituiu o que viria a ser a República de Biafra, Jean Buhler, correspondente suíço em Biafra, argumenta:

Quando os negociantes europeus começaram as suas operações na costa da baía do Biafra, no século XIX, tiveram relações com pessoas que chamavam "Hi-bos", os habitantes do interior, ao norte. Mas quanto mais os africanos, os missionários, os caçadores se embrenhavam pelo interior, subindo o curso dos rios Níger, Imo, Kwa ou Cross, mais surpreendidos ficavam verificando que os "Hi-bos" eram semelhantes aos meridionais. Introduziram uma distinção, chamando Ibos aos habitantes do planalto central e Ibos da Kwa aos da costa, os que se designam agora pelo nome de Ibíbios. (BUHLER, 1969, p. 80)

A partir desse trecho, observa-se que os colonialistas também afetaram a forma como esses povos relacionavam-se e se percebiam mutuamente, com a introdução de mais uma forma de classificação sobre eles, como o olhar da alteridade estabelece novas representações dos grupos sobre si e sobre os outros. No caso dos ibos, costumeiramente, são retratados pela historiografia ou mesmo pela antropologia como “ocidentalizados”, “individualistas”, “modernos”, “democratas”. Sobretudo por conta de sua organização social:

A família, ou o grupo de famílias é bem a unidade social dos Ibos. Deste modo, o país ibo se tornou numa multidão de aldeias, cerca de 500, rigorosamente sem chefes políticos, intensos de democracia. As decisões são tomadas por unanimidade em assembleia de vizinhos. (DOS SANTOS, 1968, p. 12)

Sobre as decisões tomadas nas assembleias Falola e Heaton (2014) afirmam:

[...] As decisões ao nível do grupo da aldeia não eram vinculativas, no entanto, uma vez que qualquer aldeia individual podia escolher se seguiria

ou não as orientações dos conselhos do grupo da aldeia; eles não podiam ser forçados à submissão. Cada sistema de grupo de aldeia funcionava de forma autônoma, no entanto, todos os grupos de aldeia eram considerados ibo, com base em uma linguagem comum, crenças religiosas semelhantes e várias instituições sociais intergrupais, como casamento misto, participação em sociedades secretas e oráculo comum. (*Ibid.*, p. 22)<sup>9</sup>

Na contramão da configuração política ibo, os povos hauçás, que Dos Santos (1968, p. 14) afirma que “não constituem uma unidade étnica”, a nível político são descritos da seguinte forma:

Orgulhosos de sua tradição política, ligada aos grandes Estados sudaneses, os Haussás, de estruturas feudais, bastante hierarquizadas por isso, distinguem-se pelo luxo e aparato dos emires e sultões. São agricultores laboriosos e hábeis comerciantes. (DOS SANTOS, 1968, p. 14)

Essa diferença na cosmovisão política evidencia o pensamento de Dos Santos e Forsyth sobre a construção do Estado nigeriano. Dos Santos (1968, p. 14) vai além ao afirmar que “entre os Haússas e os Ibos há um ódio de morte”. Sobre essas acepções e postulados acerca das diferentes etnias presentes em território nigeriano. Faz-se importante trazer algumas considerações acerca do próprio conceito do que seria “étnico”.

Segundo Amselle (2017, p. 33), a respeito da classificação étnica, “convinha definir as sociedades ameríndias, africanas e asiáticas como outras e diferentes das nossas, retirando-lhes aquilo pelo qual podiam participar de uma humanidade comum”. Essa classificação se dava no sentido de inferiorizar o que se diferenciava do padrão, o “eu”. Dessa forma, havia uma hierarquização entre as diferentes culturas e povos. Os que mais se assemelhassem ao padrão estabelecido, etnocêntrico, encontravam-se mais elevado dentro da hierarquia e os que mais se distanciassem do modelo ficavam categorizados nos níveis mais baixos.

Apesar dessa concepção - inicialmente ligada ao ideal colonialista, em que os povos europeus constituiriam “sociedades modernas” identificadas pelo símbolo das nacionalidades, em contraposição às identidades étnicas que seriam “menores” e designariam um estágio mais “atrasado” da humanidade – ainda ser muita associada a esta premissa etnocêntrica, especialmente quando usada de forma acrítica, ela precisa ser

---

<sup>9</sup> [...] Decisions of the village-group level were not binding, however, as any individual village could choose whether or not follow the guidelines of village-group councils; they could not be forced into submission. Each village-group system functioned autonomously nevertheless, all village groups were considered Igbo, based on a common language, similar religious beliefs, and various inter-group social institutions, such as intermarriage, membership in secret societies, and common oracle ship. (*Ibid.*, p. 22)

compreendida, sobretudo por constituir-se enquanto uma forma efetiva de identidade para muitos povos que, frequentemente, definem-se mais a partir da sua cultura “étnica” do que por sua nacionalidade.

Nesse trabalho, os termos “grupos étnicos”, “etnia”, assim como outros associados a eles têm por intuito explicar um modo de autoidentificação dos grupos mencionados, sem a intenção de, através do uso dessas categorias, reforçar estereótipos sobre elas. A respeito disso, o antropólogo e etnólogo francês postula:

[...] as sociedades africanas não diferem fundamentalmente das outras: elas produzem categorias sociais, isto é, categorias que servem para classificar socialmente os agentes. Foi apenas com a colonização que essas categorias sociais, essas “classes” sociais foram transformadas em “fetichismos étnicos”, pois o colonizador como os Estados pós-coloniais precisam suprimir as hierarquias pré-coloniais para melhor impor suas novas. (AMSELLE, 2017, p. 67-68)

Através do enunciado acima, o autor evidencia que as sociedades africanas, assim como tantas outras ao redor do mundo, tinham suas próprias categorizações, dentre elas a étnica, a fim de estruturar a vida em comunidade. Ao longo do texto, o autor não nega a existência de grupos étnicos no período pré-colonial. Entretanto, afirma que com o advento da colonização essas classificações ganharam uma outra conotação, passando a hierarquizar os grupos de indivíduos conforme os interesses dos colonizadores. Portanto, há de se atentar para o *lugar de fala* dos autores apresentados ao longo deste capítulo (aqui, tomamos *lugar de fala* como um conjunto de fatores mais notadamente formação cultural, ideológica e política, além de marcadores identitários), a fim de que não se tome a visão deles como as únicas a respeito do tema tratado, mas entenda-se que as visões existiam e, ainda hoje, perpassa o imaginário coletivo sobre os povos africanos, em especial. A saber, jornalistas europeus que atuavam com correspondentes quando da Guerra Civil Nigeriana, ainda que de maneira inconsciente, estavam alinhados a uma lógica colonial.

Fábio Baqueiro Figueiredo realiza uma profunda discussão em sua tese de doutorado a respeito de categorias antropológicas tais como ‘nação’, ‘etnia’ e ‘tribo’, dentre outras. Nesse sentido, ele apresenta o conceito que, muitas vezes, é utilizado como um sinônimo de ‘etnia’ que, entretanto, tem sido cada vez mais problematizado em âmbito acadêmico:

O termo “tribo” foi introduzido como conceito antropológico desde muito cedo, já em 1871, pelo estadunidense Lewis Henry Morgan, um dos pais fundadores da antropologia. Morgan elaborou uma teoria geral da evolução humana em três estágios, cada um materializado em uma forma específica

de organização das coletividades. A “tribo” era característica do segundo estágio, a “barbárie”, sucedendo à “horda primitiva” do estágio da “selvageria” e antecedendo o “Estado”, identidade política da “civilização”. (FIGUEIREDO, 2012, p. 56)

A partir do excerto, nota-se que a acepção em questão do termo “tribo” seria intermediária nessa escala evolutiva/hierarquizante das sociedades. Os grupos sociais organizados a partir das ‘tribos’ - sociedades “menos ocidentalizadas”, tais como as indígenas do continente americano e as africanas, comumente caracterizadas a partir do termo em questão – estariam “caminhando” para chegar ao topo da pirâmide evolutiva que seria representada por uma ideia de ‘civilização’, demarcada pelo conceito de ‘Estado’, associada à organização social europeia. Faz-se importante problematizar o lugar ocupado pelo termo em questão a fim de perceber os processos de naturalização que certos conceitos sofrem, especialmente no discurso do “senso comum”. Expressões como “tribalismo”, “tribalista”, “ódio tribal”, dentre outras ainda são fortemente utilizadas pelo “Ocidente” para designar questões que perpassam os não-europeus/europeizados.

Chinua Achebe (2012), escritor ibo-nigeriano que atuou como membro do governo de Biafra, traz a retórica do ressentimento dos iorubás e hauçás em relação aos ibos<sup>10</sup>, o que ele atribui especialmente a um maior nível de instrução dos povos orientais que teria como consequência a maior inserção dos membros dessa população em altos cargos da administração pública. Um outro aspecto importante para a compreensão da demografia nigeriana é a religião:

[...] enquanto o Norte se enclausurou no Islão, pautando por ele toda a sua conduta, o Sul franqueou-se ao Cristianismo, à cultura e às técnicas ocidentais, mormente os Ibos, que “devoraram” a mensagem de Cristo. Assim, o Norte se tornou predominantemente islamizado, o Centro animista e cristão, o Sudoeste cristão e muçulmano, o Sudeste cristão. (DOS SANTOS, 1968, p. 17)

Assim, mesmo com a introdução do Cristianismo no final do século XV pelos comerciantes portugueses, a fé católica, em princípio, não se espalhou para o interior do continente, mantendo-se nas regiões costeiras, especialmente no antigo Reino do Benim<sup>11</sup>, atual território da Nigéria. Só a partir das atividades missionárias, desde os anos de 1840,

<sup>10</sup> Apesar das várias grafias apresentadas ao longo do texto acerca desses termos, a saber: iorubás, hauçás e ibos. Tomaremos, neste trabalho, essas como padrão, o que não invalida as outras que aparecerem ao longo de toda a pesquisa nas diversas citações.

<sup>11</sup> Dos Santos (1968, p. 22) afirma que: “Quando em 1484, João Afonso de Aveiro regressou do Benim, logo o soberano deste reino mandou com ele um embaixador, o chefe de Gwato que a D. João II veio pedir missionários”. Entretanto, segundo o autor português, “esta primeira missão poucos resultados colheu”.

que a fé cristã expandiu-se rapidamente pela região (FALOLA; HEATON, 2014). Além de fatores políticos e comerciais, uma das condições que, segundo os autores, ajudaram na expansão do Cristianismo pelo país foi a nova metodologia implantada pelos missionários, que aperfeiçoaram a comunicação com os povos locais a partir da melhor compreensão da língua, história e cultura dos nativos. O aspecto linguístico rendeu inclusive a produção de dicionários em ibo e iorubá pelos missionários.

A implantação de escolas também foi uma estratégia utilizada pelos missionários para aproximar-se da população e transmitir seus valores para os nativos. O objetivo primordial desses religiosos era de alfabetizar os habitantes da região para que eles pudessem ler a Bíblia em um processo de catequização, como nota-se a seguir:

Os protestantes anglicanos da Church Mission Society, bem como os metodistas, batistas e católicos romanos, construíram escolas missionárias em todo o Cinturão Sul e Médio da Nigéria. Essas novas faculdades do governo foram [...] construídas para continuar a tradição de excelência educacional estabelecida por escolas secundárias ainda mais antigas, King's College e Queen's College, ambas em Lagos. (ACHEBE, 2012, p. 20)<sup>12</sup>

Como explicitado acima, a região Norte não aparece como um dos espaços em que escolas missionárias foram construídas. Esse fato não foi aleatório, pois, segundo Dos Santos (1968), no início do século XX, no começo da ocupação inglesa da região Norte da atual Nigéria, os representantes do Estado Britânico prometeram aos líderes muçulmanos locais que não permitiriam que missões cristãs se instalassem na região sem o consentimento dessas lideranças. Na Nigéria, assim como em outras regiões do continente africano durante o período colonial, majoritariamente não houve atividades missionárias em territórios islâmicos<sup>13</sup>. Por esse motivo, por muito tempo, a convivência entre cristãos e muçulmanos na região deu-se de forma amigável, já que não havia um trabalho massivo de organizações evangelizadoras nas terras controladas pelos emires, entretanto, esse quadro parece ter sido modificado com as disputas políticas pós-independência da Nigéria.

---

<sup>12</sup> The Anglican Protestants of the Church Mission Society, as well as the Methodists, Baptists, and Roman Catholics, had built missionary school throughout the South and Middle Belt of Nigeria. These new government colleges [...] were built to continue the tradition of education excellent established by even older secondary schools, King's College and Queen's College, both in Lagos. (ACHEBE, 2012, p. 20)

<sup>13</sup> Essa discussão é levantada por Afigbo (2010, p. 572) quando afirma que "as estruturas políticas por eles [administradores coloniais] estabelecidas permitiam às missões penetrar no coração do continente, sem recear pela segurança de seus agentes. As escolas oficiais leigas eram necessárias principalmente para a extensão da educação ocidental a numerosas regiões islamizadas da África, onde eram temidas violentas reações muçulmanas caso não se concordasse em limitar a atividade missionária". (Ver: AFIGBO, Adiele Eberechukuwu. Repercussões sociais da dominação colonial: novas estruturas sociais. In: BOAHEN, Albert Adu (ed.). **História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2 ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010, p. 567-589.)

Além disso, a não existência de escolas missionárias no Norte da Nigéria foi fundamental para explicar a ascensão econômica e social dos sulistas, especialmente dos ibos, quando comparados aos nortistas. Visto que o processo assimilacionista promovido por meio da escolarização dos nativos da região Sul da Nigéria permitiu que uma elite/classe média ascendesse socialmente, sobretudo pelo domínio da língua inglesa, que permitia que essa elite escolarizada que estava nascendo conseguisse atuar no serviço público colonial, junto aos administradores britânicos.

Segundo Falola e Heaton (2014), com o advento da independência nigeriana, em 1960, a expectativa tanto interna quanto externa sobre o futuro do país era enorme. O país mais populoso do continente - já naquela época - havia acabado de descobrir, em 1958, petróleo na área do delta do Rio Níger. Entretanto, segundo os autores, a grande causa dos problemas que se seguiram à independência do país e levariam à Guerra Civil Nigeriana seria a “questão nacional”, que envolveria a formação da identidade nigeriana.

[...] Visto que as identidades regionais eram fortes e a identidade nacional era fraca, o maior medo da maioria dos nigerianos na década de 1960 era que sua região fosse “dominada” por outra. Os sulistas das regiões Oriental e Ocidental temiam a dominação do Norte, e os nortistas temiam a dominação do Sul. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 159)<sup>14</sup>

Assim, Falola e Heaton (2014) afirmam que a Guerra de Biafra foi mais um exemplo dos problemas associados à “questão nacional”. Um dos aspectos apontados acerca da criação da Nigéria enquanto nação é o linguístico, entre tantas as línguas faladas no território, pelos diversos grupos identitários, a língua inglesa foi escolhida como oficial no país:

A questão da linguagem era uma dificuldade no desenvolvimento da identidade nacional. Por um lado, o inglês era claramente a língua do passado colonial, uma língua estrangeira que não tinha raízes nas culturas ou tradições da Nigéria. Por esta razão, muitos sentiram que seu uso deveria ser limitado em uma Nigéria independente. Ao mesmo tempo, no entanto, a própria Nigéria foi uma criação do passado colonial, e a experiência colonial compartilhada foi um dos principais fatores através dos quais todos os nigerianos podiam se relacionar, independentemente de suas outras diferenças. Na verdade, o governo federal declarou o inglês como a língua nacional da Nigéria em 1960 como uma forma de minimizar o regionalismo e as tensões étnicas no processo legislativo. (FALOLA;

---

<sup>14</sup> [...] Since regional identities were strong and national identity was weak, the greatest fear of the most Nigerians in the 1960s was from that their region would become “dominated” by another. Southerners from the Eastern and Western Regions feared northern domination, and northerners feared southern domination. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 159)

HEATON, 2014, p. 161)<sup>15</sup>

A adoção do idioma da potência colonial no pós-independência não foi uma exclusividade da Nigéria, pelo contrário, quase a totalidade dos países africanos no período pós-colonial manteve a língua do colonizador como a oficial da nação. Entretanto, ao contrário do intento das autoridades nigerianas, a escolha do inglês como língua oficial não teve o impacto esperado sobre a questão do regionalismo<sup>16</sup>, que se manteve fortemente presente sobretudo na política do país, culminando com a Guerra Civil Nigeriana entre 1967 e 1970.

Logo após a independência da Nigéria, como parte do ideal de promover a educação e a cultura do país, foram criadas quatro universidades. Cada uma das três regiões conseguiu ter a sua própria universidade, ficando a região Oeste – onde se encontra Lagos, capital do país à época – com duas. Ainda de acordo com Falola e Heaton (2014), essa estratégia teria ajudado a tornar mais equânime o acesso à educação por parte dos nigerianos e também seria uma tentativa das autoridades de promover a “unidade nigeriana”, já que pelo número reduzido de universidades, muitos estudantes oriundos de grupos étnicos distintos passariam a estudar juntos. Entretanto ressaltam que nem isso ajudou na solução da “questão nacional”.

Forsyth (1977), por sua vez, acreditava que a instituição em que as identidades regionais realmente eram deixadas de lado em prol de uma identidade nigeriana em construção era o Exército do país. Segundo o autor, o exército seria uma “unidade coesa, como uma instituição realmente nigeriana, em que os homens de todas tribos, nações, culturas e credos podiam viver lado a lado e se chamarem de camadas [...]” (*Ibid.*, p. 59). Entretanto, entende que com os golpes de estado realizados em 1966, com protagonismo dos militares, essa característica da instituição foi profundamente abalada.

No campo econômico, a independência da Nigéria foi seguida pela implantação do Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (FNDP, sigla em inglês). Em 1962, nos anos

---

<sup>15</sup> The issue of language was a tricky one in the development of national identity. On the one hand, English was clearly the language of the colonial past, an alien language that had no roots in Nigeria's cultures or tradition. For this reason, many felt its use should be limited in an independent Nigeria. At the same time, however, Nigeria itself was a creation of the colonial past, and the shared colonial experience was one of the major factors through which all Nigerians could relate to each other regardless of their other differences. Indeed, the federal government had declared English the National language of Nigeria in 1960 as one way of downplaying regionalism and ethnic tensions in the legislative process. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 161)

<sup>16</sup> As línguas europeias adotadas no período pós-colonial pelos Estados africanos – a partir de um pensamento de que, por serem exógenas, não "beneficiariam" nenhum grupo etnolinguístico local – constitui mais uma das falsas premissas sobre o Estado colonial e pós-colonial africano, visto que a manutenção dessas línguas como oficiais também ajudava a ampliar as desigualdades entre os nativos (assimilados ou não pela educação colonial) e também entre os agentes coloniais e seus descendentes que se mantiveram nas antigas colônias africanas após a independência dessas.

iniciais da Primeira República nigeriana, esse plano foi implementado com a expectativa de duração até 1968. As áreas foco de investimento para esse programa de desenvolvimento eram a agricultura, indústria e educação (FALOLA; HEATON, 2014).

No nível econômico, quando da Independência da Nigéria em 1960, o país era essencialmente agrícola, com pouca participação do petróleo na soma das exportações que realizava. Entretanto, em 1966, pouco antes da secessão da República de Biafra, o petróleo já era o produto mais importante na balança comercial nigeriana. De um total de 283,1 milhões de libras que era o total da soma das exportações, só a indústria petrolífera nigeriana era responsável por 91,9 milhões, seguido pelo amendoim com 40,7 milhões. Entretanto, quando somadas, as exportações dos insumos agrários representavam 51% do valor das transações. (DOS SANTOS, 1968). De acordo com Falola e Heaton (2014), 67% de todas as reservas de petróleo da Nigéria adivinham da região que posteriormente tornou-se Biafra. Assim, “a secessão de Biafra foi, por isso, um golpe profundo na economia da Federação”. (DOS SANTOS, 1968, p. 34)

Um dos principais fatores de ruptura com o sistema colonial foram as grandes guerras, sobretudo a Segunda Guerra Mundial. Segundo Ki-Zerbo (2002), a Segunda Guerra Mundial afetou profundamente a história contemporânea de África. A participação de soldados de várias regiões do continente africano foi muito superior à ocorrida na Primeira Grande Guerra. Os soldados lutaram lado a lado com jovens europeus, podendo enxergá-los em "pé de igualdade", para além das estruturas que os diferenciavam dentro da sociedade colonial. Estavam ambos, brancos e negros, numa batalha pela sobrevivência, contra inimigos que não conheciam, demonstrando simultaneamente toda a sua humanidade e selvageria, enxergando-se como aliados. Assim, enquanto enxergava a si mesmo de uma forma mais positiva, recuperando a autoestima que o sistema colonial havia minado, os africanos viam uma guerra onde europeus cometiam atrocidades uns contra os outros, evidenciando o lado mais selvagem destes.

Essa mudança de perspectiva, sobre si e o outro, fez com que os combatentes que estiveram no campo de batalha voltassem para sua terra de origem imbuídos de um novo sentimento:

[...] Os soldados africanos foram grandes artesãos da emancipação africana. Tanto aqueles que foram tragados pela tormenta como aqueles que regressaram, mutilados ou não, alguns dos quais tomarão parte activa nos movimentos políticos mais avançados dos seus países. Muitos, infelizmente, haviam deixado os ossos nas terras frias do Norte. (KI-ZERBO, 2002, p. 158)

Não só os soldados que estiveram no *front*, como toda economia mundial foi alterada por consequência da guerra. Especialmente a Europa, que segundo Ki-Zerbo (2002), "saía portanto da guerra material e humanamente prostrada" (p. 159). Por este motivo, algumas mudanças políticas foram observadas nas colônias africanas. Implementada ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a Constituição Richards, criada pelo novo Governador da Nigéria, *Sir. Arthur Richards*, trouxe uma série de inovações, mudando dali em diante a cara da política nigeriana.

[...] A Constituição, a par do seu cunho reaccionário que consagrava o regionalismo, apresentava um aspecto dinâmico. Com efeito, até a segunda guerra mundial, os Britânicos haviam administrado a Nigéria muito mais do que a haviam governado. As exigências da guerra e as necessidades do desenvolvimento económico depois do conflito mundial fizeram compreender às autoridades que a gestão per si já não bastava e que a mobilização de todas as energias disponíveis demandaria, além do corpo administrativo, uma alma nacional. A este respeito, a Constituição Richards constitui um passo em frente, pois que, pela primeira vez, associava todos os povos da Nigéria numa só assembleia para uma tarefa colectiva. (KI-ZERBO, 2002, p. 191)

Essa mudança, naturalmente, foi sentida de forma distinta nas três regiões que compunham a Nigéria no período<sup>17</sup>, a saber: Norte, Oriental e Ocidental, devido às marcantes diferenças culturais, econômicas e sociopolíticas entre elas.

[...] Com efeito, os chefes feudais do Norte eram englobados num quadro democrático e a campanha nacionalista, confinada até então aos centros urbanos do Sul (Lagos, Calabar, Ibadão, Abeokuta, etc), foi a partir daí ousadamente levada até aos distritos do Norte: a oposição desencadeada pelo N.C.N.C. e pelo N.Y.M.<sup>18</sup> contra a Constituição era centrada na ideia de que era preciso associar os Africanos, não somente à discussão, mas também à participação no poder. (KI-ZERBO, 2002, p. 191)

Em 1948, o Governador Arthur Richards foi substituído por John Macpherson, que seria muito influenciado pelo Partido Trabalhista britânico. Macpherson teve como

<sup>17</sup> Em 1963, o governo nigeriano criou a região *Mid-West*, que vem a ser muito importante dentro do contexto da Guerra de Biafra (1967-1970).

<sup>18</sup> Ambas as siglas fazem referência aos principais partidos políticos nigerianos do período. NCNC é a sigla de *National Council of Nigeria and the Cameroons* (Conselho Nacional da Nigéria e Camarões), que - após a independência da Nigéria e separação de Camarões (ex-possessão alemã que ao fim da II Guerra Mundial foi incorporada à Nigéria) - passou a se chamar *National Council of Nigerian Citizens* (Conselho Nacional de Cidadãos Nigerianos). NCNC existiu entre 1944 e 1966 e era considerado um partido ligado aos interesses ibos. Por sua vez, NYM significa *Nigerian Youth Movement* (Movimento Juvenil Nigeriano), a organização criada em 1934 era sediada em Lagos, capital nigeriana à época, localizada na região ocidental do país, de maioria iorubá.

promessas a criação de uma nova constituição, além de implementar políticas públicas que permitissem maior participação dos africanos na administração da Nigéria, promover a democracia e criar a primeira universidade do país, em Ibadão (Ibadan), que se constituiu como um centro para formação das elites locais (KI-ZERBO, 2002).

A nova constituição, proposta por Macpherson, em detrimento de ser construída em discussões promovidas pelas assembleias já constituídas em solo nigeriano, foi forjada pelo governo britânico, para evitar a preponderância dos centros urbanos/políticos da Nigéria, localizados especialmente no sul do país, na confecção da Carta Magna – apesar disto, houve uma série de consultas em todo território nigeriano com o intuito de elaborar este documento. Por este motivo, aconteceu uma transformação no país no sentido de educação política, onde muitas lideranças e partidos da região Sul passaram a fazer um trabalho de conscientização política, especialmente junto às minorias do Norte, o que gerou insatisfação dos líderes tradicionais dessa região, que acharam uma saída na promoção do *Northern People's Congress* – antes uma agremiação cultural de estudantes hauçás em um partido político de caráter conservador (KI-ZERBO, 2002).

Apesar do esforço empreendido pelas autoridades britânicas e lideranças políticas do Sul, a Constituição Macpherson (1951) não foi outorgada. Entretanto, a mobilização que ela proporcionou ajudou no “aprimoramento” do sistema federal nigeriano que era predominantemente descentralizado (KI-ZERBO, 2002). Ao mesmo tempo em que uma onda nacionalista aumentava, fazendo com que os partidos do Sul – tanto o da região Oriental (de maioria ibo) representado pelo NCNC como na região Ocidental (de maioria iorubá), tendo no *Action Group* sua principal representação política – solicitassem a Independência da Nigéria para o ano de 1956.

Entretanto, o regionalismo ainda tinha grande força no país, fazendo com que a região Norte – por medo de não se adequar ao modo de vida ocidental, provavelmente exigido com o fim do sistema colonial – se opusesse a essa solicitação, o que fez com que as negociações pela independência do país demorassem mais alguns anos. Em 1957, num encontro realizado com as lideranças nigerianas em Londres, decidiu-se que a Nigéria teria como Primeiro-ministro Tafawa Balewa, um dos líderes da região Norte e principal figura do *Northern People's Congress*. Assim, o novo governo estabeleceu que em 1960 seria o ano da Independência da Nigéria, e assim o fez, apesar de contratempos (KI-ZERBO, 2002).

## 2.2 CONFLITOS INTERNOS NA NIGÉRIA E SURGIMENTO DA REPÚBLICA DE BIAFRA

A declaração de Independência da República de Biafra foi consequência de conflitos internos que vinham assolando a Nigéria. Em 1966, essas hostilidades chegaram ao seu ápice após dois golpes de estado executados por oficiais do exército nigeriano, o primeiro, em janeiro e o segundo em julho daquele ano.

O primeiro golpe, ocorrido entre 14 e 15 de janeiro de 1966, foi orquestrado por oficiais de baixa patente das forças armadas nigerianas. Na ocasião, o presidente Nnamdi Azikiwe estava em Londres, para ser submetido a um processo cirúrgico. Nessa ação, o objetivo era matar os principais líderes políticos, dentre eles o próprio Sardauna de Sokoto<sup>19</sup>, Ahmadu Bello, que à época era o Primeiro-ministro da região Norte do país, de maioria hauçá e muçulmana.

Segundo declaração de Major Nzeogwu, um dos líderes da operação, esse primeiro golpe tinha como intuito livrar a Nigéria de líderes corruptos e os organizadores dessa ação não tinham previsto que este acontecimento intensificaria as hostilidades entre os diferentes povos do país. Após o golpe, ele teria declarado em uma rádio local:

Nossos inimigos são os aproveitadores e escroques políticos, situados nos cargos mais altos e também nos mais baixos, homens que procuram os subornos e exigem a comissão de dez por cento para aprovarem qualquer negócio, aqueles que se empenham em manter o país permanentemente dividido a fim de que possam permanecer no poder, como os Ministros e capitalistas, os tribalistas, os nepotistas, todos os que fazem a Nigéria parecer grande por fora nos círculos internacionais, sem que haja qualquer esteio interno. (apud FORSYTH, 1977, p. 37)

Além do Sardauna, os revoltosos tinham interesse em assassinar outros políticos importantes da região e militares de alta patente que, teoricamente, estariam envolvidos nos esquemas de corrupção do governo. Então, enquanto uma frente atacava na região Norte, outro grupo de militares atuava em Lagos, onde três oficiais de alta patente nortistas e o Primeiro-ministro da Nigéria Balewa foram assassinados.

Como muito dos mentores do golpe eram de origem oriental e eles não realizaram nenhuma ação na região dos ibos, logo a população passou a atribuir os ataques de janeiro

---

<sup>19</sup> De acordo com o Historical Dictionary of Nigeria (2009), Sardauna seria um título especial que teria como significado "líder de guerra". Não obstante, para além de uma autoridade política e militar, o Sardauna de Sokoto era a principal liderança religiosa para os hauçás islâmicos.

aos ibos, desconsiderando ou minimizando a participação de militares de outras regiões na execução desse plano. Como afirma o autor:

Um dos principais argumentos de que o golpe de 15 de janeiro foi planejado pelos ibos, visando a dominar a Nigéria, sempre foi o de não ter ocorrido nenhuma tentativa de tomar o poder em Enugu. Mas os fatos não confirmam essa teoria. (FORSYTH, 1977, p. 39)

Por outro lado, o General Johnson Aguiyi-Ironsi (1924-1966) – que conseguiu frustrar os objetivos dos insurgentes no golpe de janeiro e, por conta disso, assumiu o poder da Nigéria –, visando estabelecer a ordem na Nigéria, suspendeu o artigo que instituía o cargo de Presidente da República e nomeou um governador militar para cada uma das quatro regiões do país. Esses governadores juntos compunham o Conselho Supremo Militar, que ainda contava com representantes das forças armadas e o chefe do Estado-Maior-General.

Para restabelecer a ordem abalada durante o golpe frustrado de janeiro, Ironsi criou o seguinte plano de governo:

[...] O Governo acabaria com o regionalismo, devendo o etnocentrismo tribal dar origem ao espírito nacional. A corrupção seria extirpada. O número de ministros foi reduzido para evitar despesas extravagantes. Para se conseguir o equilíbrio orçamental, as despesas seriam reduzidas ao máximo. Haveria um controle severo sobre as despesas do Estado. Seriam respeitadas todas as obrigações financeiras e acordos assinados pelo antigo Governo federal. Um plano de fomento de seis anos seria posto em execução, dando prioridade ao desenvolvimento da indústria siderúrgica. (DOS SANTOS, 1968, p. 109)

Com o modelo de administração implementado pelo General Ironsi, os governadores militares regionais concentravam os poderes sobre as áreas que comandavam. A Nigéria era uma República Federativa, onde as entidades federadas gozavam de certa liberdade administrativa. Entretanto, em 24 de maio de 1966, o país deixou de ser uma federação para tornar-se uma república unitária, com o poder centralizado, na qual as regiões que antes possuíam certa autonomia na condução de suas políticas internas passariam a ser províncias submetidas ao poder central do general ibo.

Dias após o Decreto de 24 de maio ser sancionado pelo General Ironsi, houve uma onda de violência no Norte do país contra os ibos, a qual foi atribuída a uma insatisfação da região de maioria hauçá com o decreto (leia-se a elite regional), pois acreditava-se que ele favoreceria o predomínio dos ibos sobre os demais povos do país. Como resultado,

aproximadamente três mil cidadãos<sup>20</sup> advindos do sudeste do país, em sua maioria ibos, foram assassinados pelos nortistas (Dos Santos, 1968). Os tumultos de maio levaram uma série de ibos e orientais de etnias minoritárias a fugir para o Leste. Entretanto, eles foram estimulados pelo General Ironsi e pelo Governador Ojukwu a retornar a suas casas e empregos, a partir de garantias oferecidas por Hassan Katsina, Governador do Norte (ACHEBE, 2012).

Esse episódio pode ser explicado pela desigualdade na capacitação dos cidadãos das regiões Norte e Sul da Nigéria, especialmente os do leste da última região. Além disso, também marca uma mudança de posicionamento político dos nortistas e orientais em relação à forma do Estado. Como discorre Dos Santos (1968):

Os Haússas viram no Decreto nº 34 a prova evidente do desejo de dominação dos Ibos. E, coisa curiosa foram os Haússas que durante muito tempo se opuseram à ideia da Federação; os dirigentes muito tempo se opuseram à ideia da Federação; os dirigentes ibos foram praticamente os únicos a acreditar seriamente nela. Agora, são os Haússas a insurgirem-se contra a extinção das instituições federais e são os Ibos a secundar os esforços unificadores de Ironsi. (DOS SANTOS, 1968, p. 110-111)

A partir dos eventos de maio, General Ironsi decidiu fazer uma excursão pelo interior do país, a fim de tentar uma solução para a tensão cada dia maior na Nigéria e, sobretudo, compreender a vontade do povo em relação aos rumos do país (FORSYTH, 1977). Assim:

Em junho, várias reuniões aconteceram entre a elite governante do norte da Nigéria. Eles enviaram representantes para se encontrar com o agora General Ironsi, entregando-lhe uma lista de suas reivindicações que incluíam a revogação do impopular Decreto 34; a corte marcial e punição dos líderes do golpe de 15 de janeiro de 1966; e a descontinuação de quaisquer planos para investigar os fundamentos dos massacres de maio de 1966 no Norte. (ACHEBE, 2012, p. 81)<sup>21</sup>

A despeito dos esforços realizados pelo General Ironsi, na noite de 28 de julho daquele ano, um novo golpe militar foi colocado em prática. Dessa vez, o motim teve início com ações na região Ocidental. Os militares nortistas, comandados por um oficial hauçá, tomaram o quartel de Abeokuta. Os soldados primeiro foram até o rancho dos oficiais,

<sup>20</sup> Esse número é o mesmo apresentado por Seibert (2018, p. 265), que afirma: “[...] the controversial decree provoked riots in the Hausa North that killed over 3,000 Igbo residents”.

<sup>21</sup> By June several meetings had taken place among the Northern Nigerian ruling elite. They sent representatives to meet with now general Ironsi, handing him a list of their demands that included the revocation of the unpopular Decree 34; the court-martial and punishment of the leaders of January 15, 1966, coup; and the discontinuation of any plans to investigate the underpinnings of the May 1966 massacres in the North. (ACHEBE, 2012, p. 81)

próximo à meia-noite, e executaram três oficiais orientais, então desarmaram os militares sulistas e os prenderam, separando-os dos demais. Pela manhã, estes militares foram fuzilados pelos amotinados (FORSYTH, 1977).

O golpe foi coordenado com a ajuda de outros militares nortistas que atuavam nos Batalhões localizados em Ikeja e em Ibadan. Nesse momento, o General Ironsi encontrava-se na cidade de Ibadan. Um dos orientais presos no quartel de Abeokuta, conseguiu escapar e ligar para o Quartel-General do Exército em Lagos e contactar o Tenente-Coronel Gowon, a notícia chegou ao General Ironsi, entretanto já era tarde demais (FORSYTH, 1977).

Os soldados sulistas da guarda pessoal de Ironsi haviam sido desarmados por seus colegas nortistas antes da meia-noite, com a ajuda de 24 outros soldados nortistas despachados do quartel do Quarto Batalhão, em Ibadan. (FORSYTH, 1977, p. 55)

Encontrou-se depois o cadáver do General Ironsi junto com de outros militares de alta patente que o acompanhavam. Eles haviam sido torturados e metralhados por soldados do Quarto Batalhão e abandonados em lugar ermo. A onda de terror continuou com mais fuzilamento de orientais do exército. Até que, no dia 30 de julho pela tarde, o Coronel Akahan parabenizou os soldados amotinados e ordenou que parassem com os massacres, pois a situação já estaria equilibrada naquele momento (FORSYTH, 1977).

O segundo homem forte da Nigéria, que teria a incumbência de substituir General Ironsi, era o General-de-Brigada Ogundipe. Entretanto quem assumiu essa posição de líder supremo do país foi o então Tenente-Coronel Yakubu Gowon, sob alegação de que seria o único capaz de acalmar os ânimos e estabelecer a ordem abalada pelos últimos acontecimentos no país. Muito provavelmente porque "era filho de um ministro metodista e fora educado numa missão evangelista, numa das menores tribos do Norte, a sho-sho" (FORSYTH, 1977, p. 64). Assim, Gowon seria um nortista, como os hauçás, mas ele pertencia a uma minoria cristã, o que poderia gerar uma maior identificação e menor temor por parte dos ibos, descritos pela historiografia como um povo cristão.

Às populações do Norte, Gowon inspirava mais confiança que o brigadeiro Ogundipe, o oficial ioruba de mais alta patente do exército nigeriano, que, para se arrear o problema, foi nomeado alto-comissário em Londres... O tenente-coronel Gowon sentiu o apoio do Norte e do Oeste. (DOS SANTOS, 1968, p. 112)

Entretanto, o Leste, representado pelo Coronel Ojukwu, nunca reconheceu o governo

de Gowon como legítimo. Segundo Forsyth (1977, p. 63), "o Coronel Gowon nomeou-se a si mesmo ou foi nomeado pelos amotinados, nos três dias seguintes ao golpe de 29 de julho". Além disso, o não reconhecimento de Gowon como novo líder da Nigéria baseava-se na sua posição abaixo de Ojukwu na linha sucessória de comando (SEIBERT, 2018).

Após o contragolpe de julho de 1966, o clima de tensão entre os diferentes povos nigerianos se acentuou profundamente. Para tentar amenizar os ânimos e arranjar soluções que minimizassem os danos causados pelos recentes acontecimentos políticos, o Presidente Gowon convocou reunião com os quatro Governadores-Militares da Nigéria e o Comandante Supremo. A Conferência foi realizada em Lagos, entre 8 e 9 de agosto de 1966.

Dentre as recomendações aprovadas por unanimidade nesse encontro estavam pontos como: o retorno das tropas aos seus quartéis de origem e o compromisso de uma outra reunião com o intuito de decidir os rumos políticos da Nigéria. Entretanto, mesmo com a aprovação unânime dos termos, apenas a realização da reunião foi cumprida, apesar de atrasos. Sobre o retorno das tropas para suas regiões de origem, Forsyth (1977, p. 72) afirma que "embora frequentemente ignorado mais tarde, por todos que analisaram a crise nigeriana, esse acordo poderia ter salvo a Nigéria se fosse cumprido". A Conferência Constitucional, que deveria ocorrer uma semana após a Conferência de Lagos, demorou pouco mais de um mês para ser realizada, em 12 de setembro de 1966 (DOS SANTOS, 1968).

A delegação do Norte, assim como as demais representações regionais que participaram desse encontro, defendia um modelo de Confederação, em que os estados possuiriam estruturas próprias de administração e de defesa, como forças armadas e polícias próprias, e que a União possuiria um exército conjunto, em que cada região cederia parte de seus membros para compô-lo. Além disso, cada estado membro da Nigéria poderia por decisão unilateral, a qualquer tempo, tornar-se um Estado independente (DOS SANTOS, 1968). A posição do Leste, que antes defendia veementemente a administração centralizada, foi explicada posteriormente pelo Coronel Ojukwu com a seguinte frase: "É melhor nos afastarmos e sobrevivermos. Seria pior nos aproximarmos e perecermos na colisão" (apud FORSYTH, 1977, p. 74).

Contudo, após o retorno do recesso de alguns dias na Conferência, a delegação do Norte voltou atrás na sua proposta, causando grande surpresa aos demais membros do encontro. As delegações do Meio-Oeste, de Lagos e do Oeste concordaram com os termos apresentados pelo Norte, entretanto o Leste manteve-se firme na sua posição à favor da Confederação por entender que seria o único modelo que poderia vir a resguardar sua

população, que já havia passado por episódios de massacre em outras regiões da Nigéria, especialmente no Norte do país (DOS SANTOS, 1968).

Em meio a este processo, as tensões entre os diferentes povos e regiões da Nigéria eram acentuadas. Em 29 de setembro, na região Norte, ocorreu “a mais terrível perseguição contra os Ibos” (DOS SANTOS, 1968, p. 117).

Os massacres começaram em Kano. As turbas, sedentas de ódio e de vingança, juntaram-se aos soldados do 5.º Batalhão, estacionado na cidade. A notícia de que no Leste os Haússas estavam sendo vítimas de perseguições e assassinatos mais exaltou os espíritos. Os soldados e os civis vasculharam por toda a Kano, no aeroporto, na estação, nos hotéis, nas casas comerciais e cafés, onde houvesse ibo para matar. Por toda parte se ouvia este grito: “Ina Nyammari”<sup>22</sup>. (DOS SANTOS, 1968, p. 117)

Kano não foi a única cidade de região Norte em que essa onda de terror aconteceu. Segundo Dos Santos (1968, p. 117), “o extermínio dos Ibos atingiu o seu paroxismo em Kano, Kaduna, Jós, Zária, e numa dúzia de outros lugares”. A onda de violência foi tanta que atingiu inclusive passageiros que já haviam embarcado no voo da *British Overseas Airways Corporation* (BOAC), companhia de aviação britânica que atuava em território nigeriano. Como pode-se ler abaixo:

Em 29 de setembro, soldados do 5º Batalhão em Kano retiraram refugiados ibos de uma aeronave B.O.A.C. e atiraram neles. Tropas e turbas correram pelos sabon gari (bairros dos estrangeiros) de todas as principais cidades do Norte, matando, saqueando e ateando fogo. A polícia, que agiu com coragem e humanidade durante os distúrbios de maio, ficou gravemente paralisada desde o início porque três de seus oficiais ibo foram baleados por tropas do Norte em Kaduna e a força estava preocupada com a evacuação de seu próprio numeroso pessoal ibo quando o impacto total do novo surto a atingiu. (DE ST. JORRE, 1972, p. 84)<sup>23</sup>

A partir da leitura de John de St. Jorre (1972), nota-se que nem a polícia da região Norte possuía algum controle sobre os ataques que estavam sendo realizados contra os ibos. Pois, até mesmo oficiais da corporação, também pertencentes àquele grupo étnico, foram alvo desses conflitos. Achebe (2012) descreve como se deu esse massacre e a sua

<sup>22</sup> Segundo Dos Santos (1968) e Forsyth (1977), esse grito de guerra significaria “Onde estão os malditos ibos?”.

<sup>23</sup> On 29th September soldiers from the 5th Battalion in Kano tore Ibo refugees off a B.O.A.C. aircraft and shot them. Troops and mobs raced through the sabon gari (strangers' quarters) of all major towns in the North, killing, looting and burning. The police, who had acted with courage and humanity during the May riots, were seriously paralysed from the outset because three of their Ibo officers had been shot by Northern troops in Kaduna and the force was preoccupied with the evacuation of its own numerous Ibo personnel when the full impact of the new outbreak struck it. (DE ST. JORRE, 1972, p. 84)

repercussão.

[...] os nortistas se voltaram contra os civis ibos que viviam no Norte e desencadearam ondas de massacres brutais que Colin Legum do The Observer (Reino Unido) foi o primeiro a descrever como um pogrom<sup>24</sup>. Trinta mil homens, mulheres e crianças civis foram massacrados, centenas de milhares foram feridos, mutilados e violados, suas casas e propriedades saqueadas e queimadas - e ninguém fez qualquer pergunta. Na época, um serra-leonês que vivia no Norte da Nigéria escreveu horrorizado: “O assassinato dos ibos se tornou uma indústria estatal na Nigéria”. (ACHEBE, 2012, p. 82)<sup>25</sup>

Achebe (2012) afirma ter havido trinta mil mortes de civis ibos, entre adultos e crianças. Entretanto, segundo De St. Jorre (1972), do início dos massacres de 1966 até o período da Guerra Civil, as estimativas relativas à quantidade de mortos divergiam entre mais de 7 mil até 50 mil pessoas. O autor, no entanto, acredita que o número tenha sido muito inferior aos 30 mil descritos por Achebe, afirmando que “as estimativas mais confiáveis convergem entre seis e oito mil”, concluindo ainda que “centenas de nortistas foram mortos em represálias no Leste” (DE ST. JORRE, 1972, p. 86)<sup>26</sup>. Patrick Charaudeau, ao abordar a questão da *opinião pública* a partir da construção de uma identidade coletiva, traz à tona as relações conflituosas entre grupos distintos, que são o ponto de partida de eventos como os relatados acima. Segundo o autor:

[...] Pode acontecer também que, subitamente (mas a coisa terá mudado progressivamente com o tempo), haja a tomada de consciência por um dos grupos de que não pode aceitar a coexistência com outro grupo dentro de um mesmo território, e que, sentindo-se mais forte, deve eliminá-lo de maneira mais ou menos radical. Trata-se aqui de todos os casos dramáticos de guerra entre etnias que resultam muitas vezes em massacres, e mesmo em genocídios. (CHARAUDEAU, 2016, p. 32)<sup>27</sup>

<sup>24</sup> Pogrom é um termo russo, apropriado pela língua inglesa, sem tradução literal para o português. Segundo a Holocaust Encyclopedia, o termo significa “causar estragos, destruir violentamente” um grupo étnico específico, tendo se popularizado na designação da perseguição histórica contra os judeus. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>. Acesso em: 8 de maio de 2019.

<sup>25</sup> [...] the Northerners turned on Igbo civilians living on North and unleashed waves of brutal massacres that Colin Legum of The Observer (UK) was the first to describe as a pogrom. Thirty thousand civilian men, women, and children were slaughtered, hundreds of thousands were wounded, maimed, and violated, their homes and property looted and burned - and no one asked any question. A Sierra Leonean living in Northern Nigeria at the time wrote home in horror “The killing of the Igbos has become state industry in Nigeria”. (ACHEBE, 2012, p. 82)

<sup>26</sup> “the most reliable estimates converge on between six and eight thousand [...] several hundred Northerners were killed in reprisals in the East” (DE ST. JORRE, 1972, p. 86)

<sup>27</sup> A acepção de etnia nesse excerto deve ser tomada a partir de uma ideia de grupo político-identitário de pertencimento, não de uma percepção colonialista e preconceituosa do termo, para não ocorrer a falsa ideia de que se pretende com ela reforçar uma ideia de “tribalismo” dos povos africanos. Exemplificando: essa citação se enquadraria tanto no massacre promovido pelos “arianos” aos judeus durante o holocausto como no conflito

A relação conflituosa entre os povos nigerianos é descrita por Achebe (2012) a partir do que ele caracteriza como “Ressentimento” dos demais em relação ao grupo identitário ibo. Além disso, Achebe destaca que a tensão entre ibos, iorubás e hauçás/fulas não foi inaugurada nesse período entre os golpes de estado da Nigéria, ela seria “tão antiga e complicada como a própria Nigéria”.

A origem do ressentimento nacional contra os ibos é tão antiga quanto a Nigéria e igualmente complicada. Mas pode ser resumido assim: a cultura ibo, sendo receptiva à mudança, individualista e altamente competitiva, deu ao homem ibo uma vantagem inquestionável sobre seus compatriotas em garantir credenciais para o avanço na sociedade colonial nigeriana. Ao contrário do hauçá/fula, ele não era impedido por uma religião cautelosa e, ao contrário dos iorubás, não era impedido pelas hierarquias tradicionais. Esse tipo de criatura, sem temer a nenhum deus e nenhum homem, foi feito sob medida para aproveitar as oportunidades, tais como eram, das dispensações do homem branco. (ACHEBE, 2013, p. 74)<sup>28</sup>

Assim, segundo a visão de Achebe (2012), entende-se que a população ibo possuiria certa “vantagem” em relação aos demais povos, por, teoricamente, não estar submetida a entraves religiosos e sociais, podendo atuar em quaisquer segmentos onde percebesse oportunidade. Dessa forma, conseguiriam maior ascensão social e financeira, o que causaria desconfiança por parte dos membros dos outros povos. Essa vantagem ibo seria explicada pelo acordo entre os emires e o governo britânico que barrava a instalação de missões cristãs no Norte do país, já que grande parte da *intelligentsia* ibo teria estudados em escolas dessas missões.

Ainda sobre os massacres, Forsyth (1977) afirma que, na manhã seguinte aos acontecimentos, “os caminhões de lixo municipais foram despachados para recolher os cadáveres e jogá-los em covas coletivas fora da cidade”, além de deixar claro que “o número de mortos jamais será conhecido com certeza, mas não foi certamente inferior a mil” (p. 78).

Assim, os ibos que, por sorte ou estratégia, conseguiram sobreviver aos ataques, buscaram retornar à região Oriental, território cuja maior parte da população era proveniente desse mesmo grupo étnico, lugar onde teriam maior segurança. Este êxodo de ibos da região

---

entre tutsis e hutus, em Ruanda, em 1994.

<sup>28</sup> The origin of the national resentment of the Igbo is as old as Nigeria and quite as complicated. But it can be summarized thus: The Igbo culture, being receptive to change, individualistic, and highly competitive, gave the Igbo man an unquestioned advantage over his compatriots in securing credentials for advancement in Nigerian colonial society. Unlike the Hausa/Fulani he was unhindered by a wary religion, and unlike the Yoruba he was unhampered by the traditional hierarchies. This kind of creature, fearing no god no man, was custom-made to grasp the opportunities, such as they were, of the white man's dispensations. (ACHEBE, 2013, p. 74)

Norte provocou uma grave crise humanitária. Segundo Seibert (2018, p. 265), “estima-se que 1,8 milhão de pessoas voltaram do Norte para o Leste”<sup>29</sup>. Para tentar resolver a questão dos refugiados, convocou-se a Conferência de Aburi, em Gana, nos dias 4 e 5 de janeiro de 1967. A reunião em questão foi a última tentativa de impedir a secessão do território comandado pelo Governador Ojukwu, entretanto, ela não foi suficiente para resolver este problema.

### 2.3 INÍCIO DOS CONFLITOS E REPERCUSSÃO

Pouco mais de vinte anos após o final da Segunda Guerra Mundial - que introduziu de certa forma todas as tecnologias que a sucederam ao nível de telecomunicações -, o mundo voltava-se agora seus olhos para um conflito em território africano, fruto dos processos de descolonização que também estão intrinsecamente ligados ao advento da Segunda Grande Guerra. Agora, a ex-colônia britânica enfrentava um conflito interno, causado por disputas políticas pelo poder central do país após a independência em 1960.

As hostilidades que começaram com golpes militares com a finalidade de restabelecer a “moralidade” no governo nigeriano, que sofria com várias acusações de corrupção, culminaram com a exacerbação da rivalidade entre as elites dos principais grupos étnicos da Nigéria: ibos, iorubás e hauçás/fulas - refletida posteriormente em massacres entre populares – e com a consequente independência da República de Biafra em 30 de maio de 1967. Antes de tornar-se independente oficialmente, Ojukwu já havia deixado de repassar valores arrecadados na região para o governo central:

Em março, Ojukwu anunciou que a partir de 1º de abril o governo da Região Leste assumiria todos os departamentos federais, impostos e outras receitas, essencialmente tornando a região administrada independente. Gowon respondeu bloqueando a costa e instituindo sanções econômicas contra o Leste. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 175)<sup>30</sup>

Essas ações foram a gota d’água para a tensão que já estava instaurada na Nigéria. O conflito bélico teve início em 6 de julho de 1967, com o avanço das tropas federais sobre as

---

<sup>29</sup> “an estimated 1.8 million people, returned from the North to the East”. (SEIBERT, 2018, p. 265)

<sup>30</sup> In March Ojukwu announced that as of April I the government of the Eastern Region would take over all federal departments, taxes, and other revenues, essentially making the region independently administrated. Gowon responded by blockading the coast and instituting economic sanctions against the east. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 175)

idades biafrenses de Nsukka e Ogoja, os militares nigerianos tinham recebido ordens de tomarem esses territórios e de prenderem o líder de Biafra, Coronel Ojukwu. No mesmo ano, em 9 de agosto, o exército biafrense ocupou a região do Meio-Oeste, com o objetivo de "libertar" a região do autoritarismo do governo federal. Em 20 de setembro, essa região anunciou a sua própria independência proclamando-se "República Autônoma do Benim", entretanto, no mesmo dia a secessão foi suprimida pelas tropas federais nigerianas. Poucos dias antes desse evento, de 11 a 14 de setembro de 1967, em Kinshasa, aconteceu a V Conferência dos Chefes de Estado e de Governo da Organização da Unidade Africana (OUA). Nessa conferência, decidiu-se pela manutenção das fronteiras, herdadas do período colonial, e, declaradas intocáveis pela OUA, em 1963, por esse motivo, apoiar o Governo Federal da Nigéria contra a secessão biafrense (DOS SANTOS, 1968).

Com o intuito de acabar o mais rapidamente com o conflito bélico, desde a declaração de independência da República de Biafra pelo coronel Ojukwu, o governo nigeriano estabeleceu sanções para “sufocar” o território secessionista recém-criado. Até que algumas das ações do governo nigeriano passaram a chamar a atenção da imprensa internacional:

[...] A guerra conduzida por Lagos tornou-se um motivo de horror aos olhos do mundo inteiro. A exterminação pelos bombardeamentos, pelo bloqueio económico e pela fome, pela recusa de negociações e sabotagem das conferências de paz é simplesmente, no princípio do Outono de 1968, a matéria de uma discussão académica ou da apreciação caprichosa de peritos. Mas é um facto. Um povo acorrentado à necessidade de proclamar a sua independência pela discriminação política e pela destruição física caminha lentamente para o calvário. (BUHLER, 1969, p. 185)

Jean Buhler (1969) continua sua argumentação afirmando que as conferências realizadas em função do conflito não foram bem-sucedidas devido à relação de poder desigual entre as partes envolvidas. Enquanto os representantes do Estado de Biafra tinham ciência de suas dificuldades, especialmente em relação à miséria que o povo passou a enfrentar com a guerra, por outro lado, a Nigéria apoiada pela antiga metrópole britânica e a União Soviética sabia que se encontrava em uma situação favorável.

Assim, na Conferência de Adis-Abeba (1968), a República de Biafra pediu que a paz fosse restabelecida, a partir do seguimento de determinadas condições:

1. suspensão imediata das operações em terra, no mar e no ar e a discussão de termos de um cessar fogo;
2. supressão imediata do bloqueio econômico organizado pela Nigéria;

3. retirada das tropas para trás das fronteiras de antes da guerra, de maneira a permitir o regresso dos refugiados à sua terra. (BUHLER, 1969, p. 191)

Além dessas principais exigências, o governo liderado pelo Coronel Ojukwu, a fim de efetivar os pedidos acima, solicitou também que fossem implementados mecanismos de controle para verificar o andamento das negociações, que tinham como principal função a análise, por parte de estrangeiros neutros de quaisquer violações que infringissem o cessar fogo (BUHLER, 1969).

O acordo proposto pelo território secessionista também tinha uma visão voltada para o futuro em que estabelecia que a Nigéria deveria se responsabilizar em pagar indenizações aos biafrenses pelas vidas e bens perdidos, além da realização de um plebiscito para que o povo opinasse sobre os rumos da nação, dentre outros pontos importantes. Entretanto a resposta da Nigéria foi de que os biafrenses deveriam abandonar a luta e confiar no governo nigeriano (*Ibid.*).

O conflito nigeriano-biafrense, entretanto, foi além dos limites fronteiriços e teve repercussão em vários cantos do mundo, sobretudo no que diz respeito aos apoios militares e humanitários recebidos por ambos os lados.

A guerra de Biafra constituiu-se perfeitamente em “uma guerra mundial em miniatura”, salvo pela não intervenção do fator nuclear. O apoio dado pela França a Biafra era contrabalanceado pelo apoio dos britânicos à Nigéria federal; a ajuda material oferecida por Israel a Biafra tinha como contrapartida a presença dos pilotos cedidos pelo Egito à aviação federal; e o apoio da África do Sul e dos rodesianos brancos a Biafra opunha-se à atitude da Organização pela Unidade Africana, favorável à manutenção da integridade territorial da Nigéria. Até mesmo os chineses intervieram em favor de Biafra para contrabalançar o apoio dado pelos soviéticos à Nigéria. (MAZRUI; WONDJI, 2010, p. 14)

Segundo Dos Santos (1968), logo nos primeiros momentos da guerra, em julho de 1967, o Papa Paulo VI (1963-1978) apelou aos dirigentes da Nigéria e de Biafra para finalizar o conflito bélico. Apesar da intensa participação das principais potências mundiais, direta ou indiretamente no conflito, e do apoio de muitas delas à causa biafrense ou pelo menos nas ações de ajuda humanitária aos civis de Biafra, apenas cinco países reconheceram diplomaticamente a República de Biafra.

Em 1968, Biafra foi reconhecido pela Tanzânia, Gabão, Costa do Marfim e Zâmbia, principalmente para forçar a Nigéria a negociar um acordo de paz com Ojukwu para acabar com o sofrimento da população de Biafra. Em

março de 1969, o Haiti se tornou o único país não africano a reconhecer Biafra. (SEIBERT, 2018, p. 266)<sup>31</sup>

França e Portugal, apesar de apoiarem militarmente e com ajuda humanitária a República Biafrense, não chegaram a reconhecer oficialmente a região como um país independente. Entretanto, o apoio do regime Salazarista foi de extrema importância para os biafrenses, para além do envio de suprimentos bélicos e de ajuda humanitária, Portugal permitiu o uso de aeroportos como os de suas então colônias em África, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau, assim como dos localizados em Lisboa e Faro, únicas ligações diretas com a Europa. Salazar também facilitou a comunicação da república secessionista com o mundo exterior, com o fornecimento de uma linha de telex. A ligação entre os dois governos era tanta que o Banco Central de Biafra passou a imprimir suas moedas em território português. (SEIBERT, 2018). A necessidade da República de Biafra de emitir notas novas deu-se pois:

No final de 1967, o governo nigeriano anunciou inesperadamente que emitiria novas notas de moeda em dezenove dias, o que tornaria as notas antigas sem valor. Essa era uma ameaça séria, já que Biafra costumava converter reservas apreendidas de moeda nigeriana em moeda estrangeira para financiar suprimentos militares. (SEIBERT, 2018, p. 272)<sup>32</sup>

A França, por sua vez, foi um ator fundamental durante a guerra civil nigeriana. Em 31 de julho de 1968, De Gaulle, presidente da França à época, em declaração reconheceu o direito dos biafrenses à autodeterminação. Em resposta, o governo de Gowon acusou-o de ter interesses econômicos na secessão biafrense, apoiando-se num documento em que o líder biafrense concederia o monopólio de prospecção e exploração do petróleo biafrense ao Banco Rothschild de Paris por 10 milhões de libras (DOS SANTOS, 1968). Sitbon (2000) parte desse mesmo pressuposto, ao compreender que a secessão biafrense foi realizada sobretudo para atender a interesses franceses em África. Segundo o autor, a França via na Nigéria um perigo para seus interesses em África devido à sua imponente, tendo então como alternativa fragmentá-la:

<sup>31</sup> In 1968 Biafra was recognized by Tanzania, Gabon, Ivory Coast, and Zambia, predominantly to force Nigeria to negotiate a peace settlement with Ojukwu to end the suffering of Biafra's population. In March 1969, Haiti became the only non-African country to recognize Biafra. (SEIBERT, 2018, p. 266)

<sup>32</sup> In late 1967 the Nigerian government unexpectedly announced that it would issue new currency notes within nineteen days, which would render the old notes worthless. This was a serious threat, since Biafra was used to converting seized reserves of Nigerian currency into foreign exchange to finance military supplies (SEIBERT, 2018, p. 272).

A *Françafrique* apoiou-se então nos ibos, encorajando o coronel Ojukwu a proclamar a secessão daquilo a que se chamou o Biafra, em nome de um nacionalismo etnicista ibo que acabava de se inventar. Não estava na sequência do "direito dos povos a dispor de si próprios"? Qualquer que tenha sido o grau de má fé dessa retórica, não deixava de ser perfeita aos olhos de quem a concebia. (SITBON, 2000, p. 51)

A saga dos ibos e biafrenses pela manutenção da república secessionista teve seu fim trinta meses após o início dos conflitos. O “pôr do sol de Biafra”, termo usado por De St. Jorre (1972), ocorreu oficialmente em 15 de janeiro de 1970, mas ele teve início em 22 de dezembro de 1969, quando o exército nigeriano conseguiu o seu intento de dividir a terra dos ibos em duas partes. Não havia mais o que ser feito. Assim, Ojukwu deixou o país no dia 11 de janeiro com uma comitiva em direção a Costa do Marfim e a República de Biafra rendeu-se com uma quantidade de mortos que varia entre 1 e 3 milhões de pessoas (SEIBERT, 2018). Há outras estimativas de que haveria entre 1 milhão e 6 milhões de mortos, entretanto não há dados oficiais sobre isso, assim como sobre as crianças que foram evacuadas do país e que nunca retornaram (ÂNGELO, 2018).

Segundo Falola e Heaton (2014), o processo de reconciliação no pós-guerra começou imediatamente, sobretudo da política do governo Gowon de que "não houve vencedores nem perdedores na "guerra dos irmãos"" (*Ibid.*, p. 180)<sup>33</sup>. Assim, O governo central nigeriano adotou algumas medidas para sanar as feridas que causaram a guerra e as que foram abertas por ela. Segundo Oliveira (2014), as principais ações nesse sentido foram: a mudança da capital do país de Lagos para Abuja, pois essa cidade estaria localizada em uma "região identitária neutra"; a obrigatoriedade de prestação de serviço pelos jovens nigerianos durante um ano em estado diferente do qual eram originários; além da nacionalização das terras do Estado. Outro aspecto não menos relevante e talvez um dos que mais tenha evidenciado o caráter reconciliatório do pós-guerra foi a reincorporação ou a contratação dos servidores públicos e dos membros do exército biafrense para a estrutura administrativa e militar nigeriana.

Apesar disso, completados 50 anos do fim das hostilidades, ainda hoje o conflito repercute no cotidiano da Nigéria. Em 2017, aconteceram as chamadas “lutas pela alma da Nigéria”, movimentos políticos de cunho separatistas, especialmente ligados a questões étnicas. A exemplo de um grupo intitulado *Arewa Youths*, de hauçás nortistas que ordenaram que os ibos se retirassem do Norte até 1º de outubro de 2017 ou seriam expulsos. Por esse motivo, o grupo pró-Biafra intitulado, *Indigenous People of Biafra* (IPOB), convocou os

---

<sup>33</sup> "there had been no winners or losers in the "war of brothers"" (FALOLA; HEATON, 2014, p. 180)

ibos a retornarem para a região sudeste e recriarem a República de Biafra. (MANNARINO, 2019).

Nota-se que, mesmo após mais de meio século do início da Guerra Civil Nigeriana, as feridas abertas pelo conflito ainda não foram cicatrizadas. Apesar de não haver uma guerra civil declarada e do governo central nigeriano evitar o assunto da secessão ocorrida na década de 1960, ela ainda ronda o imaginário do povo nigeriano e afeta profundamente as relações entre os diferentes povos que compõem esse país. Para Mannarino (2019, p. 185), “o simples fato de existirem grupos separatistas e vozes demandando uma "reconfiguração nacional" comprovam que a Nigéria efetivamente não está consolidada”.

A discussão sobre os limites conceituais de ‘nação’ e as questões práticas de sua definição é especialmente complexa<sup>34</sup>. A existência de tensões internas, *per si*, não significa uma “não consolidação” de um Estado. Essa é uma realidade experienciada em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, em que há um movimento intitulado “O Sul é o meu país”, que defende a separação da região em questão do restante do Brasil.

Ekwe-ekwe (2018), um acadêmico ibo, defende que, a partir massacres de 1966 até o fim da Guerra de Biafra, o Estado Nigeriano teria promovido, conscientemente, um genocídio da população ibo e que este foi o marco inicial de um Estado Africano genocida. Ele categoriza esse marco inicial como “o genocídio fundador da África pós-colonização europeia” (EKWE-EKWE, 2018, p. 140). Para o autor, “o genocídio igbo foi imposto, de maneira devastadora, pelo bloqueio terrestre, aéreo e naval simultâneo praticado pela Nigéria e pelo bombardeio de Igboland, a região de maior densidade populacional africana fora do delta do Nilo” (*Ibid.*, p. 141).

Em seu artigo, o pesquisador questiona o tratamento de maior parte dos líderes africanos e, especialmente, da ONU em relação à Guerra Civil Nigeriana e o silenciamento contra o que ele denomina de “genocídio ibo”. Ambos afirmavam que o que se passava na Nigéria à época eram “assuntos internos”, o que invalidaria uma intervenção internacional:

Apenas uns poucos não perceberam que a referência de U Thant [então Secretário-geral da ONU] a “interno” foi surpreendentemente dissimulada porquanto o genocídio, como demonstrado de modo devastador vinte, trinta anos antes na Europa, ocorreria, é claro, em algum território “interno”, onde o agressor exercesse controle sociopolítico temporário ou parcial, limitado ou permanente. (EKWE-EKWE, 2018, p. 146)

---

<sup>34</sup> Ver Figueiredo (2012).

Ele compara que o discurso de “assuntos internos” não foi aplicado frente a questões muito similares ocorridas em território europeu. Enquanto, para preservar a vida da população e garantir a autodeterminação dos povos, foram criados com este intuito 22 novos Estados europeus<sup>35</sup>, em África, a manutenção das fronteiras territoriais forjadas durante o período colonial se sobrepunha ao interesse dos povos que buscavam suas autonomias (EKWE- EKWE, 2018).

Apesar de o conflito de Biafra ter deixado profundas marcas na história e na maneira como os povos nigerianos se relacionam atualmente, Mannarino (2019, p. 186) afirma que:

Mesmo antes da independência estas disputas já eram uma realidade. Apesar de os primeiros movimentos nacionalistas da região serem considerados pan-nigerianos, na virada da década de 1940 para 1950 surgem uma série de movimentos que vão lutar ou por independência regional ou, minimamente, por autonomia.

Ainda que, como afirma Mannarino (2019), essas disputas já acontecessem antes do advento de Biafra, certamente, a Guerra Civil Nigeriana foi um marco na história do país, que hoje tenta suprimi-la da sua narrativa histórica ou minimizar as cicatrizes que ainda hoje ela deixou no povo nigeriano, sobretudo os que habitavam a região do Biafra.

---

<sup>35</sup> Apesar de não explicitado no trecho, a partir da leitura do artigo, acredita-se que o autor trate de novos Estados europeus criados ao após o final da Segunda Guerra Mundial, a partir de 1945.

### 3. NARRATIVA HISTÓRICA, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO

O estudo em questão não tem por foco principal a análise dos aspectos históricos, políticos e socioeconômicos do conflito nigeriano-biafrense. Ele, por sua vez, visa compreender como as representações produzidas durante e após a Guerra de Biafra foram engendradas, a nível discursivo, e quais os efeitos sociais causados por essas representações posteriormente: Quais os impactos que determinadas representações sobre o conflito tiveram no fazer-histórico, por exemplo? Para tanto, faz-se importante a compreensão de teorias relacionadas ao discurso e à representação social a fim de clarificar os procedimentos a serem realizados ao longo da análise do corpus.

A História, enquanto campo de conhecimento - especialmente quando se trata da corrente historiográfica Positivista, também conhecida como Metódica - valia-se da ideia de que poderia, através de método científico, alcançar a verdade dos acontecimentos sobre os quais se debruçava. Logo, essa busca por uma pretensa verdade absoluta implicava numa seleção rigorosa de fontes plausíveis de serem analisadas. No topo dessa hierarquia, encontravam-se os documentos oficiais, especialmente os produzidos por agentes institucionais. Dessa forma, a versão oficial era legitimada pela narrativa histórica e outros aspectos do acontecimento eram ignorados. Assim:

[...] Para trazer à luz o acontecimento, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2008, p. 112)

Entretanto, na década de 1930, com o advento da Escola de Annales na França, esse modo de escrever a História foi sendo questionado e outras fontes e formas de abordagem para a compreensão do acontecimento histórico passaram a ser levados em conta pelos historiadores tributários dessa Nova História. Segundo Luca (2008):

Os aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica, ao mesmo tempo em que incentivavam a interdisciplinaridade e traziam

contribuições metodológicas importantes, forçavam o historiador a refletir sobre as fronteiras, cada vez mais difíceis de precisar. (*Ibid.*, p. 112)

Uma mudança importante proporcionada por essa nova forma de se produzir história foi a perspectiva interdisciplinar supracitada. A inserção de novas maneiras de se investigar os acontecimentos históricos passou a observar não só aspectos sociais que antes seriam objetos primordiais de outras disciplinas, como a incorporar a utilização de outras fontes e valorizar aspectos linguísticos que costumavam ser ignorados.

Já a virada linguística ou desafio semiótico (*linguistic turn, semiotic challenge* [sic]), ao mesmo tempo em que evidenciou o caráter narrativo do texto historiográfico e forçou a discussão de sua natureza, gerou ácidas polêmicas quanto à (in)existência de referências externas ao próprio discurso. [...] Como assinalou o historiador Antoine Prost, alterou-se o modo de inquirir os textos, que "interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam" e, poderíamos completar, também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem. (LUCA, 2008, p. 114)

Essa nova forma de abordagem no texto encontra sustentação num campo de estudos desenvolvido na França na década de 1960, a Análise do Discurso. O termo "discurso", coloquialmente, diz respeito a um texto, argumento ou pronunciamento específico (ex. discurso presidencial). Entretanto, a partir da década de 1960, essa conceituação tornou-se mais densa e aprofundada com a emergência da Escola Francesa de Análise do Discurso, na figura de Michel Pêcheux. No Brasil, a expoente dessa teoria, discípula das ideias do filósofo francês, é Eni Orlandi. Segundo ela, "[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos." (ORLANDI, 2009, p. 17). Sobre a teoria, afirma-se em Figaro (2012, p. 1) que:

[...] Ela também leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. Considera-se o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na sociedade.

Assim, tendo em vista o trecho acima, nota-se que a teoria da Análise do Discurso resulta de diferentes abordagens teóricas com o intuito de desvendar os sentidos produzidos pela língua em funcionamento (ORLANDI, 2009). Em sua concepção, essa teoria recebeu

contribuições de diferentes ramos do conhecimento:

[...] Nos anos 60, a Análise de Discurso se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. (ORLANDI, 2009, p. 19)

Desse modo, segundo Orlandi (2009), o Discurso, enquanto objeto da teoria da Análise do Discurso:

[...] Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2009, p. 20)

Hall (2016, p. 81), apoiado no pensamento de Foucault, afirma que "o conceito de discurso não é sobre se as coisas existem, mas sobre de onde vem o sentido das coisas".

[...] Foucault não acreditou que os mesmos fenômenos seriam observados em momentos históricos diferentes. Ao revés, ele defendeu que, em cada período, o discurso produz formas de conhecimento, objetos, sujeitos e práticas de conhecimento que são radicalmente diferentes de uma época para a outra, sem uma necessária continuidade entre elas. (*Ibid.*, p. 84)

Essa perspectiva coaduna com a ideia de que o sentido não está dado na palavra, o que é uma das principais mudanças desse campo em relação à Linguística, pois “[...] o discurso é efeito de sentido entre locutores.” (ORLANDI, 2009, p. 21). Assim, a compreensão de determinada fala ou texto não está nele, mas no efeito de sentido que o seu dizer provoca, em sua materialidade. Todo discurso, assim, precisa de um contexto para existir. Orlandi (2009, p. 25) afirma que “[...] na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.”

Pode-se depreender dessa afirmação que a linguagem, para além da função comunicativa que exerce primordialmente, também ajuda a compreender as sutilezas da história. A comunicação - especialmente as realizadas por veículos de grande porte, como periódicos, programas de rádio e telejornais - ajuda a forjar narrativas sobre a história, que, devido a uma série de fatores, tendem a ser mais ou menos aceitas. Assim, não se pode ignorar o poder da linguagem, especialmente nos veículos de comunicação, para o estudo da história.

Os acontecimentos históricos, muitas vezes, chegam até o grande público a partir de eventos ou notícias que são transmitidos pelos veículos de comunicação de massa. Um evento que ocorra hoje e seja veiculado pela imprensa, pode vir a ser um marco histórico importante no futuro. Assim como, acontecimentos históricos já consolidados são recorrentemente abordados pela mídia em períodos específicos do ano, permitindo com que muitas pessoas - que, às vezes, nem conheciam o episódio - passem a conhecê-lo por intermédio dos veículos de comunicação. Assim, não se pode negar a importância da comunicação midiática nem sua relação com a narrativa histórica. Pelo contrário, deve-se observar o discurso da mídia de forma crítica. Pois, de acordo com Patrick Charaudeau (2016):

As mídias de informação (rádio, imprensa, televisão) dirão que sua missão não é manipular pessoas, mas informá-las. Isso é verdade. Mas o que se pergunta é se existe informação objetiva, pois a preocupação de interessar ao maior número de ouvintes, de leitores e de telespectadores não leva as mídias a espetacularizar as informações e, portanto, a desfigurá-las? Não se pode acusá-las de manipulação voluntária (exceto se estão a serviço de um partido ou de um poder particular), mas pode-se elencar os procedimentos de encenação da atualidade que mostram as responsabilidades das mídias no jogo de desinformação da opinião pública: a *superatualização* dos acontecimentos pela escolha e repetição incessante das notícias mais dramáticas (...); a *aliança entre mídia e política* numa relação de interesses mais ou menos consciente, nem sempre buscada mas necessária [...]. (CHARAUDEAU, 2016, p. 120)

A neutralidade no discurso midiático é uma premissa do jornalismo, por mais que se entenda que se trata de uma utopia. Entretanto, a maioria dos profissionais da área insistem em afirmar-se como imparciais, colocando seus textos no lugar inalcançável da objetividade, como se eles reportassem os fatos assim como eles são e não uma versão deles, uma representação desses fatos pela escrita jornalística.

Por muitos anos tido como inquestionável e credível, a figura de um bom jornalista sempre foi associada, pelo grande público, a uma aura de neutralidade, pois ele é quem informaria de forma imparcial a “verdade” sobre os fatos. Entretanto, especialmente com o aprofundamento dos estudos de linguagem, percebeu-se que essa “verdade”, por mais proximidade que tivesse com o acontecimento relatado, sempre esteve mediada pela visão do sujeito, nesse caso, tanto o jornalista quanto o jornal, como instituição. Esse fato é abordado em Figaro (2012, p. 134):

Os profissionais de comunicação, em especial os jornalistas, têm a *fé*

*pública*, ou seja, a sociedade confere-lhes competência de *representá-la* diante do *real*, isto é, assistir ao acontecido e, depois, relatar-lhe.

O discurso amplamente aceito socialmente é de que o jornalista, enquanto profissional da comunicação, teria uma visão imparcial da realidade, objetiva. Entretanto, "essa visão objetiva nada mais é que a visão generalizada em uma dada sociedade, sendo considerada, por isso, natural." (*Ibid.*, p. 134)

Os produtos colocados ao alcance da população são, portanto, alguns recortes do processo histórico, para que ela os leia como se constituíssem o processo histórico todo. Trata-se de um processo metonímico - a parte pelo todo -, o qual nos oferece pronta a edição do mundo, como a única realidade a qual temos acesso. É a partir dos meios de comunicação que o mundo passa a ter sentido. *O mundo todo* é aquele: o editado para nós. (FIGARO, 2012, p. 135)

Assim, a forma como encaramos, apreendemos e como narramos os fatos históricos está muito vinculada aos discursos, produzidos e veiculados nas mídias, sobre esses acontecimentos. A história de Canudos<sup>36</sup>, por exemplo - o modo como ela nos foi ensinada durante o ensino escolar, foi muito influenciada pelos relatos de Euclides da Cunha, um jornalista que fora enviado ao *front* para cobrir os eventos do conflito para o jornal *O Estado de São Paulo*. Ainda que a Guerra de Canudos tenha ocorrido no final do século XIX e num espaço afastado dos grandes centros urbanos, onde as informações circulavam com mais facilidade e de forma mais rápida, é inegável o papel da mídia na construção do imaginário acerca desse conflito e como fonte para os pesquisadores da área. Atualmente, com o avanço da tecnologia e a diversidade dos meios de comunicação, a influência da mídia na forma como o mundo e os fatos históricos são observados é ainda maior.

Os meios de comunicação ocupam lugar de destaque nas sociedades contemporâneas. O discurso da Comunicação, que também toma o cotidiano como matéria-prima, resulta tanto do *aconteceu* (discurso da História) quanto do *jogo de possibilidades* (discurso literário). Ele carrega não só o *efeito de real*, mas até mesmo o *outro real*, a *ilusão referencial* (Barthes, 1988: 164). Nenhum discurso da Comunicação está neste ou naquele ponto do pêndulo porém vai se revestir sempre de características predominantes a um ou outro. (*Ibid.*, p. 134)

---

<sup>36</sup> Ver PINHEIRO, Lidiane Santos de Lima. **A construção do acontecimento histórico**. O discurso de O Estado de S. Paulo sobre a Guerra de Canudos e sobre as comemorações do seu centenário. 2012. 321 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

Essa aproximação entre a História e a Comunicação, especialmente a midiática, dá-se sobretudo porque nos dois meios seus agentes utilizam-se da língua de forma a tirar os mecanismos de pessoalidade, a fim de aproximarem-se cada vez mais da objetividade, diversidade histórica/dos fatos, esquecendo-se de que a objetividade é um atributo inalcançável nas atividades humanas. Figaro (2012, p. 135) discute este aspecto:

Se buscarmos a manifestação textual, podemos perceber algumas aproximações entre os discursos da História e da Comunicação: ambos são referenciais. Procuram fazer desaparecer o sujeito através de mecanismos linguísticos, como enunciado em terceira pessoa, como já dissemos, o não uso de figuras de linguagem, etc.

Assim, faz-se importante reconhecer como o discurso produzido por estes entes é atravessado por outros que os constituem, pois segundo a teoria da Análise do Discurso, nós não somos a fonte inicial dos discursos, não somos donos do nosso dizer, a origem deles está para além do que conseguimos compreender, os discursos são produzidos e partilhados pela sociedade. Então, faz-se necessário compreender mais sobre o que esses discursos criam a nível social: as representações.

### 3.1 SOBRE O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO:

Representação e Discurso são conceitos intimamente ligados quando se trata de estudar quais os efeitos práticos dos fenômenos da linguagem na sociedade. Ambos os conceitos se retroalimentam: os discursos geram representações que culminam em novos discursos, num ciclo ininterrupto. Por sua vez, a narrativa histórica também faz parte dessa engrenagem, pois não há narrativa sem linguagem. Assim, a história e a linguagem têm muito mais relação do que comumente se atribui.

Stuart Hall (2016), no início de sua discussão sobre Representação, conceitua de forma introdutória o termo, afirmando que:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (*Ibid.*, p. 31)

Conceituação essa que coaduna com a postulação de Schöpke (2010, p. 211), de que

"isso quer dizer que representar está relacionado à tarefa do conhecimento". Assim, sem representação não há produção de sentidos e significados, pois, de acordo com Hall (2016, p. 46), "[...] o sentido não é inerente às coisas, ao mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa - uma prática que *produz* sentido, que *faz os objetos significarem*.". Ainda sobre o conceito de Representação, mais adiante, Hall (2016, p. 108) afirma:

[...] Trata-se do processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significativo) para produzir sentido. Desde já, essa definição carrega a importante premissa de que coisas - objetos, pessoas, eventos, no mundo - não possuem, neles mesmos, nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós - na sociedade, dentro das culturas humanas - que fazemos as coisas terem sentido, que lhes damos significado. Sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão, de uma cultura ou período ao outro.

Hall (2016) afirma que há três abordagens que explicam como o sentido se constrói no processo de representação pela linguagem, quais sejam: Abordagem Reflexiva, Intencional e Construtivista. Dessas, a que nos interessa é a terceira, que:

[...] reconhece esse caráter público e social da linguagem. Ela atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem. As coisas não *significam*: nós *construímos* sentido, usando sistemas representacionais - conceitos e signos. [...] De acordo com ela, nós não devemos confundir o mundo *material*, onde as coisas e pessoas existem, com as práticas e processos *simbólicos* pelos quais representação, sentido e linguagem operam. Construtivistas não negam a existência do mundo material. No entanto, não é ele que transmite sentido, mas sim o sistema de linguagem, ou qualquer outro que usemos para representar nossos conceitos. (HALL, 2016, p. 48 - 49)

Nessa perspectiva, o mundo material só tem sentido quando nós, enquanto sociedade, passamos a representá-lo. Assim um objeto, que faz parte do mundo material, só significa daquela maneira dentro de um contexto específico. Um tanque de guerra, por exemplo, pode ser encarado com medo ou com contemplação, a depender do contexto em que ele esteja inserido. Dentro de um museu que trate sobre guerra, ele é um objeto que despertaria interesse em quem visita aquele espaço, tentariam olhar os detalhes mais de perto, compreender o seu funcionamento. Já no campo de batalha, ele representa poder de combate de quem o comanda e ameaça de morte para os inimigos. Hall (2016, p. 109) continua a sua explanação ao afirmar que:

[...] Na perspectiva construtivista, representação envolve fazer sentido ao forjar ligações entre três diferentes ordens de coisas: o que nós devemos chamar amplamente de mundo das coisas, pessoas, eventos e experiências; o mundo conceitual, os conceitos mentais que carregamos em nossas cabeças; e os signos, arrançados nas linguagens, que "respondem por" esses conceitos ou os comunicam.

Assim, de acordo com Hall (2016, p. 19), "[...] por estarem os sentidos sempre mudando e nos escapando, os códigos operam mais como convenções sociais do que como leis fixas ou regras inquebráveis.". Dessa forma, entende-se que para que o mundo material consiga ser representado, é necessária a ação do indivíduo, o olhar humano sobre ele. Então, Hall continua com a abordagem do papel de um agente que, para a Análise do Discurso, se intitularia *sujeito* e que ele chama de ator social:

[...] São os atores sociais que usam os sistemas conceituais, o linguístico e outros sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar sobre esse mundo, inteligivelmente, para os outros. (*Ibid.*, p. 49)

Observa-se, a partir do trecho acima, que o fenômeno linguístico ocorre de forma relacional. Assim como os processos culturais, a língua, as maneiras de falar, os assuntos sempre são permeados pelas nossas relações, em todos os níveis. O aprendizado da linguagem e de sua dinâmica dá-se no cotidiano, na vivência. Entretanto, sobre alguns assuntos exige-se um conhecimento ou legitimidade para se abordar. Assim:

[...] Mesmo que a linguagem, de algum jeito, "fale sobre nós" (como Saussure tendia a argumentar) também é importante notar que em certos momentos históricos algumas pessoas têm mais poder para falar sobre determinados assuntos do que outras (médicos homens sobre pacientes loucas no fim do século XIX, por exemplo, para pegar um dos exemplos-chave desenvolvidos na obra de Michel Foucault). Modelos de argumentação, argumentaram esses críticos, devem focar nesses aspectos mais amplos de conhecimento e poder. (HALL, 2016, p. 78)

Dessa forma, o conhecimento sobre determinados assuntos passou a ser controlado por sujeitos específicos que detinham poder sobre eles. Tais sujeitos encontravam-se em locais privilegiados na pirâmide social e tinham legitimidade para falar sobre aquelas temáticas específicas sem serem questionados, eram a palavra final sobre o assunto. Entretanto, apesar de possuírem certo *status*, nem sempre tais indivíduos eram dotados de conhecimento de causa sobre os que sofriam determinada realidade (p. ex. deputado federal

pautando leis sobre aborto sem levar em consideração a opinião das mulheres sobre a questão).

Dado o exposto, para compreender determinados discursos não basta analisar o que se é dito, mas por quem e em que posição esse sujeito diz, para só então analisar as relações de poder que permeiam esses discursos e questioná-las. A partir da leitura de Foucault, Hall (2016, p. 90) afirma:

[...] O poder não irradia de cima para baixo, nem de uma única fonte ou lugar. Relações de poder permeiam todos os níveis em todos os campos da vida social - nas esferas privadas da família e da sexualidade, tanto quanto nas esferas públicas da política, da economia e das leis.

Não se pode desassociar o poder do processo de formação do discurso e das representações, tanto pela sua legitimidade quanto pela sua disseminação. Os jornalistas que atuavam em Biafra, como correspondentes internacionais, foram dotados de poder sobre a narrativa do conflito. Eles foram legitimados por seus pares e pelos leitores de seus jornais a contarem a “verdade” sobre a guerra nigeriano-biafrense. Além disso, seus discursos ultrapassavam as fronteiras geográficas, coisa que os moradores da região, que estavam sofrendo diretamente as consequências daquelas hostilidades não tinham acesso. A maioria deles teve seu sofrimento e sua luta narrados por terceiros, com os seus locais de fala invisibilizados.

Em um exercício de conjectura, faz-se importante questionar: Como seriam as representações das hostilidades caso fossem construídas pelos habitantes locais? O que eles apontariam sobre o conflito? De quais formas essas representações seriam recebidas pelos leitores de todo o mundo? Certamente, este estudo não tem pretensão de obter resposta para esses questionamentos, até porque não há possibilidade de averiguar, mas vale a pulga atrás da orelha.

Assim, apesar de grande parte dos relatos jornalísticos sobre as hostilidades terem ficado a cargo de estrangeiros responsáveis por cobrir o conflito para os maiores periódicos do mundo ou para agências internacionais de notícias, pessoas que estiveram diretamente envolvidas na guerra e sofreram os efeitos dela em suas vidas, ou seus parentes, conseguiram falar sobre o conflito e serem notados pelo mundo todo através do discurso literário.

No campo da escola francesa de Análise do Discurso, o discurso só pode ser analisado dentro de seu contexto, isto diz respeito não somente ao período histórico, mas também à forma de circulação desse discurso. Sobre essa questão, Orlandi (2005, p. 11-12)

declara:

[...] Acrescentamos ainda a importância da instância de significação específico. O trajeto dos dizeres. E isto nos interessa pois, como procuraremos mostrar, os “meios” não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música, etc).

A partir dessa afirmação de Eni Orlandi (2005), pode-se observar que ao se analisar um discurso, deve-se atentar especialmente ao meio através do qual ele circula. Um mesmo discurso veiculado num jornal impresso ou num livro ficcional significam de modos diferentes, pois os sentidos também são afetados pela forma como o discurso é propagado.

Ao abordar as relações de poder no fazer literário, em diálogo com Bourdieu, Nunes (2016, p. 33) alerta “[...] lembremos que o campo da produção das literaturas africanas enfrentou e enfrenta um poder hegemônico, branco, ocidental, que impunha e impõe quem deve ou não ser publicado, como tal ou qual texto deve ser constituído ao falar sobre África.”.

Ainda assim, livros lançados logo após as hostilidades ou décadas depois conseguiram levar o olhar dos participantes do conflito para pessoas que muitas vezes nunca tinham ouvido falar sobre a guerra, como é o caso da obra de Adichie (2008), *Meio Sol Amarelo*.

O romance em questão é uma ficção histórica que, apesar de contar a trajetória de personagens fictícios, tem uma trama baseada em eventos reais. Sobre a relação entre literatura ficcional e a dita verdade histórica, Nunes (2016, p. 39) explana:

[...] Em outras palavras, embora não exista uma verdade a priori em relação à ficção, o modo como ela será operacionalizada no texto dependerá tanto da experiência do autor quanto das experiências da história. Tal experiência será internalizada na própria ficcionalização que o autor fará, na tessitura de seus argumentos; então, obliquamente, a verdade histórica se introduz nesse quadro. E, se ela não se introduzir, não criará o mínimo de verossimilhança para que um leitor se interesse por aquilo que aprecia.

Assim, não se pode descartar a literatura, ainda que de natureza ficcional, no processo de construção da narrativa histórica. A História, enquanto campo de conhecimento, pode e deve ser observada a partir de diferentes prismas, a fim de abarcar a complexidade dos contextos sobre os quais os historiadores se debruçam. Dessa forma, o Discurso e as Representações apresentados nas obras literárias podem vir a agregar ao conhecimento sobre

determinado episódio histórico, como no caso da Guerra Civil Nigeriana.

### 3.2 SOBRE O FAZER DO ANALISTA DO DISCURSO:

O analista do discurso, enquanto estudioso da linguagem, tem como objetivo compreender a estrutura de determinado enunciado e evidenciar quais os efeitos de sentido que os diferentes elementos apresentados através do discurso causam em quem o consome. Assim, entende-se que o analista tem por objetivo "desnaturalizar" o discurso, compreendendo a sua constituição, a partir da análise das relações de poder que o compõem, as formações ideológicas, dentre outras.

Para tanto, o estudioso desse campo precisa entender o discurso como desprovido de sentido inerente, a partir da ideia de que não há nada dado nele, os sentidos estão sempre em modificação, pois se dão em determinado contexto. Este estudioso deve ter em mente que não há nada óbvio no discurso e que toda pergunta é válida, para poder, a partir de então, formular as questões norteadoras da sua análise sem nenhum pré-julgamento. Isto porque, o que pode soar como claro para os membros da cultura na qual ele está inserido, pode ser dúbio ou totalmente oposto para pessoas que compartilham outro conhecimento e estão inseridos em outra sociedade.

O analista – ao longo de sua atividade – encarna, por assim dizer, o objetivo da Análise do Discurso que, de acordo com Orlandi (2005, p. 23), “[...] é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicitar como um texto produz sentidos.”. Assim, para que o pesquisador possa dissecar o texto (discurso) e compreender seus mecanismos de significação, faz-se necessário que ele, a partir de uma análise preliminar do seu objeto de pesquisa, produza questões que norteiem o seu estudo.

Sobre o fazer do analista, Orlandi (2009, p. 27) afirma que “cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões.”. Para esclarecer como se dá o procedimento da análise e a formação do dispositivo analítico de cada pesquisador, a autora ilustra:

[...] Embora o dispositivo teórico encampe o dispositivo analítico, o inclua, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. Daí dizermos que o dispositivo teórico é o mesmo mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é

a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise. (ORLANDI, 2009, p. 27)

A leitura ou o gesto de leitura, como convencionou-se a chamar o ato da análise, difere-se sobremaneira entre o executado pelo analista e pelo *sujeito* ou ator social. O sujeito está imerso no próprio discurso, na verdade, o discurso se constrói por intermédio dele, tendo em vista que, “[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente são materialmente ligados.” (*Ibid.*, p. 47). O analista, por sua vez, busca observar o discurso a partir de um lugar de estranhamento, examinando-o minuciosamente, a fim de buscar o modo como ele foi formulado e os elementos ideológicos que o constituem, além de outras características que dão sentido a ele. Desse modo, a autora afirma que “o gesto do analista é determinado pelo dispositivo teórico enquanto o gesto do sujeito é determinado por um dispositivo ideológico.” (ORLANDI, 1996 apud ORLANDI, 2005, p. 26).

Assim, faz-se necessário discorrer sobre quais elementos serão levados em consideração no exame do *corpus* da pesquisa em questão, com a explicitação da metodologia, das questões e dos conceitos norteadores da análise.

### 3.2.1. Apresentando o Dispositivo Analítico:

#### **Metodologia de Coleta de Dados:**

O *corpus* desta pesquisa divide-se em discursos jornalísticos e literários. A análise do discurso jornalístico realizou-se a partir da coleta de matérias publicadas em determinado periódico diário brasileiro ao longo dos 30 meses em que a guerra foi travada, com o intuito de perceber como se deu a cobertura da imprensa a este respeito e quais imagens elas ajudaram a criar no imaginário coletivo. Enquanto que a análise do discurso literário deu-se a partir de uma comparação, entre livros de autoras nigerianas, a fim de compreender quais as visões endógenas sobre o conflito, atendo-se ao fato de que as obras aqui analisadas foram publicadas com mais de duas décadas de diferença.

**Fonte Jornalística:**

A fim de compreender o funcionamento do discurso jornalístico sobre o conflito nigeriano-biafrense, era necessário que o veículo de comunicação escolhido tivesse realizado ampla cobertura acerca da Guerra Civil Nigeriana. A decisão baseou-se em critérios como a facilidade de acesso e a relevância do jornal a nível nacional. Dessa maneira, por atender aos critérios elencados, optou-se pela escolha de *O Globo* como periódico a ser analisado. O fato de possuir acervo disponível online, facilitou sobremaneira no processo de pesquisa e de coleta dos dados, ainda que fosse necessário tornar-se assinante para usufruir de tal benefício.

A coleta de dados na plataforma em questão obedeceu a critérios pré-estabelecidos. Durante a busca no site, limitou-se ao período entre 1º de junho de 1967 a 31 de janeiro de 1970. Esse recorte temporal justifica-se, pois, o estopim para o conflito deu-se a partir da declaração de independência da República de Biafra, em 30 de maio de 1967. Em pesquisa preliminar, notou-se que a primeira matéria sobre a secessão biafrense foi publicada em 1º de junho de 1967, tomado então como marcador inicial para coleta. Por outro lado, as hostilidades no território Oriental nigeriano foram finalizadas, oficialmente, em 15 de janeiro de 1970, após a assinatura do governo biafrense de sua rendição. Assim, estabeleceu-se que as notícias seriam observadas até aproximadamente duas semanas após o término dos conflitos, em 31 de janeiro de 1970, período em que as consequências mais imediatas da guerra ainda estariam repercutindo na mídia mundial.

Também em pesquisa preliminar, definiu-se que o termo buscado ao longo da coleta seria “Biafra”, pelo fato de que, ao utilizar outras expressões como “Guerra Civil Nigeriana” os resultados apresentados eram drasticamente inferiores aos obtidos quando se buscava apenas pelo termo “Biafra”, e nas notícias em que a expressão “Guerra Civil Nigeriana” aparecia, o termo “Biafra” também estava presente. Optou-se também pela não utilização das expressões “Nigéria” e “Guerra Civil”, visto que eram abrangentes demais.

**Fontes Literárias:**

As obras literárias selecionadas como corpus deste estudo obedecem a critérios que serão expostos a seguir. Um dos primeiros livros utilizados, ainda na fase preliminar, para dar substância a este estudo foi *Meio Sol Amarelo (2008)*, *best-seller* escrito pela autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, nascida em 1977, sete anos após o fim das

hostilidades. Pela qualidade e importância dessa obra literária, sobretudo quando se pensa na popularidade da publicação em questão, este livro foi o primeiro a ser considerado a nível de se analisar quais representações o seu discurso poderia criar em seus coenunciadores.

Ao longo do trabalho, outras obras foram consideradas para realizar uma análise comparativa, entretanto, nenhuma delas encaixava-se nos critérios estabelecidos. Tendo *Meio Sol Amarelo* como parâmetro, decidiu-se que, assim como ele, o outro livro utilizado para análise deveria ser uma obra de romance histórico, ficcional, escrito por algum(a) autor(a) nigeriano(a), preferencialmente da região palco do conflito.

Em princípio, já se descartou a utilização de livros documentais escritos por jornalistas correspondentes, como o caso de Forsyth (1977) e outros livros que seguiam a mesma lógica. Assim, partiu-se para encontrar obras que se encaixassem nos parâmetros determinados acima. O primeiro livro cogitado foi a obra *There Was A Country* (2012) de Chinua Achebe, entretanto, apesar de ser escrito por um autor da região de Biafra – que durante o esforço de Guerra inclusive atuara como membro do governo biafrense, a obra em questão é um livro de memórias em que também se encontram poemas escritos por Achebe sobre a Guerra de Biafra.

Desse modo, o livro selecionado para compor o *corpus* de análise desta pesquisa foi o romance histórico ficcional de Buchi Emecheta intitulado *Destination Biafra* (1982). Emecheta é nigeriana, nascida em Lagos – antiga capital da Federação, entretanto sua família é originária de Ibusa, região localizada nas proximidades da fronteira do antigo território de Biafra, em que grande parte da população é considerada ibo. Dessa forma, a partir do supracitado, *Destination Biafra* mostrou-se a melhor opção dentre as demais para integrar o *corpus* da análise.

### 3.2.2. Dispositivo Analítico:

Após definição do *corpus* a ser analisado, faz-se necessário delimitar quais os conceitos utilizados ao longo do exame dos objetos selecionados. Tendo em vista as especificidades dos discursos jornalísticos e literários, cada tipo discursivo será analisado a partir de um dispositivo analítico específico. Assim, apesar de a análise utilizar-se dos mesmos conceitos, os discursos analisados - em determinados momentos - serão "interrogados" de maneiras diferentes. Dado o exposto, a análise do *corpus* da pesquisa será feita a partir de conceitos como: Naturalização; Condições de Produção e Posicionamento do

Sujeito no Discurso.

O conceito de naturalização, apesar de muitas vezes difuso dentro da teoria da Análise do Discurso, diz respeito ao fato de que o discurso não é opaco, nada está dado, assim, faz-se importante questionar os mecanismos através dos quais o discurso cria relações naturais entre conceitos abstratos e elementos pertencentes ao mundo das coisas. Exemplo de naturalização encontra-se no discurso machista que, através de vários mecanismos discursivos, aponta um lugar ou uma postura "natural" para as mulheres. Dessa forma, faz-se importante questionar se os discursos analisados criam algum tipo de naturalização quando abordam o contexto da guerra nigeriano-biafrense.

Por sua vez, o conceito de Condições de Produção é bem estabelecido ao longo do desenvolvimento da teoria da AD. Michel Pêcheux, principal teórico desse campo de estudo, criou esse conceito, que Maldidier (2003, p. 23) explica a seguir:

A referência às condições de produção designava a concepção central do discurso determinado por um “exterior”, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui. (MALDIDIER, 2003, p. 23)

Outra perspectiva desse conceito, é trazida pela teórica Eni Orlandi (2009, p. 3), onde afirma que:

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2009, p. 30)

O contexto imediato mencionado acima por Orlandi diz respeito às circunstâncias nas quais determinado discurso foi produzido, às especificidades dele, o porquê de ele ser dessa forma e não daquela. Já o sentido mais amplo das condições de produção trata do momento histórico em que ele foi escrito, das questões político-sociais que o permeiam, que nesse sentido não são mais específicas daquele discurso, mas que podem vir a afetar uma série de outros discursos sobre aquela determinada temática (ex. uma das condições de produção de todo o *corpus* de meu discurso é o advento da Guerra Civil Nigeriana).

O terceiro e não menos importante conceito a ser observado ao longo do exame dos objetos desta pesquisa é o Posicionamento dos Sujeito no Discurso. Nesse sentido, esta pesquisa toma por sujeito – especialmente no caso do discurso jornalístico – não somente a figura do jornalista, mas sobretudo o jornal enquanto entidade. O posicionamento, também

conhecido como lugar de fala, é um conceito intimamente ligado às relações de poder, como já citado anteriormente a partir de Hall e Foucault. Orlandi (2009, p. 39) clarifica esse conceito:

Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras tem autoridade determinada junto aos fiéis etc.

Assim, com a definição do aparato conceitual, o Dispositivo Analítico será desenhado, com a construção das questões de análise:

1. O presente discurso apresenta algum processo de naturalização? Se sim, o que ele naturaliza? E de quais mecanismos discursivos ele se utiliza para tanto? Ele se reporta a outros discursos para reforçar essa ideia? Que efeitos de sentido essa naturalização provocaria nos coenunciadores desse discurso?
2. Sobre o contexto imediato: O que o jornalista/autor estaria pensando ao produzir este texto? Por que a escolha de determinadas palavras ao invés de seus sinônimos? Quais efeitos de sentido estes termos causariam nos coenunciadores do discurso? No texto são utilizados elementos dêiticos<sup>37</sup>? Se sim, quais efeitos de sentido que estes elementos provocam?

Especificamente sobre as matérias dos periódicos: Qual o título da matéria? Ela contém foto? Ela é assinada ou uma reprodução de notícias de alguma agência? Trata-se de notícia, coluna, charge ou outro? Quais matérias dividem a página com ela? Quais efeitos de sentido essas informações causariam nos seus coenunciadores?

Sobre o contexto amplo: Qual o momento histórico em que esse discurso foi escrito e/ou publicado? Quais questões políticas, econômicas e/ou sociais eram enfrentadas no período em que esse discurso foi produzido? Em relação ao jornal *O Globo*, qual o posicionamento do país no qual ele era/é publicado a respeito da Guerra de Biafra?

3. Os livros e jornal analisados, através de seu discurso, assumem alguma posição

---

<sup>37</sup> Dêitico é um marcador discursivo relacionado ao momento da enunciação. Através da observação dos dêiticos, os(as) analistas conseguem ter pistas sobre as condições de enunciação, tais quais: aqui, lá, ali (referencial de lugar); hoje, amanhã, ontem, agora (de tempo); eu, tu (marcador de pessoalidade. Evidencia a ocorrência de um diálogo, por exemplo).

sobre o conflito? Se sim, quais discursos eles reforçam e quais eles silenciam/questionam? A partir de quais elementos esses posicionamentos podem ser evidenciados? Quais efeitos de sentido que esse posicionamento causa nos seus coenunciadores? Além disso, quais são as relações de força presentes nos discursos analisados? Quais efeitos de sentido essas relações provocam?

Desse modo, apresentado o dispositivo analítico, pode-se dar prosseguimento ao exame do *corpus* da pesquisa. Para tanto, antes do início propriamente dito da análise, faz-se necessário uma breve discussão acerca da visão ocidental sobre África e os povos que habitam o continente.

### 3.3. DISCURSO E ESTIGMA

Como já explicitado ao longo da discussão, representação e discurso se retroalimentam através da linguagem. Esses dois conceitos, embora abstratos, exercem grande influência sobre o modo como vemos e somos vistos no mundo e, por conseguinte, afetam de maneira efetiva nas relações sociais.

Determinados tipos de discurso têm mais ou menos relevância e adesão social. Por estarem inseridos nas relações sociais, os discursos são perpassados pelas relações de força e, portanto, alguns prevalecem diante de outros. Eis, então, o caso dos discursos estigmatizantes. De acordo com o sociólogo canadense Goffman (2008, p. 13), "um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo". Ou seja, a partir de determinado atributo (ex. nacionalidade, condição física, gênero, orientação sexual, etnia, etc.), sobre a pessoa possuidora de determinada marca - considerada "menor", "pior" ou "diferente" - recai um discurso que a estereotipa. Assim se dá o processo de estigmatização.

Goffman (2008) divide o estigma em três categorias, a saber: As abominações de corpo; as culpas de caráter individual e, por último, os estigmas tribais de raça, nação e religião. A esse respeito, o teórico traz a relação entre os "normais" - pessoas que se enquadram em um padrão e não possuiriam nenhum estigma - e os estigmatizados:

[...] [*nós, os normais*] acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar,

reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (GOFFMAN, 2008, p. 15)

A construção dessa “teoria do estigma” é justamente o processo pelo qual determinada característica é ligada, através do discurso, de maneira inviolável com aquele estereótipo específico. Ao longo da história vários estigmas foram imputados a uma série de grupos que, sem poder para controlar a narrativa sobre si, viram-se categorizados pelo outro. Em seu livro em que trata sobre a invenção de África no campo simbólico, Mudimbe (2013) apresenta uma série de representações criadas ao longo dos últimos séculos acerca do continente africano e dos povos que nele habitam.

Para Mudimbe (2013, p. 15), o advento da colonização propiciou "discursos completamente novos acerca da tradição e cultura africanas". Através da análise, primordialmente, das obras de artistas plásticos - mas também de discursos sobre o continente africano em outros campos do conhecimento - que realiza ao longo do livro, o filósofo congolês problematiza as representações de África e dos africanos especialmente entre os séculos XVII e XX. Ao longo da sua análise, o teórico evidencia o que intitulada de "etnocentrismo epistemológico", que define como a ideia de que "não há nada a aprender com "eles" [povos africanos], excepto se já for "nosso" ou surgir de "nós" [povos europeus]". (MUDIMBE, 2013, p. 32)

Assim como discurso e representação, os conceitos de estigma e etnocentrismo se misturam. Ambos são sempre o olhar de um “normal” / “padrão” sobre um “outro” que não se enquadra nessa “normalidade” / “civildade”. Ambos desumanizam, apontam como exótico, observam como se estivessem em um patamar elevado. Os “meus” problemas são de cunho político e econômico, os “seus” possuem uma “origem tribal”. Eu falo um “idioma”, você, “dialeto”, dentre outras formas de distinção que tem por intuito inferiorizar o “diferente”. Assim, através do discurso, as representações hierarquizantes vão se instaurando e se fortificando. Ao ponto de, com o tempo, consolidarem-se como uma “verdade”, de forma que, muitas vezes, o próprio grupo estigmatizado se reconhece a partir do discurso que o estigmatiza.

Nesse sentido, o trabalho em questão, visa, através das fontes selecionadas, realizar uma análise que desnaturalize certos sentidos já tão arraigados, tendo a consciência de que, certamente, ele é tentativa, e, como todas elas, sujeita-se a erros. O(a) analista não está isento(a) de equívocos, entretanto, deve tentar minimizá-los por meio de uma análise

cautelosa, que privilegie o método descritivo-analítico, no intuito de guiar o coenunciador ao evidenciar por quais caminhos percorreu em sua análise. Dessa forma, espera-se, minimamente, que a análise empreendida neste trabalho sobre a Guerra Civil Nigeriana aprofunde as discussões sobre esse tema tão complexo.

#### 4. AS REPRESENTAÇÕES DE BIAFRA NO DISCURSO LITERÁRIO: *MEIO SOL AMARELO* (2008) E *DESTINATION BIAFRA* (1983)

##### 4.1. A ESCRITA DE ADICHIE E O FANTASMA DE BIAFRA

Apesar de ter nascido sete anos após o fim das hostilidades, em Enugu – antiga capital biafrense, Chimamanda Ngozi Adichie escreveu um dos livros ficcionais sobre a Guerra Civil Nigeriana mais aclamados pelo público e pela crítica. Esse livro possibilitou o ressurgimento da temática para aqueles que a conheciam, ao mesmo tempo em que introduziu um novo conhecimento para pessoas que nunca tinham ouvido falar sobre o conflito abordado na trama. Por esse motivo, *Meio Sol Amarelo* (2008) - tradução de *Half of a Yellow Sun* (2006) publicada no Brasil pela Companhia das Letras - tem sido objeto de muitas pesquisas que tratam sobre o surgimento e a queda do Estado secessionista de Biafra.

A pesquisadora Alyxandra Gomes Nunes (2016) aborda em sua tese de doutorado aspectos da escrita e do projeto literário de Adichie que são de fundamental importância para a compreensão da extensão e das motivações em torno da obra da jovem escritora ibo-nigeriana radicada nos Estados Unidos. Para tanto, ela apresenta os dois romances iniciais de Chimamanda Ngozi Adichie - *Purple Hibiscus* (2003) e *Half of a Yellow Sun* (2006) - evidenciando, para além de outras questões, como a temática da Guerra Civil Nigeriana sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, nos textos adichianos.

De acordo com Nunes (2016), Adichie faz parte da terceira geração de autores nigerianos que constituem a chamada diáspora nigeriana, "trata-se de autores nascidos entre os anos 60-70 e que fizeram seus estudos superiores nos Estados Unidos ou na Inglaterra." (*Ibid.*, p. 47). Esse lugar ocupado por Adichie como uma cidadã do mundo é um traço que em vários momentos surge em sua literatura. Entretanto, os temas, espaços e personagens de seus romances continuam sendo relacionados a histórias de homens e mulheres africanos(as). Por conta dessa identidade complexa - ora "ocidentalizada" ora "africanizada", a autora consegue apresentar várias facetas da Nigéria, especialmente, para o mundo.

Segundo Ramos (2017, p. 13), Adichie "vem edificando sua trajetória intelectual num espaço fronteiriço marcado por negociações", e seria "nesse contexto de negociação de identidades (mulher, nigeriana, negra e imigrante) que Adichie compõe e publica seus

escritos". A essas identidades, faz-se importante acrescentar e destacar a identidade ibo. Evidenciar sua identidade étnica não tem por intuito atender a uma “agenda colonial”, mas, ao invés disso, apontar a complexidade da identidade dos sujeitos modernos e, no caso específico, é imprescindível mencioná-la a fim de compreender o lugar de fala da autora dentro do contexto da Guerra Civil Nigeriana, já que os ibos constituem o principal grupo afetado por esse conflito. Assim, ainda que Chimamanda Adichie seja uma mulher cosmopolita – residindo desde os anos de 1990 nos Estados Unidos, para onde emigrou para dar continuidade à formação Universitária que já havia iniciado na Nigéria, só que em outro campo do saber –, categorizá-la a partir da identidade "nigeriana" tão somente não abarcaria as especificidades da autora.

Nunes (2016) apresenta em sua tese a transcrição de uma entrevista concedida por Chimamanda Adichie em que a autora aborda que o início de sua escrita a respeito da Guerra de Biafra - episódio histórico que repercutiu em sua família fortemente, com a morte de seus avós - fora permeado pela raiva que sentia e o sentimento em questão fazia com que a sua ficção a respeito do assunto, inicialmente, fosse ruim. Então postula:

Há uma necessidade imanente de falar sobre a guerra de Biafra que extrapola uma vontade pessoal da escritora, há uma ordem que é maior no campo de políticas públicas mesmo, para dar conta de uma ferida que ainda não foi curada. Qualquer pessoa que tencione rediscutir o problema abertamente ainda pode sofrer sanções, mesmo com quase quarenta anos passados desde o fim da guerra. Como lembra Adichie, foram inúmeras as vezes em que ouviu: *Veja, você está procurando por problema, deixe isso pra lá, deixe no passado.* (NUNES, 2016, p. 54)

Nesse sentido, Nunes (2016, p. 62) discorre que “para Adichie, Biafra é um fantasma sem ter sido, ele é real e imaginário, tangível e diáfano em sua existência”. Ao longo de sua tese, a pesquisadora afirma que antes da publicação de seu romance histórico acerca da Guerra Civil Nigeriana, o tema em questão foi trazido de forma mais sutil em outras obras de Adichie - a exemplo de seu primeiro romance *Purple Hibiscos* (2003) - que seriam uma espécie de ensaio para a apresentação de seu trabalho mais importante sobre o assunto (NUNES, 2016).

O fato de sua história familiar ter sido perpassada pelo advento da guerra afetou profundamente o processo de escrita de Adichie. O conflito entre a Federação Nigeriana e a recém-criada República de Biafra se abateu especialmente sobre a sua terra natal, Enugu. Isso permitiu com que Adichie tivesse contato direto com as histórias sobre a guerra, e, para além disso, com a materialidade dela. Na "Nota da Autora" presente no epílogo de *Meio Sol*

*Amarelo* (2008), a autora aborda seu processo de construção narrativa, a partir da leitura de muitos livros sobre o assunto e, sobretudo, pelas conversas com seus parentes e pessoas próximas que, de alguma forma, participaram da guerra de secessão.

Adichie ficou mundialmente famosa, não só pelos seus best-sellers, mas também, e talvez primordialmente, pelo seu discurso no *TedGlobal* de 2009 sobre "Os perigos de uma história única". Seu vídeo na conferência mundial organizada em Oxford, Reino Unido, viralizou e fez com que a jovem autora nigeriana se tornasse conhecida do grande público. Na palestra em questão, a autora problematizou os discursos estereotipados sobre o "Outro", a partir, especialmente das representações literárias e midiáticas que, enquanto sociedade, consumimos. Ela abordou sobre como as imagens que foram criadas a respeito do continente africano, em maioria, só tratam sobre os mesmos assuntos e, por isso, ajudam a criar uma 'história única' sobre a África. Entretanto, na conferência, ela não apenas se coloca - enquanto africana - como alvo de uma representação estereotipada, como também aponta que não está ilesa de criar/acreditar em narrativas únicas sobre outros povos/culturas/lugares, exemplificando que ela mesma assumiu o discurso norte-americano a respeito dos mexicanos como a 'verdade' e, ao visitar o México, teve vergonha dos pensamentos que sem perceber acabou cultivando sobre o país e o seu povo.

Na referida palestra, podemos identificar uma questão recorrente no que vamos chamar aqui de o projeto literário de Adichie, que seria aquele de questionar a representação de África do "ocidente"<sup>38</sup>. Entendemos esse projeto literário como o conjunto composto por sua atuação como escritora de literatura unida aos seus ensaios acadêmicos e seus posicionamentos proferidos em palestras e entrevistas, bem como a criação da ONG *FarafinaTrust*, que trabalha com um projeto que visa incentivar o surgimento de novas escritoras na Nigéria e no Quênia. (RAMOS, 2017, p. 14)

A *FarafinaTrust* supracitado atualiza o projeto literário e, porque não dizer, político de Adichie. No site da organização, afirma-se: "acreditamos que o desenvolvimento não é possível sem um conhecimento coerente de como funcionam nossas sociedades. A literatura e as artes podem ajudar a aprofundar esse entendimento"<sup>39</sup>. A ONG e os workshops

<sup>38</sup> Adichie, nesse sentido, não inaugura esse lugar de questionamento, pelo contrário, ela dá continuidade à toda uma tradição literária africana, em especial nigeriana, na qual os autores e as autoras, através de suas obras, questionam as representações africanas construídas e disseminadas pelo Ocidente, bem como, criam novas representações a respeito do continente e sua multiplicidade de culturas e povos. A segunda edição da obra *Intelectuais das África* (2019), organizada por Silvio de Almeida Carvalho Filho e Washington Santos Nascimento, apresenta pensadores, acadêmicos, artistas e escritores que são alguns dos expoentes dessa tradição.

<sup>39</sup> "We believe that development is not possible without a coherent knowledge of how our societies work. Literature and the arts can help deepen this understanding.". Disponível em: <http://farafinatrust.org/about->

produzidos por ela possibilitam que sejam desenvolvidas narrativas múltiplas, elas que seriam as principais responsáveis para que as histórias únicas deixem de ser regra e passem a ser exceções.

Em seu discurso, para além de outras questões, Adichie discorre sobre como as histórias únicas criam estereótipos, ela ainda afirma que 'é impossível falar de uma história única sem falar sobre poder'. Assim, a relação de poder não pode ser desconsiderada quando nos deparamos com um discurso. Faz-se necessário observar qual o lugar ocupado por quem emite determinado discurso. O poder em relação ao outro, segundo Adichie, tornaria a versão hegemônica 'verdadeira', invisibilizando a pluralidade e complexidade de histórias sobre aquele grupo. Assim, segundo Neila Ramos (2017, p. 18) postula em sua dissertação de mestrado que Adichie "se recusa a contar uma história única sobre a Nigéria, sobre as mulheres nigerianas e sobre a experiência diaspórica". E continua:

Adichie acredita que essa imagem de uma África selvagem, mítica, de religiões e crenças maléficas, sinônimo de miséria e doenças foi construída em parte pela literatura ocidental. A literatura se mostra aqui como um instrumento vinculador de ideais, capaz de propagar visões de mundo e criar os mais diversos estereótipos sobre um determinado lugar. A literatura produzida por Adichie se caracteriza por uma proposta contra hegemônica. Nesse sentido, a escritora nos apresenta as mais diversas personagens, com as mais diversas características. (RAMOS, 2017, p. 24)

Nunes (2016, p. 62) corrobora com esse pensamento ao declarar que:

Adichie acredita que o passado africano não pode ser congelado em estereótipos. Para que isso não se perpetue e nem continue a ser a regra quando se fala sobre África, ela acredita que a literatura pode ter (e tem) um papel fundamental ao desconstruir o imaginário das pessoas.

Nesse sentido, dar voz a diferentes atores, membros de sua comunidade que sofreram as hostilidades da Guerra Civil Nigeriana e suas consequências, é uma forma que Adichie teria encontrado de, através de sua escrita literária, contrariar uma história única sobre a Guerra de Biafra. Através dos personagens de sua trama, a guerra é vista, sentida e percebida por pessoas de diferentes origens, grau de instrução, faixas etárias, o que permite ao leitor/coenunciador ter acesso a vários discursos sobre um mesmo episódio.

O sentimento quase que de obrigação de falar sobre a Guerra Nigeriano-Biafrense, em Adichie, relaciona-se tanto com as marcas profundas que o conflito deixou em sua

família e em sua comunidade, quanto com o fato de o tema ser um tabu em seu país, a ponto de não ser abordado no currículo das instituições de ensino.

Uma história e conflito que não foi ensinada na escola, como ela mesma afirma alhures, indica que a compreensão e a desarticulação de um silêncio sobre uma determinada fase da história de um país, ou de um povo particular, com suas incongruências internas (no jogo de manipulação da guerra em si) irão, certamente, contribuir para uma compreensão das dimensões globais de um evento que pareceu apenas local. (NUNES, 2016, p. 38)

A temática da ascensão e da queda da República de Biafra, apesar de pouco abordada nos espaços formais de aprendizagem - como nas instituições de ensino, ainda influencia a forma com que os diferentes grupos populacionais que compõem a Nigéria lidam uns com os outros. Esse fato pode ser constatado no excerto a seguir:

Em algumas de suas entrevistas, Adichie relata que sente uma certa discriminação das questões ibo e um ressentimento do povo nigeriano contra o grupo que tentou a secessão. Além dela, muitos outros escritores nigerianos escreveram sobre o tema, uma vez que **Biafra passou a ser um leitmotif na literatura contemporânea nigeriana, em especial nos anos imediatamente subsequentes à guerra**. Há motivos para se explicar a recorrência desse tema na produção ficcional e o principal deles é que o campo literário configurou-se como o único em que era possível efetuar um processo de catarse no pós-guerra; logo, não houve uma intrínseca resolução do problema e nem a sua cura. (NUNES, 2016, p. 57) (grifo nosso)

Chimamanda Adichie é mais uma, dentre tantos autores nigerianos - especialmente ibos, a escrever a respeito da guerra civil que foi um marco na história recente do país. Entretanto, a qualidade de seu romance histórico chamou a atenção da crítica, entre os quais destacam-se, para além dos prêmios literários, os elogios que a jovem autora recebeu de um dos seus principais ídolos/influenciadores, Chinua Achebe:

O que mais intriga os críticos literários acerca do trabalho da jovem Chimamanda Adichie é o fato de ela ter conseguido escrever com tamanha lucidez sobre um evento que não vivenciou diretamente, mas cujas nuances políticas e existenciais foram capturadas de modo a trazer, de fato, o leitor para dentro da narrativa e levá-lo a se identificar com personagens [...]. Vidas acadêmicas, artísticas, domésticas e políticas entram no palco da narrativa de Adichie, vidas que foram solapadas pelo advento da guerra desacreditada e inesperada. (NUNES, 2016, p. 50)

Nesse sentido, a pesquisadora Izabel de Fatima Brandão (2019, p. 334) declara:

Ser contadora de histórias, apenas, não basta. Adichie também se coloca no lugar de pesquisadora para que o que vai contar tenha um contexto histórico no qual o/a leitor/a possa acreditar. [...] Essa busca de pesquisar sobre a cultura e as tradições da Nigéria fazem da escritora uma observadora atenta e que consegue ligar "sua visão de feminismo africano e a lealdade para com os seus valores e tradições africanas".

O contexto político do país perpassa a vida dos personagens nos romances adichianos, especialmente em *Meio Sol Amarelo* (2008) por sua especificidade de ter como pano de fundo um episódio baseado em fatos reais. O aspecto histórico de sua obra é notório, especialmente quando se checam as informações contidas ao longo da narrativa. Sobre a relação entre o real e o ficcional da obra de Adichie, Nunes (2016, p. 22) argumenta que “as verdades imaginadas por Adichie não necessariamente são a realidade dos fatos tal como aconteceram, mas é uma possibilidade de verdade que leva o leitor a refletir criticamente sobre os aspectos retratados no romance [...]”.

Sobre o poder da escrita engajada adichiana, que tem como um dos paradigmas a quebra de estereótipos - especialmente em relação à África, Brandão (2019, p. 343) postula que "a ficção não tem o poder de mudar a realidade, mas leitoras/es podem observar que é possível a construção de algo diferente, positivo para as pessoas. Essa talvez seja a grande lição expressa pelo pensamento em ação da escritora nigeriana".

#### 4.1.1. *Meio Sol Amarelo* (2008)

A obra *Meio Sol Amarelo* (2008) é o segundo romance da autora Chimamanda Ngozi Adichie e tem por pano de fundo o contexto histórico em que se deu a Guerra Civil Nigeriana, também conhecida como Guerra de Biafra. O romance trata da experiência vivida pelos civis que, ao longo da narrativa, têm suas vidas mudadas por conta da guerra civil. Os personagens principais dessa história são Odenigbo, Olanna, Kainene, Richard e Ugwu.

Ugwu é o primeiro personagem a ser apresentado ao leitor, ele é um jovem menino ibo, oriundo de uma família muito pobre, que é levado por sua tia para trabalhar como empregado de um professor da Universidade de Nsukka. O professor em questão é Odenigbo, um homem ibo que reside no campus da universidade e frequentemente recebe amigos, também intelectuais, em sua casa para reuniões onde discutem temas sobre identidade étnica, política nacional e internacional, dentre outros. Ugwu, aos poucos, passa

de um garoto com pouca ou nenhuma instrução para uma pessoa que, ao longo da história, passa a compreender melhor a realidade na qual está imerso, muito por conta da sua capacidade de observação e dos esforços do seu amado patrão, modo como se dirige ao Professor Odenigbo.

O chefe de Ugwu mantém um relacionamento com Olanna Ozobia, irmã gêmea de Kainene e filha do Chefe Ozobia - um dos homens ibos mais importantes da região por conta dos seus negócios. Olanna havia retornado recentemente de Londres, onde se formou, e foi aprovada para atuar como professora no Departamento de Sociologia da Universidade de Nsukka, onde seu namorado também lecionava, por conta disso passam a morar juntos, apesar de Olanna manter um apartamento próprio na cidade. Kainene é o braço direito de seu pai, com formação na Inglaterra, assim como sua irmã gêmea, ela se torna sucessora do Chefe Ozobia na administração da empresa da família. Ela conhece Richard Churchill, um jornalista e pretense escritor britânico, num coquetel na Nigéria e, logo depois, passam a namorar. Richard é um entusiasta da cultura ibo, especialmente da arte Igbo-Ukwu.

O aspecto temporal do enredo merece especial atenção. O enredo não obedece a uma cronologia linear. A obra é dividida em quatro partes cada uma delas referente a um período de tempo, respectivamente: Início dos anos 60; Fim dos anos 60; Início dos anos 60 e Fim dos anos 60. Assim, o leitor/coenunciador é levado e trazido entre dois momentos: um em que Biafra ainda não existia e em que a guerra civil não passava de mera especulação – embora grupos de intelectuais como os amigos de Odenigbo já discutissem a identidade nigeriana e a própria existência da Nigéria enquanto nação; e outro em que a República de Biafra já fora declarada e, em que, a guerra tornou-se mais um personagem nesse enredo. A não-linearidade, em muitos momentos, chama o leitor a imaginar uma origem para determinado acontecimento, levando-o à criação de hipóteses, que, geralmente, são frustradas. Exemplo desse fenômeno é percebido quando se observa a personagem Baby. Ela aparece na história pela primeira vez no final da década de 1960, o leitor é levado a imaginar, a partir daquele contexto, que Baby é filha biológica do casal Olanna e Odenigbo. Entretanto, apenas quando o enredo volta a se passar na primeira metade da década que a real história da garota é descoberta: ela é fruta da traição de Odenigbo com Amala.

Ao longo da história, as vidas desses e de outros personagens são extremamente afetadas pelo advento da Guerra. Todos, a seu modo, passam a atuar no esforço de guerra, voluntária ou involuntariamente, para a vitória da recém-proclamada República de Biafra. Assim, após a apresentação da história e de seus principais personagens, observar-se-á quais discursos a obra de Adichie visibiliza e quais possíveis efeitos de sentido os discursos em

questão produzem em seus coenunciadores.

Logo na primeira parte do livro, ainda antes da Guerra de Biafra ter início, acontece uma reunião social na casa de Odenigbo, em que estão presentes vários dos professores da Universidade de Nsukka. Nesse contexto, a *intelligentsia* nigeriana debate a identidade africana a partir das noções de ‘tribo’ e ‘nação’.

“Claro que nós somos todos iguais, todos temos a opressão branca em comum”, disse a srta. Adebayo, secamente. “O pan-africanismo é simplesmente a resposta sensata.”

“Claro, claro, mas o que eu digo é que a única identidade autêntica para um africano é a sua tribo”, disse o Patrão. “*Eu sou nigeriano porque um branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o negro e sentir o mais diferente possível do branco. Mas eu era ibo antes que o branco aparecesse.*”

O professor Ezeka bufou e balançou a cabeça, com as pernas finas cruzadas. “Mas você só tomou consciência de que era ibo por causa do homem branco. A ideia pan-ibo só surgiu por causa da dominação dos brancos. Você tem que entender que tribo, hoje em dia, é um produto tão colonialista quando nação e raça.” O professor Ezeka tornou a cruzar as pernas.

“A ideia pan-ibo já existia muito antes da chegada do branco!”, gritou o Patrão. “Vá perguntar aos mais velhos em sua aldeia sobre a história”. (ADICHIE, 2008, p. 31) (grifo nosso)

No trecho grifado, a fala proferida por Odenigbo evidencia um discurso de questionamento da ideia de nação nigeriana e, conseqüentemente, da cidadania nacional, e também da identidade racial negra a partir do argumento levantado de que essas categorias foram “dadas” e/ou “criadas” por homens brancos, leia-se, europeus e, por isso, não deveriam ser levadas em consideração. Entretanto, ao mesmo tempo em que invalida as identidades supracitadas, ele legitima sua identidade ibo, pois entende a ‘tribo’ como sendo “a única identidade autêntica para um africano”.

Em outro trecho, ao final da citação, o namorado de Olanna utiliza uma frase de cunho imperativo com a finalidade de sugerir/ordenar que o professor Ezeka, que discordava de seu pensamento, fosse questionar os “mais velhos em sua aldeia sobre a história”. Esse fragmento tem como possível efeito de sentido para o coenunciador do discurso a ideia de que, para o povo ibo, os anciãos de sua aldeia seriam uma fonte de conhecimento legitimada até mesmo por pessoas com certo aparato cultural, como é o caso dos professores universitário da Universidade de Nsukka.

Em outro trecho da trama, numa discussão com o professor Ezeka a respeito do posicionamento político do Primeiro Ministro nortista Balewa, Odenigbo argumenta:

“Você se recusa a ver as coisas como elas realmente são!” Odenigbo mudou de posição na poltrona. “Estamos vivendo num período de grande perversidade branca. Os brancos estão desumanizando os negros da África do Sul e da Rodésia, fermentaram o que ocorreu no Congo, não querem deixar os negros norte-americanos votar, não querem deixar os aborígenes australianos votar, mas pior de tudo é o que estão fazendo aqui. Esse pacto de defesa é o pior do que o apartheid e a segregação, mas nós não percebemos. Eles estão controlando a gente por trás das cortinas. E isso é muito perigoso”. (ADICHIE, 2008, p. 134)

Segundo Odenigbo, seu interlocutor, professor Ezeka, não enxerga as coisas como ele supõe que elas sejam. Nesse sentido, o "amante revolucionário" de Olanna - como Kainene o apelidou, coloca a sua opinião como sendo a verdade dos fatos, em detrimento da opinião de seu colega que estaria deturpada. A tese defendida por Odenigbo é de que o momento histórico em que se encontram à altura seria marcado por uma "grande perversidade branca".

O termo 'branca' que caracteriza o substantivo 'perversidade', no excerto, estaria associado às populações de origem caucasiana, europeia. Posteriormente, Odenigbo enumera uma série de situações, provocadas por 'brancos', que estavam ocorrendo em várias partes do mundo e exemplificariam essa 'perversidade'. Em todas essas situações, as relações de poder entre os povos de origem caucasiana e os demais seriam desiguais, demonstradas pelo fato de os brancos serem os sujeitos das sentenças e os demais povos os objetos que seriam afetados pelas suas ações.

Entretanto, ainda que as situações expostas pelo professor fossem claros atentados aos direitos das populações subjugadas, segundo ele, quando comparadas ao 'pacto de defesa' - que no trecho imediatamente anterior ao citado afirmam ter sido assinado pelo Primeiro-ministro nigeriano Balewa e o governo britânico - elas eram menos perversas, pois esse não seria facilmente identificado pelos nigerianos, que estariam sendo controlados "por trás das cortinas". Assim, um dos possíveis efeitos de sentido causados no coenunciador do discurso é de que, ainda que fosse um país independente, o destino da Nigéria e dos nigerianos continuava a ser escrito pelo governo de sua antiga potência colonial, a Grã-Bretanha.

A importância dada aos anciãos dentro da sociedade ibo, como bastiões da memória coletiva, aparece na passagem a seguir, na qual Richard vai à comunidade Igbo-Ukwu, de onde são originários os vasos de cordas, peças que motivaram a ida do jornalista britânico para a Nigéria. Ao chegar ao local, Richard questiona o ancião da aldeia a respeito de uma

câmara mortuária que julgava ter sido de um rei ibo:

Pa Anozie deu uma olhada comprida e magoada para Richard e durante alguns instantes ficou resmungando algo, com ar aflito. Emeka riu, antes de traduzir. “Papa disse que achava que você era um dos homens brancos que sabem pelo menos um pouco. Ele disse que o povo ibo não conhece o que é um rei. Nós temos sacerdotes e anciãos. A câmara mortuária deve ter sido para algum sacerdote. Mas um sacerdote não faz o povo sofrer tanto quando um rei. Os brancos nos impuseram os chefes locais, e agora todos estão se dizendo reis.”

Richard pediu desculpas. Sabia que os ibos tinham fama de ser uma tribo republicana havia milhares de anos, mas um dos artigos sobre as descobertas de Igbo-Ukwu sugeria que talvez em algum momento tivessem tido reis que, mais tarde, foram depostos. *Os ibos eram, afinal de contas, um povo que depunha deuses que já não serviam aos seus propósitos.* (ADICHIE, 2008, p. 88) (grifo nosso)

No trecho em questão, o suposto conhecimento de Richard, grande entusiasta da cultura ibo, é questionado e, de certa forma, ridicularizado - quando afirmam que achavam que ele era "um dos homens brancos que sabem pelo menos um pouco", por conta de sua crença de que a câmara mortuária que fora descoberta recentemente e sobre a qual tinha ouvido falar poderia ter sido utilizada por um rei.

Nesse momento, nota-se um choque cultural entre Richard, um cidadão britânico recém-chegado à Nigéria, e Pa Anozie, ancião ibo, a respeito do conceito de 'rei'. Para Richard, advindo de uma monarquia parlamentarista, seria plausível aceitar, ainda que soubesse da tradição republicana dos ibos, a inexistência de reis em algum momento da história daquele povo. Já para o ancião ibo, o fato em questão seria inconcebível, visto que a imagem que tinha consolidada sobre esses chefes de Estado de governos monárquicos era de que eles faziam "o povo sofrer".

O excerto destacado ao final da citação provoca potencialmente nos coenunciadores do discurso dois efeitos de sentido opostos acerca dos ibos. Se por um lado, o fato de depor quem já não 'servia' mais aos seus propósitos poderia ser compreendido como a demonstração máxima de uma democracia, já que o interesse do povo estaria acima de qualquer outro. Na contramão, depor até "deuses", seres supremos, daria a entender que, para alcançar seus propósitos, os ibos estariam dispostos a qualquer coisa.

Em dado momento da narrativa, durante mais uma das reuniões sociais na casa de Odenigbo, há um debate sobre música e, em especial, sobre Rex Lawson, um cantor nigeriano:

“Rex Lawson é um *verdadeiro nigeriano*. Não se apega a sua tribo *kalabari*; canta em todas as nossas principais línguas. Isso é original - e com certeza um motivo para gostarmos dele”, disse a srta. Adebayo. “Esse é um motivo para não gostarmos dele”, retrucou Odenigbo. “*Esse nacionalismo significa que devemos aspirar à indiferença diante de nossas próprias culturas é burrice.*” (ADICHIE, 2008, p. 133) (grifo nosso)

A ideia de ‘verdadeiro nigeriano’ traz, como oposição implícita, a categoria de falso nigeriano, já que, ao se empregar o adjetivo ‘verdadeiro’ abre-se precedente para questionar se haveria algum tipo de nigeriano que poderia não ser enquadrado nessa categoria e o porquê dessa exclusão. Ao apontar como uma justificativa o fato de que o cantor Rex Lawson seria ‘verdadeiro’ por não se apegar à sua etnia e cantar músicas nas principais línguas nigerianas, entende-se que, o ‘falso nigeriano’, nesse contexto, seria aquele que tem a sua identidade étnica/“tribal” consolidada. Assim, o verdadeiro nigeriano, por oposição, seria quem abriu mão de sua etnicidade para assumir a nacionalidade nigeriana como sua principal identidade.

Em determinado momento da trama, logo após a notícia do primeiro golpe de Estado, ocorrido em janeiro de 1966 – como referido no capítulo anterior, ocasião em que as principais lideranças civis do país foram assassinadas por um grupo de militares do exército nigeriano, Odenigbo recebe convidados em sua casa que, ansiosos, discutem a respeito dos últimos acontecimentos:

"Isso vai ser o fim da corrupção! Isso que estávamos esperando que acontecesse desde a greve geral", disse um dos convidados. [...]

"A BBC está dizendo que foi um golpe dos ibos", disse o convidado que adorava chin-chin. "E eles têm certa razão. Foi quase só gente do Norte que morreu."

"Pois se no governo tinha quase só gente do Norte", sussurrou o professor Ezeka, as sobrancelhas arqueadas, como se não acreditasse que tinha de dizer algo tão óbvio.

"A BBC devia perguntar ao povo deles, afinal foram eles que puseram o povo do Norte no governo para dominar todo mundo!", disse o Patrão. (ADICHIE, 2008, p. 150) (grifo nosso)

Ao mesmo tempo em que alguns consideram que o golpe fora uma solução, visto que seria o “fim da corrupção”, algo que se entende como almejado por um grupo de pessoas quando um dos convidados afirma que “estávamos esperando que acontecesse desde a greve geral”, evidenciando que o fim da corrupção nigeriana seria uma demanda de parte da população, compreendida aqui como trabalhadores, já que a greve é uma mobilização criada no contexto das relações de trabalho e produção.

Por outro lado, há uma discussão acerca da autoria desse motim. Nesse contexto, a BBC – empresa estatal britânica de comunicação – é o veículo por meio do qual os presentes atualizam-se a respeito dos fatos. Assim, apesar de utilizarem-na como um serviço de comunicação, mostrando que ela possui certa legitimidade dentro daquele grupo, por outro lado, há um questionamento acerca das informações que a emissora divulga. Esse questionamento evidencia-se especialmente quando Odenigbo afirma que a rádio em questão “devia perguntar ao povo deles”, no caso, o povo deles significaria mais diretamente o “povo britânico”. Porém, mais adiante, o patrão de Ugwu complementa seu pensamento ao afirmar que “foram eles que puseram o povo do Norte no governo para dominar todo mundo”. Nesse caso, a retomada do pronome pessoal da terceira pessoa do plural ‘eles’ evidencia que, efetivamente, a fala tem como alvo o governo britânico e não sua população, já que os cidadãos ingleses comuns, teoricamente, não teriam conhecimento nem poder para interferir na política nigeriana e, tampouco, para responder a tais questionamentos.

Durante a viagem de Olanna para visitar seus familiares no Norte da Nigéria, há um diálogo onde se discute os últimos acontecimentos políticos do país que levaram à morte de diversos líderes, com atenção especial ao Sardauna de Sokoto:

"O Sardauna era um homem mau, *ajo mmadu*", disse tia Ifeka. "Ele nos odiava. Odiava todos os que não tiravam os sapatos e se curvavam para ele. Foi ele que não deixou nossas crianças irem para a escola."

"Mas não deviam tê-lo matado", disse Olanna, baixinho. "Deviam tê-lo trancafiado numa prisão."

Tia Ifeka bufou: "Pôr em qual prisão? Nessa Nigéria onde ele controlava tudo?" (ADICHIE, 2008, p. 155)

No trecho acima, Tia Ifeka – tia de Olanna, de origem ibo, que reside no Norte de predominância hauçá muçulmana – discorre a respeito da relação do líder máximo da região, o Sardauna, com os ibos. Para ela, “o Sardauna era um homem mau”, explicação simplista que remete a uma dicotomia: “há pessoas más e pessoas boas”. Ela continua sua explanação, ao dizer “ele nos odiava”, o pronome oblíquo ‘nos’ refere-se aqui à identidade compartilhada por Tia Ifeka com seu grupo ibo: “O Sardauna odiava os ibos”, mas para além disso, “odiava também todos que não tiravam os sapatos e se curvavam para ele”. As ações descritas por Tia Ifeka de ‘tirar os sapatos’ e ‘curvar-se’ conotam uma ideia de respeito e/ou submissão. Além disso, é prática comum dos islâmicos tirarem seus sapatos ao entrar em locais sagrados, como as mesquitas.

Uma das formas em que, teoricamente, o Sardauna expressa o seu ódio pelos ibos é

não permitindo que as crianças da comunidade se dirijam à escola. O substantivo ‘escola’ aqui é o símbolo de “acesso à educação”. Impedir que as futuras gerações de ibos residentes no Norte conseguissem frequentar o sistema escolar é algo extremamente danoso a ponto de ser entendido como um ódio deliberado do Sardauna aos ibos. O Sardauna, por outro lado, pode ser compreendido como a personificação de uma elite hauçá.

Ainda durante a estadia de Olanna na região Norte, ela e sua prima Arize, que estava grávida, dirigem-se ao mercado para comprar o enxoval do bebê. Ao se aproximar do espaço de compras, ambas notam um estranho tumulto:

Alguém no meio da multidão bradou: "Nós estamos contando os ibos. Oya, venha e identifique-se. Você é ibo?".

Arize resmungou entre dentes: "*I kwuna okwu*", como se Olanna estivesse pensando em dizer alguma coisa, depois sacudiu a cabeça e começou a falar um ioruba fluente, enquanto ia fazendo a volta para poderem retornar pelo mesmo caminho, pelo qual tinham vindo. A multidão perdeu o interesse nelas. Outro homem, num terno safári, estava sendo estapeado na nuca. "Você é um ibo! Não negue! Simplesmente identifique-se!" (ADICHIE, 2008, p. 158)

Partindo do pronome pessoal ‘nós’, entende-se que há um grupo de pessoas - que se reconhecem enquanto tal – que está contando indivíduos de identidade ibo. Entretanto, ao se levar em consideração o tumulto causado pela ação, compreende-se que a contagem e a identificação dos ibos poderiam acarretar certo perigo a quem assim se declarasse. Portanto, o pronome pessoal ‘nós’ designaria um grupo potencialmente rival dos ibos. Assim, apesar de o trecho não deixar explícito, ao se retomar as declarações de Tia Ifeka em relação ao Sardauna assassinado, compreende-se que podem se tratar de membros do grupo hauçá, e tendo em vista o uso dos verbos ‘vir’, ‘identificar’ e ‘negar’ no modo imperativo, que exprimem a ideia de ordem, de que essas pessoas se tratariam de autoridades.

Outro fato que chama a atenção no fragmento supracitado é que, a ser questionada acerca de sua origem identitária e, compreender que seria arriscado declarar-se enquanto ibo, Arize nega sua identidade étnica ao iniciar um diálogo em língua iorubá – sobre a qual demonstra domínio, o que causa aos seus interlocutores a ideia de que se tratasse de uma pessoa originária daquele grupo étnico e que, por isso, não deveria sofrer qualquer retaliação. Esse fato evidencia também que não havia, entre os grupos mencionados, qualquer traço físico que os distinguisse de forma irrefutável.

Ao chegar à Nigéria, Richard, um jovem jornalista e pretense escritor britânico, teve como “guia” Susan – sua compatriota que residia por anos na Nigéria, atuava no British

Council e que fora sua namorada nesse período inicial de sua vida no novo país:

[...] Susan falava com autoridade sobre a Nigéria e os nigerianos. Quando passavam pelos mercados barulhentos, com música High Life jorrando das lojas, pelas barracas dos ambulantes montadas ao acaso, pelas sarjetas cheias de água parada, ela dizia: “Na verdade, eles têm vigor extraordinário, mas muito pouco senso de higiene, infelizmente”. *Ela lhe contou que os hauçás do Norte era um povo digno, que os ibos eram enfezados e adoravam dinheiro, e que os iorubas eram muito alegres, ainda que fossem uns belos de uns parasitas*. Nas noites de sábado, quando apontava para os grupos de pessoas vestidas com cores brilhantes, dançando em frente a toldos iluminados, dizia: “Olha só. *Os iorubas se endividam até o pescoço para dar essas festas*”. (ADICHIE, 2008, p. 69-70) (grifos nossos)

Ao afirmar que os nativos nigerianos “têm vigor extraordinário, mas muito pouco senso de higiene”, Susan naturaliza um estereótipo que recai especialmente sobre os povos africanos ou afrodescendentes que geralmente são associados como detentores de força física excepcional. Por outro lado, essas mesmas populações costumeiramente são taxadas como não-higiênicas, ou seja, sujas. A sujeira está para a limpeza, assim como a barbárie estaria para a civilização. Associar povos à sujeira seria uma forma de deslegitimar e inferiorizar sua cultura.

O fragmento grifado, mais uma vez, evidencia uma estereotipagem acerca dos principais povos nigerianos a partir da fala de uma mulher britânica que, vivendo há alguns anos na Nigéria, sente-se no direito de qualificar e classificar os nativos a partir de uma homogeneização dos modos de agir, pensar e ser dos membros dos grupos em questão. O discurso de Susan, de alguma forma, também hierarquiza esses grupos: enquanto os hauçás são lidos como dignos – o que os tornaria socialmente aceitáveis, ibos e iorubás são, respectivamente, taxadas como enfezados e parasitas.

A reprodução de estereótipos acerca de um povo não é exclusividade de pessoas originárias de outros grupos – ainda que se tratem de características tidas como negativas. No trecho a seguir, Kainene, uma mulher ibo, reproduz um estereótipo acerca de seu próprio grupo identitário:

“O socialismo até que poderia funcionar na Nigéria, se fosse feito da maneira correta, acho”, disse ele. “No fundo é tudo uma questão de justiça econômica, certo?”  
Kainene bufou. “O socialismo jamais funcionaria com o povo ibo” Ela manteve a escova suspensa no ar. “Ogbenyealu é um nome muito comum para meninas, e sabe o que quer dizer? *‘Para Que Não Se Case com Homem Pobre.’* Carimbar isso numa criança na hora em que nasce é

*capitalismo com C maiúsculo.*” (ADICHIE, 2008, p. 86) (grifo nosso)

O trecho acima grifado reitera um já conhecido estigma acerca dos ibos que historicamente foram tidos como um grupo étnico que tinha a busca pelo êxito financeiro como elemento primordial de suas vidas, uma busca na qual, teoricamente, despendiam todas as suas energias, inclusive, com poucas ou nenhuma barreira morais. O fato de o nome da criança ter como significado uma oração subordinada de finalidade demonstra uma intenção, que seria generalizada pela suposta recorrência desse nome entre menina ibo, de que as jovens mulheres ibos tornassem-se esposas de homens ricos, antes de qualquer outra característica de seus pretendentes serem levadas em consideração. Essa fala sendo proferida por uma mulher de origem ibo causa como principal efeito de sentido a ideia de naturalizar esse estigma acerca dos ibos, já que eles próprios “reconhecem” e “legitimam” essa suposta característica cultural.

Logo no início dos conflitos, há uma preocupação sobre quanto tempo a Guerra Civil Nigeriana deve durar e um receio, por parte de alguns moradores da região, de que o conflito dure mais do que o esperado:

“Não é seguro, Richard. Eu não fico aqui nem mais uma semana. *Essa gente nunca trava uma guerra civilizada*, já reparou? E todo mundo dizendo que é uma guerra civil.” Susan calou-se uns momentos. “Liguei para o British Council em Enugu e não acreditei quando soube que o pessoal lá continuava indo jogar pólo aquático e a organizar coquetéis no Hotel Presidential! Tem uma guerra acontecendo”.

“Mas vai acabar rápido”

“Que acabar rápido, que nada! Nigel está partindo daqui a dois dias. Não vai acabar rápido coisa nenhuma; Essa guerra vai se arrastar durante anos e anos. *Veja o que houve no Congo. Essa gente não tem noção de paz. Prefere lutar até o último homem...*” (ADICHIE, 2008, p. 215) (grifos nossos)

O diálogo entre Richard e Susan evidencia, a partir dos trechos destacados, um discurso etnocêntrico e extremamente xenofóbico e racista. Ao se referir à população nigeriana, Susan utiliza a expressão “essa gente”, entretanto, não nomeia quem seria esse tipo de gente. A expressão, facilmente, poderia ter sido substituída por ‘povos nigerianos’, ‘a população nigeriana’ ou por qualquer outro marcador étnico/racial/nacional, entretanto, o enunciado utiliza o pronome demonstrativo ‘essa’, como se o enunciador estivesse apontando ao seu interlocutor quem seriam essas pessoas, ou através de gestual ou ao verbalizar. Esse modo de se expressar comumente está associado a uma ideia de desdém, em que, o enunciador, sentindo-se superior ao objeto de que trata, se reserva ao direito de nem

sequer nomeá-lo. Assim, o efeito de sentido possivelmente causado nos coenunciadores desse discurso é de que Susan, uma mulher britânica, acredita ser superior aos povos nigerianos, os quais classifica como “essa gente”.

Ainda nesse sentido, na sentença observada, Susan coloca o sujeito de sua oração em oposição à ideia de civilização quando aponta que “essa gente nunca trava uma guerra civilizada”. A civilização aqui, vista como um ideal de estrutura cultural e social ligado a ideia de que haveria povos bárbaros/primitivo, que estariam ainda em processo evolutivo, e os povos civilizados, que seriam os mais desenvolvidos e, portanto, a meta a ser alcançada. Ao final do excerto, a expressão ‘essa gente’ é novamente utilizada, entretanto, Susan refere-se aos conflitos ocorridos no Congo, de forma a generalizar africanos de diferentes nacionalidades, naturalizando uma ideia errônea que se faz acerca de África e dos povos africanos como se fossem uma unidade cultural.

A respeito da política internacional e da importância das relações exteriores para a constituição de Biafra enquanto nação, em dada passagem do romance *Meio Sol Amarelo*, a personagem Olanna Ozobia está ouvindo a rádio a fim de se atualizar sobre os últimos acontecimentos da guerra civil, quando recebe uma notícia que a deixa entusiasmada e resolve partilhá-la com seu companheiro, Odenigbo:

“A Tanzânia reconheceu nossa existência!”, disse Olanna de novo. [...]  
Depois o Patrão pegou o rádio e sintonizou. “É melhor ter certeza disso. Vamos ouvir nas outras rádios”.  
A Voz da América noticiava a mesma coisa, assim como a rádio francesa, que Olanna traduziu para ele: a Tanzânia era o primeiro país a reconhecer a existência da nação independente da Biafra. Finalmente, Biafra existia. (ADICHIE, 2008, p. 344) (grifo nosso)

O trecho destacado acima trata sobre o reconhecimento diplomático da Tanzânia acerca da existência de Biafra – fato que foi de encontro ao Estatuto da Organização dos Estados Africanos de 1963, que tinha como uma das principais pautas a manutenção das fronteiras coloniais. Ainda que no campo da política externa seja um fato de suma importância, um dos possíveis efeitos de sentido causados pelo excerto é de que, apenas a partir do reconhecimento pela alteridade – no caso em questão um outro país, a Tanzânia – que, de fato, a República de Biafra passa a ter uma existência legitimada. Não só o país, já que o uso do pronome possessivo ‘nós’ na sentença “A Tanzânia reconheceu nossa existência”, não a existência ‘do país’ ou ‘de Biafra’, mas a ‘nossa’ pode causar como efeito

de sentido a ideia de que, até aquele momento, os partidários da República de Biafra estivessem aguardando por uma legitimação externa para tornarem-se ‘biafrenses’ de fato, passarem a existir no campo simbólico da cidadania.

Após ser sequestrado para atuar no exército biafrense como soldado, Ugwu é levado para uma espécie de centro de treinamento dos recrutas, local em que:

[...] Os soldados magrinhos - sem botas, sem farda, sem meio sol amarelo pregado na manga - chutaram, estapearam e zombaram de Ugwu durante os treinos físicos. A marcha deixou os braços de Ugwu rígidos, os treinos de obstáculos deixaram suas panturrilhas latejando. Os exercícios de subir em cordas deixaram suas palmas sangrando. O embrulhinho de *garrí* que fazia fila para receber, a sopa rala servida uma vez por dia de uma bacia de metal, o deixavam com fome. E a crueldade casual desse novo mundo em que não tinha voz provocou um enorme coágulo de medo dentro dele. (ADICHIE, 2008, p. 416)

A ausência evidenciada ao longo do discurso pela repetição da preposição ‘sem’ causa como possível efeito de sentido para o coenunciador a ideia de precariedade, escassez. Os membros das tropas biafrenses - ‘soldados magrinhos’ - que são a própria riqueza do país, já que numa guerra nenhum serviço é mais importante para uma nação do que o seu exército, trabalham em situação de completa falta de equipamentos, especialmente quando se comparado às forças nigerianas. Os soldados em questão simbolizam o próprio Estado biafrense em sua completa fragilidade. Por outro lado, as ações engendradas pelos militares em formação evidenciadas pelos verbos ‘chutar’, ‘estapear’ e ‘zombar’, demonstram que, ainda que a situação não esteja favorável, a atitude de superioridade em relação ao outro é mantida, por mais que todos estivessem experienciando o mesmo sentimento de privação.

Se por um lado, os biafrenses chamavam a Kwashiorkor - condição grave de desnutrição devido à ausência de proteína que afetou sobretudo as crianças biafrenses e levou inúmeras delas à morte - de “Síndrome de Harold Wilson” (ADICHIE, 2008, p. 393), por outro lado, os soldados do exército biafrense batizaram a mina terrestre criada por eles como “Bomba Ojukwu” (*Ibid.*, p. 417). Esses dois exemplos ilustram bem o discurso adotado pelos personagens biafrenses durante o esforço de guerra. Enquanto a Grã-Bretanha, através de seu Primeiro-ministro Harold Wilson à época, simbolizava um mal a ser combatido pelos biafrenses pois relacionava-se a uma das principais causas de mortandade entre os cidadãos da República de Biafra, o líder militar da região secessionista, em oposição, simbolizava a esperança da vitória, sendo associado à arma secreta do exército biafrense para alcançar o êxito esperado.

A respeito do General Ojukwu, essa imagem alimentada ao longo de toda guerra de que ele seria o ‘salvador da pátria’ aparece mais uma vez ao final da trama quando de sua fuga e rendição da República de Biafra:

[...] Os ventos do harmatão estavam mais calmos e não vergavam os cajueiros, mas sopravam areia para todo lado e o ar estava denso de poeira e de rumores de que Sua Excelência não fora em busca de paz, de que ele fugira. Olanna sabia que não podia ser verdade. *Acreditava, com a mesma firmeza e calma com que acreditava que Kainene voltaria para casa em breve, que a viagem de Sua Excelência seria um sucesso.* Ele voltaria com um documento assinado, declarando o fim da guerra e proclamando a independência de Biafra. *Ele voltaria trazendo justiça e sal.* (ADICHIE, 2008, p. 472) (grifos nossos)

No trecho em destaque, as duas aparições do verbo ‘acreditar’ têm sentido associado à manutenção de uma crença. Olanna nutria uma esperança tanto sobre a volta de sua irmã gêmea Kainene, que desaparecera semanas antes na fronteira do território biafrense, quanto em relação à vitória de Biafra na guerra – embora ambas as situações provavelmente não fossem acontecer de fato, baseavam-se numa fé que está para além da compreensão dita limitada da racionalidade humana. Não havia indícios sobre o paradeiro de Kainene já fazia certo tempo e a vitória de Biafra, por sua vez, mostrava-se cada vez mais utópica, tendo em vista que o exército nigeriano, naquele momento, já havia conquistado vários territórios dentro das fronteiras estabelecidas quando da secessão da República de Biafra.

Além de crer que o General Ojukwu não havia fugido, Olanna desejava que, ao regressar, o líder biafrense trouxesse ‘justiça e sal’. Ambos os itens se encontravam “em falta” no território biafrense. A justiça seria um dos motivadores para a secessão. A ideia de construir um Estado separado para os povos orientais, especialmente os ibos, seria uma resposta à “injustiça” cometida pela Federação Nigeriana ao não punir com rigor os responsáveis pelos massacres ocorridos em 1966, que tiveram como principal alvo os orientais, residentes especialmente no Norte da Nigéria. O sal, mais do que um condimento que há muito tornou-se item raro na mesa dos biafrenses, no contexto em questão, simbolizava o acesso ao alimento e, conseqüentemente, à dignidade humana. O sal é um dos itens mais básicos para temperar os alimentos e, justamente ele, estava em falta. Ele representaria uma mudança entre sobreviver – com a ingestão de qualquer substância que mantivesse o corpo em funcionamento – e retomar a vida e o gosto pelas coisas.

#### 4.1.1.1. *O mundo estava calado quando nós morremos*

O metalivro *O mundo estava calado quando nós morremos*, composto de oito partes/capítulos, aparece ao longo da narrativa de *Meio Sol Amarelo* (2008) como um livro escrito por um dos personagens do romance de Adichie, que só ao final do livro é revelado, para a surpresa de muitos leitores.

Na página cem do livro *Meio Sol Amarelo* (2008), surge, ao fim do terceiro capítulo, o que seria o resumo da primeira parte do metalivro *O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos*. No prólogo do livro, o autor - ainda não identificado - trata sobre a experiência que Olanna teve durante o retorno da região de Kano, após o massacre sofrido pelos ibos naquela região.

Quando uma mulher, desnorteada pelo sofrimento, carrega durante a viagem de trem, a cabeça de sua filha decapitada e, em dado momento do percurso, mostra para Olanna e outros passageiros ao seu entorno aquele membro. Essa imagem é relatada por Olanna para o autor de forma detalhada. Outras duas histórias de mesma natureza são mencionadas nesse trecho do livro. Ao final, são informados elementos constitutivos do livro:

Para a capa do livro, porém, desenha um mapa da Nigéria e ressalta em vermelho vivo a forma ípsilon na junção dos rios Níger e Benue. E usa o mesmo tom de vermelho para marcar os limites de onde no Sudeste, Biafra existiu por três anos. (ADICHIE, 2008, p. 101)

Nesse momento, sabe-se que, o livro foi criado posteriormente ao final da guerra e que Biafra sucumbiu após três anos. Nesse sentido, a história tem uma narrativa não-linear, pois não segue a cronologia tal como convencionou-se, com início, meio e fim. Na segunda parte do livro é que o autor traz o aspecto histórico da criação da Nigéria enquanto nação.

No trecho em questão, fala da importância de Taubman Goldie e de suas tratativas na Conferência de Berlim para assegurar aos britânicos o território que viria a ser posteriormente a Nigéria. A seguir, o enunciador trata sobre a relação dos colonizadores com a região e os povos que nela habitavam:

Os britânicos preferiam o Norte. O calor, ali, era agradavelmente seco; *os hauçá-fula tinham traços menos largos e, por isso, eram superiores aos sulistas negróides, além de serem muçulmanos, o que significava que eram tão civilizados quanto era possível ser, entre os nativos, sem contar que eram feudais e, portanto, perfeitos para o governo indireto*. Emires equânimes recolhiam os impostos para os britânicos, e, em troca, os britânicos mantinham os missionários cristãos bem longe.

Por outro lado o Sul, muito único, era cheio de mosquitos, animistas e tribos distintas. *Os iorubas eram os mais numerosos no Sudeste. No Sudoeste, viviam os ibos<sup>40</sup>, em pequenas comunidades republicanas. Não eram nem um pouco dóceis e tinham uma ambição preocupante.* Uma vez que não tiveram o bom senso de possuir reis, os britânicos criaram os chefes locais, os mandatários, porque o governo indireto saía bem mais barato à coroa. Os missionários obtiveram licença para domar os pagãos; a cristandade e a educação que levaram floresceu. Em 1914, o governador-geral uniu o Norte e o Sul e sua mulher escolheu um nome. Assim nascia a Nigéria. (ADICHIE, 2008, p. 139-140) (grifo nosso)

O excerto em questão apresenta uma série de estereótipos sobre os principais grupos populacionais da Nigéria. Especialmente nos fragmentos grifados, há uma clara reprodução de discurso racista e eurocentrista – em que se toma como padrão de conduta a cultura europeia e, portanto, a considera mais civilizada quando comparada às outras. Assim, os povos do Norte, teoricamente mais próximos desse ideal, eram considerados mais civilizados do que os do Sul.

Além disso, vê-se também a ideologia racista impregnada quando se afirma que “*os hauçá-fula tinham traços menos largos e, por isso, eram superiores aos sulistas negróides*”. O fato de o trecho estar presente no livro em questão sem nenhuma consideração crítica, ainda que não corresponda à visão do autor/enunciador sobre o assunto, provoca no coenunciador um efeito de sentido de naturalização. O processo de naturalização consiste em haver, através do discurso, uma normalização daquele posicionamento, como se os estereótipos sobre hauçás, iorubás e ibos, e o discurso discriminatório a respeito deles se constituísse em uma verdade.

Nesse sentido, a terceira parte do livro aborda o processo de independência da Nigéria em 1960 e como, já ali, “a Nigéria era um conjunto de fragmentos presos por um frágil fecho” (ADICHIE, 2008, p. 185). Esse discurso reitera a argumentação de muitos historiadores estudiosos da Guerra Civil Nigeriana que constantemente usam o termo ‘amalgama’ ou ‘*amalgamation*’, em inglês, para tratar da formação da Nigéria e de como, apesar de ter se constituído como um único país, as populações localizadas em seu território não se viam como nigerianos e sim, enxergavam-se a partir dos seus grupos étnico-linguísticos. Essa é uma das principais, mas não a única, teoria a respeito da secessão da República de Biafra e da posterior guerra civil que se abateu sobre o país.

A quarta parte do metalivro aborda os aspectos econômicos da Nigéria, especialmente a transição sofrida pelo país nesse setor entre o período colonial e os

---

<sup>40</sup> A localização presente no trecho em questão está equivocada. Os iorubás viviam no Sudoeste e os ibos no Sudeste do país.

primeiros anos de independência. Além disso, trata sobre os massacres de 1966 e suas consequências:

*Ele argumenta que a Nigéria não tinha economia nenhuma, até a independência. O Estado colonialista era autoritário, uma ditadura despreocupadamente brutal, destinada a beneficiar a Grã-Bretanha. A economia, em 1960, consistia em potenciais – matérias-primas, seres humanos, espíritos animados e algum dinheiro que sobrou nas cooperativas, depois que os britânicos levaram embora o grosso para reconstruir a economia do pós-guerra. E havia também o petróleo recém-descoberto. Porém os novos líderes nigerianos estavam otimistas demais, ambiciosos demais com projetos de desenvolvimento que iriam lograr a credibilidade do povo, ingênuos demais na hora de aceitar empréstimos estrangeiros extorsivos, interessados demais em imitar os britânicos, em assumir as atitudes superiores, os hospitais de primeira e os salários melhores que, durante tanto tempo, foram negados aos nigerianos. Ele acena para problemas complexos que o novo país terá de enfrentar, mas se concentra nos massacres de 1966. As razões ostensivas – vingança pelo “golpe ibo”, protestando contra um decreto unitário que faria o povo do Norte sair perdendo no funcionalismo público – não tinham a menor importância. Assim como também não importava o número variável de mortes: três mil, dez mil, cinquenta mil. O importante foi que os massacres fizeram dos antigos nigerianos fervorosos biafrenses. (ADICHIE, 2008, p. 240) (grifo nosso)*

No fragmento acima, ao mesmo tempo em que denuncia a brutalidade do sistema colonial na Nigéria, o enunciador evidencia que, por outro lado, os cidadãos nigerianos - ao assumirem postos de poder após a independência do país - estavam ávidos para experimentar as benesses que antes não tinham acesso. Os excertos destacados têm como possível efeito de sentido para o coenunciador a ideia de que a brutalidade experienciada no período colonial continuou, de certa forma, após conquistada a independência.

Em se tratando sobre os massacres de 1966, chama atenção o fato de, dentre as principais consequências da brutalidade ocorrida nos episódios em questão, o autor destaca a capacidade de transformação de nigerianos, em especial os de origem ibo, em "fervorosos biafrenses". Ainda que esse argumento possa ser comprovado, o modo como o discurso se desenvolve, causa um efeito de sentido no coenunciador de que as mortes, ainda que tenham sido milhares, valeram a pena pois deram origem a um sentimento de nacionalismo em relação à República de Biafra, que surgiria posteriormente.

Na quinta parte do livro, o autor trata a respeito de um tema muito caro durante toda a Guerra Civil Nigeriana:

Ele escreve sobre a fome. A fome foi a arma de guerra da Nigéria. A fome

quebrou Biafra, trouxe fama a Biafra e fez Biafra durar o tempo que durou. A fome fez os povos do mundo repararem e provocou protestos e manifestações em Londres, Moscou e na Tchecoslováquia. A fome fez a Zâmbia, a Tanzânia, a Costa do Marfim e o Gabão reconhecerem Biafra, a fome levou a África até a campanha presidencial de Nixon, e fez os pais do mundo todo dizerem aos seus filhos para raspar o prato. A fome levou organizações de ajuda a fazer transportes clandestinos de comida durante a noite, uma vez que nenhum dos lados conseguia chegar a um acordo quanto às rotas. A fome ajudou a carreira dos fotógrafos. E a fome fez a Cruz Vermelha Internacional chamar Biafra de sua maior emergência, desde a Segunda Guerra Mundial. (ADICHIE, 2008, p. 276-277)

No trecho acima, o enunciador utiliza reiteradamente o termo “a fome” nos mais variados contextos. Entretanto a expressão em questão poderia facilmente ser substituída por “bloqueio alimentar”, “discursos sobre a fome”, “imagens de pessoas famintas”, “escassez de alimentos”, *etc.* Todavia, provavelmente, o enunciador escolheu enfatizar essa expressão pois a repetição de “a fome” ao longo do texto causaria um efeito de sentido mais impactante no coenunciador do que o uso de termos substitutos.

No fragmento seguinte do metalivro, aborda-se a repercussão mundial da Guerra Civil Nigeriana, especialmente a respeito da região de Biafra, que ainda era desconhecida para muitos:

*Ele escreve sobre o mundo, que permaneceu calado enquanto os biafrenses morriam. Argumenta que a Grã-Bretanha inspirou esse silêncio. As armas e o conselho que os britânicos deram à Nigéria formou outros países. Nos Estados Unidos, Biafra estava “sob a esfera dos interesses britânicos”. No Canadá, o primeiro-ministro deixou escapar: “Onde é que fica Biafra?”. A União Soviética enviou técnicos e aviões à Nigéria, vibrando com a possibilidade de influir na África sem ofender norte-americanos e britânicos. E, de suas posições de supremacia branca, África do Sul e Rodésia olharam triunfantes para mais uma prova de que governos liderados por negros estavam fadados ao fracasso. A China comunista denunciou o imperialismo anglo-americano-soviético, mas nada fez para apoiar Biafra. Os franceses venderam armamentos a Biafra, mas não deram o reconhecimento de que o país mais precisava. E muitos países negros da África, temendo que a independência de Biafra desencadeasse outras secessões, deram seu apoio à Nigéria. (ADICHIE, 2008, p. 302) (grifo nosso)*

Mais uma vez, a figura do silêncio manifesta-se no discurso, “o mundo se cala enquanto observa o fim de Biafra”. Nesse trecho, observa-se que o ‘silêncio’ a que o enunciador se refere não se traduz somente em uma ausência de palavras, mas, especialmente, na ausência de ações práticas a respeito do conflito.

Biafra tornou-se um assunto debatido por líderes mundiais das grandes potências,

entretanto, ainda que politicamente, muitos desses países tivessem um posicionamento favorável à secessão de Biafra, e evidenciassem isso através de seu discurso, em sua maioria, essa posição não representou nenhuma ajuda efetiva para os biafrenses durante o conflito. Fato que se evidencia especialmente no último parágrafo da citação, em que a conjunção adversativa ‘mas’ é utilizada logo após tratar do posicionamento chinês e francês: “Eles apoiaram Biafra de determinada maneira, entretanto aquele apoio não foi suficiente”.

Ainda nesse sentido, no epílogo do metalivro *O mundo estava calado quando nós morremos*, apresenta-se o poema a seguir:

“VOCÊ SE CALOU QUANDO NÓS MORREMOS?”

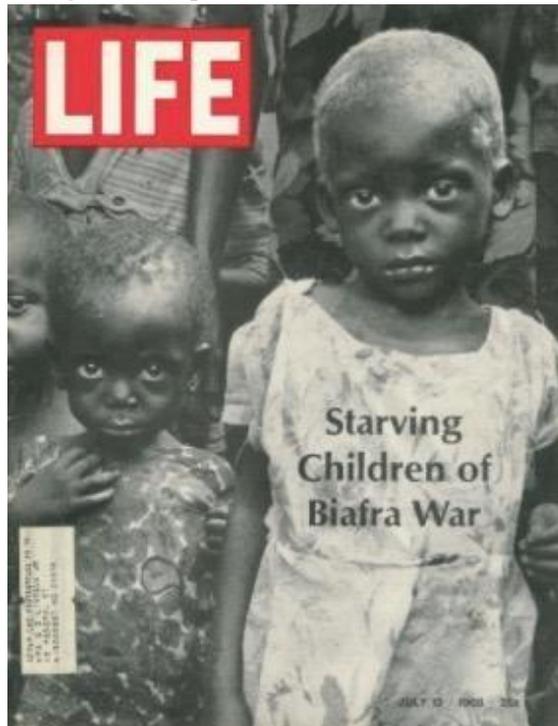
*Você viu as fotos em 68  
De crianças com o cabelo ficando ferrugem?  
Chumaços doentes aninhados nas cabecinhas,  
Caindo feito folha podre na terra poeirenta?*

*Imagine crianças com braços feito palitos.  
A pele estirada, uma bola de futebol na  
barriga. É o kwashiorkor – palavrinha difícil,  
Mas não feia o bastante, uma pena.*

*Mas não precisa imaginar. Houve fotos  
Expostas nas páginas de papel couchê  
Da sua Life. **Você viu? Sentiu um dó rápido**  
**E depois se virou para abraçar mulher ou amante?**  
A pele deles ficou castanha como chá fraco,  
Mostrava uma teia de veias, osso quebradiço;  
Crianças nuas brincando, como se o homem não fosse  
Fotografá-las e depois partir só, sem rebuliço.  
(ADICHIE, 2008, p. 433) (grifo nosso)*

O poema acima usa, em vários momentos, o elemento dêitico ‘você’ – o termo em questão sempre se apresenta em relação a um ‘eu’ - para interpelar o Outro (leitor). O título do poema, uma indagação, logo se mostra como uma pergunta retórica já que os versos do texto causam o efeito de sentido ao coenunciador de que o interlocutor - a quem o eu-lírico dirige o texto - calou-se enquanto os biafrenses morriam, especialmente as crianças com *kwashiorkor*, com suas imagens estampadas nos principais jornais do mundo.

**Figura 1** - Capa da Revista Life (12/07/1968)



Fonte: *Remembering Biafra (Site)*<sup>41</sup>

O eu-lírico, ao mesmo tempo em que questiona, pressupõe que a atitude do seu interlocutor tenha sido de indiferença mediante o quadro de calamidade proporcionado pelo advento da Guerra de Biafra. No trecho em destaque, essa presunção de indiferença frente ao terror da fome e das doenças por consequência do conflito nigeriano-biafrense fica nítida. Ainda no excerto grifado, nota-se que o enunciador tinha como interlocutor ideal um homem adulto heterossexual, levando em consideração o período a que o texto se refere e a heteronormatividade ainda vigente nas sociedades ocidentais/ocidentalizadas, e, provavelmente branco, já que a Revista Life – referida no poema – era uma revista norte-americana que publicou como capa imagens de crianças biafrenses. Assim, o efeito de sentido causado pelo poema em seus coenunciadores é de que o homem branco ocidental, ainda que possa ter se comovido momentaneamente com a situação das crianças biafrenses, nada fez para impedir o fim trágico delas.

Ao término do livro, há um rompimento em relação à expectativa do leitor, que, durante toda a narrativa, foi levado a acreditar que o livro fora escrito por Richard Churchill – por ele ter sido apresentado como escritor ao longo da trama e por, a partir de sua atividade, ter contribuído nos esforços de guerra, escrevendo relatos sobre o conflito a partir da perspectiva do governo biafrense e, além disso, pelo fato de a frase título do livro ter sido

<sup>41</sup> Disponível em: <https://rememberingbiafra.com/timeline/biafran-children-appear-on-the-cover-of-life-magazine>. Acesso: 22 set. 2020.

dita inicialmente por ele – e se dá conta de que, na verdade, o autor desse metalivro é Ugwu. Nesse momento, o livro toma uma outra conotação, quando a leitura se restringe ao personagem em questão, a obra pode ser compreendida como um romance de formação<sup>42</sup>.

O livro escrito por Ugwu merece uma seção especial, visto que, apesar de sua aparição esparsa ao longo da obra de Adichie, ele traz conteúdos importantes sobre o conflito nigeriano-biafrense e sobre a forma como esse é visto por um dos personagens principais da trama de *Meio Sol Amarelo*.

#### 4.2 BUCHI EMECHETA

Apesar de sua longa caminhada no mundo literário, Buchi Emecheta (1944-2017), nascida Florence Onyebuchi "Buchi" Emecheta, ainda é uma escritora desconhecida para o grande público brasileiro. A autora ibo-nigeriana, nascida em Lagos – à época capital da então Nigéria colonial - e radicada na Inglaterra, só conseguiu adentrar o mercado editorial brasileiro após sua morte, em 2017, com a publicação da tradução de três de seus romances, pela editora Dublinense, em 2018. Emecheta se enquadraria na segunda geração de autores nigerianos em língua inglesa, a geração que sucedeu a de Chinua Achebe e Flora Nwapa, sua amiga e mentora. (BRUNER, 1986). Entretanto, apesar de seus livros terem uma forte carga de denúncia das desigualdades de gênero na sociedade nigeriana, e, posteriormente, britânica, segundo Bruner (1986, p. 133), Emecheta, assim como Nwapa, "[...] ambas afirmam não serem feministas em nenhum sentido ocidental do termo"<sup>43</sup>.

Em seus livros, Buchi trata as questões que perpassam a vida das mulheres ibo-nigerianas, na diáspora - como em *Cidadã de Segunda Classe* (2018) e *No Fundo do Poço* (2018) -, e no início do período colonial, na Nigéria, caso do romance *As Alegrias da Maternidade* (2018). Nesse sentido, Mendes (2014, p. 3) postula que "pode-se afirmar que a obra da autora engaja-se em um projeto de recuperação da individualidade e do amor-próprio, tomados das mulheres africanas que são duplamente subjugadas, primeiramente pelo colonialismo e, em segunda instância, pelo patriarcado".

A respeito dessas obras:

---

<sup>42</sup> Na tese da Professora Dra. Alyxandra Gomes Nunes, pode-se compreender melhor sobre o assunto em questão. O romance de formação é aquele em que se narra a trajetória do sujeito num processo de construção de seu caráter, intelecto, dentre outros aspectos de sua jornada de constituir-se enquanto um indivíduo. Esse conceito vem da Alemanha e originalmente foi nomeado *Bildungsroman*.

<sup>43</sup> "[...] both claim not to be feminists in any Western sense of term." (BRUNER, 1986, p. 133)

Emecheta foi reconhecido como um dos "Melhores Jovens Escritores da Grã-Bretanha". [...] Seus romances tiveram um amplo apelo. Ela parece estar seguindo o mesmo padrão em seus romances infantis que lhe valeram a premiação internacional por sua ficção adulta. Ela estabeleceu um padrão de ficção de sucesso com base em sua experiência como autobiografia disfarçada de mãe solteira. *In the Ditch* (1972) surgiu de uma coluna de jornal sobre "suas experiências miseráveis enquanto vivia em Londres como uma mãe solteira criando seus filhos" (Zell, 1985: 384). O segundo livro, *Second-Class Citizen* (1974) descreveu sua experiência em Londres e o fim de seu casamento. (BRUNER, 1986, p. 133)<sup>44</sup>

Em entrevista ao programa de TV *Cover to Cover*<sup>45</sup>, em 1983, Buchi Emecheta contou que a sua inspiração para ser contadora de histórias teria vindo de quando ia para casa - aldeia de origem de sua família - e lá ouvia a história que as senhoras mais velhas contavam sobre o passado do seu povo. Ela, ainda criança, ficava admirada e enxergava aquelas senhoras como "poderosas". Por conta disso, desejava que, ao crescer, gostaria de ser como elas.

Ainda na entrevista, Emecheta comentou a respeito do seu sonho em ir para o Reino Unido que, em seus pensamentos juvenis, ela imaginava que fosse o "Reino de Deus" e de como essa imagem mudou após sua chegada à Liverpool, em 2 de março de 1962. No dia de sua chegada, ela achou a cidade "úmida", "fria" e "mortal", o que fez com que ela quisesse retornar imediatamente para seu país de origem, mas não tinha como, pois tinha vendido tudo o que possuía para emigrar para o Reino Unido.

Outro aspecto relevante dessa entrevista é que a autora nigeriana disse que, só após mudar-se para a Europa, mais especificamente para Londres, que percebeu que sua cor poderia ser um "problema". Ela, que nunca havia pensado a respeito da questão racial/étnica, passou a sofrer com o racismo e seus desdobramentos. Especialmente em seu segundo romance, *Cidadã de Segunda Classe* (2018) nota-se que o fato de ser uma mulher negra e, ainda por cima imigrante nigeriana, causou a autora uma série de problemas durante os seus primeiros anos na Inglaterra. Perguntada em outra entrevista<sup>46</sup>, em 1975, o motivo de ter

---

<sup>44</sup> Emecheta won recognition as one of "Britain's Best Young Writers". [...] Her novels have had a wide appeal. She appears to be following much the same pattern in her children's novels that won her international acclaim for her adult fiction. She established a successful fictional pattern by drawing on her experience as a single parent disguised autobiography. *In the Ditch* (1972) grew out of a newspaper column of "her wretched experiences while living in London as a single-parent raising her children" (Zell, 1985: 384). The second book, *Second-Class Citizen* (1974) described her London experience and the break-up of her marriage. (BRUNER, 1986, p. 133)

<sup>45</sup> Entrevista de Buchi Emecheta ao Programa *Cover to Cover*, produzido pela emissora britânica BBC, em 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A1QDseiE24A>. Acesso em: 9 out. 2020.

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Buchi Emecheta em 1975 a um programa de TV britânico. Disponível em:

escrito o romance autobiográfico em questão: se ela foi porque queria escrever uma outra novela, tornar-se uma autora famosa ou mudar o sistema, Buchi respondeu: "De forma alguma, não quero mudar o sistema, só quero chamar a atenção das pessoas para o que se passa no sistema"<sup>47</sup>.

Emecheta tem como principal matéria-prima para sua escrita a sua própria dor, já que os primeiros títulos tratam sobre a sua trajetória enquanto imigrante ibo-nigeriana no Reino Unido, onde, dentre inúmeras questões, enfrentou a violência doméstica e o abandono da paternidade dos seus filhos pelo seu ex-marido. A história de Buchi Emecheta se confunde com a de Adah, a sua personagem principal dos romances em questão. Apesar de ter as histórias em sua vida desde a tenra infância, quando o seu interesse pela narração foi despertado, ela só passou a exercer a escrita como uma atividade profissional já na Inglaterra, em meio à criação de seus filhos como mãe solo.

Através de sua narrativa, quase catártica, Emecheta apresenta temas importantes, especialmente relacionados ao "ser mulher". Em sua obra, ela traz à luz debates sobre os desafios enfrentados pelos imigrantes nigerianos no Reino Unido, especialmente as mulheres, país que durante muito tempo fora potência colonial da Nigéria. A autora também discute o papel da mulher no seio da sociedade ibo, a partir de marcadores como a maternidade e o matrimônio, na Nigéria da primeira metade do século XX.

O tema da Guerra de Biafra não escapou à escrita de Emecheta, especialmente por conta de sua relação afetiva com o Meio-Oeste nigeriano, região de onde se origina sua família.

Em 1982, Emecheta escreveu seu livro mais ambicioso, *Destination Biafra*, uma exposição da confusão, brutalidade e atrocidades da guerra civil. Ela disse que era um livro que "tinha que ser escrito" e conta isso de forma séria e animada. Ele é uma acusação clara, mas não sádica, da tragédia da guerra, que afeta soldados, civis, crianças e inocentes. Escrevê-lo estivera em sua mente por algum tempo, e ela sentiu uma compulsão para registrar algumas das histórias e relatos de testemunhas oculares que seus amigos e parentes lhe contaram. (BRUNER, 1986, p. 136)<sup>48</sup>

Assim, *Destination Biafra* (1983 [1982]) é um marco em sua literatura. No prólogo

---

<https://www.youtube.com/watch?v=KJPIJ8JpOFk>. Acesso em: 9 out. 2020.

<sup>47</sup> "Not at all, I don't want to change the system, I just want to call attention of people to what goes on in the system" (EMECHETA, 1975)

<sup>48</sup> In 1982 Emecheta wrote her most ambitious book, *Destination Biafra*, an expose of the confusion, brutality and atrocities of the civil war. She says it was a book that "had to be written" and she tells it seriously, graphically. It is a clear but not sadistic indictment of the tragedy of war, affecting soldiers, civilians, children and innocents alike. Writing it had been on her mind for some time, and she felt a compulsion to record some of the stories and eyewitness accounts her friends and relatives had told her. (BRUNER, 1986, p. 136)

do livro, Emecheta (1983, p. viii) afirma: "ele é diferente dos meus outros livros, o assunto é, como eles dizem, "masculino", mas eu sinto um grande senso de conquista por tê-lo concluído" (EMECHETA, 1983, p. viii)<sup>49</sup>. Como ela afirma, esse livro difere de sua trajetória literária, que em suma trata sobre temas supostamente femininos - como o matrimônio, a maternidade e os desafios diários que são enfrentados pelas mulheres em âmbito familiar e nos espaços do mercado de trabalho - ele aborda o conflito nigeriano-biafrense, a partir de uma perspectiva política e militar, associada especialmente ao universo masculino. Entretanto, o feminino faz-se presente com muita força ao longo da narrativa através, especialmente, da personagem Debbie Ogedemgde. Ao contrário dos romances supracitados, *Destination Biafra* (1983), até agora, não foi publicado no Brasil.

Em abril de 2017, a autora foi homenageada postumamente – Buchi havia falecido em 25 de janeiro daquele ano – no *Igbo Congress*<sup>50</sup>, evento ocorrido na capital britânica, promovido pela Faculdade de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) da Universidade de Londres. Um dos cinco filhos de Emecheta, Sylvester Onwordi, que também atuava como editor dos livros de sua mãe, na ocasião, falou da importância da literatura de sua mãe, que segundo ele considerava-se não se considerava Feminista e Mulherista, para o mundo e da repercussão da morte dela. No tributo, em meio a um evento em que tinha como principais temas os 50 anos de declaração da secessão da República de Biafra, ele contou como sua mãe lhe ensinou a história da Guerra Civil Nigeriana. Segundo ele, que na época ainda era criança, aquela teria sido a sua “primeira educação política”.

#### 4.2.1 *Destination Biafra* (1983)

Antes de iniciar o romance, Emecheta o dedica a parentes e amigos que morreram em consequência da guerra, por fome, por picadas de cobras enquanto fugiam dos bombardeios e a pessoas que foram queimadas vivas no mato. Ela se posiciona, nesse sentido, num lugar de pessoalidade em relação ao conflito. Ela fala a partir de um lugar e a sua posição é demarcada. Entretanto, há de se separar a figura da autora, Buchi Emecheta, da figura da enunciativa do discurso, o sujeito discursivo.

O romance de Buchi Emecheta divide-se em duas partes, com 19 capítulos ao todo.

<sup>49</sup> "[...] it is different from my other books, the subject is, as they say, "masculine", but I fell a great sense of achievement in having completed it". (EMECHETA, 1983, p. viii)

<sup>50</sup> Tributo a Buchi Emecheta no *Igbo Congress*, em 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GpKy74nv9Cw>. Acesso em: 9 out. 2020.

A primeira parte do livro que vai do capítulo um ao sete aborda desde as conferências pela Independência da Nigéria, realizadas em Londres, até a declaração de secessão da República de Biafra, ocorrida em 30 de maio de 1967. Apesar de serem ficcionais, como a própria autora afirma no prefácio do livro, os personagens principais da trama facilmente são associados aos atores políticos e militares que protagonizaram a Guerra Civil Nigeriana.

Dentre os protagonistas destacam-se Chijioke Abosi, militar de origem ibo, advindo de uma família abastada, que teve uma educação europeia e tornou-se líder da República de Biafra, tal qual, o Coronel e posteriormente General Emeka Ojukwu. Assim como Brigadeiro Onyemere, líder ibo que assumiu o país logo após o primeiro golpe de estado, que pode ser facilmente associado ao Major-General Ironsi. Outro exemplo é Saka Momoh, militar de origem tiv que se tornou após o contragolpe de Estado, em que o Brigadeiro Onyemere é assassinado, torna-se Chefe de Estado Nigeriano. Só para ilustrar algumas dessas associações, que acontecem com muito mais personagens ao longo da trama.

Entretanto, nem todos os personagens principais do romance, aparentemente, são inspirados em figuras históricas relativas à Guerra Civil Nigeriana. Exemplo disso é Debbie Ogedemgbe, uma das protagonistas do romance, filha de importante empresário nigeriano, Ministro das Finanças, Samuel Ogedemgbe, com educação universitária em Oxford, que decide entrar para o Exército Nigeriano, ainda depois de seu pai ter sido assassinado no primeiro golpe de Estado. Eles não advinham dos principais povos nigerianos, descendiam de uma minoria, eram itsekiris. No início da trama, Debbie mantém um relacionamento às escondidas com Alan Grey, britânico, oficial do exército nigeriano, cujo pai é o importante político Sir Fergus, antigo Governador Geral da Nigéria, antecessor de Macdonald.

O primeiro deles é intitulado “*First Election*”, em que aborda justamente o período imediatamente anterior à primeira eleição geral da Nigéria pós-independência, a enunciativa aborda o clima político do país naquele momento:

Em contraste com a atmosfera pacífica dentro da residência do governador-geral fora dos portões a Nigéria estava em febre de excitação. A primeira eleição geral do país aconteceria logo, uma eleição que decidiria o primeiro Primeiro-ministro da Nigéria independente, seu primeiro Presidente e membros do Parlamento. Não era surpresa que MacDonald estava jogando seu golfe sozinho. Ele sabia da grande responsabilidade que recaía sobre seus ombros. Ele tinha que ter certeza que o homem certo seria eleito e que a Grã-Bretanha o aceitaria como chefe de estado, o homem que ofereceria a menor resistência ao comércio britânico e ainda seria aceito pela maioria dos nativos e garantiria a estabilidade. (EMECHETA, 1983, p. 1-2)<sup>51</sup>

<sup>51</sup> In contrast to the peaceful atmosphere inside the governor-general's compound outside the gate Nigeria was

O adjetivo ‘certo’ que qualifica o termo ‘homem’ na citação diz respeito à uma subserviência desse indivíduo, ele só agiria de forma considerada correta pelo governador Macdonald caso trabalhasse no intuito de atender aos interesses britânicos, que, após a independência da Nigéria, teoricamente, não teriam mais controle sobre o país. O ‘certo’ para o governador Macdonald seria o homem que, de forma ideal, a população nigeriana consideraria ‘inadequado’, já que atuaria no sentido de manter o país recém-independente sob jugo colonial.

Governador Macdonald e Alan Grey - militar britânico filho do ex-governador Sir Fergus - ambos à serviço do sistema colonialista, conversam acerca de declarações do Sardauna, governante regional do Norte nigeriano:

“Ele disse que ele não deixaria seu palácio para vir e viver com os ‘kaferis’ - infiéis - no Sul. Ele preferiria viver em seu palácio lá no Norte. Agora que nós faremos? Forçar o homem a vir e governar seu próprio país? Isso será anunciado na rádio às seis da noite.” “Meu Deus, o homem realmente quis dizer o que ele tem dito todo esse tempo. Eu pensei que ele estava apenas fazendo política. Você sabe que ele não quer que a Nigéria seja uma nação independente - uma das razões do porque o Norte foi a última região a tornar-se independente. *Ele provavelmente precisa de alguém para dizê-lo que se ele recusar a governar ele estará vendendo seu povo aos políticos do Sudeste.*” (EMECHETA, 1983, p. 3-4)<sup>52</sup> (grifo nosso)

O excerto em questão evidencia que o apelo ao discurso regionalista seria uma tática adotada pelo sistema colonial, representado pelos membros da administração britânica, quando um dos interlocutores afirma que o Sardauna, líder político e espiritual da região Norte, “precisa de alguém para dizê-lo que se ele recusar a governar ele estará vendendo seu povo aos políticos do Sudeste”, o que se pode compreender como uma espécie de ameaça, já que, dessa forma, o líder nortista supostamente mudaria de ideia.

O trecho em questão causa dois possíveis efeitos de sentido a priori, o primeiro é de

---

in fever of excitement. The country’s first general election was to take place soon, an election that would decide the first prime minister of independent Nigeria, its first president and members of the Federal House. It was not surprising that MacDonald was playing his golf alone. He knew the great responsibility that lay on his shoulders. He had to make sure that the right man was elected who Britain would accept as head of state, the man who would offer the least resistance to British trade yet would be accepted by the majority of the natives and ensure stability. (EMECHETA, 1983, p. 1-2)

<sup>52</sup> “He said that he was not going to leave his palace to come and live with the ‘kaferis’ - not-believers - in the South. He would rather live in his palace there in the North. Now what do we do? Force the man to come and rule his own country? It will be announced on the radio at six o’clock this evening.” “Good heavens, the man really means what he has been saying all along. I thought he was only playing politics. You know he did not want Nigeria to be an independent nation - that was one of the reasons why the North was the last to get regional independence. He probably needs someone to tell him that if he refuses to rule he will be selling his people to the Southern politicians.” (EMECHETA, 1983, p. 3-4)

que a rivalidade regional e, provavelmente, étnica é um fator que poderia fazer o Sardauna mudar sua opinião a respeito de governar a Nigéria e, em segundo lugar, a utilização do verbo “vender” tendo como objeto direto a expressão “seu povo” transmite a ideia de que o povo, nesse caso, seria uma mercadoria, que, por isso, poderia ser comprado e/ou vendido e que, além disso, o Sardauna seria seu proprietário, já que ele teria a capacidade de vendê-la.

“À Inglaterra e ao Império”, brindou Sir Fergus.

“Ao Império?” Macdonald riu, parecendo inquieto. “Eu pensava que era algo do passado distante.”

“Eu disse porque depois da charada dessa manhã *eu não consigo imaginar pessoas como elas se autogovernando*. Eles ainda têm um longo, longo caminho a percorrer.”

“Isso é verdade,” Macdonald condescendeu. “Mas, como eles dizem na China, uma jornada de mil milhas começa com um passo.”

“Bem, por que não bebemos ao Império passado e ao começo de uma Commonwealth viável?” Alan colocou, erguendo seu copo.

“Boa ideia, maravilhosa,” Macdonald respondeu. Eles brindaram e beberam profundamente.

“Há mais em ser estadista do que só conquistar alguns papéis assinados dando uma autoridade para governar uma certa área”, Sir Fergus persistiu em seu argumento.

“Sim, mas *essas pessoas nem mesmo receberam aquele papel e eles se comportam como se já possuíssem o mundo inteiro*”

(EMECHETA, 1983, p. 5)<sup>53</sup> (grifo nosso)

Os fragmentos destacados evidenciam a ideia que os membros da administração colonial têm a respeito dos povos sob seu domínio. Ao afirmar “não consigo imaginar pessoas como elas se autogovernando”, o enunciador lança, ainda que implicitamente, para seu coenunciador um questionamento “o que seriam pessoas como elas?”. Partindo do princípio de que os interlocutores são representantes do sistema colonial britânico, criado em cima de uma ideologia e um discurso etnocêntrico em que tinha as culturas europeias como padrão a ser seguido pelas demais, o possível efeito de sentido que esse discurso causa em seus coenunciadores é de que “pessoas como eles” seriam aquelas consideradas menos “civilizadas” e, portanto, incapazes de se autogerir.

<sup>53</sup> “To England and the Empire,” toasted Sir Fergus. “The Empire?” Macdonald laughed, looking uneasy. “I thought that was something of the distant past.” “I say that because after the charade of this morning I cannot imagine people like them ruling themselves. They still have a long, long way to go.” “That’s true,” Macdonald condescended. “But, as they say in China, a journey of one thousand miles begins with one step.” “Well, why don’t we drink to the past Empire and the beginning of a workable Commonwealth?” Alan put in, raising his glass. “Good idea, marvellous,” Macdonald replied. They toasted and drank deep. “There is more to being statesman than just acquiring some signed papers giving one the authority to rule a certain area,” Sir Fergus persisted in his argument. “Yes, but these people haven’t even been given that paper yet and they behave as if they already own the whole world.” (EMECHETA, 1983, p. 5)

Ao final da citação, outro discurso emerge, ainda em caráter de menosprezar os povos aos quais os interlocutores se referiram anteriormente, no sentido de falar a respeito de uma suposta arrogância desses. No primeiro momento, o discurso seguia no sentido minimizar a capacidade de autogerência de determinados grupos populacionais, em seguida, a ideia apresentada é de que, ainda que não tenham poder para administrar seu próprio país, certos grupos, de antemão, agem de forma arrogante “como se possuíssem o mundo inteiro”.

Em discussão a respeito do modelo político que seria adotado na Nigéria no contexto pós-independência, os políticos britânicos que atuavam no país, Alan Grey afirmou:

“A situação não é tão simples assim”, Alan Grey começa. “Isso seria fácil se nós tivéssemos que lidar apenas com os hauçás. Mas há outras tribos – os iorubás têm lidado conosco por décadas. E então há os ibos. *Eles são a ambição personificada. Todo mendigo em Enugu ou Owerri quer ser um doutor.*” (EMECHETA, 1983, p. 7)<sup>54</sup> (grifo nosso)

O trecho em destaque da fala de Alan Grey, um militar britânico, naturaliza uma visão já estigmatizado em relação aos ibos, que costumeiramente são associados à ambição, como se isso fosse algo pejorativo. Logo após, Grey exemplifica essa associação, através de uma generalização, em que dá a entender que todos os ibos - visto que as cidades em questão estão dentro da região onde esse grupo é maioria - até mesmo os que estão em situação de vulnerabilidade social (mendigos) querem ser doutor, ‘ser doutor’, nesse sentido, é um signo de elevado *status* social. Nesse contexto, é como se os lugares sociais determinassem os sonhos das pessoas – um morador de rua não poderia sonhar com determinados lugares sociais – eles só se ousariam a sonhar com esse espaço por serem de origem ibo.

Ainda nesse diálogo, o pai de Alan Grey, Sir Fergus, reitera a imagem apresentada anteriormente a respeito dos ibos:

“Não há dúvida que *eles são extremamente inteligentes. Mas eles são gananciosos também, e sua arrogância poderia conduzi-los a problemas.* Também, a maior porção das áreas de óleo [*petróleo*] estão na região deles; então é preciso ser muito cuidadoso em como o país é dividido constitucionalmente,” Sir Fergus observou. (EMECHETA, 1983, p. 7)<sup>55</sup> (grifo nosso)

<sup>54</sup> “The situation is not as simple as that,” Alan Grey began. “It would be easy if we had only the Hausas to cope with. But there are other tribes - the Yorubas have been dealing with us for decades. And then there are Ibos. They are ambition personified. Every beggar boy in Enugu or Owerri wants to be a doctor.” (EMECHETA, 1983, p. 7)

<sup>55</sup> “There is no doubt that they are extremely intelligent. But they are greed as well, and their arrogance could lead them into trouble. Also, the greater portion of the oil areas are in their region; so one has to be very careful how the country is divided constitutionally,” Sir Fergus observed. (EMECHETA, 1983, p. 7)

Ao mesmo tempo em que aponta um ponto positivo a respeito dos ibos, ao afirmar que seriam “extremamente inteligentes”, ainda que de forma a estereotipá-los como se fossem um corpo homogêneo. Por outro lado, a conjunção adversativa ‘mas’ evidencia que o discurso do enunciador contraria sua ideia anterior, ou seja, se antes trouxera um aspecto positivo a respeito do grupo em questão, agora o enunciador aponta aspectos que depõem contra os ibos, como o fato de serem supostamente gananciosos e arrogantes.

Entretanto, não só pessoas de origem ibo são estereotipadas ao longo da narrativa. Em determinado momento do romance, o empregado hauçá de um político é apresentado da seguinte forma:

O homem não conseguia nem ler nem escrever, mas ele tinha todas as *boas qualidades que distinguem os hauçás*. Ele era leal próximo à estupidez. Ele era muito protetor com seu mestre na medida que Ogedemgbe preferia confiar sua vida a ele do que a seu próprio povo. (EMECHETA, 1983, p. 26)<sup>56</sup> (grifo nosso)

As “boas qualidades” ao qual o trecho se refere são as associadas a uma atitude de servidão uma lealdade “próxima à estupidez” e a capacidade de proteger a vida do outro, no caso seu mestre/patrão, com a sua própria vida. As boas qualidades que não necessariamente são boas para a pessoa que as tem e sim para os que usufruem dos possíveis benefícios que elas podem produzir. Esse discurso naturaliza uma imagem a respeito dos hauçás em que eles são essencialmente servos, incapazes de pensar em si próprios, ainda que sem educação formal, a sua valia estaria na sua capacidade de servir incondicionalmente ao seu amo.

Em oposição aos ibos que são adjetivados como “ambiciosos”, o que é visto de maneira negativa dentro do discurso apresentado, o aspecto positivo evidenciado sobre os hauçás seria a sua falta de “ambição”, retratada através da sua total abnegação - a ponto de potencialmente arriscar a própria vida - perante o outro que, no trecho supracitado, é o seu patrão/mestre. Os possíveis efeitos de sentido causados por essas passagens para os coenunciadores são de que a ambição apenas é aceitável quando ela vem de grupos que naturalmente estão no poder ou tem seu acesso a ele facilitado. Os grupos minoritários, representado pelos povos nativos nigerianos, devem contentar-se em servir e em ser bons nisso.

---

<sup>56</sup> The man could neither read nor write, but he had all the good qualities which distinguished the Hausas. He was loyal to near stupidity. He was very protective of his master to the extent that Ogedemgbe would rather trust his life to him than to his own people. (EMECHETA, 1983, p. 26)

Diferentes discursos acerca da corrupção aparecem ao longo do romance de Emecheta. Ao mesmo tempo em que a corrupção é mostrada como um símbolo de uma política nigeriana que os militares do país tinham como intuito acabar com o primeiro golpe de Estado, ela reaparece como prática durante o processo da Guerra Civil Nigeriana, principal consequência do golpe em questão e do contragolpe que o encerrou.

[...] Seu pai estava se esforçando para se convencer de que os ganhos colaterais corruptos que ele tinha eram seus direitos. Ela sabia como o argumento dele funcionaria: "Os europeus que nos governaram por tanto tempo fizeram isso, agora é a nossa vez ..." Sua mãe também não via nada de errado nos proverbiais dez por cento de todos os contratos assinados pelo governo federal na conta suíça que seu marido havia aberto para ela. Ela só ficava zangada quando outros tentavam fazer o mesmo e, o que é pior, brigavam por isso. (EMECHETA, 1983, p. 49)<sup>57</sup>

No excerto supracitado, o possível efeito de sentido transmitido ao coenunciador é de que a prática de corrupção entre os políticos nigerianos - exemplificados no trecho pelo pai de Debbie, Samuel Ogedemgbe – era totalmente naturalizada. No caso em questão, o Ministro Ogedemgbe entendia o valor daquela propina como sendo um ‘direito’ seu, já que os governantes que estiveram no poder antes deles, os europeus, também se valeram daquela prática. Assim, os seus atos corruptos seriam “justificados” e compreendidos, então, como uma ‘reparação histórica’.

Em seguida, essa tradição é explicada a partir de uma lógica de ajuda à comunidade e à família estendida:

Mas o Chefe Odumosu também tinha dívidas a pagar. Seu povo estava acostumado com sua ostentação de dinheiro para impressionar e também ajudar alguns dos desprivilegiados de sua família estendida - tinha que ser assim, já que não havia dinheiro do Estado para cuidar deles. Essa foi uma das tragédias da época na Nigéria. Se um homem se tornasse parlamentar, era seu dever zelar pelo bem-estar de todos os membros de sua família estendida; ele deve mostrar sua riqueza ajudando este fazendeiro idoso, aquele menino inteligente nascido de pais pobres, garantir que sua aldeia tenha as melhores amenidades, os maiores edifícios e toda a parafernália da vida moderna. Claro, nenhum ministro do governo foi pago o suficiente para poder pagar por isso e, para não perder a prestígio, eles iriam aos bastidores para obter sua porcentagem. (EMECHETA, 1983, p. 49)<sup>58</sup>

<sup>57</sup> [...] Her father was trying hard to convince himself that the corrupt side gains he made were his entitlement. She knew how his argument would run: "The Europeans who ruled us for so long did it, now it's our turn..." Her mother likewise saw nothing wrong in the proverbial ten per cent from all contracts signed by the federal government going into the Swiss account her husband had open for her. She only felt angry when others tried to do the same and, what was more, quarrelled over it. (EMECHETA, 1983, p. 49)

<sup>58</sup> But Chief Odumosu, too, had debts to pay. His people were used to his squandering money to impress and also to help some of the underprivileged in his extended family - it had to be so, since there was no state

Assim, a citação acima evidencia que a garantia de um “Estado de bem-estar social” para determinada aldeia só seria possível com o subterfúgio da propina. Além disso, apesar de se tratar de uma “coletividade”, o benefício seria restrito aos apoiadores e pessoas próximas daquele político. Seria um “benefício social” concedido com um intuito, antes de tudo, de beneficiar a imagem daquele representante do poder público perante aquela comunidade. O Estado mais uma vez estaria sendo utilizado de maneira personalista, ainda que melhorasse a vida de certos grupos sociais.

A temática da corrupção volta à tona quando Debbie e os refugiados que resistiram com ela, finalmente, conseguem um modo de chegar à Biafra. Uns soldados biafrenses que chegaram ao local onde ela e outros refugiados se encontravam no Meio Oeste informam a ela que um barco os buscaria e levaria para Biafra. O barco seria destinado para o transporte de homens ibo-ocidentais que compunham a milícia da região. Entretanto, devido à morte de John Nwokolo – militar ibo-ocidental responsável pela morte do Sardauna e pela tomada de Benim que posteriormente foi considerado traidor pelo governo de Biafra –, os homens se recusam a seguir e matam alguns dos soldados de Abosi. Assim, haveria espaço nos barcos para que Debbie Ogedemgbe e o grupo que a acompanhava seguisse para Biafra.

No entanto, ao ver que os milicianos não se encontravam no lugar, os soldados responsáveis pelo transporte não quiseram deixar que os refugiados embarcassem rumo a República secessionista. Então, a herdeira dos Ogedemgbe lembrou-se que estava com brincos caros de ouro que sua mãe insistia para que ela usasse e decidiu subornar o militar com eles. Assim, ela e seus companheiros conseguiram seguir viagem:

Debbie observou ironicamente a Uzoma: "Pensar que toda essa comoção começou porque as pessoas pensaram que nossos políticos eram corruptos e os acusaram de aceitar subornos. Um lugar ideal onde a retidão reinaria, onde não haveria suborno, estava para ser criado, e esse lugar seria Biafra ... E agora até o homem da canoa pede uma parte. Você sabe o que ele me disse? Ele disse: 'Não somos da Cruz Vermelha, você sabe. Somos soldados.'"(EMECHETA, 1983, p. 236)<sup>59</sup>

---

welfare money to take care of them. That was one of tragedies at this time in Nigeria. If a man became an MP, it was his duty to see to the well-being of all members of his extended family; he must show his wealth by helping this ageing farmer, that clever boy born of poor parents, make sure that his village had the best amenities, the largest buildings and all paraphernalia of modern living. Of course, no government minister was paid enough to be able to afford this, and so as not to lose face they would go behind the scenes for their percentage. (EMECHETA, 1983, p. 49)

<sup>59</sup> Debbie observed wryly to Uzoma, “To think that all this ballyhoo started because people thought our politicians were corrupt and accused them of taking bribes. An ideal place where righteousness would rule, where there would be no bribery, was to be created, and that place would be Biafra... And now even the canoe man asks for a dash. Do you know what he told me? He said, ‘We are not Red Cross people, you know. We are

No trecho em questão, o soldado biafrense, que aceita o suborno de Debbie para conduzir seu grupo para a região de Biafra, pratica os mesmos atos – ainda que em diferentes proporções – que levaram à queda da Primeira República nigeriana. O principal motivo alegado à população era que o golpe tinha como objetivo expurgar a sujeira que caracterizada a política nigeriana à época. Entretanto, essa moralidade pretendida a partir da derrubada dos principais atores políticos daquele período, não representaram uma mudança na mentalidade vigente. O soldado, no trecho supracitado, toma organização Cruz Vermelha como um signo para referir-se à ajuda humanitária. Em sua concepção, ele deveria ser pago para auxiliar aqueles refugiados, já que era um soldado, não um membro de equipes que davam auxílio a pessoas em situações como aquelas. A ideia de direito sobre o suborno mantém-se tanto nele como no Sr. Ogedemgbe. Se um entendia que receber propina era seu direito porque pessoas antes dele assim o fizeram, o outro acreditava que por não ser da Cruz Vermelha não precisava ajudar, portanto, seria justo que fosse pago para isso.

A questão entre os ibos orientais e ocidentais, exemplificada logo acima, apareceu em várias passagens ao longo do romance de Buchi Emecheta. Os ibos dessas diferentes regiões trazem em seus discursos uma desconfiança acerca dos seus irmãos que vivem na outra margem do Níger.

Esse discurso aparece a primeira vez quando, em determinada passagem do livro, o Brigadeiro ordena que seus subordinados interroguem os prisioneiros que foram acusados de participar de uma ação com, ao menos, trinta mortos. Entretanto os acusados eram iorubás da cidade de Ibadan e, a maioria dos seus oficiais eram de origem ibo. O fato em questão foi apontado por um dos subordinados de origem tiv, que disse que os homens escolhidos não teriam conhecimento para realizar tal interrogatório, pois não tinham domínio sobre a língua iorubá, até porque a variação falada em Ibadan, era complicada até para os falantes do mesmo idioma que viviam em outras regiões.

O brigadeiro olhou atentamente e pensativamente para este pequeno homem tiv. Ele estava realmente falando a verdade, embora nunca tivesse ocorrido a Onyemere que ele estava escolhendo apenas oficiais de sua própria tribo. No entanto, para um estranho, deve ser considerado deliberado.

Em voz alta, ele disse com humor: "John Nwokolo não é um ibo de verdade, você sabe. Ele é o que nós, ibos orientais, chamamos de 'hauçá-ibo'."

Isso trouxe risadas. Ainda bem que o tranquilo e trabalhador Nwokolo

estava ausente, pois ele se considerava um ibo completo. Seu povo de Okpanam falava ibo, como em muitas cidades do Ocidente, cidades como Asaba, Ibuza, Ogwashi, Uku. Esses ibos em algum momento no passado emigraram para o Ocidente simplesmente cruzando o grande rio Níger. Agora, aqueles que não haviam emigrado os consideravam estúpidos e despreocupados, enquanto os ibos ocidentais viam seus irmãos do Leste como pessoas incultas da selva que amavam o dinheiro mais do que suas almas. No entanto, o curioso era que sempre que havia uma ameaça para os ibos do Oriente, seus irmãos do Ocidente pegavam em armas em sua defesa. Se o inverso seria verdadeiro, isso nunca foi testado pela história. (EMECHETA, 1983, p. 55)<sup>60</sup>

Ainda que em tom de brincadeira, como forma de evitar um possível mal-estar por conta da constatação de seu subordinado, o efeito de sentido que a afirmação do brigadeiro Onyemere potencialmente provocaria no coenunciador é de que Onyemere considerava-se, por ser oriental, “mais ibo” do que John Nwokolo, um ibo de origem ocidental. O excerto evidencia que ambos os grupos construíram estereótipos para os seus pares e que, aparentemente, a julgar pela fala do brigadeiro, esses estereótipos teriam sido naturalizados socialmente. Além disso, ao final da citação, nota-se também um discurso favorável aos ibos ocidentais, que ‘pegavam em armas’ para defender os orientais, enquanto o mesmo posicionamento do outro lado nunca teria sido ‘testado pela história’. Assim, ainda que os orientais expressassem certo desrespeito frente à “ibozidade” dos ocidentais, a identidade étnica cultivada pelos povos que emigraram da ‘terra ibo’ fazia com que fossem defender o seu povo irmão.

Em outro momento, já durante a Guerra Civil, durante uma reunião com seus conselheiros após ser informado sobre a retomada da região de Ore e Benin pelas forças federais, Chijioke Abosi declarou:

“O que me impressiona são esses chamados Meio-Oestinos. Eles não têm lealdade alguma? Há poucos dias, quando tomamos o Benin, eles gritavam e alegavam que precisávamos libertá-los das algemas da Nigéria de Momoh. Agora, com a queda de Ore, eles estão gritando: 'Mate Biafra e seu povo ibo'. Vamos mostrar a eles; devemos retomar esses lugares”.

---

<sup>60</sup> The brigadier looked closely and thoughtfully at this small Tiv man. He was indeed speaking the truth, although it had never occurred to Onyemere that he was choosing only officers from his own tribe. Yet to an outsider it must seem deliberate. Aloud he said humorously, "John Nwokolo is not a real Ibo, you know. He's what we Eastern Ibos call 'Hausa Igbo'." This brought laughter. It was a good thing the quiet hard-working Nwokolo was absent, for he regarded himself as a full Ibo. His people from Okpanam were Ibo-speaking, like those in many towns in the West, towns like Asaba, Ibuza, Ogwashi, Uku. These Ibos had at some time in the past emigrated to the West simply by crossing the great River Niger. Now those who had not emigrated looked down on them as stupid and easy-going, while the Western Ibos saw their brothers from the east as uncultured bush people who loved money more than their souls. However, the curious thing was that whenever there was a threat to the core Ibos of the East their brothers in the West would take up arms in their defence. Whether the reverse would be true had never been tested by history. (EMECHETA, 1983, p. 55)

Abosi disse isso enquanto caminhava para cima e para baixo em toda a extensão da sala com passos lentos e deliberados. “Vamos mostrá-los.” (EMECHETA, 1983, p. 181)<sup>61</sup>

O termo meio-oestinos, ou habitantes do Meio-Oeste, inclui os ibos ocidentais, um dos principais grupos a viverem naquela região. Ao longo das falas de Abosi no enunciado, nota-se como principal efeito de sentido a respeito dos meio-oestinos uma desconfiança cultivada pelo Chefe de Estado de Biafra, que seria legitimada por uma suposta mudança abrupta de posicionamento dos habitantes do Meio-Oeste acerca de que lado da guerra esses apoiavam. Pois, segundo a declaração de Chijioki Abosi, eles não teriam lado/lealdade, estariam sempre ao lado de quem estivesse ganhando a guerra.

Mais a frente, quando soldados biafrenses chegam ao Meio-Oeste com o intuito de recrutar a milícia local para atuar no exército de Biafra, uma senhora da região questiona:

[...] “Biafra, Biafra, o que é Biafra? Vocês mataram nosso homem desta parte, Nwokolo; os soldados nigerianos vieram e mataram o que seus soldados deixaram. Somos Ibuza, mas agora vivemos no mato, graças ao seu Abosi e sua Biafra. Nossa cidade é agora uma cidade fantasma. Vá lá e veja os soldados hauçás matando e assando vacas. Eles atiram em qualquer coisa que veem e matam qualquer um que deu abrigo ao seu povo. E quando precisamos de vocês, onde vocês estavam? Onde estava seu Abosi quando nossas garotas foram estupradas nos mercados e nossas avós baleadas? Volte para sua Biafra. Vocês nos chamam de hauçá-ibos, não é? Nós nos chamamos de tolos porque lutamos suas guerras para vocês, e vocês estão bem protegidos em seu lugar reivindicando a glória? Por favor, vá embora antes de nos trazer azar.” (EMECHETA, 1983, p. 230)<sup>62</sup>

O desabafo da senhora ibo ocidental evidencia uma forte carga emocional por conta de tudo o que seu povo perdeu durante a Guerra de Biafra. Os questionamentos feitos pela senhora ao longo do excerto, que podem ser compreendidos como perguntas retóricas, evidenciam a ausência do Governo de Biafra frente aos problemas enfrentados pelos habitantes do Meio-Oeste, que um dia foram biafrenses e agora estavam entregues às forças

<sup>61</sup> “What beats me are these so-called Mid-Westerners. Have they got no loyalty at all? Only a few days ago when we took Benin they were shouting and claiming that we need freed them from the shackles of Momoh’s Nigeria. Now with the fall of Ore they are screaming, ‘Kill Biafra and her Ibo people.’ We will show them; we must retake those places.” Abosi delivered this as he walked up and down to length of the room with slow deliberate steps. “We will show them.” (EMECHETA, 1983, p. 181)

<sup>62</sup> [...] “Biafra, Biafra, what is Biafra? You killed our man from this part, Nwokolo; the Nigerian soldiers came and killed what your soldiers left. We are Ibuza people, but we now live in the bush, thanks to your Abosi and your Biafra. Our town is now a ghost town. Go there and see Hausa soldiers killing and roasting cows. They shoot anything on sight, and kill anyone who gave shelter to your people. And when we needed you, where were you? Where was your Abosi when our girls were being raped in the market places and our grandmothers shot? Please go back to your Biafra. You call us Hausa Ibos, don’t you? We call us fools because we fought your wars for you, and you are well protected in your place claiming in glory? Please go away before you bring us bad luck.” (EMECHETA, 1983, p. 230)

nigerianas. O efeito de sentido causado ao se perguntar ‘onde estavam?’ é de que não estavam naquele lugar, de onde o enunciador questiona. A resposta é que não interessa onde os biafrenses estavam finalmente, eles não estavam onde deveriam estar, segundo a senhora. Eles não estavam protegendo os seus irmãos ibos ocidentais de um possível ataque das tropas federais que, nota-se a partir do excerto, aconteceu e foi extremamente brutal.

A discussão acerca de a guerra tratar-se ou não de um genocídio foi um tema que apareceu em algumas passagens do romance.

O gabinete interno se reuniu novamente. Foi então estabelecido que esta não era apenas uma guerra que o resto da Nigéria desejava vencer, era um genocídio. Não haviam trinta mil ibos sido mortos no Norte? Não foram caçados nas principais cidades do país? Esta é uma luta pela sobrevivência. (EMECHETA, 1983, p. 185)<sup>63</sup>

Os possíveis efeitos de sentido causados ao se referir à situação como uma guerra eram completamente diferentes do que quando se trazia a palavra genocídio. Enquanto estar em guerra era algo limitado a um período e implicava, teoricamente, em um domínio político, econômico e territorial do vencedor sobre o perdedor do embate. O termo genocídio dizia respeito à sobrevivência de determinado grupo, não significava uma mudança a nível macro que a população poderia se adaptar. O genocídio trazia justamente a ideia da aniquilação total dos indivíduos e da comunidade em questão. Uma guerra se poderia perder, mas um genocídio não era negociável. Perder essa luta era assinar a própria sentença de morte.

Em outro trecho, mais a frente, percebe-se que o discurso a respeito de um genocídio de biafrenses/ibos era presente cotidianamente nas mídias à serviço do governo de Biafra.

A família ibo comum ainda tinha que enviar seus filhos para a frente da luta de libertação, suas crianças e os velhos ainda morriam de desnutrição enquanto a guerra continuava e Abosi ficava lembrando-lhes na Rádio Biafra: "Não vamos ceder. É melhor morrermos de pé do que sermos torturados até a morte por aqueles que querem o genocídio". (EMECHETA, 1983, p. 228)<sup>64</sup>

<sup>63</sup> The inner cabinet met again. It was then established that this was not just a war that the rest of Nigeria wished to win, it was genocide. Had no thirty thousand Ibos been killed in the North? Had they not been hunted down in the country's major cities? This is a fight for survival. (EMECHETA, 1983, p. 185)

<sup>64</sup> The ordinary Ibo family still had to send their sons to the front of fight the war of liberation, their children and the old people still died of malnutrition as the war continued and Abosi kept reminding them on Radio Biafra, "We will not give in. It is better for us to die standing then to be tortured to death by those bent on genocide." (EMECHETA, 1983, p. 228)

Nota-se inclusive, a partir do excerto acima, que a iminência de um genocídio era uma das estratégias para manter os biafrenses lutando, pois, segundo as propagandas do governo de Abosi, caso não morressem por conta do conflito e de suas consequências imediatas, se desistissem ou perdessem a guerra, os biafrenses/ibos sofreriam um genocídio por parte das forças nigerianas. Assim, a alternativa seria lutar até o fim. Pois a luta seria a única maneira para tentar escapar da morte.

A respeito da questão sobre genocídio, em uma passagem do texto, em que um oficial das forças nigerianas treinava seus recrutas, um dos novatos pergunta o que deveria fazer caso seus oponentes se rendessem. No que o militar responsável pelo treinamento prontamente respondeu:

"Render-se? Deixe-me dizer mais uma vez a vocês: o único ibo bom é um ibo morto! Em um minuto eles se renderão, no minuto seguinte, a própria pessoa com quem você acabou de ser misericordioso enfiará a faca em suas costas desavisadas. Qualquer coisa que se mexa deve ser baleada, e qualquer coisa que não se mexa também deve ser baleada, para garantir que nunca mais se mexa. Pode ser necessário manter alguns deles vivos para ajudar a governar nosso país, mas essas ordens ainda não foram dadas. [...]" (EMECHETA, 1983, p. 204)<sup>65</sup>

O enunciado supracitado evidencia uma atitude deliberada de promover a morte dos ibos/biafrenses. Render-se, nesse caso, não seria considerado como uma possibilidade. Era imperativo matá-los, visto que "ibo bom é ibo morto" e, além disso, eles seriam traiçoeiros a ponto de 'enfiar a faca' mesmo em quem tivesse sido misericordioso com eles. Assim, o oficial o que 'se mexe' e, ainda mesmo o que 'não se mexe' seja baleado - essas duas categorias abarcam uma série enumerável de coisas de seres vivos a pedras, nada deveria restar em território inimigo, das pessoas às construções. Segundo o oficial, essa seria a regra vigente até segunda ordem - que poderia primar pela preservação das vidas dos adversários, mas enquanto não havia nenhuma deliberação nesse sentido, a matança era a lei. O genocídio estava sendo posto em prática.

A fome, a violência e tantas outras consequências da guerra. A disputa entre os lados opostos do conflito não eram apenas uma questão bélica, mas, sobretudo, uma questão ideológica. Ambos os lados procuravam fazer tanto a população de seus países quanto a

---

<sup>65</sup> "Surrender? Let me tell you once again: the only good Ibo is a dead one! One minute they will surrender, the next minute the very person you have you just been merciful to will stick his knife into your unsuspecting back. Anything that moves must be shot, and anything that doesn't move must be shot too, to make sure it can never move again. It may be necessary to keep a few of them alive to help run our country, but those orders have not given yet. [...]" (EMECHETA, 1983, p. 204)

mídia dar-lhes razão e legitimar a sua causa. Para tanto, o apoio da chamada "opinião pública" era algo extremamente almejado. Como pode-se observar no trecho a seguir:

"Tudo que eu quero é que possamos viver em nossa terra natal em paz. Mandamos fotos de corpos mutilados para o Dr. Ilogo em Genebra; ele espalhará a notícia. Assim que a mídia na Europa começar, você verá que a opinião pública estará do nosso lado. As poucas armas capturadas dos soldados nigerianos foram feitas na Inglaterra. Vamos convidar a imprensa britânica e seus diplomatas para virem e ver o que as armas que vendem aos nigerianos estão fazendo ao nosso povo." (EMECHETA, 1983, p. 185)<sup>66</sup>

A construção do enunciado em questão causa como possível efeito de sentido a ideia de que o enunciador do discurso acreditava que a paz chegaria como consequência de uma "opinião pública" favorável à sua causa, ou, pelo menos, uma "opinião pública" que não estivesse de acordo com as fotos enviadas para o colaborador do governo biafrense, Dr. Ilogo, e que seriam publicadas nos jornais europeus. Em outra passagem do romance, Abosi novamente tem como uma de suas principais estratégias para sair-se bem-sucedido do conflito uma mobilização da "opinião pública", especialmente europeia:

Ele pressionou Debbie e todos aqueles que travam a guerra ideológica para garantir que as fotos de crianças morrendo aparecessem todos os dias na mídia. "As pessoas nunca devem se esquecer de nós. Mostre a eles o que com a ajuda um homem negro pode fazer a outro, mostre como eles estão ajudando nossas crianças a morrer." (EMECHETA, 1983, p. 241)<sup>67</sup>

A criança, enquanto signo associado socialmente a uma inocência, teria grande peso para mobilizar às pessoas a apoiarem a causa biafrense. Eram inocentes que estavam morrendo. Apesar de haver pessoas morrendo de várias idades em Biafra, a morte de crianças era o que deveria ser mostrado. Espera-se, pelo ciclo natural da vida, que as pessoas só morram a partir de determinada idade. A morte prematura de uma pessoa, ainda na infância, teria grande poder apelativo, visto que "eles" que ajudaram que essas mortes acontecessem. O termo 'eles', no caso, compreenderia o governo e as empresas dos países

---

<sup>66</sup> "All I want is that we should be allowed to live in our native land in peace. We've sent pictures of mutilated bodies to Dr Ilogo in Geneva; he will spread the news. As soon as the media in Europe takes it up, you'll see that public opinion will be on our side. The few arms captured from Nigerian soldiers were made in England. We will invite the British press and their diplomats to come and see what the guns they sell to Nigerians are doing to our people". (EMECHETA, 1983, p. 185)

<sup>67</sup> He pressurized Debbie and all those waging the ideological warfare to make sure the pictures of dying children appeared every day in the media. "People must never forget about us. Show them what whit their help one black man can do to another, show them how they are helping our children die." (EMECHETA, 1983, p. 241)

onde essas notícias seriam divulgadas, especificamente a Grã-Bretanha. A morte daquelas crianças tinha como agravante o fato de terem sido 'financiadas' pelos grupos políticos que apoiavam a Nigéria dentro do conflito, especialmente no que tange ao bloqueio por mar, terra e ar que impedia a entrada de alimentos na zona de guerra.

A relação do casal Ogedemgbe, Samuel e Stella, ajuda a entender a imagem que sua filha, Debbie, construiu sobre o casamento ao longo da história e que é uma das possíveis chaves de leitura para o romance. Enquanto estivera casada com Samuel, Stella Ogedemgbe foi uma mulher, na visão de sua filha Debbie, submissa e fraca, uma pessoa sem opinião própria. Entretanto, com a morte do patriarca, Stella mostrou-se uma mulher extremamente forte, especialmente após o estupro de sua filha. A forma como ela enfrentou os membros do exército nigeriano na ocasião e posteriormente ao relatar o abuso sofrido pela filha para outro oficial demonstrou como após tornar-se viúva, devido ao assassinato de seu marido no primeiro golpe de Estado, Stella passou a levantar a voz e reconhecer sua potência enquanto mulher.

A relação dicotômica entre feminino e masculino, especialmente em um relacionamento amoroso/conjugal, aparece em outra passagem do texto. Dessa vez, sua filha, Debbie Ogedemgbe se coloca enquanto mulher africana frente a seu namorado-amante ao longo de toda narrativa, Allan Grey, que pode ser compreendido como a representação do próprio poder colonial europeu, mais especificamente da Grã-Bretanha.

“Vejo agora que Abosi e seus semelhantes ainda são colonizados. Eles precisam ser descolonizados. Eu não sou como ele, um homem negro branco; eu sou uma mulher e uma mulher africana. Eu sou uma filha da Nigéria e se ela estiver com vergonha, ficarei e lamentarei pela vergonha dela. Não, ainda não estou pronta para me tornar esposa de um explorador de minha nação.” (EMECHETA, 1983, p. 258)<sup>68</sup>

A personificação de Alan Grey como a própria Grã-Bretanha aparece em outros momentos da narrativa. Em determinada passagem do texto, Abosi afirma:

“Alan Grey... Alan Grey. Ele é a Inglaterra nesta guerra. Ele organiza mercenários e armas para serem enviadas para Momoh, depois vem com a Cruz Vermelha para nosso povo. Ele quer nos engordar para o abate”. Ele balançou sua cabeça. “Algumas pessoas não têm consciência. Esta é a maior vergonha da Grã-Bretanha. Espero que o mundo nunca se esqueça

---

<sup>68</sup> “I see now that Abosi and his like are still colonized. They need to be decolonized. I am not like him, a black white man; I am a woman and a woman of Africa. I am a daughter of Nigeria and if she is in shame, I shall stay and mourn with her in shame. No, I am not ready yet to become wife of an exploiter of my nation.” (EMECHETA, 1983, p. 258)

disso.” (EMECHETA, 1983, p. 229)<sup>69</sup>

Ao despedir-se de Alan Grey, já no aeroporto de onde Abosi e seus homens deixavam Biafra, a oficial do exército nigeriano reforça o seu posicionamento ao enunciar:

“[...] Adeus, Alan. Não te fiz meu concubino, mas a África nunca mais se rebaixará a ser sua esposa; encontrá-lo em pé de igualdade, como companheiros, sim, mas nunca mais ser sua escrava. Olha, temos até um avião sul-africano aqui oferecendo a mesma ajuda que você está oferecendo. Mas como eles sabiam sobre esta noite? E como você sabia, homem branco? Oh, Abosi, gostaria de ter conseguido matar você. Por nos fazer afundar tanto! Se as gerações futuras perguntarem o que aconteceu com Biafra, o que você quer que lhes digamos?” (EMECHETA, 1983, p. 258-259)<sup>70</sup>

No trecho original em inglês, os termos utilizados para se referir à Nigéria no primeiro excerto da passagem são *'she'* e *'her'*, em contraposição ao que a norma padrão da língua designa, visto a Nigéria ser um país, portanto seria utilizado o “gênero” neutro *'it'* em ambos os casos. Entretanto, no uso coloquial da língua, sabe-se que é possível que alguns nomes de países em inglês sejam tratados a partir do uso de pronomes do gênero feminino<sup>71</sup>. Contudo, no caso em questão, observa-se que a personagem emechetiana Debbie utiliza-se desse recurso linguístico para fazer uma analogia entre a manutenção de seu relacionamento com Alan e a relação entre seus países de origem. Esse fato causa um efeito de sentido de que ambas as relações deveriam ser encerradas, já que, logo no início de sua fala, Debbie trata sobre a questão da necessidade de descolonização. A metáfora do casamento também é usada no trecho seguinte em que Debbie refere-se à África como uma ‘esposa’.

Dessa forma, a morte de Samuel Ogedemgbe, assim como o retorno de Alan Grey para o seu país de origem, simboliza na trama não só uma emancipação feminina, na medida em que as personagens compreenderam que sua força vital não dependeria de seus parceiros

<sup>69</sup> “Alan Grey... Alan Grey. He is the England in this war. He arranges mercenaries and arms to be sent to Momoh, then comes to Red Cross our people. He wants to fatten us up for the slaughter”. He shook his head. “Some people have no conscience. This is the Britain’s greatest shame. I hope the world never forgets that.” (EMECHETA, 1983, p. 229)

<sup>70</sup> “[...] Goodbye, Alan. I didn’t your being my male concubine, but Africa will never again stoop to being your wife; to meet you on an equal basis, like companions, yes, but never again to be your slave. Look, we even have a South African plane here offering the same help you are offering. But how did they know about tonight? And how did you know, white man? Oh, Abosi, I wish I had succeeded in killing you. To make us sink this low! If the future generations should ask what became of Biafra, what do you want us to tell them?” (EMECHETA, 1983, p. 258-259)

<sup>71</sup> O uso do pronome *'she'* é mais comumente observado quando se trata da referência a embarcações, mas há outros usos que também podem ser observados, como para países, para animais conhecidos do sexo feminino, bem como, objetos em geral, sem, necessariamente, haver uma explicação gramatical/linguística/histórica para isso. Esta aula de um professor de inglês pode ser utilizada para sanar dúvidas a respeito dessa questão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n6GKpmdh8gI&feature=share>. Acesso em: 21 jan. 2021.

amorosos, mas também um momento de ruptura como a lógica colonial - especialmente no caso de Alan Grey, um homem branco britânico. Debbie Ogedemgbe decidiu parar de ser “um brinquedo de homem branco” (EMECHETA, 1983, p. 176), como o oficial do exército nigeriano Lawal referia-se a ela, e disse um basta àquela relação. Agora nem Debbie nem a Nigéria seriam esse “brinquedo”.

Outro ponto que liga a protagonista feminina do livro com o seu país, especialmente com a população nigeriana – tomando também os biafrenses nessa categoria – foi a maneira como a Guerra marcou Debbie Ogedemgbe. As violências e privações enfrentadas por Debbie ao longo do conflito representam, de certa forma, o sofrimento que a Guerra de Biafra causou à população da Nigéria. Dentre os personagens principais da trama, ela foi a que mais sofreu e a que menos teve poder para influenciar nos rumos do conflito, assim como os civis de seu país, que foram violentados – os estupros a que Debbie foi submetida tinham um caráter para além de uma violência comum, era uma violência de gênero, o feminino que remete à relação entre Nigéria e Grã-Bretanha; sofreram com a escassez de alimentos; com o refúgio e com a perda de entes queridos e, ainda assim, manteve-se de pé na tentativa de reconstruir o país.

Debbie pode ser compreendida também como uma representação da própria Buchi Emecheta dentro da trama. Apesar de suas origens familiares serem completamente diferentes: Emecheta nasceu em uma família de poucas posses que não a apoiou em seus estudos e, por conta disso, viu no casamento uma forma de emancipação; Debbie Ogedemgbe, por outro lado, era uma legítima filha da elite nigeriana, com educação superior em Oxford, ela pôde escolher por não se casar e assim o fez. Entretanto, em determinada passagem do texto, Debbie conversava com a Sra. Ozimba e informou-lhe que suas anotações - que realizou ao longo de toda sua trajetória dentro da guerra – se tornariam um livro intitulado “Destination Biafra”. Fazer-se presente em seus livros através de suas protagonistas é uma das marcas da escrita de Buchi Emecheta, mais notoriamente nos livros *Cidadã de Segunda Classe* (2018) e *No Fundo do Poço* (2018).

A referência a Chijioke Abosi, líder de Biafra, como um “homem preto branco” causa como possível efeito de sentido discursivo para os coenunciadores do texto uma visão de que – ainda que fosse líder de um movimento emancipatório, para formar uma nação que seria construída a partir de um ideal de liberdade – Chijioke Abosi era um homem marcado por uma ideologia colonizada, que procurava cada vez mais assimilar-se a uma suposta mentalidade “europeia”, priorizando o ‘eu’ em detrimento de uma ‘coletividade’, que ele abandonou à própria sorte, após compreender que a guerra estaria vencida.

O romance de Emecheta é marcado por diversos simbolismos, dentre eles, o bebê Biafra. Em sua segunda tentativa de seguir para o Leste no intuito de encontrar-se com Abosi e cumprir sua missão de fazê-lo desistir da guerra e, conseqüentemente, da secessão de Biafra, Debbie Ogedemgbe seguiu junto a um grupo de ibos que estava migrando da cidade de Sapele em direção a Biafra. Em meio a esse grupo composto por homens, mulheres e crianças, havia uma mulher grávida, acompanhada de seu marido - que foi morto, assim como os outros homens e adolescentes, quando as tropas nigerianas os encontraram posteriormente. O grupo seguiu escoltado pelos militares federais e uma emboscada dos soldados biafrenses livrou os refugiados ibos das forças nigerianas. A gestante entrou em trabalho de parto nesse meio tempo e, devido à fraqueza, não resistiu. O menino, já nascido órfão, foi batizado de 'Biafra'.

Debbie, apesar de não ter tido muito contato com crianças ao longo de sua vida, devido à sua educação britânica, que era compreendida pelo grupo como um empecilho a ideia de se constituir uma “família”, no sentido mais tradicional do termo, viu-se obrigada a tomar conta daquela criança. Uma outra mulher que estava no grupo, lactante, passou a dividir seu leite materno com aquela criança órfã. Entretanto, o bebê Biafra não estava adquirindo peso e, em uma das tentativas do grupo de se esconder dos barulhos de tiro que os tinham acordado, Biafra não resistiu e faleceu enquanto estava amarrado ao corpo da filha dos Ogedemgbe. Por ocasião da morte tão prematura de Biafra, uma das mulheres do grupo refletiu: ““A nossa terra, Biafra, vai morrer como este bebê, antes de ter tempo de viver?” ela soluçou. “Ele viveu apenas alguns dias! Acho que a morte dessa criança é simbólica. É assim que vai cair nossa Biafra. Sinto isso em meus ossos.”” (EMECHETA, 1983, p. 212)<sup>72</sup>

A relação do bebê Biafra com seu país vai além do nome e do tempo curto de sobrevivência. Ambos não chegaram a desfrutar uma vida de fato. Nasceram em meio a uma guerra e também por ela, morreram. A ligação entre esses homônimos mostrou-se também no fato de sua orfandade. Enquanto os pais do pequeno Biafra morreram no advento da guerra, Biafra, a nação secessionista, decretou a morte de seus pais – Nigéria e Grã-Bretanha. Contudo, o líder Abosi, que teria assumido a paternidade do país, abandonou-lhe no seu momento de maior fraqueza. O povo ficou para ver a morte da República de Biafra, assim como as mulheres refugiadas cuidaram para que o bebê órfão tivesse ao menos uma

---

<sup>72</sup> “Is our land Biafra going to die like this baby, before it is given time to live at all?” she sobbed. “He only lived for a few days! I think the death of this child is symbolic. This is how our Biafra is going to fall. I feel it in my bones.” (EMECHETA, 1983, p. 212)

cova digna para ser enterrado.

#### 4.3 *MEIO SOL AMARELO* vs. *DESTINATION BIAFRA*

Apesar de ambos os livros terem sido escritos por autoras ibo-nigerianas, as narrativas partem de duas visões opostas acerca da dinâmica da Guerra Civil Nigeriana. Enquanto os protagonistas do romance adichiano são civis, em sua maioria membros da *intelligentsia* e de uma elite financeira nigeriana - com exceção de Ugwu, considerando Richard como membro desse grupo seletivo ainda que ela seja um cidadão britânico; a narrativa de Emecheta é protagonizada por atores oriundos das esferas política e militar.

Assim, enquanto o leitor de *Meio Sol Amarelo* (2008) é surpreendido, assim como os principais personagens, com o início da guerra e a todo momento com as operações promovidas por ambos os lados, o texto de Emecheta releva o que seriam os bastidores da ação, as motivações de cada escolha/posicionamento, o *lobby*, especialmente realizado por Alan Grey, e os conflitos internos de disputa pelo poder. A narrativa adichiana seria de baixo para cima e a emechetiana iria do topo até atingir as camadas mais desprovidas de poder da população.

Outro ponto que chama atenção nos romances é a forma como cada um constrói os discursos sobre Biafra. Em *Meio Sol Amarelo* (2008), Biafra é um lugar idealizado, uma construção coletiva para assegurar que os orientais, sobretudo os ibos, sejam salvos dos massacres sofridos especialmente no Norte do país. A passagem em que trata da declaração da República de Biafra é repleta de comemorações, um dia de festa para os ex-nigerianos e mais novos biafreses. Ao longo de todo o texto, ainda que em meio às dificuldades, os personagens mantêm-se esperançosos pelo fim de guerra e pela vitória das forças de Ojukwu.

Por outro lado, Debbie Ogedemgbe, ao saber da declaração de independência da região Oriental de seu país, fica surpresa com o fato, ainda mais ao perceber a extensão do patriotismo dos biafreses. Ao longo dos capítulos, quando Debbie passa a enxergar na secessão uma possibilidade para acabar com as ondas de violência que já haviam feito inúmeras vítimas no país, ela também se depara com tantas outras violências provocadas em nome da guerra. Biafra – não só para ela, como especialmente para os meio-ocidentais, ibos ocidentais – torna-se mais um espaço para reprodução de violências, desigualdades e opressões.

O tema da divisão interna entre os ibos, orientais e ocidentais, também não é abordada pela narrativa adichiana, assim como não há um aprofundamento acerca das outras minorias étnicas do país - quatro dos cinco personagens principais são ibos, o único não-ibo dentre os protagonistas é Richard, um homem branco europeu. Emecheta aborda os conflitos internos do que foi anunciada como a "terra dos ibos", as desconfianças entre ibos orientais e ocidentais e o abandono que os últimos sofreram por parte do governo de Abosi, que deixou a região desguarnecida de tropas para protegê-la. Esse fato deve ter como principal motivação a origem ibo ocidental de Emecheta, nascida em Lagos, cuja família tem raízes em Ibuza, cidade localizada no Meio-Oeste, onde, segundo a própria autora afirmou no prólogo de seu livro, aconteceram "as piores atrocidades da guerra" (EMECHETA, 1983, p. vii)<sup>73</sup>.

As protagonistas femininas de ambas as narrativas apresentam uma série de similaridades. As gêmeas Kainene e Olanna, assim como Debbie Ogedemgbe são mulheres advindas da elite econômica e intelectual nigeriana, todas tiveram uma educação europeizada, falavam inglês perfeitamente e tinham "modos" de mulheres europeias. Todas eram jovens e escolheram caminhos profissionais que não eram os socialmente esperados para seus gêneros/ classes sociais. Olanna rompeu com sua classe ao decidir dar aula em uma Universidade nigeriana contra a vontade de seus pais, Kainene rompia com os marcadores de gênero visto que a sua atividade profissional enquanto administradora dos negócios da família Ozobia era lida socialmente como masculina - ela é representada como o "filho" que seu pai não teve, já Debbie Ogedemgbe, por sua vez, quebra estereótipos de gênero e de classe ao decidir se alistar para servir no exército nigeriano.

As trajetórias comuns entre as personagens não param por aí. Elas, que foram apresentadas no início das tramas como mulheres ocidentalizadas, com o advento da guerra, acabam cada vez mais se "africanizando", justamente pelo contato com a população menos abastada de seu país, que não teve acesso à uma educação à la europeia e que, assim como elas, estavam lutando para sobreviver em meio à guerra. Além disso, a força que elas demonstram ao longo da trama, especialmente durante as hostilidades, ao enfrentar todo tipo de violência, escassez e – nos casos de Olanna e Debbie – um processo de maternidade não-planejada em meio à guerra é algo que as une.

Os pontos acima apresentados evidenciam apenas alguns aspectos de divergência e convergência das representações acerca da Guerra de Biafra nos romances dessas duas

---

<sup>73</sup> "the worst atrocities of the war" (EMECHETA, 1983, p. vii)

autoras ibo-nigerianas que possuem entre suas publicações mais de vinte anos de diferença. Essa análise comparativa preliminar evidencia que, ainda que os discursos estejam dentro de um mesmo gênero – romance histórico, e sejam escritos por autoras que, notadamente, possuem uma série de características similares, a saber: mulheres, intelectuais, ibo-nigerianas, passaram a maior parte de suas vidas no exterior, ambas com um forte discurso pela igualdade de gênero, dentre outros – podem, ainda assim, apresentar representações distintas e, muitas vezes, opostas dentro das suas narrativas.

## 5. REPRESENTAÇÃO DA GUERRA DE BIAFRA NA COBERTURA DA IMPRENSA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA D'O GLOBO

Para compreender o discurso que se difundiu sobre o conflito durante sua ocorrência, entendeu-se que analisar as matérias veiculadas por periódicos ao longo da guerra seria a forma mais adequada. O jornal é um informativo, geralmente de periodicidade diária que acompanha os últimos acontecimentos e, por esse motivo, é uma radiografia de uma sociedade de determinada época.

De antemão, faz-se importante salientar as motivações das escolhas por determinados periódicos em detrimento de outros. Para a seleção do periódico, alguns fatores foram levados em consideração: a relevância do periódico; a facilidade de acesso e que o jornal tivesse publicado material considerável acerca do conflito nigeriano-biafrense.

Para entender como se deu a cobertura da Guerra Civil Nigeriana pela imprensa brasileira, decidiu-se por selecionar o jornal *O Globo*. Tendo em vista que, à época, o periódico estava em franca ascensão e era um dos principais do país, ainda mais com o surgimento em 1965 da Rede Globo de Televisão, o que só fez aumentar o prestígio das organizações comandadas pela família Marinho. A respeito da facilidade de acesso, o periódico digitalizou e disponibilizou todas as suas edições, desde o seu lançamento em 1925, para assinantes através do Acervo *O Globo*. A pesquisa, através de tal plataforma, possibilitou a coleta de material considerável publicado pelo jornal acerca do conflito. Ao todo, termo de busca 'Biafra' apareceu em 326 páginas do periódico, em alguns momentos, em mais de uma notícia dentro das mesmas.

Outro ponto importante a ser destacado, é o contexto político vivido pelo mundo e pelo Brasil naquele momento. No contexto internacional, havia forte polarização política desde o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por conta do advento da Guerra Fria. O Brasil, alinhado à política norte-americana, que no contexto disputava o lugar de potência mundial com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), líder do Bloco Comunista, em meio à uma ditadura civil-militar, tinha como uma das principais pautas o anticomunismo. Em algumas passagens ao longo da cobertura do conflito, esse discurso aparece de forma muito evidente.

O Regime Militar Brasileiro sucedeu uma fase em que o país havia estreitado suas relações diplomáticas com a Nigéria. Em 16 de agosto de 1961, menos de um ano após a

independência da Nigéria, o Brasil inaugurou sua embaixada em Lagos. Essa aproximação entre os países, parte do estabelecimento de relações com estados recém-independentes em África, se deu no período conhecido como Política Externa Independente (PEI), entre os governos de Jânio Quadros (1961) e João Goulart (Jango – 1961-1964)<sup>74</sup>.

Mesmo não implicado diretamente no conflito, o governo brasileiro, assim como quase todos dos países do mundo, não reconheceu a República de Biafra. Contudo, manteve, de certa forma, a sua tradição de “neutralidade diplomática”. Entretanto, a esse respeito, em seu livro *Brasileiros na África*<sup>75</sup>, António Olinto (1980, p. 230) afirma: “A tentativa de secessão de Biafra impediria que as relações Brasil-Nigéria avançassem muito, pelo menos no ritmo que prevíamos em 1964”. Dessa forma, entende-se a necessidade de levar em consideração o contexto político durante a análise das edições de *O Globo*.

## 5.1 JORNAL *O GLOBO*

Em 29 de julho de 1925, foi publicada a primeira edição do jornal *O Globo*. O periódico carioca foi fundado pelo jornalista Irineu Marinho (1875-1925). O jornalista, que veio a falecer cerca de um mês depois da inauguração de *O Globo*, já tinha experiência no ramo, pois anos antes fora sócio do periódico “A Noite”<sup>76</sup>.

De acordo com o Memória *O Globo* (2013), após o falecimento de Irineu Marinho, o periódico ficou sob o comando de Eurycles de Matos (1894-1931), jornalista e braço direito de Irineu. Quando do falecimento de Eurycles, em 1931, o filho mais velho do fundador, Roberto Marinho (1904-2003), que já trabalhava em *O Globo*, assumiu o jornal definitivamente.

Roberto Marinho tornou-se o homem forte do jornal *O Globo* e, posteriormente, com a ampliação do império jornalístico - tendo como marco principal a criação da emissora de TV *Rede Globo* em 1965 - tornou-se o grande magnata da comunicação brasileira, dono do maior grupo de comunicação do país e um dos maiores do mundo. Entretanto, a ascensão do Grupo *O Globo*, especialmente durante a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), ainda hoje é questionada.

<sup>74</sup> Ver: Leyra, Rodrigo Pedrosa. **Relações Bilaterais e Indústria Petrolífera: as Relações Brasil-Nigéria (1995- 2010) e a atuação internacional da Petrobrás**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2016.

<sup>75</sup> OLINTO, Antonio. **Brasileiros na África**. São Paulo: GRD; Brasília: INL, 1980.

<sup>76</sup> Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>. Acesso em: 1º set. 2020.

Nesse sentido, Castilho (2014, p. 6) discorre:

As relações do empresário Roberto Marinho com o poder beneficiaram diretamente suas empresas. Historicamente governista, o jornal manteve-se coerente com o seu perfil conservador, aproveitando-se também da contrapartida financeira dos grupos dominantes. Um ano depois do movimento civil-militar que derrubou o presidente João Goulart, foi inaugurada a TV Globo, consolidando em pouco tempo a liderança do grupo no mercado de comunicação no Brasil.

Para compreender melhor esse importante marco para as Organizações Globo, à qual pertence o periódico analisado, faz-se necessário observar esse capítulo da história do jornal de forma mais atenta. Especialmente porque, o início do Regime Militar Brasileiro coincide com o advento da Guerra Civil Nigeriana. Assim, investigar o posicionamento do jornal frente à política interna brasileira é de extrema importância para se contextualizar o discurso sobre o conflito nigeriano-biafrense presente nas matérias publicadas por *O Globo*.

A respeito da relação das organizações da família Marinho com o Regime Militar Brasileiro, no segundo semestre de 2013, a Globo lançou o Projeto Memória Globo e como primeiro ato publicou um editorial no qual faz um mea-culpa a respeito do apoio ao golpe de 1964. O texto em questão não é o primeiro que o grupo produziu com esse intuito, em outras duas ocasiões o posicionamento de *O Globo* sobre o regime militar brasileiro foi explicitado.

Franzoni e Reginato (2014) publicaram um artigo no qual analisam - a partir de três editoriais: de 1964, 1984 e 2013 - a adesão do jornal *O Globo* à ditadura militar brasileira, instaurada em 1º de abril de 1964, que perdurou até 1985. Segundo as autoras, "o discurso do jornal *O Globo* é explicitamente adeso ao golpe militar", as pesquisadoras continuam sua explanação ao afirmar que, para *O Globo*, "o golpe [de 1964] era visto pelo jornal como a única alternativa para manter o Brasil em uma democracia" (*Ibid.*, p. 72).

O editorial de 2013 acrescenta que os militares prometiam uma "intervenção passageira, cirúrgica" e que, na justificativa das Forças Armadas para a sua intervenção, "ultrapassado o perigo de um golpe à esquerda, o poder voltaria aos civis", tanto que, segundo o texto, foram mantidas num primeiro momento as eleições presidenciais de 1966. (FRANZONI; REGINATO, 2014, p. 73)

No editorial em que assume que foi um erro o apoio ao regime ditatorial instaurado no Brasil em 1964, a organização divide essa culpa com outros periódicos e com a sociedade civil ao afirmar que:

O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais, como "O Estado de S. Paulo", "Folha de S. Paulo", "Jornal do Brasil" e o "Correio de Manhã", para citar apenas alguns. Fez o mesmo parcela importante da população, um apoio expresso em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais. (APOIO..., 2013)

Estar alinhado ao posicionamento do regime implicava que os jornais deveriam censurar o conteúdo que publicavam ou publicar somente a versão oficial dos fatos, leia-se a que agradasse ao regime. Essa tática era o que distinguia os periódicos que teriam ascensão e prestígio, dos que seriam perseguidos ou fechados. Uma das formas de pressionar a imprensa era através do corte de verbas publicitárias governamentais para as empresas que tivessem uma postura antirregime. Em contrapartida, as organizações aliadas ao governo recebiam uma série de benesses, que iam desde concessão de terrenos estatais para suas sedes até a redução de alíquota para a importação de equipamentos. (CASTILHO, 2014)

Esse apoio aos governos militares brasileiros rendeu muitos frutos às organizações Marinho. Sobre a relevância do jornal *O Globo* a nível de alcance do público, segundo Monção Miranda (2017, p. 285):

Nos anos anteriores ao golpe de 1964 o jornal carioca ainda não era líder de público na mídia impressa do Rio de Janeiro. Mas, dois fatores podem ser considerados fundamentais para a mudança desse quadro: a manutenção d'O Globo e de sua tiragem durante uma crise que assolou a imprensa carioca nos anos 1960, num processo de concentração empresarial da mídia, e a inauguração da TV Globo, em 1965 (BARBOSA, 2010).

O apoio editorial de *O Globo* ao governo militar tem reflexos ainda hoje quando se observa a importância das empresas da família Marinho frente a outros grupos de comunicação brasileiros. Entretanto, o alinhamento dos periódicos às imposições e à ideologia do regime vem desde antes da implantação desse, quando em 1961 foi criado o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES):

O Ipês conseguiu manter um contato direto com os maiores jornais brasileiros, como os Diários Associados (seu diretor geral, Edmundo Monteiro, era líder do Ipês); Folha de São Paulo (Octavio Frias, seu proprietário, era outro líder ipesiano); O Estado de São Paulo e o Jornal da Tarde (do grupo Mesquita, ligado ao Ipês); O correio do povo (do Rio Grande do Sul) e O Globo. [...] Entretanto, é possível ver que a ação do Ipês não se restringiu aos veículos diretamente ligados ao instituto. Ou, dito de outra forma: é difícil estabelecer quem, na mídia de 1964, não era pelo menos simpatizante da causa ipesiana. Alguns jornais são mais fáceis de se identificar – como é o caso da Última Hora, de Samuel Wainer, único

grande jornal a não apoiar o golpe civil-militar de 1964. (PEREIRA, 2014, p. 8)

De acordo com Pastore (2012), o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) foi criado em novembro de 1961 a partir da renúncia de Jânio Quadros como uma forma de frear as ações progressistas do governo de João Goulart. Jango havia atuado como Ministro do Trabalho do governo Vargas e esse fato era mal visto entre as elites conservadoras brasileiras.

Nesse sentido, ainda que alguns militares fizessem parte da organização, o IPES pode ser lido como o braço civil do Regime Militar Brasileiro. Os seus membros pertenciam a vários setores da vida pública, o que facilitava a adesão social da organização. As principais bandeiras levantadas pelos membros do instituto, especialmente os empresários, eram "o anticomunismo e a necessidade de adequar o Estado aos seus interesses" (*Ibid.*, p. 59).

A cobertura da Guerra de Biafra acontece justamente durante o início da Ditadura Civil-Militar brasileira, parte dela, inclusive, no período posterior ao Ato Institucional número 5 (AI-5), de dezembro de 1968, que assevera a repressão no país, período também conhecido como Anos de Chumbo. Assim, faz-se necessário compreender o contexto em questão para que a análise do discurso de *O Globo* sobre o conflito nigeriano-biafrense seja mais condizente com a realidade enfrentada no período estudado, especialmente quando observado o aspecto político. Afinal, de acordo com Orlandi (2009), é no discurso que a ideologia se materializa.

### 5.1.2 A cobertura do jornal *O Globo* sobre a Guerra de Biafra

#### **1967: INÍCIO DE UMA GUERRA HISTÓRICA**

A primeira notícia publicada pelo jornal *O Globo* dentro do recorte temporal dessa pesquisa data de 1º de junho de 1967. Trata-se de uma nota da seção *O Globo em Foco* que dá conta do clima de tensão na Nigéria após o decreto unilateral de independência da província Oriental que se autointitulou República de Biafra. Na notícia, comenta-se que observadores estrangeiros no país veem a situação da Nigéria naquele momento como à beira de uma guerra civil. Além das medidas adotadas pelo governo do General Gowon para

"isolar e dominar a região rebelde" (NIGÉRIA..., 1967, p. 10)<sup>77</sup>.

Em 5 de junho de 1967, na edição vespertina do jornal, *O Globo* publica uma matéria intitulada *Secessão na Nigéria Caminha para a Luta*<sup>78</sup>, a primeira vez que uma notícia acerca do iminente conflito nigeriano-biafrense é publicada fora da seção *O Globo em Foco*.

A matéria em questão fala mais profundamente sobre aspectos políticos da Nigéria. Ela inicia mencionando as ações do governo biafrense, na figura do Coronel Ojukwu e o fato de haver navios ingleses em Port Harcourt, na região Oriental, com o intuito de retirar cidadãos britânicos da zona de tensão. Além disso, ela traz um pequeno histórico sobre a história recente da Nigéria, atribuindo o início da tensão entre ambos os lados do conflito à prisão do líder iorubano Obafemi Awolowo (1909-1987) em 1962. A matéria também trata sobre a importância do posicionamento iorubano para o futuro do conflito entre Biafra e Nigéria. O texto é publicado a partir de Lagos, e tem como fontes a *Associated Press* (AP), *France Press* (FP) e o próprio *O Globo*.

Na edição matutina de 18 de agosto de 1967, p. 11, na seção intitulado “Notícias Ecumênicas”, sob o título *Dificuldades em Biafra* aparece a seguinte nota:

Por motivo da guerra civil na Nigéria a província separatista de Biafra acha-se totalmente isolada do mundo. Essa situação ameaça ter consequências para a vida da Igreja Católica que não tem recebido mais suprimento de hóstias e partículas para celebração de missas. A farinha de trigo, fornecida pela Holanda, foi retida em Lagos, capital da Nigéria. Outra dificuldade criada pela luta separatista é a difusão da Carta Pastoral dos Bispos nigerianos (inclusive Biafra) sobre o Ano da Fé que dificilmente poderá ser distribuída em todo o país. (DIFICULDADES..., 1967, p. 11)<sup>79</sup>

A preocupação expressa através do texto do artigo supracitado evidencia que, por mais que uma guerra estivesse ocorrendo num dos países mais importantes do continente africano, a maior preocupação da publicação era com a falta de suprimentos para abastecer os ritos da Igreja Católica. O efeito de sentido que o excerto potencialmente transmite ao coenunciador é de que os problemas enfrentados pelas pessoas que se encontravam na zona de guerra – negros africanos, especificamente nigerianos e biafrenses – era menor do que um desabastecimento à Igreja. Apesar de se tratar de uma fase embrionária do conflito, desde os

<sup>77</sup> NIGÉRIA tensa. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 10, 1 jun. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>78</sup> SECESSÃO na Nigéria caminha para a luta. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 17, 5 jun. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>79</sup> DIFICULDADES em Biafra. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 11, 18 ago. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

massacres ocorridos em 1966, já havia fortes problemas sociais na região, dentre eles o aumento no número de refugiados de origem ibo para a região que posteriormente viria a ser Biafra. Certamente, o desabastecimento da igreja era o menor dos problemas proporcionados pela guerra.

A edição matutina do jornal *O Globo* do dia 19 de setembro de 1967, mais uma vez, uma nota sobre a Guerra Civil Nigeriana aparece em *O Globo em Foco*. A nota, sob o título Nigéria, aborda a tomada de territórios importantes para a recém-criada República de Biafra pelas forças nigerianas. Entretanto, o que chama atenção não é essa matéria, mas o silenciamento que se faz na mesma página na seção intitulada *Comentário Internacional*, com título *Um Direito que não se negocia*<sup>80</sup>.

O texto, não assinado, trata sobre o início da XXII Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York e aborda temas que devem ser discutidos nesse evento, como os conflitos no Oriente Médio e no Vietnã. O trecho então direciona o seu foco para o conflito palestino-israelense, inclusive com um breve contexto histórico do conflito, em que claramente, apresenta um discurso favorável ao Estado de Israel. Entretanto, a Guerra Civil Nigeriana, nem ao menos é citada. Evidenciando que, naquela altura, o conflito não era percebido como um problema pela comunidade internacional.

Em 7 de outubro de 1967<sup>81</sup>, na edição matutina do jornal *O Globo*, aparece pela primeira vez na coluna *O Globo em Foco*, o termo Biafra como título da nota sobre o conflito, em detrimento do termo Nigéria que comumente aparecia. O uso desse título denota que "Biafra" estaria se tornando um assunto com certa notoriedade. A nota em questão, da agência de notícias *United Press Internacional* (UPI), informa que as forças nigerianas chegaram a Enugu no dia anterior e que 12 mil soldados biafrenses abandonaram seus postos de defesa da então capital da República de Biafra.

A matéria *A Rebelião e o Ditador sem Futuro*<sup>82</sup> - assinada por Donald Seaman<sup>83</sup>,

---

<sup>80</sup> UM DIREITO que não se negocia. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 19 set. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>81</sup> BIAFRA. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 7 out. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>82</sup> SEAMAN, Donald. A rebelião e o ditador sem futuro. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 3, 14 out. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>83</sup> Donald Seaman atuou por mais de duas décadas como repórter no tabloide britânico conservador Daily Express. Seaman também escreveu uma série de livros, cujos principais temas eram crimes, escândalos e espionagem, dos quais se pode destacar *The Great Spy Scandal* (1955). O jornalista também escreveu alguns livros em parceria com Colin Wilson (1931-2013), um controverso escritor britânico, dentre os quais, a obra intitulada *The Serial Killers: A Study in the Psychology of Violence* (1990). Para escreverem essa obra, os autores tiveram acesso a dados do FBI - com a permissão, inclusive, de visita ao Centro Nacional para a Análise do Crime Violento (NCAVC, sigla em inglês), departamento do FBI localizado em Quantico, Virgínia -, cujo apoio os autores mencionaram no Agradecimento do livro. Durante pesquisa realizada, não foram encontradas

publicada por *O Globo* em 14 de outubro de 1967 - trata sobre a invasão da região Meio-Oeste nigeriano pelas tropas de Biafra, em agosto de 1967. O autor critica o Major Alberto Okonkwo, o administrador militar durante a invasão, e afirma que sua "experiência militar não vai além da tomada da temperatura de soldados na enfermaria do Exército" e que o Major seria "considerado pelos oficiais das forças federais como uma espécie de "ditador dos purgantes"". (SEAMAN, 1967, p. 3)

Seaman (1967, p. 3) continua com sua explanação sobre Dr. Okonkwo afirmando que "[...] a maioria dos nigerianos encaram-no como uma figura ridícula, desfrutável, e aí reside a verdadeira tragédia da guerra civil - raras pessoas, do lado de fora, a levam seriamente".

Ainda no editorial, Donald Seaman apresenta os líderes militares do lado nigeriano e biafrense:

O General Gowon, de apenas 32 anos, com curso militar em Sandhurst, e que se tornou Chefe de Estado no ano passado, bate-se pela conservação da federação, uma só Nigéria, administrada por um Governo central em Lagos. Seu adversário, Coronel Ojukwu - *um milionário de barbas*, também treinado em Sandhurst<sup>84</sup> - *retirou as suas tribos da federação, apoderou-se das ricas jazidas petrolíferas do oriente, dominou o Centro-Oeste e proclamou o seu desejo de total independência*. (SEAMAN, 1967, p. 3) (*grifos nossos*)

O texto prossegue com a explanação de como Okonkwo assumiu o controle sobre a província do Meio-Oeste, que havia sido "capturada" por Victor Banjo<sup>85</sup>, oficial do exército biafrense, que declarou a independência da região e se autopromoveu a brigadeiro, e, por conta disso, "foi deposto e substituído pelo Dr. Okonkwo" (*Ibid.*, p. 3).

Seaman (1967, p. 3) prossegue afirmando que:

[...] o certo é que ele [Dr. Okonkwo] recebe ainda, e claramente, ordens do Coronel de Biafra e existe nessa atitude o nítido propósito de mistificar os observadores do exterior, levando-os a crer que a federação corre o perigo de se desintegrar.

Em determinado ponto do texto, o jornalista questiona: "A que se atribuir tanta demora de Gowon em vencer?" (*Ibid.*, p. 3), mais adiante, pondera "é uma situação que grita por negociações de paz. [...] O General Gowon mostra-se resolvido a não concordar com

---

informações precisas sobre a vida pessoal ou profissional de Seaman, além das aqui expostas.

<sup>84</sup> Ao contrário da informação expressa no texto, a historiografia aponta que Emeka Ojukwu foi treinado na academia de Warminster.

<sup>85</sup> Posteriormente, o oficial ibo foi condenado a morte pelo governo de Biafra.

outra solução que não seja a federação. Ojukwu deverá ceder ou lutar – com grande perdas (*sic.*) de vida [...]".

Ao longo de toda argumentação, Donald Seaman apresenta as lideranças militares que se encontram de ambos os lados do conflito nigeriano-biafrense. Entretanto, o faz de forma diferente. Enquanto tem uma apresentação mais objetiva sobre o General Gowon, em que cita sua idade, formação e posicionamento frente ao conflito. Por outro lado, Dr. Okonkwo e Coronel Ojukwu recebem uma série de adjetivos/críticas. Ele caracteriza o administrador militar do Meio-Oeste como "ditador dos purgantes" com experiência militar insignificante. Coronel Ojukwu é descrito como "um milionário de barbas" que se apoderou "das ricas jazidas petrolíferas do oriente"<sup>86</sup>.

Nesse sentido, o discurso apresentado no decorrer da matéria causa no coenunciador um possível efeito de sentido de que a secessão da República de Biafra e, conseqüentemente, o conflito que o sucedeu seriam, ao invés de um problema político e social nigeriano, fruto da vontade de um indivíduo, no caso, Coronel Ojukwu. O autor também tem como certa a vitória nigeriana no conflito, ao questionar o motivo da demora das forças nigerianas de vencerem o confronto.

Na edição de 24 de outubro de 1967, a notícia publicada pelo periódico carioca na seção *O Globo em Foco*, sob o título de *Nigéria*, afirma:

*Meio milhão de elementos das tribos dos ibos fugiram de seus lares em torno de Enugu, capital da província separatista de Biafra, ante o avanço das tropas federais nigerianas, anunciou-se ontem. As informações acrescentam que apenas 500 ibos foram detidos e mais nenhum foi encontrado nesta capital, cidade que chegou a ter 150 mil habitantes. (NIGÉRIA, 1967, p. 10)<sup>87</sup> (grifo nosso)*

O termo "elemento(s)", no Brasil<sup>88</sup>, comumente está ligado ao linguajar policial, especialmente utilizado para se referir a alguém ou um grupo de pessoas que comete algum ato infracional/criminoso. O fato de o termo ter sido utilizado no trecho em destaque, ao invés de outros que facilmente o substituiriam tais como 'cidadãos', 'habitantes', 'pessoas', etc., transmite potencialmente uma negativa ideia acerca dos cidadãos que estavam fugindo

<sup>86</sup> Segundo o governo nigeriano, além de parte dos estudiosos da Guerra, esse teria sido o principal motivo para a secessão do território biafrense.

<sup>87</sup> NIGÉRIA. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 10, 24 out. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>88</sup> A notícia em questão foi reproduzida da *Associated Press* (AP). Por conta disto, há de se levar em consideração que ela é uma tradução, podendo, no original, ter sido utilizado outro termo. Entretanto, isto não exclui inválida o potencial efeito de sentido provocado ao coenunciador d' *O Globo*.

de seus lares por conta da invasão de tropas inimigas. Além disso, o termo em questão originalmente está ligado ao universo das coisas (*ex.* elementos da natureza; elementos químicos, *etc.*) e, quando aplicado às pessoas, tem o poder de coisificá-las, retirando delas sua humanidade inerente.

Em 6 de novembro de 1967, o periódico publicou uma outra matéria do correspondente Donald Seaman, especial para *O Globo*, intitulada *Cidades Fantasmas no Rastro dos Rebeldes da Nigéria*<sup>89</sup>. O texto, como o título demonstra, trata sobre a experiência do correspondente de guerra Donald Seaman em acompanhar a tomada de Enugu<sup>90</sup>, então capital da República de Biafra, pelas tropas federais, em 4 de outubro de 1967.

Seaman (1967, p. 18) relata que se deparou com uma cidade deserta e abandonada descrevendo um cenário pós-apocalíptico, "carros virados em meio da rua [...]; pentes de fuzis espalhados pelo chão [...]". Ele também destaca as estratégias militares dos soldados à serviço do governo nigeriano tanto para ataque, como para defesa.

Ao final da matéria, o correspondente faz um prognóstico sobre a Guerra de Biafra:

[...] Aquilo que o Coronel Ojukwu, líder dos rebeldes, pretende fazer a seguir, é previsto por todos. A continuação da luta poderá significar, com o tempo, que de sete a oito milhões de membros das tribos Ibo se acharão nas mesmas condições que os 60 000 refugiados em Enugu e mais os 40 000 de Nsukka. Prossiga ou não a resistência, *o fato é que a captura de Enugu deve ter enfraquecido a fundo a moral dos rebeldes*. A separação da Nigéria pela Biafara (*sic.*) foi proclamada a 30 de maio e a guerra civil começou em julho. *Creemos agora que o fim está próximo e, a despeito do sol nascente que ostentam os soldados de Biafra em seus uniformes, o líder Ojukwu e seus comandados marcham por certo para o poente*. (SEAMAN, 1967, p. 18) (grifo nosso)

Nos trechos acima destacados, nota-se que Donald Seaman faz suposições a respeito da duração da guerra e de como a tomada de Enugu pelas tropas federais deve ter abalado os cidadãos biafrenses. O discurso do jornalista, implicitamente e talvez por estar na companhia das forças nigerianas, causa como um dos efeitos de sentido a ideia de que está assumindo o discurso da Federação nigeriana.

Ao utilizar o verbo *crer* conjugado em primeira pessoa do singular (nós), sem o

<sup>89</sup> SEAMAN, Donald. *Cidades Fantasmas no Rastro dos Rebeldes da Nigéria*. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 18, 6 nov. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>90</sup> A matéria em questão foi escrita a partir de Lagos, então capital nigeriana, e aparece como "Especial para *O Globo*". Entretanto, não há clareza se o jornalista foi enviado pelo *Daily Express* (para o qual trabalhou por muitos anos) como correspondente do jornal na Guerra de Biafra, se ele estava atuando diretamente em contato com *O Globo* ou por meio de alguma agência de notícias.

sujeito explícito, o autor abriu margens para a pergunta: "Quem é que crê?". Observando o contexto, há de ser pensar em algumas respostas: ela poderia ser uma suposta crença universal, um senso comum; o jornalista poderia estar se referindo a uma ideia compartilhada entre ele e o jornal *O Globo*; Seaman poderia estar tratando sobre diálogos que teve com militares nigerianos e que ajudaram a criar essa crença. De todo modo, a Guerra Civil Nigeriana, assim como tantas outras, também foi travada no campo discursivo. Fazer o adversário parecer frágil e próximo da derrota é de interesse de ambos os lados. No caso em questão, beneficiaria a imagem das tropas federais nigerianas.

Especialmente em 1967, a maior parte das matérias sobre a Guerra Civil Nigeriana aparecia em formato de pequena nota na coluna *O Globo em Foco*, geralmente sob o título Nigéria. As matérias costumeiramente abordavam atualizações sobre o conflito, com fontes como *Associated Press* (AP), *France Press* (FP) e *United Press International* (UPI). Assim, a guerra tinha pouquíssima notoriedade dentro do periódico, o que se justifica pelo fato de que o conflito ainda estava nos seus primeiros meses e, no período em questão, haver outras guerras ocorrendo em âmbito internacional com as quais Biafra “disputava” espaço nas páginas do periódico, a saber: Guerra do Vietnam e o conflito entre judeus e palestinos no Oriente Médio.

A seção *O Globo em Foco* localizava-se, geralmente, nas páginas oito ou dez do periódico - em alguns casos notou-se a aparição na página seis, por exemplo. Na lauda, a posição da seção *O Globo em Foco* era uma coluna na extrema esquerda. Era constituída de pequenas notas sobre assuntos internacionais e dividia espaço na folha com outras notícias vindas do exterior, essas com destaque. O título das notas da seção era composto por uma ou, no máximo, duas palavras.

Muitas das notícias publicadas pelo periódico sobre a Guerra Civil Nigeriana na seção *O Globo em Foco* são informações obtidas através das transmissões da Rádio "A Voz de Biafra", um dos principais veículos de comunicação a serviço do governo biafrense, ouvidas tanto de Lagos, então capital da Nigéria, como de Cotonou, maior cidade de Benim, antigo Daomé. A primeira menção à emissora de rádio biafrense ocorre em 12 de junho de 1967, sendo citada como “Rádio Biafra”. Na ocasião, a matéria informa que “a Rádio Biafra anunciou que a juventude escolar e estudantes pediram armas e que foi instituído um fundo de defesa”<sup>91</sup>. Nesse sentido, a “máquina de propaganda” de Biafra já inicia sua atuação

---

<sup>91</sup> NIGÉRIA TENSA. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 12, 12 jun. 1967. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

evidenciando, através do seu discurso, um engajamento alto da sociedade biafrense perante a guerra.

### 1968: O ANO EM QUE BIAFRA APARECEU PARA O MUNDO

Nos primeiros meses do ano de 1968, não constam no acervo do jornal matérias acerca do conflito nigeriano-biafrense. A edição matutina de *O Globo* de 1º de março de 1968, a primeira do ano em questão a tratar sobre o conflito, traz uma matéria intitulada *A Nigéria, os Comunistas e os Interesses Políticos*<sup>92</sup>. Segundo o período, a matéria -exclusiva para *O Globo* – tem como objetivo informar os leitores para que possam "tomar conhecimento do que existe por trás das notícias que saem nos jornais" (A NIGÉRIA..., 1968, p. 9).

Inicialmente, a reportagem faz um apanhado geral acerca da Nigéria, onde se aborda rapidamente sobre os principais povos e línguas faladas no país, com destaque especial para a religião, que afirmam ser um dos fatores que "servem para separar os nigerianos" (*Ibid.*, p. 9), além de tratar sobre a formação do país e a colonização inglesa na região. Posteriormente, a matéria trata sobre os golpes militares ocorridos em 1966 e a criação da República de Biafra, como consequência da onda de violência contra os ibos após os golpes. Entretanto, a matéria tem como foco "o perigo comunista" da ligação, considerada demasiadamente estreita, da União Soviética, à época, com o governo do General Gowon.

*Prontos, como sempre, para aproveitar qualquer situação que surja, os russos se voltaram para a Nigéria ao verem a situação caótica do país. Tendo já procurado conquistar a simpatia de país que não gostavam do Ocidente (fornecendo armas e dando assistência primeiro ao Egito e depois à Argélia, à Guiné, ao Mali, ao Congo de Brazzaville, e a Ghana), a União Soviética atendeu, solícita, ao pedido de ajuda que fez o Governo Militar Federal (GMF) ao se iniciar a luta com o estado secessionista de Biafra.*

[...]

Enquanto fornece apoio militar ao GMF do General Gowon, *a URSS não se esmorece na sua costumeira tarefa de infiltrações. Várias sociedades amistosas russo-nigerianas surgiram no estado Ocidental, habitado pela tribo dos iorubas. Como os ibos, que são cultos, emigraram para Biafra, os russos acharam conveniente cultivar os iorubas, que estão substituindo os ibos nos cargos públicos. E sociedades amistosas estão sendo formadas também no norte para angarias a simpatia dos humanos que ali residem.*

<sup>92</sup> A NIGÉRIA, os comunistas e os interesses políticos. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 1º mar. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em 27 jul. 2019.

[...]

A URSS sempre se interessou por países que suprem de petróleo a Europa Ocidental: [...]. Se Biafra conseguisse tornar-se independente, a URSS poucas esperanças poderia ter de meter a sua colher naquela vasta reserva de petróleo. (A NIGÉRIA..., 1968, p. 9) (grifo nosso)

Os excertos acima destacados evidenciam um discurso acerca da União Soviética como um país que agia de forma sorrateira, sempre no intuito de “aproveitar qualquer situação que surja” para “se infiltrar” nos rumos políticos e econômicos de determinados países, especialmente os que “suprem de petróleo a Europa Ocidental”. Nesse contexto, os russos são retratados como “malandros”, “interesseiros” e os demais países seriam apenas vítimas de suas maldades.

Essa visão acerca da URSS se justifica no contexto político vivenciado pelo Brasil no período e pelo posicionamento do jornal *O Globo* que, assumidamente, era um dos maiores apoiadores dos governos militares brasileiros. Faz-se importante lembrar que uma das bandeiras levantadas quando do golpe militar de 1964 é a proteção do país contra a “ameaça comunista” e, a URSS, como maior potência do bloco em questão, seria o símbolo dessa ideologia.

Em 15 de maio de 1968, uma matéria intitulada "A Outra Paz"<sup>93</sup> aborda negociações de paz sobre a Guerra do Vietnã e a Guerra de Biafra que estão em andamento naquele período. O texto assinado por C.P. compara os conflitos asiático e africano e afirma que "cêrca de 200 mil vidas humanas - mais mortos do que em três anos de Vietnam - foram consumidas pela voragem da guerra fratricida" (C.P., 1968, p. 3). Porém, apesar de os números sobre o conflito biafrense expressarem uma maior letalidade e, por esse motivo, teoricamente demandarem uma maior preocupação das autoridades mundiais, não estaria recebendo a devida atenção "porque a humanidade está muito mais preocupada com a contenda ideológica do Sudeste Asiático" (*Ibid.*, p. 3). O termo ‘humanidade’, nesse sentido, pode dizer respeito especialmente aos líderes das principais potências mundiais – URSS e EUA, além dos organismos internacionais que poderiam interferir de fato no conflito, tais como a ONU.

Essa falta de interesse pela Guerra Civil Nigeriana é expressa, inclusive, pela cobertura esparsa do jornal *O Globo*, tendo em vista que a matéria em questão é a segunda do ano sobre o conflito, mesmo passado cinco meses do início de 1968 e dois meses da

---

<sup>93</sup> C. P.. A outra paz. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 3, 15 maio 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

última matéria publicada sobre a guerra.

A matéria também traz o depoimento de Houphouët-Boigny (1905-1993), presidente da Costa do Marfim (1960-1993) à época - país que até então não tinha reconhecido Biafra como Estado soberano, sobre a Guerra. Que se posiciona a respeito de que a "unidade" dos países não deve ser imposta que, em oposição, seria "fruto de uma vontade comum de viver em conjunto" (HOUPHOEUT-BOIGNY apud C.P., 1968, p. 3). Ao final da matéria, afirma-se "agora se compreende melhor os secessionistas do Coronel Ojukwu - eles imaginaram Biafra como um Estado que faz vestibular para ser nação livre" (C.P., 1968, p. 3).

Em 10 e 14 de junho de 1968, *O Globo* publica matérias em que Portugal supostamente nega apoio à República de Biafra. Em uma delas, na coluna intitulada "Portugal de Hoje", assinada por Alves Pinheiro, o jornalista argumenta, no texto, que "certamente não há de ser Portugal preocupado em defender-se em três frentes na África contra as hordas terroristas apaziguadas pelas repúblicas negras cujo grupo a Nigéria integra" (PINHEIRO, 1968, p. 2)<sup>94</sup>. No trecho, a expressão "repúblicas negras" refere-se aos países que compunham a OUA, que tinha um Comitê de Coordenação da OUA para a Libertação da África, no momento em que as colônias portuguesas em África – Angola, Guiné-Bissau e Moçambique – estavam em meio às guerras de libertação do poderio da metrópole.

O colunista nega o apoio informal português a Biafra, apesar da acusação feita pelo encarregado de negócios da Nigéria, que afirma que Portugal está ajudando Biafra com fornecimento de aviões, armamento e dinheiro. O discurso veiculado pela notícia mostra-se totalmente partidário a Portugal, sem abrir espaço para o contraditório, o que é uma das bases do jornalismo moderno, ouvir e apurar a informação advinda a ambos os lados. Esse apoio pode ser explicado pela forte aproximação entre os governos ditatoriais brasileiros e a ditadura portuguesa, comandada por António de Oliveira Salazar (1889-1970).

Nas edições de *O Globo* dos dias 20, 25 e 27 de junho de 1968, há matérias que abordam um suposto canibalismo em Biafra. As duas primeiras matérias, não assinadas, são da *France Press* e de *O Globo*. A terceira também não foi assinada, entretanto, trata-se de uma matéria própria do jornal. Enquanto nas edições dos dias 20 e 25, as notícias trazem que há denúncias de crianças servindo de alimentos e presos ameaçados de terem o mesmo fim, a notícia do dia 27 traz a declaração do encarregado de negócios da Nigéria que desmente tais fatos.

<sup>94</sup> PINHEIRO, Alves. Portugal de hoje. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 2, 14 jun. 1968. Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

Os títulos das matérias são um ponto a ser destacado, chamativos e sensacionalistas. As duas primeiras matérias são intituladas respectivamente *Crianças Assadas e Comidas em Biafra*<sup>95</sup> e *Biafra: Canibais Ameaçam Comer Seis Mil Presos*<sup>96</sup>. O impacto gerado por elas é imediato e tem forte apelo emocional. Afinal, o canibalismo é uma prática socialmente execrável, ainda mais quando o alvo dessa prática são crianças.

Na notícia de 25 de junho, Ojukwu aparece no texto como sendo Ministro da Justiça da Nigéria e, ainda de acordo com a matéria, ele é quem teria denunciado ameaças de canibalismo tendo como alvos prisioneiros nigerianos em campos de concentração no território biafrense. Os canibais, que seriam "membros da tribo "ibo", lançaram-se a um "genocídio deliberado" contra a população das zonas fluviais" (BIAFRA..., 1968, p. 10).

[...] Ojukwu afirmou que dias antes da entrada das tropas federais em Port Harcourt, uma multidão de mulheres "Ibo" desfilava pelas ruas exibindo membros de cadáveres esquartejados, acentuando que êsse fato constitui "uma verdadeira vergonha para a Nigéria, a África e a civilização". Considerou que *o que se passa nos campos de concentração de Biafra é o pior do que tudo que se viu desde o extermínio dos judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial*. (BIAFRA..., 1968, p. 10) (grifo nosso)

Apesar de, ao lermos atualmente, os relatos em questão parecerem um tanto fantasiosos – ainda mais pelo fato de Ojukwu não ocupar o cargo<sup>97</sup> mencionado na matéria – e, essa fantasia poder ser atribuída a um possível etnocentrismo que enxerga plausível que mulheres ibos possam desfilar “pelas ruas exibindo membros de cadáveres esquartejados”, sem ao menos questionar a veracidade dessas informações de forma mais profunda. O substantivo coletivo ‘multidão’ fortalece a ideia de que o texto trata-se de uma criação fictícia, já que não há ao menos uma tentativa de se mensurar o número de mulheres presentes na cena descrita, o que poderia ser compreendido como uma hipérbole, figura de linguagem que se baseia em um exagero e que se distancia da pretensa objetividade jornalística.

O fato de textos como esses serem publicados em um jornal com certa credibilidade, como *O Globo*, potencialmente faz com que os leitores do periódico tomem as informações em questão como verdades, pois os periódicos impressos, especialmente nos anos de 1960,

<sup>95</sup> CRIANÇAS Assadas e comidas em Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 17, 20 jun. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>96</sup> BIAFRA: canibais ameaçam comer seis mil presos. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 25 jun. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>97</sup> A saber, à época, os cargos de ministro da justiça (ou correspondentes a ele), eram ocupados por Sir Louis Nwachukwu Mbanefo (Biafra) e por Sir Adetokunbo Ademola (Nigéria).

eram uma das principais formas de acesso às notícias. Além do mais, elas reforçam a ideia da matéria publicada anteriormente que, segundo o jornal, baseia-se em denúncia da Caritas – organização católica de ajuda humanitária – de que “doze crianças hospitalizadas numa clínica de pediatria de Biafra, foram assadas e comidas por ocasião de combates realizados recentemente entre fôrças locais e tropas da Nigéria” (CRIANÇAS..., 1968, p. 17). A credibilidade de fontes como a Caritas, especialmente num país de maioria católica como o Brasil de meados do século XX, é outro fator que produz num possível leitor dessas reportagens uma tendência a acreditar nos fatos narrados.

Ao final da citação, no excerto destacado, faz-se uma comparação entre os “campos de concentração de Biafra” com os dos nazistas, destinados ao trabalho forçado e extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial. No trecho, o que se passava nos supostos campos da República de Biafra seria “pior do que tudo que se viu desde o extermínio dos judeus pelos nazistas”. Entretanto, a historiografia não descreve a existência de campos de concentração em território biafrense. E, esses espaços, ainda que não descritos nos principais livros acerca do conflito nigeriano-biafrense, seriam muito improváveis de existir tendo em vista fatores como: falta de tempo hábil para criação de tais estruturas entre a declaração da República de Biafra e o início do conflito; ausência de recursos do Estado recém-criado, já que as reservas da região foram bloqueadas pelo Governo Federal Nigeriano; e precariedade do exército biafrense que quase não tinha armamentos, recursos humanos, tampouco, infraestrutura. Por outro lado, o que seria provável são os campos de refugiados, destinados a acolher os orientais que habitavam anteriormente em outras regiões e devido à guerra e ao medo foram refugiar-se em território biafrense. Entretanto, os dois campos – de concentração e de refugiados – têm funções completamente diferentes, enquanto um se destina para prender/matar os inimigos, outro seria um espaço de acolhida.

Dois dias após a veiculação da notícia em questão, em 27 de junho, *O Globo* publicou na página três de sua edição matutina matéria intitulada *Nigéria desmente no Rio o perigo de canibalismo*<sup>98</sup>. O desmentido foi feito pelo encarregado de negócios da Nigéria no Brasil<sup>99</sup>: “acentuou que, infelizmente, a informação veiculada pela agência noticiosa é uma entre muitas notícias totalmente absurdas sobre o que está ocorrendo em seu país” (NIGÉRIA..., 1968, p. 3).

Na ocasião, o funcionário do governo central nigeriano apresentou a versão oficial do

<sup>98</sup> NIGÉRIA desmente no Rio perigo de canibalismo. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 3, 27 jun. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>99</sup> A saber, a Embaixada da Nigéria foi inaugurada em Brasília em 1966. Enquanto, o Brasil havia estabelecido sua representação em Lagos, capital nigeriana à época, em 1961.

governo do General Gowon sobre o conflito. Segundo o diplomata, rebeldes ibos liderados por Ojukwu mobilizaram a população da região Oriental nigeriana e rejeitaram as tentativas de acordo com o governo central.

[...] Os rebeldes Ibos insistiram na secessão e recusaram qualquer tipo de acôrdo. Importaram grande quantidade de armamento e declararam mesmo a secessão a 30 de maio de 1967. O Govêrno federal não teve outra solução senão a de responder à rebelião armada para garantir a integridade territorial da nação. (NIGÉRIA..., 1968, p. 3)

Apesar de em determinados momentos da reportagem, o periódico trazer a fala do diplomata nigeriano sinalizando-a, no excerto supracitado, o jornal assume o discurso do governo central nigeriano como sendo seu, ignorando uma das principais premissas jornalísticas que é a de apurar a maior quantidade possível de versões sobre o fato. A respeito das denúncias de canibalismo:

Asseverou o Sr. J. A. Akadiri que são simplesmente absurdas e grotescas as notícias sôbre a possibilidade de canibalismo em seu país. Existe, inegávelmente, um estado de fome nas áreas ocupadas pelos rebeldes, pois o Govêrno central estabeleceu um bloqueio eficiente por mar e um cêrco rigoroso por terra, além de patrulhar com suas aeronaves os céus do território ocupado pelos insurretos, a fim de impedir que êstes recebam munição. Mas, por outro lado, o Govêrno envia, por mar e através de corredores terrestres e aéreos, grande quantidade de alimentos e remédios para as áreas afetadas pelas atuais operações militares. (NIGÉRIA..., 1968, p. 3)

Mais uma vez, a reportagem mostra-se alinhada ao discurso oficial do governo nigeriano ou, minimamente, condescendente com ela, a ponto de, provavelmente, ter tomado a fala do diplomata nigeriano como fato. Ainda que reconheça “um estado de fome nas áreas ocupadas pelos rebeldes”, afirma que o governo envia “grande quantidade de alimentos e remédios para as áreas afetadas pelas atuais operações militares”.

A *Luta pelo petróleo ensangüenta a Nigéria*<sup>100</sup> é o título da reportagem exclusiva para *O Globo* escrita pelo jornalista Walter Partington, a partir de Lisboa, publicada em 1º de julho de 1968. O texto, publicado na página 15 do periódico, divide espaço com um anúncio da Mesbla - antiga rede de lojas de departamento brasileira - sobre artigos para as férias. A página é completamente tomada pelo anúncio, deixando apenas um espaço na lateral esquerda da folha para a matéria sobre a Guerra Civil Nigeriana.

<sup>100</sup> WALTER, Partington. A Luta Pelo Petróleo Ensangüenta a Nigéria. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 15, 1º jul. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

Figura 2 - A Questão das Armas

O GLOBO \* 1-7-68 \* Página 15

## A Luta Pelo Petróleo Ensangüenta a Nigéria

(LISBOA: De Walter Partington — Exclusivo para O GLOBO)

**Delimitar Biafra depois de uma semana de combates de pouco ou não nada, os fatos são os fatos e não os desejos.**

**A pergunta que se faz agora é se a guerra cessará a qualquer momento ou se os fatos serão os fatos e não os desejos.**

**O presidente, pelo lado da Biafra, não quer a guerra, mas a guerra já começou e não há como voltar atrás.**

**Os Estados Unidos, pelo lado da Biafra, não quer a guerra, mas a guerra já começou e não há como voltar atrás.**

**Mapas**

**Quilómetros de guerra não são apenas um mapa, são um mapa de guerra. Os mapas de guerra são mapas de guerra e não mapas de guerra.**

**Os Estados Unidos, pelo lado da Biafra, não quer a guerra, mas a guerra já começou e não há como voltar atrás.**

**Os Estados Unidos, pelo lado da Biafra, não quer a guerra, mas a guerra já começou e não há como voltar atrás.**

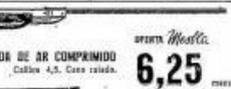
**Os Estados Unidos, pelo lado da Biafra, não quer a guerra, mas a guerra já começou e não há como voltar atrás.**

**DE UM PULO ATEA**

**Mesbla**

**VAMOS EM FÉRIAS!**

Contador: Rua de Passos, 42/34  
Tijoco: Rua Almir. Góes, 226  
Nave: Rua Dias de Cans, 100  
Nave: Rua Visconde de Rio Grande, 221/3  
Vale: Rua de S. João, 226/70

 <b>RÉDE DO NORTE</b> - Fácil de montar e guardar. <b>OFERTA Mesbla 31,50</b>	 <b>CHURRASQUEIRA PORTÁTIL</b> - De aço inoxidável. Com suporte para panela. <b>OFERTA Mesbla 7,50</b>	 <b>LANTERNA SINGEL</b> - 47,50 <b>MOCHILA DE LONA</b> - 35,00	 <b>FACA TIGRE</b> - 13,50 <b>BOLA DE FUTEBOL</b> - 16,90
 <b>ESPIGARDOR DE AR COMPRIMIDO</b> - Calibre 4,5. Caso rígido. <b>OFERTA Mesbla 6,25</b>	 <b>ESPIGARDOR ROSSI</b> - 1 caso rígido em alumínio. <b>OFERTA Mesbla 7,40</b>	 <b>COMISA ESPORTE</b> - 21,90 <b>COMISA ESPORTE RHODEIA</b> - 55,90	 <b>BOLSA DE MALHO</b> - 6,99

Fonte: O Globo

Chama atenção o fato de, ao lado de uma notícia que trata sobre um conflito que o próprio título já indica como 'sangrento', e em meio a itens como redes de descanso, bolas de futebol, bonés e churrasqueiras, haver anúncio de espingardas e facas, ainda que sejam destinadas às atividades de escoteiros e à caça. Faz-se importante observar que, dentro do campo da Análise do Discurso, a “intencionalidade” do enunciador não é uma questão, pelo entendimento de que o discurso existe enquanto efeito de sentido. Assim, ainda que o jornal não tivesse a “intenção”, ele não controla os sentidos que o seu discurso adquire após a enunciação.

Logo no início da matéria, o autor pontua: "a pergunta que se faz agora - e de que depende a precária existência de Biafra - é a seguinte: quando cessará a remessa de armas aos combatentes?" (PARTINGTON, 1968, p. 15). Ainda que sem intenção por parte do jornal ou do diagramador, as simbologias que as armas adquirem numa mesma página de *O Globo* são diametralmente opostas. Se por um lado, as armas são "as causas dos corpos carbonizados ou mutilados de briafricanos (*sic.*) mortos pelos aviões e soldados da Nigéria" (*Ibid.*, p. 15). Por outro, são o símbolo de diversão sendo associada ao momento mais esperado por pessoas de todas as idades, especialmente jovens e crianças: as férias.

A partir de meados de julho de 1968, a aparição de Biafra em *O Globo* passa a ser

mais frequente e, além disso, a ter mais destaque. A fome de Biafra, que já havia sido alvo de notícias, especialmente a respeito de uma possível ameaça de canibalismo, passa a ser personificada através de fotos publicadas pelo jornal em que aparecem biafrenses, especialmente crianças, extremamente magros, evidenciando a desnutrição provocada pelos bloqueios terrestres, aéreos e marítimos implementados pelo Governo Gowon como forma de impossibilitar a sobrevivência do Estado secessionista. O período é marcado por notícias relacionadas às ajudas humanitárias que seriam enviadas pela ONU e pelo Papa Paulo VI<sup>101</sup> ao Estado secessionista de Biafra e, também, por expectativa acerca do fim da guerra, por conta de negociações que ocorriam entre a República de Biafra e o Governo Central Nigeriano.

Julho de 1968 é, definitivamente, o momento que a Guerra Civil Nigeriana deixa de ser um conflito de interesse regional e passa a ser um problema de importância mundial. O fator que possibilitou a notoriedade ao conflito foi o início da publicação de fotos em que civis biafrenses apareciam esqueléticos. A divulgação das fotografias em questão mudou os rumos do conflito e possibilitaram, ao menos, uma sobrevivência aos biafrenses, visto que as imagens de fome e miséria geraram um enorme engajamento em diversas partes do globo, que se traduziram em ajuda efetiva, com envio de remédios, voluntários e alimentos para as zonas mais precárias. A alimentação dos biafrenses torna-se tão ou mais importante para o periódico do que a própria guerra.

Em 20 de julho, na primeira página de *O Globo*, é publicada uma matéria intitulada *Ratos, a Salvação*<sup>102</sup> que, como o nome sugere, fala do consumo de roedores pelos biafrenses como forma de não sucumbir à inanição. Além disso, o termo ‘Biafra’, nesse contexto, passa a ganhar outras significações, para além das ligadas ao território, ao país recém-criado e à guerra. Os fatos mencionados dizem respeito, especialmente, à estratégia de comunicação desenvolvida pelo governo biafrense por meio da *Markpress*.

De acordo com Doron (2017)<sup>103</sup>, a agência de Relações Públicas *Markpress*, sediada na Suíça, teria sido contratada pelo governo de Ojukwu ao final do ano de 1967. Por conta disto, nota-se, a partir de meados de 1968, uma nova frente de batalha dentro da guerra, a propaganda. Assim, as imagens de biafrenses, especialmente crianças, passam a ser

<sup>101</sup> Nesse contexto, o Papa personificaria o trabalho da Caritas Internacional, organização de ajuda humanitária vinculada à igreja católica.

<sup>102</sup> RATOS, a Salvação. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 1, 20 jul. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>103</sup> DORON, Roy. Marketing Genocide: biafran propaganda strategies during the nigerian civil war, 1967-1970. In: MOSES, A. Dirk; HEERTEN, Lasse. **Postcolonial Conflict and the Question of Genocide: the Nigeria-Biafra war, 1967–1970**. Abingdon: Routledge, 2017. p. 74-90.

veiculadas através de jornais de todo o mundo, com o intuito de angariar o apoio internacional, criando a imagem de uma Biafra vulnerável em contraposição à Nigéria, que seria responsável pela fome de milhares de civis inocentes.

A primeira vez em que o assunto da fome biafrense aparece na capa de *O Globo* é no dia 18 de julho de 1968<sup>104</sup>:

**Figura 3 - A Fome Aparece nos Jornais**



Fonte: *O Globo*

O jornal contextualiza a imagem como "uma criança esquelética, ao lado de sua mãe, espera a hora de ser atendida pela Cruz Vermelha, em Enugu<sup>105</sup>" (HÓSTIA..., 1968, p. 1). Na notícia, *O Globo* afirma que, por conta da guerra, cerca de 2.000 pessoas morrem diariamente de fome em Biafra e que, muitas vezes, os alimentos que conseguiriam ultrapassar o bloqueio realizado pela Nigéria ao território biafrense, estariam envenenados. A matéria cita mais especificamente o envenenamento de leite e da farinha, do qual é feita a hóstia católica.

<sup>104</sup> HÓSTIA envenenada. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 18 jul. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>105</sup> No período, Enugu, que havia sido capital biafrense, já se encontrava em posse do Governo Gowon desde outubro de 1967.

Entretanto, não explica da onde teriam saído tais denúncias<sup>106</sup>. Ao fim, há a chamada para coluna da página oito da mesma edição intitulada *Extermínio em Biafra*<sup>107</sup>, na mesma página consta uma nota intitulada *Ajuda para Biafra*<sup>108</sup>.

Há um ano que o país mais densamente povoado<sup>109</sup> da África é assolado por um conflito racial que reúne tôdas as características de um flagelo bíblico. Há um ano que as pessoas morrem como môscas, sem distinção entre combatentes e civis. Homens e mulheres, velhos e criança, se não morrem por causa da guerra propriamente dita, morrem por fome ou por doenças. Morreram até agora mais de trezentos mil e segundo os missionários e os funcionários da Cruz Vermelha essa cifra poderá elevar-se para dois milhões. (EXTERMÍNIO..., 1968, p. 8)

O texto atribui como um dos causadores da Guerra, a independência “prematura” da Nigéria em 1960 e, posteriormente, o “ódio tribal” entre hauçás e ibos. Além disso, acusa o governo federal nigeriano de envenenar os alimentos enviados para território biafrense. Por fim, finaliza-se a matéria com uma afirmativa a respeito dos nortistas: “os Hauçás, aliás, são muçulmanos arabizados, o que explica muitas coisas, não a tácita cobertura de Moscou aos crimes que se perpetram naquela parte do mundo”. (EXTERMÍNIO..., 1968, p. 8). Assim, faz-se uma associação entre a religião confessada pelos hauçás – islâmica - com o que o enunciador chama de “muitas coisas”, que não são apresentadas ao coenunciador, mas transmitem um efeito de sentido de se tratarem de aspectos negativos associados à guerra, especialmente quando se pensa que em um país de maioria cristã, como o Brasil, a religião islâmica, provavelmente, seria vista de forma preconceituosa/pejorativa.

Torna-se cada vez mais comum o uso de imagens em notícias sobre a Guerra Civil Nigeriana, especialmente de civis biafrenses. Muitas vezes, as fotografias têm muito mais relevância dentro da reportagem do que o próprio texto que, em muitos momentos, aparenta ser uma matéria fria – que não traz nenhum fato novo para o leitor do periódico. Apesar de a figura abaixo trazer consigo a informação sobre o estabelecimento de “corredores de auxílio” – que não estabelecem se são terrestres, aéreos ou marítimos – por onde passariam os alimentos para os civis biafrenses, o título da matéria e a imagem tem como foco

<sup>106</sup> As denúncias em questão são controversas tendo em vista que os mantimentos doados para os biafrenses vinham diretamente das organizações de ajuda humanitária por vias aéreas. Assim sendo, o governo Gowon, teoricamente, não teria acesso a eles.

<sup>107</sup> EXTERMÍNIO em Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 18 jul. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>108</sup> AJUDA para Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro. p. 8, 18 jul. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>109</sup> Apesar de a Nigéria ter a maior população da África à época, com aproximadamente 53,51 milhões de habitantes (1968). Ruanda era o país com maior densidade demográfica do continente, 143.1 habitantes por km<sup>2</sup>.

evidenciar a fome experienciada pela população da região secessionista:

**Figura 4** - Crianças Esquálidas Viram Símbolo de Biafra



Fonte: *O Globo*<sup>110</sup>

Outro fato importante a se notar é que, ao contrário do início dos conflitos, em que a guerra aparecia na coluna *O Globo* em Foco, junto com uma série de notícias internacionais e de maneira estritamente factual, com o aumento da importância da Guerra de Biafra dentro do periódico, outros tipos de textos a respeito do conflito passam a ser publicados. Em 7 de agosto de 1968, *O Globo* publica um texto, assinado por C.P., intitulado *Enquanto Dormem*<sup>111</sup>. A passagem traz relatos de uma visita do jornalista a uma missão marista em Biafra, onde conversa com o Frei superior, que acolhe uma série de refugiados, especialmente crianças:

- Ana, de três anos, morreu esta noite. A fome era sua única doença. Chegou aqui há dez dias num caminhão, procedente do norte, lá de Enugu<sup>112</sup>. Providenciamos um pouco de leite em pó que recebemos da

<sup>110</sup> ALIMENTO que tarda. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 8, 26 jul. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>111</sup> C.P. Enquanto dormem. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 3, 7 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

<sup>112</sup> Essa informação parece incoerente visto que Enugu, sob domínio federal à época, teoricamente seria um lugar “melhor” para se estar a nível de recursos, especialmente alimentação, do que em Biafra, que já sofria com o bloqueio de suas fronteiras pelo governo nigeriano desde antes do início dos conflitos.

Caritas. Depois, tentamos dar-lhe um pedaço de carne, mas ela estava tão fraca que não conseguiu mastigá-la. Assim como Ana, outras crianças vêm tão combalidas que o organismo nem reage mais diante dos alimentos. Frei Francis, um escocês que faz questão de ressaltar em plena África, que não é mais britânico, aponta outra menina condenada pela fome. Ela ainda movimentava a boca como se estivesse mastigando em seco, automaticamente. (C.P., 1968, p. 3)

Mais uma vez a fome das crianças biafrenses é um assunto trazido à tona. Entretanto, cada vez mais ela é humanizada dentro dos jornais. A fome ganha nome, história, contexto. Ela não é mais uma fome de milhões, inumeráveis. Na verdade, ela continua sendo, mas tornou-se também uma fome de indivíduos. A fome que “era a única doença” da menina Ana, que faleceu aos três anos. Os números, ainda que em milhares, não possuem a força de uma história personificada, eles são frios.

*A Tragédia Continua*<sup>113</sup>, matéria publicada na coluna Comentário Internacional em 10 de agosto de 1968, página 8 da edição matutina de *O Globo*. O autor, que não assina, escreve a respeito da influência estrangeira no conflito nigeriano-biafrense. Mais notadamente, da Inglaterra, União Soviética, além da participação do Egito, que enviou pilotos para pilotar os caças soviéticos.

A matéria tem início com uma reflexão do Ministro de Relações Exteriores de Israel, que à época enfrentava mais um episódio de seu confronto ainda atual com os palestinos. O texto segue:

O Ministro das Relações Exteriores de Israel não foi o único a apelar para que se pusesse fim à tragédia. Antes dele, já se havia pronunciado nesse sentido o Presidente Lyndon Johnson. A imprensa mundial dedicou mais espaço ao que se passa naquela parte da África e o mundo não ficou insensível. O mundo não ficou insensível, mas a guerra continua, o massacre continua e os que a guerra não mata, matam-nos a fome e a doença. (A TRAGÉDIA..., 1968, p. 8)

No excerto, pode-se observar a notoriedade que o conflito nigeriano-biafrense passa a receber da mídia e de autoridades políticas internacionais. Exemplo desse destaque é o posicionamento do Ministro das Relações Exteriores de Israel e do Presidente dos Estados Unidos da América, à época, maior potência do bloco capitalista no período da Guerra Fria e um dos principais envolvidos no conflito vietnamita.

Outro ponto que o texto revela é a mudança da cobertura da imprensa perante a

<sup>113</sup> A TRAGÉDIA Continua. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 8, 10 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 jul. 1968.

Guerra Civil Nigeriana, que passou a dedicar “mais espaço” do que antes “ao que se passa naquela parte da África e o mundo não ficou insensível”. O despertar da sensibilidade do mundo não foi só pelo aumento da cobertura, mas pela alteração do modo como ela era realizada. A publicação de reportagens mais descritivas acerca das mazelas que assolavam os biafrenses, a introdução de fotos dos civis famintos e a grande quantidade de colunistas e autoridades, sejam políticas ou religiosas, mostrando-se comovidas com o conflito foram um grande convite à tomada de posicionamento da população mundial.

A respeito do texto intitulado *A Tragédia Continua*<sup>114</sup> publicado na seção “Comentário Internacional”, em 14 de agosto de 1968, *O Globo* publicizou uma carta resposta enviada pelo encarregado de negócios da Nigéria no Brasil em que ele acusa o redator do jornal de ter veiculado, na ocasião, uma “altamente tendenciosa e falsa propaganda goebeliana dos rebeldes contra sua pátria” (AKADIRI apud “A TRAGÉDIA...”, 1968, p. 11), e, por isso, de ter sido partidário da República de Biafra. O diplomata informou ainda que “foi com grande desapontamento” (*Ibid.*, p. 11) que tomou conhecimento do texto em questão.

A expressão ‘propaganda goebeliana’ remete-nos a Joseph Goebbels (1897-1945), Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista. A estratégia de propaganda criada por Goebbels tinha como objetivo demonizar e animalizar os “inimigos do Terceiro Reich”, imputando-lhes a culpa pelos males de natureza social, política e econômica que se abatiam sobre os alemães de origem “pura”. Os principais alvos dessa máquina de propaganda eram notadamente os judeus, mas também outros grupos minoritários, como ciganos, negros, dissidentes de gênero, comunistas, dentre outros.

O apelo à memória do coenunciador, ao rememorar determinados fatos como a propaganda produzida por Goebbels durante o advento do nazismo alemão, atualiza esses fatos a partir de um discurso que o compara com a maneira como *O Globo* se posiciona frente ao conflito nigeriano-biafrense. Sobre a memória e sua relação com o discurso, Orlandi (2009, p. 33) discorre:

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos.

<sup>114</sup> A TRAGÉDIA Continua. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 11, 14 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Assim, o sentido do enunciado do diplomata nigeriano não se encontra exatamente no momento de formulação do seu discurso, mas, sobretudo, em um apelo à memória, que retoma a ideologia do Terceiro Reich, um período em que a própria noção de humanidade foi questionada. A afirmação feita pelo diplomata nigeriano em que acusa o redator da matéria em questão de posicionar-se frente o conflito tal qual a “falsa propaganda goebeliana” tem como possível efeito de sentido para o coenunciador do discurso, que tenha determinado arcabouço histórico-cultural, a ideia de que o posicionamento do referido jornal tenha sido no sentido de “demonizar” os nigerianos e, ao mesmo tempo, destacar o valor moral e o sofrimento dos biafreses, frente à perversidade, mais notadamente, da população hauçá. Essa imagem dos ibos-biafreses era de grande interesse para o governo secessionista.

A carta continua com a explanação do diplomata sobre as ações realizadas pelo Governo de Lagos com o intuito de instituir o fim do conflito entre nigerianos e biafreses e com o remetente condenando o posicionamento do redator da notícia acerca dos países que apoiam o Governo Central Nigeriano, afirmando, para tanto, que os biafreses, por sua vez, também contam com apoio internacional para supri-los de armamentos. O encarregado do governo nigeriano postula que “os rebeldes, apesar de tudo, não vêm lutando durante um ano com seus arcos e flechas e com a Bíblia”, nesse contexto, o termo ‘bíblia’ alude às religiões cristãs professadas por grande parte dos ibos. Assim, o sentido que esse discurso potencialmente provocaria é de que há uma relativa equidade entre os lados do conflito, portanto, as forças militares biafreses não estariam enfrentando uma situação de tanta desvantagem em relação às nigerianas.

Em reportagem exclusiva para *O Globo*, intitulada *Bebês de Biafra: Nôvo Lar Longe da Guerra*<sup>115</sup>, o jornalista Alix Palmer de Londres, noticia que há um planejamento de enviar 10 mil bebês biafreses para a Grã-Bretanha<sup>116</sup>, afim de que sejam cuidados e alimentados até que a guerra seja findada e possam retornar para o seu país. O texto evidencia que grande parte da população britânica apoiou essa tentativa de “ajuda” aos pequenos biafreses ao informar que “[...] milhares de pessoas que viram nos jornais cinematográficos e na televisão reportagens a respeito das infelizes criaturinhas têm escrito oferecendo seus lares para acolhê-las.” (PALMER, 1968, p. 9). A matéria, publicada em 15 de agosto, não traz em nenhum momento a posição de cidadãos ou mesmo do governo de Biafra acerca do plano.

---

<sup>115</sup> PALMER, Alix. Bebês de Biafra: nôvo lar longe da guerra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9. 15 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>116</sup> A Grã-Bretanha não foi o único lugar para qual as crianças biafreses foram enviadas. Há registros de crianças que foram enviadas para São Tomé e Príncipe e para o Gabão.

Até a discordância em relação às medidas expostas advém de outros britânicos, um deles era o irmão gêmeo de um dos criadores da iniciativa.

A maneira como a reportagem é construída causa como possível efeito de sentido para o coenunciador que os biafrenses não são percebidos com o mesmo nível de importância pelo enunciador quando comparados aos britânicos, a partir do momento em que eles não são ao menos ouvidos em um assunto que lhes é tão caro, visto que seriam os mais preocupados com as suas próprias crianças. Outro aspecto que chama atenção – ainda que essa seja uma iniciativa da sociedade civil britânica - é o fato de não haver uma problematização do papel minimamente controverso do governo britânico frente à Guerra Civil Nigeriana. Pois, ao mesmo tempo em que apoiam o Governo de Lagos militar e politicamente, por outro lado, membros de suas forças militares, segundo a reportagem, “[...] se têm oferecido para arriscar suas vidas sob o fogo da artilharia da Nigéria, a fim de retirar as crianças e levá-las à salvo para a Inglaterra”. (PALMER, 1968, p. 9)

Em 16 de agosto de 1968, uma matéria intitulada *O Anúncio*<sup>117</sup> trata sobre a publicação diária de um anúncio por jornais europeus com o intuito de angariar doações para contribuir com a ajuda humanitária da Cruz Vermelha Internacional em Biafra.

[...] um garoto que tem no olhar a tristeza da morte, um pequeno ser humano estropiado, esquelético e amargurado, estende as mãos aos leitores numa atitude de misericórdia, acendendo na lembrança de todos aquela imagem inteiramente ao contrário do que deveria ser "o perdão da vida". (O ANÚNCIO, 1968, p. 3)

Imagens como as do anúncio descrito acima tinham como intuito causar uma comoção no público leitor a ponto de que eles fossem levados a tomar alguma posição frente aquela situação. No caso em questão, o posicionamento esperado seria que o apelo através da fotografia daquele menino induzisse os coenunciadores do anúncio a contribuir com a Cruz Vermelha através do envio de donativos.

A respeito de donativos para contribuir para a ajuda humanitária aos biafrenses, *O Globo* publicou uma matéria<sup>118</sup> em 26 de agosto do mesmo ano, em que trata sobre a doação de 4 mil cruzeiros novos – moeda brasileira corrente à época – por deputados estaduais do de São Paulo para a Cruz Vermelha Brasileira<sup>119</sup>. O valor teria como destino auxiliar nas

<sup>117</sup> C.P. O anúncio. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 3, 16 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>118</sup> DEPUTADOS dão NCr\$ 4 mil para Biafra. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 26 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>119</sup> À época, a Cruz Vermelha Internacional enviou ajuda alimentar a partir da ilha de Bioko (Fernão Pó).

ações desenvolvidas pelo braço internacional da Instituição em território biafrense.

Por conta da enorme quantidade de notícias acerca da privação de alimento dos biafrenses, Biafra torna-se sinônimo de "fome" e "miséria", e esse significado passa a aparecer de forma recorrente em notícias veiculadas por *O Globo*. Em uma matéria publicada em 19 de agosto de 1968 sobre o Haiti, intitulada *Na Ilha-Favela de Papa Doc*<sup>120</sup>, essa associação fica clara no trecho: “Há ruína e pobreza por todos os lados, no Haiti<sup>121</sup>. O padrão de vida cáí a olhos vistos e a fome é tão terrível no setor noroeste que alguns oficiais americanos que moram lá se referem a êle como a "Pequena Biafra”” (BRODIE, 1968, p. 8).

Em 31 de agosto de 1968, a matéria intitulada *Biafra em Nova Iguaçu*<sup>122</sup> aparece com certo destaque na primeira página de *O Globo*. O termo ‘Biafra’, no título da matéria, reforça a acepção anteriormente mencionada, associada a um espaço em que a fome se tornou parte da rotina. O texto, que aparece como uma espécie de legenda de uma das duas fotos sobre o caso, apresenta o assunto da seguinte forma:

A foto parece, mas não é de Biafra. Crianças à beira da morte por inanição, quase sem poder andar de tão fracas, sofrendo espancamentos e torturas, acorrentadas no tronco, encarceradas numa espécie de campo de concentração e sendo obrigadas a mendigar - assim era a Vivenda da Luz, no Morro Agudo, que o Juiz de Nova Iguaçu mandou fechar ontem. Quarenta e cinco crianças foram levadas em estado grave para o Lar de Jesus. (BIAFRA..., 1968, p. 1)

O caso sobre a Biafra Fluminense, como também foi apelidada por *O Globo* o orfanato em que crianças eram vítimas de inúmeros maus-tratos na cidade de Nova Iguaçu - localizada na Baixada Fluminense, ganha notoriedade e uma série de reportagens em que os menores, vítimas dessas agressões e da negligência de quem deveria cuidar deles, contam como era a rotina no abrigo do qual foram retirados. Ainda que muitas crianças biafrenses tenham morrido em decorrência da fome, comparar a situação delas com a dos jovens fluminenses é uma atitude, no mínimo, questionável. Os pequenos biafrenses, assim como os adultos, enfrentavam durante a Guerra Civil Nigeriana um bloqueio de alimentos, não eram vítimas de maus-tratos, senão pelo Estado da Nigéria que lhes negava acesso aos itens de primeira necessidade por conta do bloqueio marítimo, terrestre e aéreo que impedia que

<sup>120</sup> BRODIE, Ian. Na ilha-favela de papa Doc Duvalier. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 19 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 1968.

<sup>121</sup> Coincidentemente, o Haiti foi o único país fora da África a reconhecer a existência da República Biafra.

<sup>122</sup> BIAFRA em Nova Iguaçu. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 31 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

conseguissem manter sua segurança alimentar e nutricional (SAN).

Biafra como sinônimo de fome e miséria aparece novamente em 5 de novembro em 1968, em uma matéria de *O Globo* que trata sobre os baixíssimos salários que eram pagos a professores primários em todo o país. O texto intitulado *Salários de Biafra*<sup>123</sup> aborda o descaso dos governantes, especialmente prefeitos - já que “a reforma tributária da Revolução deu aos municípios recursos consideráveis” (SALÁRIOS..., 1968, p. 1) - em relação aos salários que seriam pagos aos profissionais da educação básica.

A locução adjetiva ‘de Biafra’, apresentada no título da matéria, caracteriza o substantivo ‘Salários’, reiterando a ideia de que Biafra estaria relacionada à fome e a condições precárias de vida. O trecho final da matéria fortalece esse efeito de sentido quando se afirma: “é à custa de tal insensibilidade que se mantém o ignominioso salário de Guimarães: os trinta centavos por mês. Nem em Biafra paga-se tão mal” (*Ibid.*, p. 1). Assim, a República de Biafra torna-se parâmetro para se analisar violações de direitos humanos que dizem respeito à garantia de mínimas condições para subsistência.

Faz-se importante observar também que ‘Revolução’ é o termo usado pelo periódico para se referir ao golpe militar ocorrido em 1964, que implementou a Ditadura Militar Brasileira. A terminologia utilizada e a argumentação acerca das ações do governo federal frente aos baixos salários dos professores evidenciam o apoio editorial de *O Globo* ao Regime, pois o jornal afirma que a União teria feito a sua parte na transferência de valores “consideráveis” aos municípios.

Em 2 de setembro, em uma matéria intitulada *Aviões da Nigéria Matam 70 Biafrênses e Ferem 100*<sup>124</sup>, *O Globo*, além de noticiar o ataque aéreo nigeriano contra civis biafrênses, abordou aspectos históricos e culturais aos quais creditou, em partes, a culpa pelo conflito que havia completado um ano há pouco. A reportagem fez um apanhado histórico de cada um dos principais grupos étnicos nigerianos e, valorizando, de certa forma, o discurso de conflito baseado em rivalidades tribais e religiosas, pois descreveu uma espécie de Guerra Santa entre hauçás (islâmicos) e ibos (cristãos). A matéria também trouxe uma apresentação dos líderes político-militares da Nigéria e da República de Biafra, em que expôs a trajetória do Tenente-Coronel Ojukwu e do General Gowon, cuja foto de perfil ilustrou a matéria.

Em 5 de novembro daquele ano, a Guerra Civil Nigeriana virou manchete de *O*

<sup>123</sup> SALÁRIOS de Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 5 nov. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>124</sup> AVIÕES da Nigéria matam 70 biafrênses e ferem 100. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 6, 2 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

*Globo*. Com o título *Terror e Morte em Biafra*<sup>125</sup>, o jornal estampou como destaque de sua edição fotos de duas execuções ocorridas em território biafrense. A primeira execução fora de um prisioneiro biafrense, realizada pelo tenente nigeriano Macauley Lamurde e, a segunda, registra o próprio tenente Lamurde sendo executado pelos seus companheiros de farda com o intuito de puni-lo pelo assassinato realizado anteriormente, sem a existência, contudo, de um julgamento adequado.

Figura 5 - Execuções viram Manchete

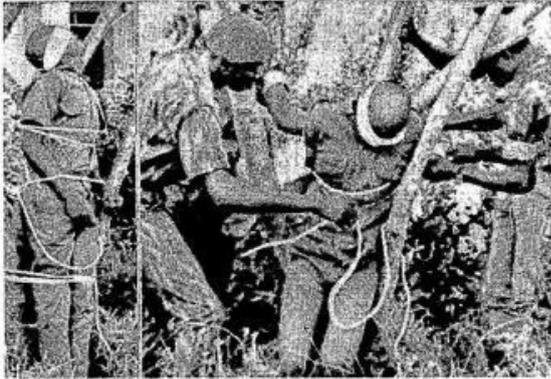
**TERROR E MORTE EM BIAFRA**

**1 O carrasco em ação**



LAMURDE, AO LADO DO CINEGRAFISTA INGLÊS, MOSTRA O PRISIONEIRO QUE EXECUTARÁ EM SEGUIDA, COM A MAIOR FRIEZA.

**2 O carrasco justificado**



O CARRASCO MACAULEY LAMURDE SENDO RECOLHIDO JÁ SEM VIDA PELOS SEUS EXECUTORES.

Minada tida a sua resistência frente às tropas da Nigéria — mas numerosas e mais bem equipadas — os combatentes da província separatista de Biafra vão sendo aprisionados e conduzidos para acampamentos. Num deles, o tenente nigeriano Macauley Lamurde executou finalmente um prisioneiro diante de um cinegrafista inglês, que divulgou agora as dramáticas imagens. O ato de Lamurde revolta as autoridades de Lagos e seus companheiros improvisaram uma corte marcial, condenando-o a morrer também a tiro. Entretanto a corte se amareceu e a uma árvore, abateu-o em seguida com uma salva de tiros. A divulgação destes documentos coincide com a queda da capital de Biafra. (UPI — O GLOBO)

**Capital cai**

As tropas federais nigerianas tomaram ontem de assalto Aba, capital de Biafra, e mais duas províncias, restando agora somente dois centros importantes em mãos dos rebeldes separatistas — as cidades de Owerri e Umuahia. A Cruz Vermelha Internacional iniciará hoje uma ponte aérea para transportar, rapidamente, alimentos e remédios para os civis biafrenses, a fim de evitar que milhares deles morram de fome e enfermidades.

ANO XLIV - Rio de Janeiro, 5.ª-feira, 5 de setembro de 1968 - N.º 32 985

**O GLOBO**

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Residente: ROBERTO MARINHO | Diretor-Jornalístico: HERBERT NOSE  
 Editor-Secretário: RICARDO MARINHO | Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

Fonte: *O Globo*

As figuras foram publicadas logo acima da informação de que as forças nigerianas haviam tomado Aba, cidade que se tornara capital biafrense desde a queda de Enugu no ano anterior. As imagens são expostas sem qualquer tipo de cerimônia pelo periódico, impressas na primeira página, logo abaixo do cabeçalho e acima do logo do jornal.

Na página oito da mesma edição, *O Globo* publicou uma reportagem intitulada *Capital de Biafra já caiu frente às tropas federais*<sup>126</sup>, em que narrou a história do conflito desde os seus antecedentes até o momento mais recente da queda de Aba, que supunha ser o

<sup>125</sup> TERROR e morte em Biafra. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 1, 5 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>126</sup> CAPITAL de Biafra já caiu frente às tropas federais. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 8, 5 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

fim de Biafra. Ao final do texto, mencionou-se um anúncio publicado um mês antes pelo New York Times que, segundo a publicação, "parece concretizar seu apêlo patético [naquele momento]: "We are the children of Biafra. By August we will be dead". (Somos as crianças de Biafra. Em agosto estaremos mortas)." (CAPITAL..., 1968, p. 8). O trecho em questão tem como provável efeito de sentido a ideia de que o jornal acreditava que, em um curto espaço de tempo, os biafrenses sucumbiriam diante das forças nigerianas e, especialmente, da fome.

Em 13 de setembro de 1968, na seção Notícias Ecumênicas, *O Globo* publicou uma matéria intitulada *Extermínio*<sup>127</sup> em que tratou sobre um Seminário católico em Biafra transformado em hospital e gerenciado por três irmãos maristas que relataram a escassez de recursos frente a demanda causada pela guerra e além disso, do número de crianças mortas que havia se tornado uma constante para eles. Ao final da matéria, após reprodução da fala de um desses religiosos que dizia estar perdendo a fé na humanidade, o seguinte trecho encerrou a matéria:

O Tenente-Coronel Adekunle, comandante das forças federais, declarou a um jornalista que é preciso matar os Ibos e que nunca se viu, numa guerra, deixar fornecer alimentos aos inimigos antes da vitória final. "Vou impedir que se alimente um só Ibo até que o povo capitule". (V. M. I., 1968, p. 13)

O excerto acima reforça as acusações de que o conflito tratou-se de um extermínio, um genocídio, contra os ibos. Essa tentativa de extermínio pode ser constatada no enunciado quando o militar mencionou sobre efetivamente matar os ibos e, posteriormente, quando afirmou que impediria que eles se alimentassem até que cedessem, o ato de impedir que se alimentem - ainda mais no contexto em que a desnutrição e seus desdobramentos como a kwashiorkor figuravam entre as principais causas de morte dos biafrenses - teria o mesmo sentido letal do que ceifar-lhes a vida através de armas de fogo.

Além disso, o posicionamento do militar nigeriano, logo após a afirmação do irmão católico, tem como possível efeito de sentido esperado causar um impacto maior no coenunciador do discurso, visto se tratarem de ideias que se opõem, apesar de o posicionamento do Tenente-Coronel nigeriano poder ser compreendido como um exemplo de ações que resultaram na perda de fé na humanidade por um religioso.

Gustavo Corção - escritor católico e conservador - publicou um artigo intitulado *Pelo*

<sup>127</sup> V. M. I., EXTERMÍNIO. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 13, 13 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

*Mundo*<sup>128</sup> em 19 de setembro de 1968, em que, dentre outros tantos assuntos, tratava a respeito de Biafra. Corção afirmava:

[...] Confesso que não dera até hoje a devida atenção no sofrimento humilde desse pequeno povo africano, e que não me sinto capaz de dirimir o conflito que molesta o grande continente negro. Cada vez que vejo uma fotografia de Biafra cercada, com fome, em agonia - fotografia onde sempre há uma criança esquelética com olho arregalado para o mundo cruel em que não viverá - tenho a impressão de estar vendo um feto apavorado com a vida que ainda não teve. E quando penso na euforia do movimento de independências nacionais e de anticolonialismo tenho a nítida impressão de um imenso e universal canalhismo cometido contra os povos africanos. [...] deixo meu modesto apoio à política colonialista de Portugal, ou se quiserem evitar o vocábulo maldito, meu apoio à política de além-mar. (CORÇÃO, 1968, p. 2)

Apesar de, no início da citação, o enunciador ter informado que até então ainda não havia dado a devida atenção ao sofrimento enfrentado pelos biafrenses, ele abordou um aspecto que, ainda que não tenha se debruçado sobre o assunto, tornou-se uma constante acerca do tema, as fotografias das crianças famélicas biafrenses. Ele descreve o que seria essa imagem que foi construída sobre Biafra na narrativa jornalística dos principais periódicos, a publicação de fotografias de crianças em determinadas condições, que ajudaram a construir um imaginário sobre o que ele explicou como sendo "Biafra cercada, com fome, em agonia". Por fim, o discurso presente no enunciado sugeriria que uma das causas de tal mazela seria uma "euforia do movimento de independências nacionais e de anticolonialismo". O autor finalizou o texto apontando então, como uma espécie de modelo a ser seguido, a política de além-mar portuguesa, país cujas colônias africanas foram as últimas a conquistarem suas independências.

Se no início da guerra civil, as notícias sobre Biafra apareciam quase que exclusivamente na coluna *O Globo* em Foco, como pequenas notas. No segundo semestre de 1968, o assunto passa a dominar ser tratado com mais frequência em uma seção intitulada "Comentário Internacional", coluna destinada a reportar os fatos ocorridos fora do país com um caráter que mistura o informativo com o opinativo, apesar de os textos não serem assinados, assim, é como se o jornal assumisse aquele posicionamento como seu.

*Último Ato em Biafra*<sup>129</sup>, *As guerras de Nasser*<sup>130</sup> e *Uma esperança para Biafra?*<sup>131</sup> -

<sup>128</sup> CORÇÃO, Gustavo. Pelo mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 2, 19 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>129</sup> ÚLTIMO ato em Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 29 ago. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>130</sup> AS GUERRAS de Nasser. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 14 set. 1968. Disponível em:

publicadas respectivamente nos dias 29 de agosto, 14 de setembro e 4 de novembro de 1968 - são alguns dos exemplos dessas publicações e evidenciam um posicionamento favorável do jornal em relação à causa biafrense. Em várias passagens dos três textos são trazidos termos como 'extermínio' ao se tratar do objetivo das ações militares a que os biafrenses eram submetidos. Outro aspecto abordado pelas matérias são os apoios militares dos lados nigerianos e biafrenses e o interesse desses no petróleo da região. Nota-se também que, ao tratar dos países que davam suporte à Nigéria no conflito, a URSS é especialmente citada, sempre de forma pejorativa. O discurso contrário à União Soviética não surpreende devido ao alinhamento de *O Globo* ao regime militar que tem como uma de suas principais pautas o anticomunismo. Além disto, o período em questão foi marcado pela ocupação da URSS à Tchecoslováquia, de agosto a setembro de 1968, conhecida como a "Primavera de Praga". Em algumas ocasiões nesse período, a Guerra de Biafra dividiu a página com matérias sobre a invasão russa ao país, extremamente condenada, inclusive pelo Papa Paulo VI.

Em outra matéria publicada em "Comentário Internacional", no dia 23 de novembro, sob o título *Hecatombe será ato final*<sup>132</sup>, a kwashiorkor foi introduzida aos leitores do periódico. A doença em questão foi apontada na matéria como uma das causas pelas quais, possivelmente, ainda que a guerra findasse, os civis biafrenses continuariam morrendo. Entretanto, o enunciador afirmou que a principal e inevitável causa de tantas outras mortes em território biafrenses seriam os massacres:

[...] A derrota, ali, significa massacre. E a vitória, também. O massacre é o preço que os vencidos pagam pela derrota. E o massacre da vitória é uma espécie de prêmio a que fazem jus os vencedores. Isso não é uma novidade. *Temos exemplos em todos os tempos e em tôdas as partes, mas na África, pela amplitude e pela ferocidade, adquire sabor de novidade.* (HECATOMBE..., 1968, p. 8) (grifo nosso)

O termo 'hecatombe' tem origem grega e, originalmente, seria formada pela aglutinação de palavras gregas relativas aos termos 'cem' e 'boi'. 'Hecatombe' refere-se a um ritual em que seriam sacrificados esses animais. O termo foi atualizado e passou a designar grandes massacres. Assim, no título, o enunciado "Hecatombe será o ato final" é praticamente uma profecia acerca dos rumos do conflito.

O trecho supracitado em destaque evidencia que, apesar de massacres serem

---

<https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>131</sup> UMA ESPERANÇA para Biafra? **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 4 nov. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019

<sup>132</sup> HECATOMBE será ato final. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 23 nov. 1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

relativamente comuns, segundo o autor do texto, "na África, pela amplitude e ferocidade, adquire[m] sabor de novidade". A associação feita entre 'África', e conseqüentemente os africanos, e 'ferocidade' reforça um discurso já conhecido em que os negros africanos são animalizados, tendo em vista que o adjetivo 'feroz' relativo ao estado de ferocidade é comumente aplicado aos animais, às feras. Esse discurso é reiterado pelo trecho que finaliza o artigo em que o autor menciona o pensamento de uma missionária ao postular: "[...] talvez o massacre seja uma lei da África" (*Ibid.*, p. 8).

No final de 1968, *O Globo* publica uma espécie de retrospectiva das principais notícias do ano. Biafra está entre elas, entretanto não é a guerra que se destaca no contexto. A foto escolhida para marcar o episódio histórico em questão não é a de soldados empunhando suas armas no campo de batalha, também não são publicadas imagens em que apareçam os líderes dos diferentes lados do conflito. A guerra fora marcada pelas imagens dos que, dentro dela, não tinham qualquer poder, nem no campo bélico tampouco no político, como a figura a seguir ilustra:

Figura 6 - O Genocídio de Biafra



Fonte: *O Globo*

Como uma espécie de legenda para a foto – que tem o intuito de ancorar o leitor, delimitando o seu processo de significação – aparece a seguinte expressão "o genocídio de Biafra". A notícia do ano de 1968 que trata sobre aquela determinada região africana não é a "Guerra Civil Nigeriana" ou a "Guerra de Biafra", mas trata de um genocídio que estaria ocorrendo naquele espaço, contra a população que ali habitava. Os termos 'genocídio' assim como 'extermínio' começam a aparecer em matérias publicadas por *O Globo* sobre a guerra de meados para o fim do ano de 1968, especialmente quando as notícias a respeito da fome e de denúncias de alimentos envenenados passam a ser mais recorrentes. Essa tese era especialmente defendida pelo governo biafrense e era de interesse de Ojukwu que o discurso sobre o genocídio fosse difundido pela mídia, angariando assim o apoio da opinião pública à causa biafrense.

### 1969: O INÍCIO DO FIM

Em janeiro de 1969, aconteceu em Londres uma Conferência da Commonwealth numa tentativa de acabar com a guerra. *O Globo* publicou algumas notícias relacionadas ao encontro, em que foram discutidos temas relativos aos países que compõem tal comunidade. A Guerra Civil Nigeriana figurou entre alguns desses temas, assim como conflitos na Rodésia, África do Sul e problemas relacionados à imigração asiática da Tanzânia e do Quênia.

Em 13 de janeiro de 1969, *O Globo* publicou uma imagem<sup>133</sup> em que aparecem dois senadores americanos, o Arcebispo de Nova York e a Sra. Pat Nixon, que uma semana depois assumiria seu posto como primeira-dama dos Estados Unidos, conferindo os alimentos, arrecadados na Catedral de São Patrício, que seriam doados para Biafra. A notícia evidencia a relevância social que a questão humanitária biafrense havia adquirido à época, visto que autoridades políticas e religiosas norte-americanas passaram a tratar desse assunto pessoalmente. Entretanto, a nota não explica o porquê de tais autoridades estarem examinando pessoalmente os itens a serem doados, o que nos leva a questionar se havia alguma ameaça iminente – como um possível envenenamento dos alimentos denunciado anteriormente por matéria do jornal em 1968 - ou se era apenas com o intuito de promover a causa e, em contrapartida, promover-se através dela.

---

<sup>133</sup> PARA Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 13 jan. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Alguns dias depois, em 17 daquele mês, a reportagem de capa de *O Globo* tinha como assunto o "milagre econômico alemão"<sup>134</sup> - à época, a Alemanha estava dividida entre a parte Ocidental e Oriental - e a matéria tratava justamente sobre a área que tinha adotado uma economia capitalista, Alemanha Ocidental. Para tanto, a jornalista irlandesa, Mary Kenny, afirmou ter entrevistado mais de 40 alemães e trouxe os comentários de alguns desses entrevistados. Um deles postulou o seguinte: "'Fizemos coisas horríveis durante a guerra. Mas, que me diz você de Biafra, hoje? Por que vocês, ingleses, não param com isso?" (Acusação de um estudante de Francoforte.)" (KENNY, 1969, p. 1).

Nota-se, a partir do excerto em questão assim como em discursos analisados anteriormente, que a comparação entre Biafra e os acontecimentos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, especialmente no que tange ao Holocausto, mostraram-se corriqueiros. O comentário do jovem alemão demonstra que, em sua visão, o que ocorria naquele momento em Biafra era tão horrível quanto os atos impetrados pelos nacionais-socialistas alemães no decorrer da Segunda Grande Guerra.

Em 13 de fevereiro de 1969, *O Globo* publicou que, durante uma visita realizada à cidade de Bonn na Alemanha Ocidental, a fim de tratar sobre as eleições presidenciais, realizadas através de colégio eleitoral, que estavam comprometidas por conta de ameaças de represália pelo governo da Alemanha Oriental, o Primeiro-ministro britânico Harold Wilson (1964-1970; 1974-1976) foi alvo de manifestação de estudantes alemães e estrangeiros que protestavam contra a participação da Grã-Bretanha na Guerra Civil Nigeriana. Os participantes da ação recolheram sangue de boi nos matadouros da cidade, que posteriormente foi jogado sobre os carros que compunham a comitiva do premiê inglês. "Em sua manifestação, os estudantes gritavam "slogans" hostis, como "Wilson Assassino, Liberdade para Biafra"." (BONN..., 1969, p. 6)<sup>135</sup>.

Ao longo do mês de fevereiro de 1969, *O Globo* noticiou uma série de bombardeios realizados pelas forças nigerianas ao território biafrense. Os ataques em questão foram anunciados por fontes ligadas ao governo de Biafra. Segundo as informações, as ofensivas tiveram como alvos principais os civis biafrenses, tendo em vista que os reides aéreos atingiram especialmente hospitais, inclusive infantis, e mercados ao ar livre, localizados nos centros das cidades e aldeias biafrenses. De acordo com as publicações, as principais vítimas desses bombardeios eram mulheres e crianças.

<sup>134</sup> KENNY, Mary. Alemanha Hoje na Fala de Seu Povo. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 17 jan. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>135</sup> BONN ignora represálias e ordena eleição. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 6, 13 fev. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Sobre os ataques aéreos nigerianos, em matéria intitulada *Nigéria ataca mercado em Biafra e mata 300 pessoas*<sup>136</sup>, publicada em 8 de fevereiro de 1969, *O Globo*, após informar sobre o bombardeio anunciado no título, apresentou o apelo do Papa Paulo VI, em que o pontífice reafirmava o interesse de atuar como mediador do conflito, oferta que, segundo a reportagem, fora rejeitada anteriormente. Por fim, a matéria apresentou a defesa do comandante da Força Aérea Nigeriana, que negou o fato veementemente: ""O informe é absolutamente falso. É uma mentira escandalosa. Não somos animais sanguinários para bombardear mercados." O fato, porém, é que há 300 mortos e 500 feridos." (NIGÉRIA..., 1969, p. 6)

No final daquele mês, em 28 de fevereiro, *O Globo* publicou matéria intitulada *Avião bombardeia mercado em Biafra e faz 120 mortos*<sup>137</sup>, na notícia aparece o relato de um padre, que vivia a 11 quilômetros do local dos bombardeios e foi ajudar no socorro às vítimas:

"Esta manhã, a rádio anunciou que a Nigéria havia declarado uma trégua de 48 horas, em respeito à festa muçulmana do sacrifício", contou o padre Maher. "Julguei que teríamos um dia de sossego. Mas não foi assim. Os nigerianos dizem que bombardeiam apenas instalações militares. Posso assegurar que não há nenhuma, dentro do raio de vários quilômetros em torno de Ozu Abam", concluiu o padre, que partiu em seguida para Umuahia, com suas mulheres e uma criança feridas em seu carro. A criança morreu no caminho. (AVIÃO..., 1969, p. 7)

O relato do padre sobre o *modus operandi* das forças nigerianas contraria a narrativa do comandante militar nigeriano que negou que os caças à serviço da Força Aérea da Nigéria bombardeassem espaços como aqueles.

Em 10 de março de 1969, entre matérias sobre bombardeiro nigeriano a civis em Biafra e a respeito de tentativas de negociações de paz e situação da guerra no período, destaca-se um relatório produzido pelo Senador estadunidense Charles E. Goodell, que havia acabado de retornar de uma missão como observador internacional na Nigéria. No relatório, o senador estimava que cerca de 1 milhão e meio de biafrenses teriam morrido por inanição no ano de 1968<sup>138</sup>.

Para Goodell, para evitar que mais mortes causadas pela fome ocorressem, deveria haver uma diminuição no número de bombardeios aéreos, já que eles teriam reduzido a

<sup>136</sup> NIGÉRIA ataca mercado em Biafra e mata 300 pessoas. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 6, 8 fev. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>137</sup> AVIÃO bombardeia mercado em Biafra e faz 120 mortos. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 7, 28 fev. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>138</sup> CONTRA a Nigéria. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 7, 10 mar. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

capacidade das entidades que prestavam ajuda humanitária às vítimas do conflito realizarem os voos que transportavam os donativos para Biafra. Segundo a matéria, no relatório também se afirmava que a missão de observação, da qual fizera parte o senador, havia presenciado bombardeios aéreos em território biafrense.

Em 22 de março de 1969, um fato inusitado virou notícia em *O Globo*. Uma matéria intitulada *O pão nosso*<sup>139</sup>, publicada na página 11 de sua edição matutina, informava que uma criança biafrense havia comido, no dia anterior, seu primeiro pedaço de pão, em um hospital destinado ao atendimento a refugiados, após meses de fome. Apesar do pouco destaque na página, a relevância dada ao acontecimento em questão - que contou até com uma foto da criança na matéria - evidencia como a fome biafrense havia se tornado um chamariz para os leitores.

Entre o fim de março e o início de abril de 1969, *O Globo* publicou notícias acerca da viagem do Primeiro-ministro britânico Harold Wilson à Nigéria. Havia grande expectativa para saber se Wilson encontraria apenas o líder nigeriano ou se visitaria Biafra e se reuniria com Coronel Ojukwu. A viagem do representante da Commonwealth no maior país africano durou cerca de uma semana, em que o líder inglês pôde encontrar-se com o General Gowon para tratar sobre assuntos relacionados à guerra civil que estava em andamento<sup>140</sup>:

Quando Gowon acompanhava Wilson à sala de recepções do aeroporto, na tarde de ontem, uma centena de homens e mulheres protestavam pela visita do Primeiro-Ministro, levantando cartazes com legendas: "Não mais iniciativas de paz" e "Não há genocídio na Nigéria mas ojukwucídio" (Ojuku é o líder biafrense rebelde). (WILSON..., 1969, p. 8)

O excerto supracitado evidencia que, para além de um conflito bélico, a Guerra Civil Nigeriana tratava-se também de uma batalha de narrativas, especialmente com o advento das “máquinas” de propaganda dos governos nigeriano e biafrense, mais notadamente, a *Markpress*.

Enquanto os defensores da causa biafrense, ou pessoas que liam acerca do conflito através dos principais periódicos compreendiam, aquele evento como um genocídio dos biafrenses pelas tropas nigerianas. Por outro lado, os nigerianos mantinham um discurso de que o genocídio não estava ocorrendo, que a guerra se tratava de uma luta pela defesa da integridade das fronteiras nigerianas e que os biafrenses deveriam ceder, pois só assim a vida

<sup>139</sup> O PÃO nosso. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 11, 22 mar. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>140</sup> WILSON na Nigéria promete solução honrosa com Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 28 mar. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

retornaria ao normal naquele país.

A respeito dos ataques a civis biafrenses realizados pelas forças nigerianas, em matéria publicada em 1º de abril de 1969, ainda durante a visita de Wilson a Nigéria, General Gowon defendeu-se:

Para explicar a mortandade de civis que vem causando preocupação e protestos em todo o mundo, Gowon acusou as autoridades de Biafra de "mudarem civis para perto de instalações militares, e estabelecer deliberadamente algumas destas junto de concentrações de população civil". Afirmou também que muitos soldados de Biafra lutam sem uniforme, o que torna fácil "tirar-lhes as armas quando morrem, e obter assim fotografias em que parecem civis". (WILSON..., 1969, p. 11)

Na mesma ocasião, o líder nigeriano assegurou que as operações aéreas seriam mantidas enquanto fossem vantajosas militarmente para as forças nigerianas. Ao retornar da Nigéria, o premiê realizou uma parada em Adis Abeba, onde teve um encontro com o Imperador etíope Haile Selassié (1930-1974), de onde seguiu para a Inglaterra. Ao chegar em Londres, Harold Wilson seguiu para o Parlamento inglês, onde informou aos membros da Câmara dos Comuns os resultados do que, segundo ele, teriam sido conversas frutíferas com o governo nigeriano. Segundo matéria publicada em 3 de abril sob título *Wilson volta a Londres sem conseguir paz*<sup>141</sup>, um dos aspectos que não teriam ficado suficientemente resolvido era justamente a questão dos bombardeios aéreos, que, para o representante inglês, deveria ser tema de nova discussão.

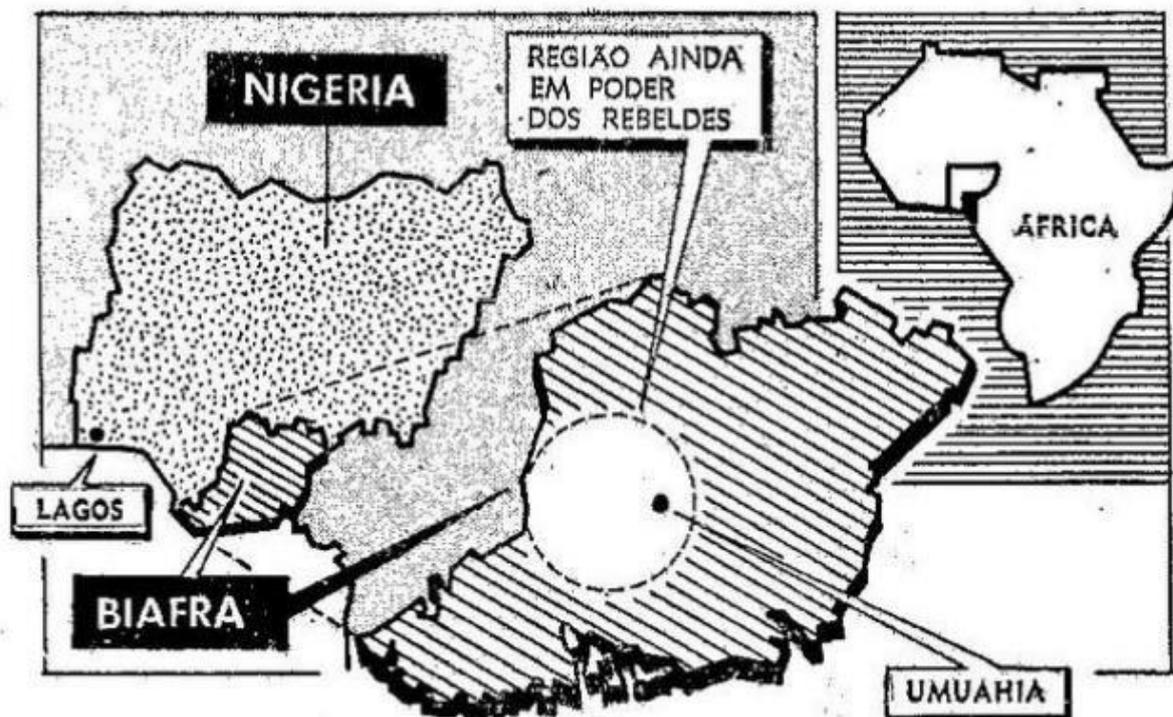
A partir de 8 de abril seguindo até dia 24 daquele mês, a iminente queda da terceira capital biafrense, Umuahia, tornou-se notícia em *O Globo*. As notícias tratavam sobre a evacuação – frente as ofensivas das forças nigerianas - da cidade que se tornara a principal da República de Biafra, após a queda de Enugu e Aba, capitais que a antecederam. Diante dos eventos em questão, *O Globo* publicou em 19 de abril notícia intitulada *Morre uma nação na África*<sup>142</sup>, em que apresentou um mapa onde ficava evidente que o cerco à República secessionista de Biafra estava se fechando.

---

<sup>141</sup> WILSON Volta a Londres sem Conseguir a Paz. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 3 abr. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>142</sup> MORRE Uma Nação na África. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 19 abr. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Figura 7 - Cerco a Biafra



Fonte: *O Globo*

Nesse contexto, em 26 de abril daquele ano, *O Globo* publicou artigo na seção Comentário Internacional intitulado *A interminável tragédia de Biafra*<sup>143</sup>. No editorial, postulou-se:

Em outubro de 1968, apenas seis meses atrás portanto, os jornais diziam exatamente o que dizem agora, isto é, que estava tudo chegando ao fim. As previsões eram unânimes, naquela época, como o são agora, e os fatos pareciam confirmar as previsões. Os fatos eram a perda de uma grande parte do seu território pelos biafrenses, suas sucessivas derrotas, as doenças e a fome que matavam mais do que a guerra, a falta de armas e de recursos para continuar a luta. (A INTERMINÁVEL..., 1969, p. 6)

O texto abordava as reviravoltas ocorridas ao longo dos mais dos quase dois anos de conflitos entre nigerianos e biafrenses, causando como potencial efeito de sentidos aos coenunciadores de que, apesar da grande derrota sofrida recentemente por Biafra com a queda de sua capital, nada estava definido, tendo em vista que, em outros momentos do conflito, como a tomada de Enugu e de Aba pelas forças militares, as forças biafrenses conseguiram resistir.

Em 10 de maio de 1969, *O Globo* noticiou que o piloto Robert Hall, que durante

<sup>143</sup> A INTERMINÁVEL tragédia de Biafra. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 6, 26 abr. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

muito tempo teria sido responsável pelo transporte aéreo de armas para Biafra e posteriormente juntou-se às forças nigerianas, havia chegado ao Brasil de forma irregular e, por conta disso, sua aeronave teria ficado detida durante três semanas pela Diretoria de Aeronáutica Civil (DAC) em Natal, já que o avião não tinha autorização para adentrar território nacional<sup>144</sup>.

Em princípio, o mercenário informou que estava à serviço da organização católica Caritas, entretanto, acabou confessando a sua real atividade:

Depois de comprovarem que o aparelho não servia à "Caritas", as autoridades da DAC decidiram que a partir de agora todo avião estrangeiro que fizer escala no Brasil, com destino à Biafra, será revistado e terá sua carga minuciosamente examinada, para evitar que outros mercenários, como Robert Hall, transportem armas e munições, ao invés de alimentos e remédios. (DAC..., 1969, p. 5)

A avião biafrense tornou-se novamente pauta para *O Globo* em duas matérias, publicadas em 27 de maio e em 24 de junho de 1969. Ambas tratavam a respeito da formação de uma Força Aérea Biafrense, composta por pilotos suecos e capitaneada, pelo também sueco, Conde Carl-Gustav Von Rosen (1909-1977)<sup>145</sup>. A matéria publicada em junho, sob o título *Nôvo Pimpinela*<sup>146</sup>, apresentava o histórico do conde sueco em atuar na defesa de países que estariam em desvantagem em meio a conflitos bélicos.

Esse fato lhe rendeu a alcunha de Pimpinela - presente no título da matéria - que fazia referência a um aristocrata britânico que se disfarçava sobre a máscara de Pimpinela Escarlata para salvar cidadãos franceses da guilhotina durante a Revolução de 1789, personagem clássico da literatura inglesa. Assim, ambos, o Conde Von Rosen e Pimpinela Escarlata, seriam uma espécie de justiceiros, que ajudariam os mais fracos a defender-se dos poderosos. A matéria ainda imputava às ações da aviação biafrense comandada pelo "Pimpinela" sueco, uma mudança repentina do tom do Governo Nigeriano, que teria passado a admitir uma possível volta às negociações de paz.

<sup>144</sup> DAC libera avião que atuava na Guerra de Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 5, 10 mai. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>145</sup> Piloto sueco que teve participação em diversos conflitos em África, tais como na invasão italiana à Etiópia, na crise do Congo e Guerra de Biafra, atuando como piloto de ajuda humanitária e de combate. Seus voos em missão de combate por Biafra foram notáveis pela utilização de um avião de pequeno porte, modelo Malmö MFI-9. A critério de curiosidade, ele era sobrinho de Carin Göring, primeira esposa do político e militar nazista Hermann Göring, que comandou a força aérea alemã durante a Segunda Guerra.

<sup>146</sup> NÓVO pimpinela. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 2, 24 jun. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

No mês em que a Cruz Vermelha comemorava seus 50 anos de existência<sup>147</sup>, *O Globo* publicou uma matéria, em 19 de maio, na qual apresentava os importantes feitos da organização frente às inúmeras dificuldades enfrentadas em meio à Guerra Civil Nigeriana<sup>148</sup>. Para ilustrar a reportagem, o jornal carioca publicou uma fotografia de uma mulher negra que encarava a câmera com uma feição séria enquanto segurava uma criança em seu colo, possivelmente seu filho, que aparentava extrema desnutrição. Em determinada passagem do texto, o correspondente do periódico na Europa postulou:

[...] há pelo menos uma coisa que permite um mínimo de alívio nesse triste episódio do Leste africano que já dura dois anos: os socorros que a Cruz Vermelha Internacional, ao lado de uma série de organizações congêneres, consegue agora encaminhar aos necessitados. (LANGYE, 1969, p. 5)

As ações realizadas pela organização descritas na reportagem iam desde a coleta e entrega de alimentos para o que o Secretário-Geral da ONU – em matéria sobre o jubileu de ouro da Cruz Vermelha<sup>149</sup>, publicada por *O Globo* no dia 9 de maio – descreveu como sendo "o maior empreendimento da entidade depois da Segunda Guerra Mundial" (U-THANT *apud* CRUZ..., 1969, p. 19) até a conquista de direitos para os prisioneiros de guerra, de ambas as partes, e a ajuda prestada pela Cruz Vermelha para encontrar pessoas desaparecidas em meio ao conflito.

Em junho de 1969, uma série de notícias publicadas por *O Globo* davam conta de informações sobre estrangeiros, especialmente europeus - trabalhadores de uma empresa petrolífera atuante na Nigéria - que haviam sido presos e condenados à morte pelas forças biafrenses sob acusação de colaborarem com as tropas federais. Noticiou-se também que foram encontrados, às margens do Rio Níger, cadáveres de dez trabalhadores da mesma empresa, cujos assassinatos teriam sido atribuídos às tropas biafrenses.

As notícias sobre as prisões geraram grande repercussão, especialmente na Itália, terra natal de 14 dos 18 presos, também foram feitos prisioneiros três alemães e um libanês. Segundo *O Globo*, como moeda de troca pelos trabalhadores capturados, o Governo de Biafra exigiria do governo italiano o reconhecimento diplomático da República

<sup>147</sup> A título de esclarecimento, a comemoração dos 50 anos, sobre a qual trata a matéria, refere-se ao aniversário da Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização foi criada ao final da Primeira Guerra Mundial em 1919, em Paris, capital francesa, com o intuito de reunir todas as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), por sua vez, foi criado em 17 de fevereiro de 1863, em Genebra, Suíça.

<sup>148</sup> LENGYE, János. Fome e Dor – 2º “Front” na Nigéria. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 5, 19 mai. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>149</sup> CRUZ Vermelha comemora 50 Anos de atividade mundial. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 19, 9 mai. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

secessionista, o que não aconteceu. As notícias publicadas ainda em junho, deram conta de que os prisioneiros teriam sido salvos pelo apelo do Governo de Portugal aos biafrenses. Faz-se importante salientar a relação próxima de ambos os governos, tendo em vista que a historiografia relata grande apoio político e logístico dos portugueses a Biafra, ainda que não tivesse reconhecido oficialmente o território em questão.

Em 26 e 28 de junho, *O Globo* publicou duas matérias em que o Governo de Biafra acusava a URSS de bombardear aviões da Cruz Vermelha e, ao mesmo tempo, de exigir que a Nigéria expulsasse o Comissário-Geral da organização de ajuda humanitária de seu território<sup>150</sup>. Na matéria seguinte, os biafrenses denunciavam o apoio da Grã-Bretanha ao Governo Federal da Nigéria<sup>151</sup>. O discurso do governo biafrense, nas duas matérias, tinha como alvo os principais apoiadores do governo Gowon, imputando a ambos crimes de guerra, especialmente no que tange ao bloqueio de acesso à ajuda humanitária.

Em 15 de julho de 1969, *O Globo* publicou matéria sobre uma enfermeira britânica que atuava no Fundo de Socorro Infantil assistindo as vítimas da Guerra Civil Nigeriana - especialmente as crianças, mas não só elas - e foi presa pelas forças biafrenses por estar em zona de guerra. A matéria intitulada *Dos perigos de ser enfermeira*<sup>152</sup> - exclusiva para *O Globo* e assinada por Andrew Fyall, diretamente de Lagos - tratava-se de uma entrevista em que a jovem inglesa contava o seu relato.

Na matéria, construiu-se um discurso acerca da enfermeira como uma mulher abnegada, que havia deixado para trás sua vida confortável na capital inglesa, para trabalhar em um espaço hostil do outro lado do mundo, e não fazia distinção entre nigerianos e biafrenses na hora de tratar os feridos. A libertação da enfermeira pelas autoridades biafrenses deu-se por conta da intervenção internacional de seu país de origem, Inglaterra, e de outros países africanos.

Entre o fim de julho e início de agosto de 1969, o Papa Paulo VI (1963-1978) realizou sua primeira visita à África - mais especificamente à Uganda, na condição de Pontífice. A viagem em questão era a primeira de um Papa ao continente africano. A visita foi realizada com o intuito de, dentre outras coisas, homenagear os 22 mártires ugandeses, que haviam sido canonizados pela Igreja Católica em 1964. Entretanto, Biafra tornou-se uma das principais pautas de Paulo VI durante sua visita ao território africano.

<sup>150</sup> BIAFRA acusa URSS de atacar Cruz Vermelha. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 26 jun. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>151</sup> BIAFRA acusa Grã-Bretanha de ajudar Nigéria. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 7, 28 jun. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>152</sup> FYALL, Andrew. Dos perigos de ser enfermeira em Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 15 jul. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Em várias reportagens que tratavam sobre desde os preparativos da viagem até o retorno do Sumo Pontífice ao Vaticano, o tema da Guerra Civil de Biafra era recorrente. Em matéria publicada em 30 de julho<sup>153</sup>, data que antecedia a viagem, *O Globo* informou que, dentre os objetivos do Papa em relação à estadia em Uganda, estava "[...] promover a busca de uma solução dos conflitos entre os povos africanos" (UGANDA..., 1969, p. 11).

Ao final da reportagem em questão, com o subtítulo *A trégua que Nigéria rejeita*<sup>154</sup>, afirmou-se que a rádio oficial da Nigéria noticiara que o Governo Central havia rejeitado a trégua proposta por Biafra por conta da visita do Papa à África, pois, segundo eles, Biafra não teria respeitado trégua acordada anteriormente em feriado islâmico. Em consonância com o discurso que teve ao longo de toda viagem à Uganda, *O Globo* publicou em 6 de agosto daquele ano, que o Papa Paulo VI teria oferecido o Vaticano como zona neutra para negociações entre os dois governos<sup>155</sup>.

O final do ano de 1969 foi marcado por uma cobertura menor de *O Globo* sobre os assuntos relativos ao conflito nigeriano-biafrense. O termo 'Biafra' apareceu em algumas matérias publicadas pelo jornal, mas elas, em maioria, não traziam nenhum conteúdo acerca da Guerra Civil Nigeriana. Biafra tornou-se um assunto popular, uma palavra mencionada de forma corriqueira por autoridades e artistas, ou que aparecia como mais um exemplo de tantos conflitos que ocorriam à época, a exemplo da Guerra do Vietnã, conflitos entre Palestinos e Israel.

Em 2 de setembro de 1969, matéria publicada por *O Globo* exemplificou essa 'popularidade' de Biafra<sup>156</sup>. Quando um grupo de militantes pró-Biafra entregou ao Presidente Richard Nixon (1969-1974) uma imagem de uma criança biafrense, cujos ossos marcavam a pele, devido à desnutrição, cobrando um posicionamento do Governo dos Estados Unidos da América frente à crise humanitária que ocorria na Nigéria:

---

<sup>153</sup> UGANDA: viagem nº 8 do Papa. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 11, 30 jul. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>154</sup> A TRÉGUA que Nigéria rejeita. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 11, 30 jul. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>155</sup> PAPA quer Vaticano como sede de paz para Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 6 ago. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>156</sup> EM FAVOR de Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 12, 2 set. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Figura 8 - Cobrança aos Líderes Mundiais



Fonte: *O Globo*

Nos dias 16 e 17 de outubro de 1969, o periódico noticiou que o governo de Biafra estaria disposto a entrar em negociações de paz com a Nigéria<sup>157</sup>. Para tanto, a única exigência do Coronel Ojukwu seria que houvesse uma trégua durante as negociações e que ela fosse efetivamente respeitada<sup>158</sup>.

Um mês após, *O Globo* informou que o posicionamento do Governo de Biafra havia mudado. Segundo matéria publicada em 18 de novembro<sup>159</sup>, "o líder biafrense, General Odumegwu Ojukwu, afirmou que sua província separatista se negaria a unir-se novamente à Nigéria, mesmo se fôsse garantida a segurança de seu povo" (BIAFRA..., 1969, p. 9).

Em 8 de dezembro daquele ano, *O Globo* publicou matéria em que o Governo de Biafra denunciava que biafrenses estavam sendo forçados a doar sangue para soldados nigerianos feridos<sup>160</sup>. Segundo as informações, as doações compulsórias teriam causado a morte de muitos civis biafrenses. Essa notícia, associada a outras tantas já publicadas sobre a Guerra Civil Nigeriana ao longo da cobertura de *O Globo*, ajudam a reforçar o discurso sobre um genocídio impetrado pelas forças federais contra a população de Biafra.

Em 23 de dezembro de 1969, *O Globo* publicou uma reportagem sobre as disputas territoriais ocorridas ao longo do conflito nigeriano-biafrense, a matéria continha uma ilustração em que aparecem um mapa e desenhos que representam os líderes de ambos os

<sup>157</sup> BIAFRA resolve debater paz com a Nigéria. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 16 out. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

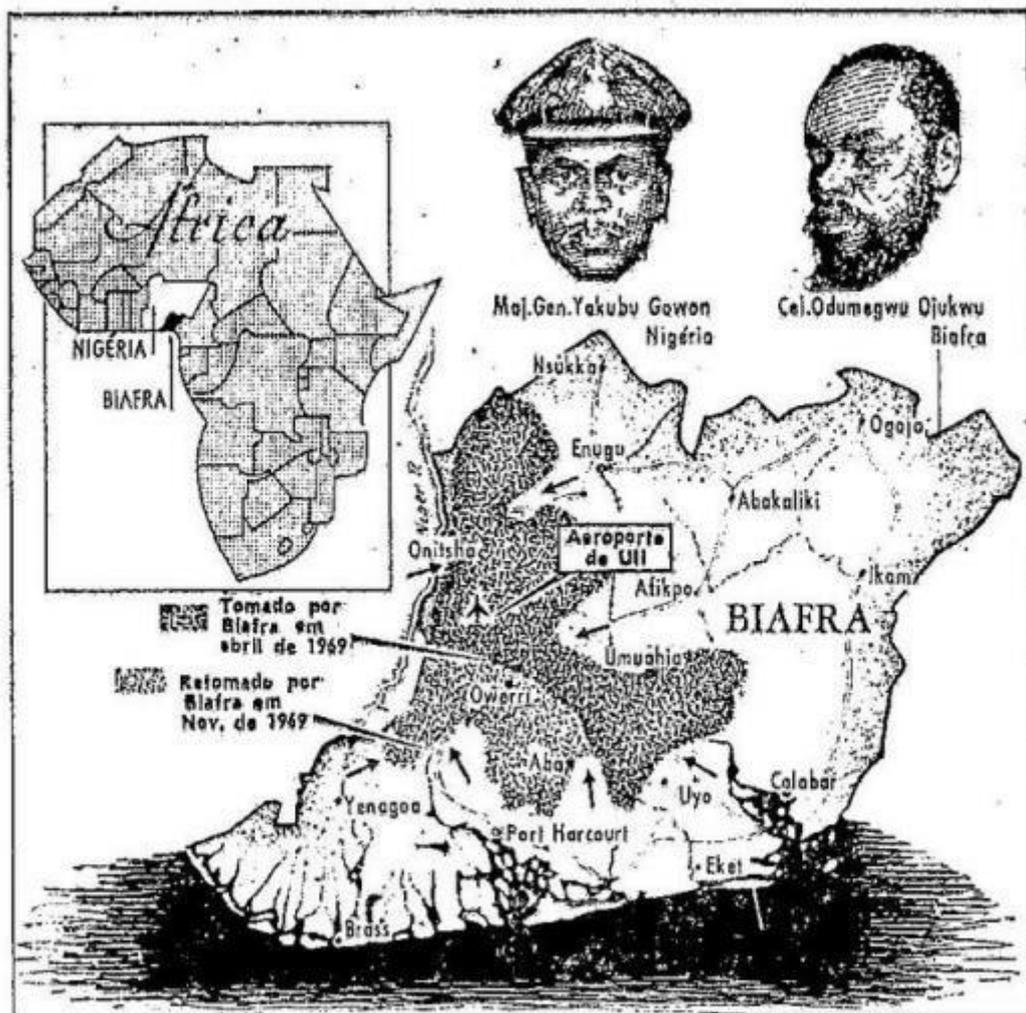
<sup>158</sup> BIAFRA pede trégua para falar de paz. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 17 out. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>159</sup> BIAFRA não se unirá mais à Nigéria. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 18 nov. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>160</sup> BIAFRENSES morrem: falta sangue. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 22, 8 dez. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

lados da Guerra, conforme figura a seguir:

**Figura 9 - A Queda Iminente**



AS SETAS MOSTRAM A PRESSÃO NIGERIANA

Fonte: *O Globo*

A matéria seguiu com o subtítulo *Morrendo aos poucos*<sup>161</sup>, cujo texto indicava a ameaça da tomada do aeroporto<sup>162</sup> de Uli pelas tropas federais e como isso afetaria a República de Biafra, a qual acreditavam que cairia a qualquer momento.

Com a proximidade dos festejos de fim de ano, em matéria publicada em 16 de dezembro, *O Globo* informou que a Campanha de Natal realizada pelo Papa Paulo VI seria em favor da Paz Mundial<sup>163</sup>, com um discurso especialmente voltado para os conflitos que

<sup>161</sup> MORRENDO aos poucos. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 10, 23 dez. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>162</sup> Apesar de mencionado como aeroporto, o local era um espaço improvisado para que Biafra realizasse e recebesse voos noturnos, fugindo das ofensivas nigerianas.

<sup>163</sup> PAULO VI: crise na igreja é minha coroa de espinhos. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 16, 16 dez. 1969.

estavam sendo travados no período. Na ocasião, o Paulo VI afirmava que não descansaria até alcançar a paz entre nigerianos e biafrenses, entretanto, acreditava que essa situação estaria longe de ocorrer. Ainda em clima de Natal, um editorial publicado em 24 de dezembro por *O Globo* - contrariando o otimismo comum dessa época - trouxe um discurso no qual o Natal não era um momento de celebração, não para todos. No texto, Biafra foi citada uma série de vezes, lembrando o coenunciador de que, ainda que fosse Natal, havia guerra e fome em Biafra<sup>164</sup>.

### 1970: FIM DA GUERRA CIVIL NIGERIANA E SUA REPERCUSSÃO

Na manhã de 12 de janeiro de 1970, a manchete de *O Globo* sob o título *Biafra Esfacelada*<sup>165</sup> dava conta da queda da República secessionista frente as forças nigerianas. O fim da Guerra Civil Nigeriana também foi capa da edição vespertina do periódico naquele dia, que contava com outras informações acerca do fim das hostilidades, além da reprodução de matérias já publicadas pela manhã, o fato se devia, certamente, à apuração de notícias sobre o acontecimento entre as duas edições.

Na tiragem vespertina, mais completa, *O Globo* publicou na primeira página as seguintes informações: a fuga de Ojukwu; a possibilidade de biafrenses morrerem de fome, além de uma promessa de anistia que Gowon teria feito ao Papa. Informações sobre a repercussão internacional nesse primeiro momento também apareceram na capa da edição vespertina do periódico<sup>166</sup>:

A notícia da queda de Biafra emocionou o mundo: a Inglaterra ofereceu caminhões e medicamentos; o Presidente Nixon ordenou que oito aviões levem socorro imediato aos famintos; Dinamarca e Suécia mobilizam-se para ajudar às vítimas; a Cruz Vermelha Internacional mobiliza-se para aumentar suas remessas e evitar genocídio da população civil; no Vaticano, soube-se que mais de 500 sacerdotes católicos (Ibos e Irlandeses) se negam a abandonar a agonizante Biafra; Portugal, que apoiava os secessionistas, está pronto a acolher refugiados em S. Tomé. (MORTE..., 1970, p. 1)

---

Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>164</sup> SEBASTIÃO, José. Porque é Natal. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 5, 24 dez. 1969. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>165</sup> BIAFRA esfacelada. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 1, 12 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>166</sup> MORTE ameaça cinco milhões de famintos. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 1, 12 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Ainda na edição supracitada, a página dez foi quase toda preenchida por notícias que tratavam sobre o fim da Guerra Civil Nigeriana, exceto três matérias que davam assuntos relativos à política internacional. As reportagens acerca de Biafra tratavam desde o posicionamento dos principais líderes mundiais acerca do conflito, inclusive do Papa que, segundo *O Globo*, temia que as forças nigerianas realizassem massacres contra os biafrenses; um panorama sobre os últimos acontecimentos que haviam levado à derrota de Biafra e à fuga do líder do país, Coronel Ojukwu; além da publicação do que seria a última transmissão de um correspondente da *France Press*, enviada do “Aeroporto” de Uli - que fora posteriormente tomado pelas forças federais<sup>167</sup>.

Tanto na reportagem do correspondente de guerra como em texto logo no início da página<sup>168</sup>, os últimos momentos de Biafra foram descritos como apocalípticos. Os relatos acerca da condição em que se encontravam os biafrenses após a queda possivelmente causaram no coenunciador da publicação grande impacto emocional, tendo em vista a construção discursiva dos textos, quase uma narrativa literária:

Pesados caminhões militares, com soldados vencidos misturando-se a uma multidão de famintos em fuga; nas estradas inundadas por fortes chuvas, o odor de sangue e os gritos desesperados de crianças procurando suas mães. É o êxodo. O destino de todos, a selva. Na fuga da capital assediada pelo inimigo, os corpos de enfermos e aleijados eram deixados para trás; mulheres deram à luz em plena rua, soldados feridos se arrastavam em busca de assistência médica. Um espetáculo dantesco e indescritível. Os que procuraram o aeroporto de Úli - cerca de 300 pessoas incluindo dezenas de crianças doentes - lutaram em vão por uma vaga no último avião que partia de Biafra. Terminou a guerra, no sentido convencional, mas ainda não se extinguiu ao pesadelo e o espectro da morte que paira há dois anos e meio sobre a população civil. Nas fisionomias de todos, o terror de um massacre considerado iminente. (MORTE..., 1970, p. 10)

Naquela página sob o título *Biafra, ascensão e queda*<sup>169</sup>, publicou-se uma matéria, não assinada, que fazia um resumo acerca de motivações e principais eventos ocorridos ao longo do conflito. No texto, atribuiu-se como causa primordial da luta entre biafrenses e nigerianos, o petróleo encontrado na região secessionista. Entretanto, em artigos publicados posteriormente por *O Globo*, nota-se um posicionamento contrário do periódico em relação às causas da guerra civil.

<sup>167</sup> O DESESPÊRO e o caos. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 12 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>168</sup> MORTE ameaça cinco milhões de biafrenses. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 12 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>169</sup> BIAFRA ascensão e queda. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10, 12 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Nos dias 13 e 14, Biafra também foi assunto das matérias de capa do jornal da família Marinho. Em 13 de janeiro de 1970, o jornal publicou edição com a manchete *Rendem-se os cadáveres vivos de Biafra*<sup>170</sup>, logo abaixo, uma foto em plano *plongée* (cima para baixo), mostra uma criança biafrense, um olhar assustado e segurando - com sua mão aparentemente frágil - uma caneca, que a legenda da imagem afirmava estar preenchida com leite para alimentá-la. O plano *plongée* - do francês, mergulho - tem como efeito de sentido esperado a ideia de que a pessoa fotografada, que estaria sendo vista de cima pelo(a) fotógrafo(a), seria desprovida de poder, pois esse plano fotográfico a diminui, causando a sensação de que a pessoa fotografada seria pequena frente ao seu observador.

**Figura 10** - A Fome em Plano *Plongée*



Este menino biafrense foi um dos raros que conseguiram, ontem, um pouco de leite para mitigar a fome (UPI)

Fonte: *O Globo*

A página trouxe outras informações como ameaça de punição dos combatentes de Biafra pelas forças federais e a permanência de médicos estrangeiros na Nigéria. Entretanto,

<sup>170</sup> RENDEM-SE Os Cadáveres Vivos de Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 13 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

ao final da página, chama atenção uma seção especial, intitulada *Genocídio Negro*<sup>171</sup>, em que – a partir do caso de Biafra – o texto culpava um suposto tribalismo entre povos africanos pelas mazelas enfrentadas no continente.

Seis mil tribos. Cento e quarenta milhões de habitantes repartidos por essas tribos. Uma longa tradição de chacinas. É essa - ainda - a África. O tribalismo complica todos os problemas político-sociais no Continente Negro. Não há consciência propriamente nacional na África. Por isso, não existe compaixão fora dos limites tribais. [...] Nos últimos sete anos ocorreram cerca de duas dúzias de golpes na África negra. A visão romântica que se seguira à década da independência - iniciada em fins dos anos 50 - vai-se diluindo. Sobra uma realidade alarmante: a perspectiva de contínuo entredevoramento no interior das novas nações. O mundo, que saudara a descolonização como a solução definitiva para o sofrido Continente Negro, sai dessa confortável utopia sacudido pelos estertores do genocídio. Não pregamos, evidentemente, uma "recolonização", mas temos de admitir que a carnificina é um dos subprodutos de uma descolonização irrealista e apressada. A África faz soprar sobre um mundo angustiado um terrível hálito de tragédia. (GENOCÍDIO..., 1970, p. 1)

O editorial em questão apresentou um posicionamento de *O Globo* a partir do qual os conflitos enfrentados em África, especialmente no caso específico de Biafra, tinham como principal causa o "tribalismo" e a descolonização "irrealista e apressada" do continente. Em momento nenhum ao longo do artigo, o periódico questionou ou contextualizou para o seu leitor como se deu o processo de colonização em África, e as implicações políticas, econômicas e sociais que a reorganização das sociedades africanas e de seus territórios, provocada pelo advento do Colonialismo, causou nas diversas regiões africanas.

Ao tratar sobre a questão de um “tribalismo” africano, Amselle (2017, p. 63-64) assevera:

Se existe um ponto com o qual a maioria dos antropólogos concorda, este é certamente o do pretenso "tribalismo" atual na África. P. Mercier [1961], M. Gluckman [1960], I. Wallerstein [1960], J. Lombard [1969] e R. Sklar [1981] mostram de forma convincente que o "tribalismo" com o qual as mídias nos alimentam quando tratam da África (República Democrática do Congo (no original, Zaire), Chade, Etiópia, Nigéria etc.) é sempre o signo de outra coisa, a máscara dos conflitos de ordem social, política e econômica. [...] Definir um movimento social qualquer como "tribalista" ou "regionalista" significa tentar desqualificá-lo ao lhe negar toda legitimidade, a qual para os aparelhos de Estado africano atuais não poderia se expressar senão em um vocábulo modernista.

<sup>171</sup> GENOCÍDIO negro. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 13 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Não que não haja disputas baseadas em uma identidade étnica entre os diversos povos que compõem o continente africano. Entretanto, disputas desse nível tem na identidade apenas um dos fatores. Geralmente, nesses casos, o “tribalismo” seria um discurso, utilizado sobretudo por quem se encontra no poder, para mobilizar certos setores da sociedade em prol de uma bandeira (AMSELLE, 2017). Apelar para uma explicação tribalista dentro da cobertura de uma guerra civil evidencia um discurso etnocêntrico por parte do periódico que demonstra uma visão rasa sobre o continente africano e os diferentes países que o compõem.

A respeito de editoriais e outros tipos de textos não assinados dentro de um jornal, segundo Alves Filho, compreende-se que a autoria é feita pela própria instituição. Ou seja, nesse caso, o discurso que aquele enunciado apresenta diz respeito a um posicionamento d’*O Globo*:

Pode ser o caso também de uma autoria institucional, como editoriais, notícias da imprensa, bulas de remédio, editais e certas publicidades, nos quais a voz que fala e assume a conclusibilidade e a posição axiológica é a voz de uma empresa ou entidade, havendo deliberadamente o apagamento a qualquer referência que aponte para o redator individual produtor dos textos. (ALVES FILHO, 2006, p. 81)

Além disso, nem mesmo a participação efetiva das potências mundiais no decorrer da Guerra Civil Nigeriana - fato notório e que recebeu ampla cobertura inclusive do jornal em questão - foi pontuada no editorial. Assim, um dos possíveis efeitos de sentido causado nos coenunciadores do texto em questão é de que o natural da África é a guerra, que esse seria um problema intrínseco à natureza dos povos africanos e, portanto, não poderia ser alterado. O discurso analisado naturaliza um estereótipo de animalidade em relação aos povos do continente, como se esses não tivessem condições de controlar seus "instintos ferozes".

Nos dias que sucederam à derrota e a posterior oficialização dessa - com a assinatura da rendição de Biafra, os principais assuntos abordados por *O Globo* em suas publicações versavam especialmente em torno de quatro temas: a discussão sobre um genocídio em território biafrense; a questão da fome e da ajuda humanitária; a anistia dos combatentes de Biafra e o paradeiro do líder biafrense, Coronel Ojukwu.

No dia 15 de janeiro, *O Globo* publicou matéria em que a princesa espanhola Cecília de Bourbon Parma (1935- ), que trabalhava em hospital de Biafra no auxílio aos feridos de

guerra, denunciava as forças nigerianas de estarem massacrando civis biafrenses<sup>172</sup>. Em 16 de janeiro, quando da publicação de matéria sobre a assinatura da rendição de Biafra, *O Globo* publicou a notícia de que Ojukwu, através da *Markpress*, teria enviado um comunicado no qual afirmava que o Governo Gowon teria como intuito realizar um genocídio do povo biafrense e, para evitar esse extermínio, os países apoiadores da Nigéria durante o conflito - mais notadamente a URSS e a Grã-Bretanha - deveriam pressioná-lo<sup>173</sup>.

Em 17 de janeiro, o periódico informava, em matéria intitulada *Grupo de 4 países visita Biafra e não vê genocídio*<sup>174</sup>, que:

A equipe internacional de observação - formada por representantes da Polônia, Inglaterra, Canadá e Suécia - afirmou ontem não ter encontrado indícios de genocídio em Biafra e que também não há o perigo de que milhares de biafrenses morram de fome. [...] Sobre a situação alimentar, o Brigadeiro John L. Drewry, do Canadá, disse: "Os que são suficientemente estúpidos para fugir do local onde se acham alimentos morrerão de fome. Há alimentos. Há comida suficiente para que vivam mais de 72 horas. A comida já se encontra nas estradas e nas árvores." (GRUPO..., 1970, p. 9)

Essa posição se repete em matéria publicada em 20 de janeiro por *O Globo*, em que afirmava que o Secretário-Geral das Nações Unidas, U-Thant (1962-1971), havia estado na Nigéria, em encontro rápido com o General Gowon e, após ocasião, havia afirmado que não tinha indícios de um massacre nigeriano contra os biafrenses no pós-guerra. Informou, na ocasião, que não iria à região de Biafra por falta de tempo e que líderes africanos com quem havia conversado em sua viagem teriam elogiado bastante a postura da Nigéria frente aos vencidos da guerra<sup>175</sup>.

Entretanto, em 27 de janeiro daquele ano, *O Globo* publicou uma matéria na qual afirmava que, em relatório divulgado no dia anterior, a Organização das Nações Unidas (ONU) teria constatado que as forças nigerianas estavam cometendo crimes contra os biafrenses, em especial pilhagens ao patrimônio desses e estupros contra as mulheres locais. Os fatos em questão foram negados pelas autoridades nigerianas. A matéria ainda informava que o grupo de observadores já estabelecido iria novamente visitar o país a fim de apurar as denúncias em questão, entretanto, dessa vez, seriam encaminhados para as zonas mais

<sup>172</sup> PRINCESA Denuncia Massacre Militar. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 15 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>173</sup> OJUKWU Rompe Silêncio e Pede Ajuda Mundial. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 7, 16 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>174</sup> GRUPO De 4 Países Visita Biafra e Não vê Genocídio. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 17 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>175</sup> U-THANT defende ação da Nigéria e nega genocídio. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 9, 20 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

afetadas<sup>176</sup>.

Em matéria publicada por *O Globo*, em 22 de janeiro, intitulada *Biafra está em ruínas, mas não há genocídio*<sup>177</sup> - atribuída à *Associated Press, France Press, United Press International* e *O Globo* - o quadro informado sobre o país no pós-guerra divergia entre os entrevistados, enquanto algumas mulheres ouvidas relataram que elas próprias foram violentadas por soldados nigerianos e, alguns jornalistas ouvidos relataram ter visto oficiais atirando para deter seus subalternos que, porventura, estuprassem biafrenses, chegando em certos momentos à fuzilá-los sumariamente. Por outro lado, um sacerdote e o ex-diretor da propaganda biafrense, que diziam que os nigerianos haviam se comportado de maneira exemplar após a queda de Biafra. Os relatos em questão podem demonstrar uma distinção na forma de se portar perante determinados grupos, ou, muito provavelmente, uma multiplicidade de visões e de posicionamentos dentro do exército federal.

A manchete do jornal *O Globo*, em 14 de janeiro de 1970, postulava: *Se ajuda tardar morrem milhares*<sup>178</sup>. A fome que esteve presente ao longo da cobertura do conflito, especialmente a partir de 1968, continuava a ser uma das principais preocupações no pós-guerra. Em matéria publicada na página nove dessa edição, o vice-diretor da Caritas comentava a proibição feita pelo General Gowon de voos de ajuda humanitária para o país.

Segundo matéria intitulada *Milhares dependem de minutos para sobreviver*<sup>179</sup>, o líder nigeriano teria recusado ajuda de organizações e países que apoiaram a República de Biafra. Na ocasião, o Chefe de Estado da Nigéria, teria informado que o dinheiro dessas organizações seria "sujo de sangue". No dia seguinte à publicação, em 15 de janeiro, *O Globo* publicou matéria em que Gowon afirmava só aceitar ajuda humanitária da Cruz Vermelha Internacional e que toda ajuda enviada ao país deveria passar pelo seu governo<sup>180</sup>.

Já em 30 de janeiro, em novo pronunciamento aos jornalistas, o líder nigeriano informou que não aceitaria intervenções nos assuntos internos nigerianos<sup>181</sup>. A intervenção dizia respeito especialmente às tentativas de organismos internacionais de enviarem ajuda

<sup>176</sup> ONU viu crimes da Nigéria em Biafra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 27 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>177</sup> BIAFRA está em ruínas, mas não há genocídio. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 22 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>178</sup> SE AJUDA Tardar, Morrem Milhares. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1, 14 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>179</sup> MILHARES Dependem até de Minutos Para Sobreviver. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 14 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>180</sup> SÓ CRUZ Vermelha Poderá dar Ajuda. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 15 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>181</sup> GOWON Diz que Não Fará Julgamentos Tipo "Nuremberg". **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 8, 30 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

humanitária à Biafra. Gowon informou que ainda que fossem no intuito de ajudar, a Nigéria só aceitaria "aquilo estritamente necessário e de urgência" (GOWON..., 1970, p. 8).

Sobre a questão da anistia aos combatentes que lutavam pela República de Biafra, em 16 de janeiro, *O Globo* informou em matéria intitulada *O que se diz em Lisboa e Genebra*<sup>182</sup> que só 15 pessoas que tinham altos cargos dentro do governo de Ojukwu seriam processadas e que, quase em totalidade, eles já haviam fugido do país.

Ainda a respeito desse tema, em 30 de janeiro daquele ano, *O Globo* publicou notícia intitulada *Gowon diz que não fará julgamento tipo "Nuremberg"*<sup>183</sup> - tribunal em que foram julgados os membros da Alemanha Nazista pelos crimes cometidos no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Na matéria, o líder nigeriano afirmava que haveria uma anistia geral, sem especificar se ela abrangia os altos postos do governo de Biafra, a respeito do Coronel Ojukwu.

Após o abandono de território biafrense pelo Coronel Ojukwu, que supostamente seguiu para paradeiro desconhecido, a pergunta que volta e meia as matérias publicadas por *O Globo* tentavam responder era: "Onde está Ojukwu?". Em 14 de janeiro, em nota publicada na página nove<sup>184</sup>, informou-se que o líder biafrense estaria asilado em Portugal. Entretanto, na própria notícia outras possibilidades foram levantadas, dando conta de que Coronel Ojukwu poderia estar em algum país que tivesse aliado de Biafra, assim como em Londres, ou na ilha de São Tomé, território ultramarino português à época. No dia seguinte, em 15 de janeiro, o jornal publicou a informação de que o ex-presidente da República de Biafra estaria na Zâmbia<sup>185</sup>.

Finalmente, em 24 de janeiro de 1970, o paradeiro de Ojukwu tornou-se público. Em matéria intitulada *Costa do Marfim asila Ojukwu*<sup>186</sup>, a matéria afirmava que o líder biafrense encontrava-se asilado na Costa do Marfim, não informando, contudo, desde quando o ex-presidente biafrense encontrava-se no país. O texto informava também que, uma das condições para o aceitá-lo em território marfinense era que não seria permitido a formação de um governo no exílio.

<sup>182</sup> O QUE Se Diz em Lisboa e Genebra. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 7, 16 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>183</sup> GOWON..., *Op. Cit.*, p. 8.

<sup>184</sup> GENERAL Ojukwu Está em Lisboa. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 14 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>185</sup> OJUKWO Estaria Agora em Zâmbia. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 15 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

<sup>186</sup> COSTA Do Marfim Asila Ojukwu. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 9, 24 jan. 1970. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa em questão, buscou-se analisar, através de fontes jornalísticas e literárias, as representações criadas acerca da Guerra Civil Nigeriana, tanto a partir de um olhar ocidental, que seria o jornalístico; como por meio da literatura ibo-nigeriana em língua inglesa, que permitiria observar o conflito através de uma ótica endógena. Para tanto, fez-se necessário compreender, à luz da historiografia, os processos históricos que levaram à guerra e, além disso, discutir os conceitos de representação e discurso, de maneira geral, e mais especificamente a noção de "etnocentrismo epistemológico" em Mudimbe (2013) em diálogo com os estudos de Goffman (2008) sobre estigma.

Chimamanda Ngozi Adichie ficou mundialmente conhecida por sua palestra intitulada "Os perigos de uma história única", entretanto, histórias únicas são contadas e recontadas a todo tempo sem um questionamento acerca dos porquês. Elas foram naturalizadas. Uma notícia no jornal, ao mesmo tempo que dá visibilidade para uns poucos, por outro lado, pasteuriza a história de tantos outros. Esse não é um grande pensamento, pelo contrário, é uma constatação do óbvio. A estrutura jornalística *per se* não permite um aprofundamento sobre as tantas histórias veiculadas diariamente. O jornalismo, assim como a história, privilegia o geral, em detrimento do pessoal.

A literatura, por sua vez, faz o papel de humanizar os muitos números. Os famintos biafrenses nas capas dos jornais, ganharam nomes e história em Emecheta (1983) e Adichie (2008). Uma das milhares ibos assassinadas nos massacres do Norte tornou-se Tia Ifeoma; as tantas mulheres que foram violadas durante a Guerra de Biafra tornaram-se Debbie; um dos meninos soldados era Ugwu; Kainene era uma das desaparecidas.

Após essa digressão inicial, há de se empreender as considerações finais. O trabalho aqui apresentado, fruto de uma pesquisa de mestrado que foi se construindo ao longo do próprio processo, teve, por fim, a intenção de analisar três fontes distintas, das quais duas eram romances históricos escritos por autoras ibo-nigerianas e, uma outra, era um diário jornalístico brasileiro e, como tal, pretensamente objetivo e neutro.

A respeito das obras literárias analisadas, Adichie (2008) e Emecheta (1983), ambos os romances apresentam diferentes versões de uma mesma história, mas ainda assim não se invalidam. A diferença temporal entre as publicações não seria percebida por um(a) leitora(a) desavisado(a). Os livros personalizam as histórias e humanizam os biafrenses, não os santificando nem os demonizando. Os personagens equivocam-se, sofrem,

regeneram-se. Biafra é, de fato, a grande protagonista das histórias que são conduzidas por olhares de homens e mulheres.

Por não terem sentido na pele os horrores da guerra, as narrativas são baseadas nas histórias que as autoras ouviram de amigos, familiares ou leram em jornais e livros posteriormente. Emecheta, à época, morava em Londres. Adichie ainda não havia nascido. As histórias que Emecheta ouviu ajudaram-na a construir um enredo em que Biafra, muito além de uma terra prometida, era mais um lugar onde as mesmas mazelas se repetiriam, tais como a violência e a corrupção. Tudo se manteria igual sob um novo signo. Por outro lado, Adichie traz uma Biafra a respeito da qual pode-se criar esperança. Ela, apesar de não haver se concretizado enquanto uma realidade - seus dias de paz foram muito poucos para chamarmos de "realidade" - era, para os principais personagens da trama, um sonho: pelo qual lutavam e entravam no esforço de guerra. Sonho comemorado quando do seu início e lamentado profundamente após o fim. Debbie Ogedemgbe, que seguia com destino para Biafra, viu e sofreu, no meio desse caminho, toda sorte de coisas. Ela nunca quis Biafra, ela seguia com destino à paz.

Os lugares de fala das autoras desses romances podem nos dar um bom gancho para a compreensão da representação da guerra por elas trazidas. Buchi Emecheta nasceu em Lagos e tinha família em Ibusa. Sua identidade era fronteiriça, ela era uma daquelas "hauçá-ibo", que apareceram em algumas passagens do livro. Biafra, para os seus, representou o abandono quando mais precisaram. Entre Nigéria e Biafra, o que escolher? Debbie e sua amiga Babs, em determinado momento do livro, conversavam sobre o papel das mulheres na guerra e concluíram que elas, apesar de não terem gerado algum conflito, eram as que mais sofriam. A guerra não foi uma escolha de Debbie, assim como também não foi da maior parte da população, que só queria escapar da violência dos massacres ocorridos em 1966. Ela simplesmente aconteceu e, quando tudo parecia perdido, seu amigo, Chijioki Abosi - personagem fictício criado por Emecheta que alude ao General Ojukwu - "abandonou o barco". A guerra era realmente um lugar injusto.

Os papéis dos personagens estrangeiros de ambas as histórias também se mostram importante para ilustrar esta pesquisa. Richard e Alan Grey são britânicos, vivem na Nigéria, tem um relacionamento com mulheres da elite nigeriana e são colecionadores de peças de arte. Entretanto, o personagem adichieano mostra-se como um apoiador da causa, tornando-se um biafrense de coração, enquanto Alan Grey, pelo contrário, personifica a lógica colonial de tentar, por todos os lados, cercar-se a fim de garantir que nada saia do previsto. Enquanto Richard envolve-se cada vez mais com o povo local e a causa de Biafra, Grey, em

oposição, distancia-se de uma imagem amigável aos nigerianos e biafrenses que havia sido forjada ao longo da trama.

Richard, dessa forma, representaria o sucesso da causa biafrense, a adesão. Ele, um estrangeiro em terras ibos, que poderia voltar para sua casa e ficar em segurança, decide ficar e, mais do que isso, ajudar a construir esse lugar utópico. Por outro lado, o personagem de Emecheta demonstra justamente que a mudança prometida não se realizou com o nascimento de Biafra. A interferência britânica continuou, mesmo com o fim oficial do colonialismo e, ainda depois da secessão biafrense. Todo sofrimento do povo teria sido em vão.

Os romances trazem duas visões que se diferenciam em muitos pontos, entretanto, ambos têm o poder de dar voz para aqueles que durante muito tempo foram silenciados. Enquanto Adichie traz o jovem Ugwu, menino advindo das camadas mais carentes da sociedade ibo, para contar a história de Biafra a partir de sua experiência - refletindo um crescimento físico, psíquico e intelectual do personagem. Por outro lado, Emecheta traz à tona a problemática relação entre os ibos ocidentais e orientais, dando visibilidade às diferentes vozes dentro da comunidade ibo. Esse fato permitiu observar as diferentes realidades entre os ibos que se encontravam em território biafrense e os que estavam nas fronteiras e, por conta disso, teriam sido os mais afetados pelo advento da guerra.

Os livros deram a Biafra o que os jornais não puderam fazer, nomes, histórias e retratos mais complexos. Quem são as crianças nas capas daqueles jornais? As crianças que a *Markpress* tornou símbolos de Biafra, que sequer foram perguntadas se queriam assumir esse papel. A cobertura d'*O Globo* atendeu aos padrões jornalísticos, alguns, talvez, assumissem uma postura pró-Nigéria, outros vestiriam a camisa biafrense. Entretanto, seria apenas um "apoio editorial", como *O Globo* fez com a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985).

A repercussão da Guerra Civil Nigeriana, assim como o decorrer de todo o conflito, foi marcada por uma série de questionamentos e contradições, o que ainda hoje – passados mais de 50 anos do fim das hostilidades – gera diferentes discursos acerca das causas, interesses e consequências do pós-guerra. A cobertura de *O Globo* não foi alheia a isso. Especialmente a partir de meados de 1968, quando Biafra ganhou maior notoriedade por conta da atuação da agência *Markpress*, travou-se uma batalha entre os discursos de ambos os lados do conflito. Entretanto, a partir da iconografia da Guerra, a sociedade civil e os líderes mundiais passaram a ver nos biafrenses, e nas mazelas da fome e das doenças que se abatiam sobre eles, uma causa a ser abraçada.

Nesse contexto, Biafra tornou-se uma das principais pautas do Sumo Pontífice, especialmente durante a visita realizada à África, em meados de 1969. Ser favorável a Biafra naquele momento era apoiar os famintos, a ajuda humanitária e o fim da Guerra. Por outro lado, em muitos momentos, entende-se que há um apoio editorial do jornal à causa biafrense, ainda mais, quando levado em consideração que a União Soviética – maior representante do Bloco Comunista - era uma das aliadas do governo Gowon.

Não se pode ignorar que, concomitantemente à Guerra de Biafra, o Brasil enfrentava o recrudescimento da Ditadura Militar Brasileira e o jornal em questão era um dos apoiadores do regime. Assim, como introduzido acima, o apoio soviético aos nigerianos e a grande comoção popular – nacional e internacional – causada pela divulgação das imagens das crianças biafrenses levaram o periódico da família Marinho a um posicionamento, muitas vezes, de apoio aos biafrenses frente à força militar nigeriana. Entretanto, não se pode compreender que esse posicionamento dizia respeito a um suporte político à causa biafrense. O apoio tinha muito mais um sentido paternalista e de piedade do que de reconhecimento e legitimação das demandas do governo Ojukwu.

Sobre esse paternalismo, em várias passagens durante a análise, notou-se que o discurso empreendido por *O Globo* potencialmente causava um efeito de sentido que demonstrava seu etnocentrismo tanto a nível de entender os nigerianos/biafrenses a partir de um olhar de grande piedade - não que não fosse verdade o sofrimento dos biafrenses, nem que o governo Ojukwu não tivesse interesse nesse olhar - como a nível de reduzir, ao fim das hostilidades, o episódio histórico como uma questão "tribalista", generalizando essa premissa para todo o continente.

Em 1970, em editorial pós-guerra, esse posicionamento ficou claro quando *O Globo* argumentou que um dos problemas do continente africano seria a descolonização realizada "precocemente" e um "tribalismo", supostamente inerente aos africanos. Na ocasião, *O Globo* afirmou que a Guerra Civil Nigeriana seria mais um, dentre tantos exemplos, de um "genocídio negro", que ocorria em África por conta dos "conflitos tribais", exemplificando essa problemática a partir de conflitos em outros países do continente, a fim de demonstrar toda a "selvageria" e "primitividade" dos povos africanos.

Esse é só um dos exemplos onde se pode perceber como as relações entre estigma e etnocentrismo são evidenciadas através de determinados discursos que criam/validam certas representações. Há de se levar em conta, entretanto, que *O Globo*, assim como os demais jornais brasileiros, não enviou correspondentes próprios para o *front* de guerra. Isso, porém, não invalida as representações criadas a partir dos discursos das matérias veiculadas pelo

periódico, sendo ou não de autoria de jornalista ligado diretamente à instituição. Contudo, a observação dos editoriais nos permite compreender melhor quais discursos o jornal emitia/validava e quais não eram de seu interesse.

Para o leitor, a atualização cotidiana acerca do conflito pelo jornal ajudou a criar um enredo a respeito da guerra, como se essa fosse uma "novela". Com certa periodicidade, novos personagens e novas reviravoltas aconteciam dentro da trama. Certamente, o fato em questão não se restringe a *O Globo*, tampouco à guerra de Biafra. É um fenômeno que ocorre de maneira recorrente, em especial, quando os jornalistas/jornais encontram um assunto que permite uma maior exploração. A história da fome tornou-se o fio condutor dessa "novela".

Em 1968, com o sucesso da audiência da trama dos biafrenses, *O Globo* publicou "Biafra em Nova Iguaçu", uma "minissérie" que tinha como enredo um lar para crianças órfãs em que elas eram submetidas à fome, maus-tratos e trabalhos forçados. "Biafra Fluminense" foi o apelido dado por *O Globo* na primeira vez que publicou matéria sobre tal episódio. Outras matérias se seguiram, por conta da comoção pública frente ao caso policial e, devido à publicação d'*O Globo*, o caso passou a ser conhecido dessa maneira. O uso do termo "Biafra", além de reforçar uma acepção negativa da palavra, possivelmente fez com que a audiência ficasse interessada em entender o que tal nome significaria no contexto da matéria. Ainda que poucas, as matérias originais de *O Globo* produziam significados e reforçavam estereótipos acerca do conflito, dos cidadãos e, por consequência, de África onde toda a trama se passava - imagem que seria reforçada a cada nova catástrofe que ocorresse no continente.

A cobertura jornalística d'*O Globo* sobre a Guerra de Biafra apresentava um discurso distanciado, próprio do jornalismo, ainda que ilustrassem as notícias sobre o conflito de maneira apelativa, visibilizando especialmente imagens através das quais evidenciavam-se a violência e a fome ocorridas em Biafra: crianças esqueléticas, foto de uma execução em matéria de capa, de forma a banalizar a morte. Essas imagens que, em um dia supostamente "comoviam o leitor", logo em seguida, eram associadas pelo jornal a outros casos em que havia violações de direitos humanos, sem qualquer "empatia" ou pudor. Por outro lado, a literatura das escritoras ibo-nigerianas, sem exibir qualquer ilustração, também nos apresentou o terror da guerra, mas essas imagens dividiam espaço com outras representações, em que se percebiam valores como a solidariedade, o cuidado com o próximo, a coragem, a esperança e a superação.

A partir do entendimento de que a neutralidade discursiva é um conceito sem efetividade prática, na medida em que os discursos são formulados no processo de interação humana, entende-se que todas as obras analisadas apresentam uma posição acerca do tema, ainda que não expressamente declarada. Entretanto, a compreensão, por muitos, de que o jornalismo é um campo neutro ajuda a naturalizar uma série de discursos na medida em que se entende que não foram desenvolvidos a partir de um “interesse”. Assim, ainda que tenham um posicionamento, as representações produzidas através das obras de Emecheta (1983) e Adichie (2008) permitem que o coenunciador tenha uma visão mais completa sobre o conflito, pois visibilizam vozes que não são ao menos consideradas dentro do fazer jornalístico, ainda mais se tratando de uma guerra, do outro lado do atlântico, para a qual o jornal em questão não enviou correspondente algum.

Alguns temas que foram levantados ao longo desta pesquisa – e que aqui não puderam ser aprofundados – tornam-se questionamentos para futuros trabalhos que, por ventura, venham a tratar desta temática tão ampla e tão controversa que é o estudo das representações da Guerra Civil Nigeriana (1967-1970), comumente conhecida como Guerra de Biafra. As relações do governo português com o governo ditatorial brasileiro e, por conseguinte, com setores da imprensa brasileira alinhados ao regime militar e a possível influência salazarista nos discursos de *O Globo* sobre o conflito em questão constituem um vasto objeto de investigação. Assim como, o posicionamento da Igreja Católica, que aparece em diversos momentos no discurso de *O Globo*, seja através das matérias relacionadas à Cáritas e a outras organizações católicas utilizadas como fonte de informações, ou das notas publicadas sobre o conflito nigeriano-biafrense na seção do jornal intitulada "Notícias Ecumênicas". Ambas as possibilidades de estudo permitiriam ampliar sobremaneira os conhecimentos acadêmicos acerca dessa guerra e de suas representações.

Ao final, entende-se que em ambos os casos, tanto na cobertura jornalística como no discurso literário, há uma exposição daqueles que mais sofrem as consequências das guerras. Ao passo que *O Globo* estampava manchetes com as crianças biafrenses no intuito de promover sensacionalismo com a dor alheia, para além da informação e angariação de apoio em forma de ajuda humanitária, por outro lado, os romances analisados neste trabalho expõem as experiências dolorosas, como uma forma de promover uma catarse acerca do fato, ainda que essa não seja suficiente para expurgar a dor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. **There was a country**: a memoir. New York: Penguin Books, 2012.

ADU BOAHEN, Albert (ed.). **História geral da África, VII**: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2 ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010.

AMSELLE, Jean-Loup. Etnias e espaços: por uma antropologia topológica. *In*: \_\_\_\_\_; M'BOKOLO, Elikia. **No centro da etnia**: etnias, tribalismo e Estado na África. Tradução de Maria Ferreira. Rev. Trad. de Alexandra dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção África e os Africanos), p. 29-73.

BRANDÃO, Izabel de Fatima. Chimamanda Ngozi Adichie: contornos feministas e de solidariedade em uma autora contemporânea. *In*: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (orgs.). **Intelectuais das Áfricas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. 2. ed., p. 327-354.

BUHLER, Jean. **Matai-os todos!**. Braga: Editora Verbo, 1969.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

DE ST. JORRE, John. **The nigerian civil war**. London: Hodder and Stoughton, 1972.

DOS SANTOS, Eduardo. **A questão do Biafra**. Porto: Portucalense Editora, 1968.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. 6. reimpr. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FORSYTH, Frederick. **A história de Biafra**: o nascimento de um mito africano. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. [reimpr.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. e Rev. Téc.: Arthur Ituassu; Trad.: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra - II**. 3 ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história nos, dos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-154.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MANNARINO, Giovanni Garcia. Os debates sobre a unidade nigeriana: uma análise a partir da literatura de Achebe e Obioma. *In*: FONSECA, Mariana Bracks; \_\_\_\_\_ (orgs.). **Áfricas: representações e relações de poder**. Rio de Janeiro: Edições Áfricas/Ancestre, 2019, p. 184-209.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (eds.). **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Tradução de Ana Medeiros. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

ORLANDI, Eni P.. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SITBON, Michel. **Ruanda: um genocídio na consciência**. Tradução de Conchita Martins. Lisboa: Edições Dinossauro, 2000.

SCHÖPKE, Regina. **Dicionário filosófico: conceitos fundamentais**. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2010.

## DISSERTAÇÕES E TESES:

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **Entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960-1980**. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2012.

NUNES, Alyxandra Gomes. **Conflitos, silêncios e a guerra de Biafra na nação imaginada nos romances Purple Hibiscus e Half of a yellow sun, de Chimamanda Ngozi Adichie**. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2016.

RAMOS, Neila Roberta Carvalho. **Uma história sobre as muitas histórias de Chimamanda Ngozi Adichie**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras da UFBA, Salvador, 2017.

## ARTIGOS:

ALVES FILHO, Francisco. A autoria institucional nos editoriais de jornais. **Alfa**, São Paulo, 50 (1): 77-89, 2006. **Disponível em:** <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1396/1096>. **Acesso em:** 30 ago. 2020.

BRUNER, Charlotte. The Other Audience: Children and the Example of Buchi Emecheta. **African Studies Review**. v. 29, n. 3, set/1986, p. 129-140. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/524087?read-now=1&seq=2#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/524087?read-now=1&seq=2#page_scan_tab_contents). Acesso em: 9 out. 2020.

CASTILHO, Marcio de Souza. Os trabalhos de memória e o papel de O Globo no golpe de 1964. *In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM*, 37, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1799-1.pdf> . Acesso em: 4 set. 2020.

EKWE-EKWE, H. O Estado nigeriano, o genocídio Igbo e o Africom. **Tensões Mundiais**, v. 7, n. 13, p. 137 - 154, 2018.

FRANZONI, Sabrina; REGINATO; Gisele Dotto. “Apoio editorial ao Golpe de 64 foi um erro”: apagamento e rememoração no discurso do jornal O Globo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 1, jan.-jun./2014, p. 66- 76. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n1p66>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MENDES, Maria Elizabeth P. Souto Maior. A representação da maternidade na ficção de Buchi Emecheta: sobre as dores de ser mãe em *The Joys of Motherhood*. *In: II COLÓQUIO INTERNACIONAL LITERATURA E GÊNERO*, 2, 2014, Teresina. **Anais...** Teresina: FUESPI, 2014. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-representacao-da-maternidade-na-ficao-de-buchi-emecheta>. Acesso em: 9 out. 2020.

MONÇÃO MIRANDA, Camila Barbosa. Perspectivas do golpe 1964: abordagens da grande imprensa no Norte e Sudeste do Brasil. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. v. 30, n. 2, p. 281-305, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/41689/22020>. Acesso em: 8 ago. 2020.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de. O papel da Guerra de Biafra na construção do estado nigeriano: da independência à segunda república (1960-1979). **Moções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**. Dourados, v. 3, nº 6, jul./dez., 2014, p. 228-253. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/3002>. Acesso em: 18 out. 2019.

PASTORE, Bruna. Complexo IPES/IBAD, 44 anos depois: instituto millenium? **Aurora**, Marília, v. 5, n. 2, p. 57-80, jan.-jun., 2012. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/2351> . Acesso em: 21 set. 2020.

PEREIRA, Aline Andrade. Imprensa e Poder às Vésperas do Golpe de 1964. *In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM*, 37, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2427-1.pdf> . Acesso em: 4 set. 2020.

SEIBERT, Gerhard. São Tomé and the Biafran War (1967-1970). **International Journal of African Historical Studies**, v. 51, n. 2. (2018), p. 263-292. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/328361167\\_Sao\\_Tome\\_and\\_the\\_Biafran\\_War\\_1967-1970](https://www.researchgate.net/publication/328361167_Sao_Tome_and_the_Biafran_War_1967-1970). Acesso em: 17 set. 2020.

#### **FONTES LITERÁRIAS:**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio Sol Amarelo**. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

EMECHETA, Buchi. **Destination Biafra** (1982). Glasgow: Fontana/Collins, 1983.

#### **EDITORIAL:**

APOIO ao golpe de 64 foi um erro. **Memória O Globo**, 2013. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>. Acesso em: 29 ago. 2020.